



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

Ana Paula Seiffert

**LÍNGUAS BRASILEIRAS DE IMIGRAÇÃO FALADAS EM SÃO
BENTO DO SUL (SC): ESTRATÉGIAS PARA REVITALIZAÇÃO E
MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS NA LOCALIDADE**

FLORIANÓPOLIS, 17 de abril de 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

Ana Paula Seiffert

**LÍNGUAS BRASILEIRAS DE IMIGRAÇÃO FALADAS EM SÃO
BENTO DO SUL (SC): ESTRATÉGIAS PARA REVITALIZAÇÃO E
MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS NA LOCALIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada como pré-requisito à obtenção do grau de mestre em Lingüística pelo curso de Pós-Graduação em Lingüística (PGL), Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Orientador: Prof. Dr. Gilvan Müller de Oliveira.

FLORIANÓPOLIS, 17 de abril de 2009.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

S459 Seiffert, Ana Paula

Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC) [dissertação] : estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade / Ana Paula Seiffert ; orientador, Gilvan Müller de Oliveira. - Florianópolis, SC, 2009.

215 f. : il., tabs., grafs., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui bibliografia

1. Linguística. 2. Linguagem - Política governamental - São Bento do Sul (SC). 3. Sociolinguística. 4. Línguas em contato - São Bento do Sul (SC). I. Oliveira, Gilvan Müller de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

Ana Paula Seiffert

**LÍNGUAS BRASILEIRAS DE IMIGRAÇÃO FALADAS EM SÃO
BENTO DO SUL (SC): ESTRATÉGIAS PARA REVITALIZAÇÃO E
MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS NA LOCALIDADE**

Dissertação defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de MESTRE em Lingüística, pela comissão examinadora composta pelos professores:

Comissão Examinadora:

Professor Doutor Gilvan Müller de Oliveira – Orientador.
Universidade Federal de Santa Catarina.

Professor Doutor Cléo Vilson Altenhofen.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora Doutora Ina Emmel.
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Doutora Ronice Müller de Quadros – Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 17 de abril de 2009.

*À minha família, sempre presente, de forma tão intensa.
E ao Cristiano, que está ao meu lado a cada novo parágrafo na minha vida.*

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio de várias pessoas que acompanharam essa trajetória de diferentes formas e para as quais eu agora dirijo meus sinceros agradecimentos:

Ao professor Dr. Gilvan Müller de Oliveira, por todo o aprendizado e por ter acreditado na proposta inicial deste trabalho.

Aos professores Dr. Cléo Vilson Altenhofen e Dra. Rosângela Morello pelas importantes considerações feitas na participação da banca de qualificação desta dissertação. E ao professor Cléo V. Altenhofen, novamente, e à professora Ina Emmel pela leitura cuidadosa e sugestões dadas na defesa.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFSC, pela agradável convivência e com os quais aprendi muito.

À comunidade de São Bento do Sul, em especial a todos os entrevistados, pela receptividade e pela contribuição essencial que deram a esta pesquisa.

A toda equipe do IPOL, em especial a Márcia Sagaz, pelas ricas conversas e contribuições ao longo da pesquisa.

A UNIVILLE, campus Oxford em São Bento do Sul, em especial à professora Andréa M. Bauer Tamanine, por se colocar à disposição desta investigação e por toda a colaboração dada.

A Leandra Cristina de Oliveira, que gentilmente traduziu o resumo desta dissertação para o espanhol.

Ao Alberto Gonçalves, sempre prestativo, que fez a tradução do resumo para o inglês.

Ao João Ciecilinski e Marco Viliczinski por colaborarem com o resumo em língua polonesa.

Ao Gentil Postai que fez a tradução do resumo em italiano.

À minha Oma, Waltrudes Seiffert, que sempre se despede de mim dizendo “Traum süß”, a que colaborou muito com este trabalho, mesmo sem saber disso.

A Elaine Delatorre e Dayane Cortez por terem participado do pontapé inicial desta investigação quando ainda estávamos na graduação e pelo carinho e amizade de sempre.

A todos os meus amigos, sem os quais a vida não teria as mesmas cores.

Aos meus pais, Edite Schwetler Seiffert e Oswaldo Carlos Seiffert, que sempre me incentivaram a lutar pelos meus sonhos.

Em especial ao meu noivo Cristiano Dums, primeiro leitor de tudo que produzo, e presença constante em tudo que faço.

“The alternative is to act, using as many means as possible to confront the situation and influence the outcome. We know that intervention can be successful. Revitalization schemes can work. But time is running out. It is already too late for many languages, but we hold the future of many others in our hands.”

(CRYSTAL, David. Language Death.)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	13
LISTA DE GRÁFICOS	15
LISTA DE MAPAS	18
LISTA DE TABELAS	19
RESUMO	20
ABSTRACT.....	20
RESUMEN	21
ZUSAMMENFASSUNG	21
STRESZCZENIE.....	22
RIASSUNTO	22
INTRODUÇÃO	23
1. SÃO BENTO DO SUL: CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE	
DA PESQUISA.....	32
1.1 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO	32
1.2 ECONOMIA.....	36
1.3 EDUCAÇÃO	36
1.4 RELIGIÃO	37
1.5 HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO E MITOS FUNDADORES DA	
IDENTIDADE SÃO-BENTENSE	39
1.6 A MULTIPLICIDADE DE LÍNGUAS DE SÃO BENTO DO SUL.....	48
1.6.1 Os “alemães” falados em São Bento do Sul.....	52
1.6.2 Estudos e pesquisas a respeito das línguas alemãs	53
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	56
2.1 BILINGÜISMO	56

2.2 DIGLOSSIA	57
2.3 VARIEDADE LINGÜÍSTICA E DIALETO	60
2.4 LÍNGUAS MAJORITÁRIAS E MINORITÁRIAS	61
2.5 MANUTENÇÃO, SUBSTITUIÇÃO LINGÜÍSTICA E CONCEITOS AFINS ..	62
2.6 SEGURANÇA / INSEGURANÇA LINGÜÍSTICA	65
2.7 POLÍTICA LINGÜÍSTICA.....	66
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	67
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA	67
3.2 METODOLOGIA DO DIAGNÓSTICO SOCIOLINGÜÍSTICO	68
4. FATORES DETERMINANTES DA SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA ATUAL DE SÃO BENTO DO SUL	76
4.1 POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS QUE INTERFERIRAM NA SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SÃO BENTO DO SUL	76
4.2 A INDUSTRIALIZAÇÃO E A EXPLOSÃO MIGRATÓRIA PARA SÃO BENTO DO SUL	84
5. PRESENÇA DAS LÍNGUAS MINORITÁRIAS EM SÃO BENTO DO SUL... 87	87
5.1 LÍNGUA POLONESA	87
5.2 LÍNGUA UCRANIANA	90
5.3 LÍNGUA ITALIANA	94
6. DIAGNÓSTICO SOCIOLINGÜÍSTICO DOS USOS, ATITUDES E REPRESENTAÇÕES DAS LÍNGUAS ALEMÃS FALADAS EM SÃO BENTO DO SUL	97
6.1 ENTREVISTAS SIMPLES (VARREDURA)	97
6.1.1 Região A	101
6.1.1.1 Escola Básica Municipal Sophia Schwedler	102
6.1.1.2 Escola Básica Municipal Vereador Alexandre A. Garcia	113
6.1.1.3 Escola Básica Municipal Professora Garibaldina Fuginaga	115

6.1.2 Região B	123
6.1.2.1 Escola Básica Municipal Aracy Hansen	125
6.1.2.2 Escola Básica Municipal Dr. Hercílio Malinowski	131
6.1.2.3 Escola Básica Municipal Ladir dos Santos	136
6.1.3 Região C	141
6.1.3.1 Escola Básica Municipal Prefeito Henrique Schwarz	142
6.1.3.2 Escola Básica Municipal Maria Ferreira Ziemann	146
6.1.3.3 Escola Básica Municipal Emílio Engel	149
6.1.4 Panorama das entrevistas nas escolas municipais	152
6.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE	161
6.3 OBSERVAÇÃO DA CIRCULAÇÃO DAS LÍNGUAS ALEMÃS NA CIDADE E TAMBÉM DOS INDIVÍDUOS, ENTIDADES E EVENTOS INCENTIVADORES DESSAS LÍNGUAS.	170
6.3.1 Presença visual da língua	170
6.3.2 Terminal Urbano de Passageiros – Centro	172
6.3.3 Bibliotecas	173
6.3.4 Estabelecimentos comerciais	174
6.3.5 Programas de rádio	176
6.3.6 Jornais	176
6.3.7 Suporte institucional	177
6.3.7.1 Coral da Comunidade Evangélica Luterana de Oxford	177
6.3.7.2 OASE (Oxford)	178
6.3.8 Festas “típicas”	182
6.3.9 Retretas de verão	186
6.3.10 Educação e cursos de língua	187
6.3.11 Feira de Oxford	187
6.4 CONSIDERAÇÕES	189
7. PROPOSIÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA A REVITALIZAÇÃO E A MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS FALADAS EM SÃO BENTO DO SUL...	191

CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
REFERÊNCIAS.....	205
ANEXOS	214

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anúncio em alemão (advogado) no exemplar de “A Legalidade” de 25 de fevereiro de 1899.	49
Figura 2 – Anúncio em português (sabão) no exemplar de “A Legalidade” de 25 de fevereiro de 1899.	46
Figura 3 - Anúncio em polonês no exemplar de “A Legalidade” de 25 de fevereiro de 1899.	46
Figura 4 - Jornal Polska w Brazylia – Edição n. 32 – 2a quinzena de julho de 2008, p. 2.	89
Figura 5 – Letreiros de estabelecimentos comerciais cujos nomes são sobrenomes poloneses.	90
Figura 6 – Igreja Ucrâniana Exaltação da Santa Cruz.....	91
Figura 7 – Senhoras de origem ucraniana preparando pratos típicos	92
Figura 8 - Exemplos de fachadas e luminosos com sobrenomes de origem alemã nomeando os estabelecimentos comerciais.....	171
Figura 9 - Exemplos de fachadas e luminosos com palavras e expressões em língua alemã.....	172
Figura 10 - SCHIMITT, Otmar G. J. Gestern – Heute - Morgen In: Jornal A Gazeta. São Bento do Sul: 26 de maio de 2008. Ano XIV. Nº 3513.	177

Figura 11 – Encontro da OASE de Oxford em dois momentos distintos: na imagem à esquerda o momento de reflexão, cantos e oração e na imagem que está à direita pode-se ver o momento do café.	180
Figura 12 – Música cantada em alemão pelas senhoras da OASE.....	182
Figura 13 – Folder da Schlachtfest.....	184
Figura 14 – Feira de Oxford.....	187

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Sophia Schwedler, Região A..... 106
- Gráfico 2** – Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 2. EBM Sophia Schwedler, Região A..... 107
- Gráfico 3** – Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A. 109
- Gráfico 4** – Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A. 109
- Gráfico 5** – Línguas consideradas mais úteis segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A. 111
- Gráfico 6** – Familiares que ainda utilizam uma das línguas alemães, segundo os indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A..... 112
- Gráfico 7** - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A. 117
- Gráfico 8** - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 2. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A. 118
- Gráfico 9** – Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A. 119
- Gráfico 10** – Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A. 121

Gráfico 11 – Línguas preferidas para a aprendizagem segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A.....	122
Gráfico 12 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Aracy Hansen. Região B.	126
Gráfico 13 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 2. EBM Aracy Hansen. Região B.	127
Gráfico 14 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Aracy Hansen, Região B.	128
Gráfico 15 – Familiares que ainda utilizam uma das línguas alemães, segundo os indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Aracy Hansen, Região B.	130
Gráfico 16 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Dr. Hercílio Malinowsky. Região B.	132
Gráfico 17 - Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Dr. Hercílio Malinowsky, Região B.	134
Gráfico 18 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Dr. Hercílio Malinowsky, Região B.	134
Gráfico 19 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Ladir dos Santos, Região B.....	138
Gráfico 20 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1e 3. EBM Ladir dos Santos, Região B.....	140

Gráfico 21 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Prefeito Henrique Schwarz, Região C.	144
Gráfico 22 - Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Emílio Engel, Região C.	151
Gráfico 23 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Emílio Engel, Região C.	151
Gráfico 24 – Línguas faladas no ambiente familiar pelo total dos entrevistados nas escolas municipais	153
Gráfico 25 – Línguas faladas, ao lado de português, nos lares pelo total dos entrevistados nas escolas municipais.	154
Gráfico 26 – Línguas consideradas mais fáceis de aprender pelo total de entrevistados.	157
Gráfico 27 – Línguas consideradas mais bonitas pelo total de entrevistados.	158
Gráfico 28 – Línguas consideradas mais úteis pelo total de entrevistados.	160

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa indicando localização do município de São Bento do Sul	32
Mapa 2 – Mapa indicando divisas do município de São Bento do Sul	32
Mapa 3 – Localidades nas quais eram faladas línguas européias que não a portuguesa.Cf. Kohlhepp (1968, p.45)	33
Mapa 4 – Mapa dos bairros de São Bento do Sul	35
Mapa 5 – Áreas bilíngües no sul do Brasil, de acordo com os informantes do ALERS. Cf. Altenhofen (2008, p.160).....	51
Mapa 6 – Mapa indicando localização do município de Santa Terezinha.....	91
Mapa 7 – Divisão da área urbana do município de São Bento do Sul em três grandes regiões.....	98
Mapa 8 – Região A ampliada, com localização das três escolas pesquisadas ..	101
Mapa 9 – Região B ampliada, com localização das três escolas pesquisadas ..	124
Mapa 10 – Região C ampliada, com localização das três escolas pesquisadas.	141
Mapa 11 – Indicação dos bairros percorridos nas entrevistas em profundidade (marcados com triângulos).....	162

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População residente por religião em São Bento do Sul. Dados Censo Demográfico 2000/IBGE.	39
Tabela 2 – Lista das primeiras 70 famílias que receberam lotes por doação em São Bento do Sul a partir de 1873.	45
Tabela 3 – Diglossia das línguas faladas em São Bento do Sul.	59
Tabela 4 – Número de habitantes em São Bento do Sul de 1970 a 2006.	82
Tabela 5 – Lista das escolas municipais pesquisadas, nas três regiões delimitadas.	97
Tabela 6 – Questionários entregues e preenchidos nas escolas municipais pesquisadas.	100
Tabela 7 – Lista das escolas municipais pesquisadas, nas três regiões delimitadas, com indicação da presença de línguas de imigração.	156
Tabela 8 – Diferenças observadas, nas entrevistas em profundidade, entre os indivíduos de duas faixas etárias (falantes de Hochdeutsch e Bayerisch).	163
Tabela 9 – Principais estratégias (e funções) propostas para a revitalização e manutenção dos idiomas minoritários de São Bento do Sul.	193

RESUMO

Esta dissertação analisa o cenário plurilíngüe do município de São Bento do Sul, localizado ao norte do estado de Santa Catarina. Na referida cidade, coexistem pelo menos cinco línguas brasileiras de imigração: Bayerisch, Hochdeutsch, ucraniano, polonês e italiano, além de português e LIBRAS, as duas línguas oficiais do Brasil. Estudaram-se mais profundamente neste trabalho os usos, as atitudes e as representações dos falantes com relação às duas línguas minoritárias alemãs: Bayerisch e Hochdeutsch. Para compreender esses aspectos, foi realizado um diagnóstico sociolingüístico que compreendeu três etapas de investigação: 1) entrevistas com alunos de escolas municipais; 2) entrevistas com falantes das duas línguas alemãs mencionadas, de forma a desenhar uma rede de relações, e 3) observação da circulação dessas línguas na cidade e também dos indivíduos, entidades e eventos incentivadores delas, ou seja, indicadores da vitalidade das duas línguas alemãs. Diante das situações de substituição e perda lingüística de todas as línguas minoritárias faladas em São Bento do Sul, propõem-se estratégias com o intuito de revitalizar e sustentar a manutenção dos idiomas na cidade.

Palavras-chave: política lingüística, sociolingüística, línguas em contato.

ABSTRACT

This thesis analyzes the plurilingual setting of São Bento do Sul, a city located in the north of the state of Santa Catarina. In the referred city, at least five Brazilian immigration languages coexist: Bayerisch, Hochdeutsch, Ukrainian, Polish and Italian, besides Portuguese and Brazilian Sign Language, both the official languages in Brazil. In this work it was more deeply studied the speakers' uses, attitudes and representations toward the two German minority languages: Bayerisch and Hochdeutsch. In order to understand these aspects, it was carried out a sociolinguist diagnostic comprising three investigation stages: 1) interviews with students from the city schools; 2) interviews with speakers of the German languages mentioned, intending to draw a relation network; and 3) observation of the circulation of those languages in the city as well as of the people, institutions, and events supporting them, that is, indicators of the vitality of those two German languages. Faced with the situations of substitution and loss of all minority languages spoken in São Bento do Sul, strategies aiming to revitalize and sustain the languages in the city are proposed.

Keywords: linguistic policy, sociolinguistics, languages in contact.

RESUMEN

En esta tesina, analizo el panorama plurilingüe de la ciudad de São Bento do Sul, ubicada al norte de la provincia de Santa Catarina. En dicha ciudad, coexisten por lo menos cinco lenguas brasileñas de inmigración: Bayerisch, Hochdeutsch, ucraniano, polaco e italiano, además del portugués y LIBRAS (*Língua Brasileira de Sinais*), siendo las dos últimas oficiales de Brasil. En la investigación, estudio con más profundidad los usos, las actitudes y las representaciones de los hablantes con respecto a las dos lenguas minoritarias del alemán: Bayerisch y Hochdeutsch. Con el fin de comprender esos aspectos, realicé un diagnóstico sociolingüístico que constituye en tres etapas de investigación: 1) entrevistas con alumnos de escuelas municipales; 2) entrevistas con hablantes de las dos lenguas alemanas ante aludidas, de forma a trazar una red de relaciones, y 3) observación de la circulación de esas lenguas en la ciudad y también de los individuos, entidades y eventos motivadores de ellas, es decir, indicadores de la vitalidad de las dos lenguas del alemán. Frente a la situación de sustitución y pérdida lingüística de todas las lenguas minoritarias habladas en São Bento do Sul, presento algunas estrategias con el objetivo de revitalizar y sustentar la manutención de los idiomas en la ciudad.

Palabras-claves: política lingüística, sociolingüística, lenguas en contacto.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Dissertation forscht die Mehrsprachigkeit im Stadtbezirk São Bento do Sul, der in Norden des Bundesstaat Santa Catarina liegt. In der oben genannten Stadt koexistiert mindestens fünf Einwanderungssprachen: Bayerisch, Hochdeutsch, Ukrainisch, Polnisch und Italienisch, außer von Portugiesisch und LIBRAS, die zwei Amtssprachen Brasiliens. Die Nutzung, die Verhalten und die Repräsentativität der Sprecher von der zwei germanischen Minderheiten – Bayerisch und Hochdeutsch – wurden tief in dieser Forschung untersucht. Eine Soziolinguistikdiagnostik bestand aus drei Untersuchungsphasen wurde ausgeführt, um diesen Aspekten zu verstehen: 1.) Interviewen mit Studenten von städtlichen Schulen; 2.) Interviewen mit Sprechern beider oben genannten Sprachen, um ein Beziehungsnetz darzustellen; 3.) Beobachtung der Benutzung diesen Sprachen innerhalb der Stadt, sowie der dazu ermutigenden Personen, Entitäten und Ereignissen, bzw. Zeichender der Lebenskraft beider germanischen Sprachen. Vor der sprachlichen Ersatz- und Verlustumständen aller gesprochenen Minderheitensprachen in São Bento do Sul, wird es Strategien vorgeschlagen, damit die Bewahrung der Sprachen in dieser Stadt zum Revitalisierungs- und Unterstützungsprozess erschafft werden sein kann.

Schlagwörter: Sprachpolitik, Soziolinguistik, Sprachkontakt.

STRESZCZENIE

Ta dysertacja analizuje scenariusz wielujęzykow miasta São Bento do Sul, położonym na północ od stanu Santa Catarina. W tym mieście, co najmniej pięciu językach istnieją brazylijski imigracji: Bayerisch, Hochdeutsch, ukraińskim, polskim i włoskim, portugalskim i libras i, w dwóch oficjalnych językach od Brazylii. Studiowali głębszej w pracy, postaw i przedstawień mówców w odniesieniu do tych dwóch języków mniejszości niemieckiej: Bayerisch i Hochdeutsch. Aby zrozumieć te aspekty diagnozy sociojęzykowa i badań na trzech etapów: 1) rozmów z uczniami w szkołach publicznych, 2) wywiady z niemieckich mówców obu języków wymienionych w celu projektowania sieci powiązań i 3) obserwacji przepływu tych języków w mieście, a także osób fizycznych, organizacji imprez i zachęcając je lub wskaźników żywotność dwóch językach niemieckim. W obliczu sytuacji języka strat i zastąpienie wszystkich języków mniejszościowych w São Bento do Sul, jest proponowane strategie w celu ożywienia i podtrzymania utrzymania języków w mieście.

RIASSUNTO

Questa dissertazione analizza lo scenario plurilingue del comune di São Bento do Sul, localizzato al Nord dello Stato di Santa Catarina. Nella suddetta città, coesistono, almeno cinque lingue brasiliane d'immigrazione: Bayerisch, Hochdeutsch, ucraino, polacco, ed italiano, oltre il portoghese ed il LIBRAS, le due lingue ufficiali del Brasile. Sono state studiate più profondamente, in questo lavoro, gli usi, le attitudini e le rappresentazioni dei parlanti con rapporto alle due lingue minoritarie tedesche: Bayerisch e Hochdeutsch. Per comprendere questi aspetti, È stata realizzata un'indagine che ha compreso tre tappe di investigazione: 1) interviste con alunni delle scuole comunali; 2) interviste con parlanti delle due lingue tedesche sopraddette, in modo a disegnare una rete di rapporti; e 3) osservazione della circolazione di queste lingue nella città e anche degli individui, enti ed eventi incentivanti de esse, indicatori della vitalità delle due lingue tedesche. Davanti alle situazioni di sostituzione e di perdita linguistica di tutte le lingue minoritarie parlate in São Bento do Sul, vengono proposte strategie con lo scopo di rivitalizzare e sostenere la continuità degli idiomi nella città.

Parole chiavi: politica linguistica, sociolinguistica, lingue in contatto.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa desenvolveu-se no âmbito de estudos de Política Lingüística, durante o curso de pós-graduação (mestrado) em Lingüística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação do professor Dr. Gilvan Müller de Oliveira.

A motivação que gerou a problemática dessa pesquisa partiu de um interesse pessoal a respeito da comunidade lingüística de São Bento do Sul, Santa Catarina. Esse interesse provém do fato de a pesquisadora ser natural de São Bento do Sul e, embora tenha convivido durante muitos anos com a situação plurilíngüe da cidade, somente tenha percebido o valor e a importância dessas línguas há pouco tempo (mais especificamente durante o curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira). Infelizmente, nenhuma das línguas minoritárias de São Bento do Sul foi adquirida na infância, embora o lado paterno da família falasse, porém não no ambiente familiar, Hochdeutsch¹ (variedade coloquial).

Acreditamos que uma pesquisa do porte de uma dissertação deva ser mais do que a descrição de uma situação: deva ser uma ferramenta que contribua para transformar uma realidade. A realidade que pretendemos transformar, neste caso, diz respeito à situação das diversas línguas faladas em São Bento do Sul, que estão, como os autores Naumann (2004) e Tamanine (2008) já apontaram, em acelerado processo de perda lingüística. Diagnosticar a perda dessas línguas é também apontar para mudanças profundas em determinados tipos de organizações sociais e grupos humanos, afinal, as línguas não existem sozinhas: línguas só existem porque há indivíduos que as falam. Para Hagège (2002):

“Cuando se examinan las sociedades humanas y las relaciones que mantienen con sus lenguas, una verdad salta a la luz, que es de sentido común: las lenguas vivas no existen en sí mismas, sino por y para los grupos de individuos que se sirven de ellas en la comunicación cotidiana-social. En tanto que manifestaciones de la facultad de lenguaje, son estructuras cognitivas complejas, que reflejan la manera en que el

¹ Por utilizarmos alguns termos em alemão, como Hochdeutsch e Bayerisch, grafaremos a primeira letra maiúscula, como exige a grafia para os substantivos nessa língua.

espíritu funciona cuando produce e interpreta unos enunciados, y llevan las marcas de las operaciones por las cuales se expresa el universo de las cosas sensibles y de los conceptos. **Pero al mismo tiempo, las lenguas acompañan a los grupos humanos. Desaparecen con ellos; o al contrario, si son numerosos y rápidos para difundirse más allá de su medio de origen, se esparcen, en su estela, sobre vastos territorios. Así pues, las lenguas extraen de quienes las hablan las normas de vida y la aptitud para aumentar su campo de uso.**” (grifo nosso, p.17) ²

Esta pesquisa, intitulada “Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul: estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade”, ocorre justamente em um período no qual a diversidade lingüística vem sendo mais debatida e reconhecida em diversos tipos de ações no mundo todo. O ano de 2008, por exemplo, foi proclamado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) o Ano Internacional das Línguas. Outra importante ação que se encontra em tramitação nas Nações Unidas é a “Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos”, a qual foi elaborada por representantes de todos os continentes e anunciada em Barcelona em 1996. A Declaração parte do pressuposto de que a situação de cada língua é o resultado da confluência e da interação de vários fatores, tais quais: políticos, jurídicos, ideológicos, históricos, demográficos, territoriais, econômicos, sociais, culturais e lingüísticos. Segundo a Declaração³, nos artigos 7º e 8º:

Título primeiro
Princípios gerais
Artigo 7º

1. Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que

² Tradução nossa: “Quando se examinam as sociedades humanas e as relações que mantêm com suas línguas, uma verdade salta à luz, que é de senso comum: as línguas vivas não existem em si mesmas, mas por e para grupos de indivíduos que as usam na comunicação cotidiana-social. Visto que as manifestações da faculdade da linguagem são estruturas cognitivas complexas, que refletem a maneira em que a mente trabalha quando produz e interpreta enunciados, e carregam as marcas das operações pelas quais se expressa o universo das coisas sensíveis e dos conceitos. Mas ao mesmo tempo, as línguas acompanham os grupos humanos. Desaparecem com eles; ou ao contrário, se forem numerosas e rápidas para se espalharem além de seu meio de origem, são dispersados, em seu rastro, por vastos territórios. Conseqüentemente, as línguas extraem daqueles que as falam as normas da vida e a propensão para aumentar seu campo do uso.”

³ A Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos está disponível em: www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=14

devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções.

2. Cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora.

Artigo 8º

1. Todas as comunidades lingüísticas têm o direito de organizar e gerir os seus próprios recursos, com vista a assegurarem o uso da sua língua em todas as funções sociais.

2. Todas as comunidades lingüísticas têm o direito de dispor dos meios necessários para assegurarem a transmissão e a projeção futuras da língua.

No Brasil, as ações para defender a diversidade lingüística também vêm sendo cada vez mais reconhecidas pelo Estado. Há diversas iniciativas ocorrendo simultaneamente que visam valorizar e fomentar o uso das **línguas brasileiras** em níveis municipal, estadual e federal. No país, há pelo menos três milhões de pessoas que falam uma das cerca de 200 línguas brasileiras. Segundo Müller de Oliveira as línguas brasileiras são:

“Línguas faladas por comunidades de cidadãos brasileiros, historicamente assentadas em território brasileiro, parte constitutiva da cultura brasileira, independentemente de serem línguas indígenas ou de imigração, línguas de sinais ou faladas por grupos quilombolas.”
(Prefácio. In: CALVET, Louis-Jean. As políticas lingüísticas, p. 8).

O banco de dados Ethnologue⁴, produzido e mantido pelo SIL (*Summer Institute of Linguistics*), entidade missionária norte-americana, possui informações e estatísticas acerca de línguas faladas em quase todos os países do mundo. Segundo tal banco de dados, o Brasil possui **200 línguas vivas**, das quais **188 indígenas e 12 de imigração**. Ainda segundo essa fonte, essas duzentas línguas brasileiras representariam **2.89% das línguas faladas no planeta**. No entanto, esses dados são questionados por diversos lingüistas brasileiros os quais afirmam que **há muito mais línguas além das mencionadas pelo SIL, especialmente línguas de imigração**. A principal questão é que as pesquisas a respeito dessas línguas brasileiras ainda são insuficientes, portanto, torna-se muito difícil precisar exatamente o plurilingüismo brasileiro em números. Assim, em muitas contagens do número total de línguas vivas no Brasil pode haver dados superestimados ou

⁴ Disponível em www.ethnologue.com

subestimados. As diferenças podem variar ainda de acordo com o que os pesquisadores compreendem como línguas. Em 2008 a equipe de pesquisadores do IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística - elaborou uma **lista das línguas brasileiras vivas, que contemplou um total de 270 línguas, sendo 219 línguas indígenas e 51 línguas de imigração.**

Uma das principais ações para a valorização da pluralidade lingüística brasileira foi a assinatura da “Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural”, da Organização das Nações Unidas (ONU), firmada pelo Ministério da Cultura. De acordo com os primeiros artigos da Declaração:

IDENTIDADE, DIVERSIDADE E PLURALISMO

Artigo 1 – A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Artigo 2 – Da diversidade cultural ao pluralismo cultural

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública.

Artigo 3 – A diversidade cultural, fator de desenvolvimento

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória.

Ainda no âmbito da valorização da pluralidade lingüística nacional, outro acontecimento importante foi o Seminário sobre a Criação do Livro de Registro das Línguas, realizado no Congresso Nacional em março de 2006. Esse evento contribuiu para as novas reflexões acerca do tratamento que o Estado pode conceder às línguas brasileiras, pois nesse encontro os parlamentares puderam

perceber a demanda por políticas públicas que tratem da diversidade lingüística do país. Esse Seminário, realizado por iniciativa da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL), teve como objeto a discussão de uma política patrimonial para as línguas faladas pelas comunidades brasileiras. Além dos parlamentares e dos representantes das entidades citadas, participaram também do seminário membros de comunidades lingüísticas de línguas minoritárias brasileiras, os quais falaram aos deputados em suas respectivas línguas maternas o que significa ou representa ser brasileiro em cada uma dessas línguas.

Constituiu-se, a partir do referido Seminário na Câmara dos Deputados, o Grupo de Trabalho da Diversidade Lingüística do Brasil, o responsável por estudar o âmbito legal com relação às línguas e que propôs a criação do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística (INDL). Além da proposta para a política patrimonial compatível com a diversidade lingüística, que é a estratégia de criação do Inventário, tal grupo também elaborou uma proposta de metodologia geral para o Inventário. Com execução prevista para o ano de 2009, o Ministério da Justiça do Governo Federal abriu edital para que sejam realizados os primeiros seis inventários sob a forma de projetos-piloto. Esses projetos-piloto testarão a metodologia proposta pelo Grupo de Trabalho, e inventariarão, conforme a Resolução nº 20 de 28 de fevereiro de 2008, uma língua indígena de grande população, uma língua indígena de média população, uma língua indígena de pouca população, uma língua de imigração, uma língua de sinais e uma língua crioula.

Ações como a criação do Inventário Nacional da Diversidade Lingüística propiciam, a partir do reconhecimento das línguas brasileiras, que essas línguas possam estar sujeitas a medidas de salvaguarda, contando inclusive com a obtenção de recursos federais para essa finalidade.

Há também outras ações municipais isoladas que buscam resgatar, revitalizar e manter as línguas faladas em localidades no país. Um exemplo desse

tipo de ação ocorreu no município de São Gabriel da Cachoeira no estado do Amazonas, o qual co-oficializou, em nível municipal, mais três línguas além do português: *Nheengatu*, *Tukano* e o idioma *Baniwa*. Com a co-oficialização, os cidadãos passaram a ter direito a atendimento nas instâncias públicas em suas línguas maternas, além de vários outros benefícios aos falantes de tais línguas. Outras estratégias também têm sido adotadas por municípios que querem preservar línguas, como a criação de Conselhos de Línguas. O município de Blumenau em Santa Catarina, por exemplo, instituiu pela Lei Complementar n. 487 de 25 de novembro de 2004, o Conselho Municipal do Ensino da Língua Alemã. O Conselho, que possui caráter consultivo, é vinculado ao Gabinete do Prefeito e possui composição paritária entre governo e sociedade civil, contando com representantes de diversas instituições, tais quais: associações de moradores, clube de caça e tiro, professores de língua alemã, de institutos culturais, do consulado, de associações de empresários, entre outros segmentos. Tive a oportunidade de participar do Conselho Municipal do Ensino da Língua Alemã de Blumenau, como representante suplente do IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística – e observar o funcionamento dessa estratégia política para sustentar a manutenção da língua alemã naquela cidade.

Ações municipais e federais como as mencionadas vêm se multiplicando em todo o país nos últimos anos, e isso se deve muito em razão da dívida que o Brasil possui com pessoas que foram privadas de se expressarem em suas línguas maternas, a partir, principalmente, do regime do Estado Novo com o então presidente Getúlio Vargas e seu interventor federal em Santa Catarina, Nereu Ramos, questão que será debatida mais adiante. Assim, este trabalho a respeito das línguas de imigração faladas em São Bento do Sul ocorre em um momento muito rico de ações e reflexões a respeito da diversidade lingüística brasileira, o que certamente o influenciará de forma muito positiva.

As questões principais para este estudo, as quais traduzem as inquietações e buscas na realização deste trabalho e que conduzem toda a pesquisa, são apresentadas a seguir. Como forma de direcionar a pesquisa, uma pergunta principal (1) foi subdividida em mais duas questões (1A) e (1B):

(1) *Quais estratégias político-lingüísticas poderão revitalizar o idioma alemão e sustentar a sua manutenção na cidade de São Bento do Sul – SC?*

(1A) Como se compõe o cenário sociolingüístico de São Bento do Sul?

(1B) Qual é a situação atual das variedades de alemão na localidade (usos, atitudes e representações)?

Assim, todo este texto foi construído de forma a percorrer (e responder) a problemática principal e as perguntas secundárias propostas. Nesta introdução, procuramos oferecer um panorama das políticas lingüísticas que tramitam atualmente nas diversas esferas de poderes públicos: internacional, nacional, estadual e municipal. Além disso, são apresentadas as problemáticas que conduziram toda a construção desta pesquisa.

No primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos o ambiente desta investigação, ou seja, o município de São Bento do Sul. Essa apresentação ocorre através de dados a respeito de população, localização geográfica, economia, religião, educação, história e, claro, um breve panorama sobre a situação plurilíngüe do município.

São apresentados conceitos e definições que sustentam o referencial teórico deste estudo no capítulo dois. Discutimos, portanto, noções como as de bilingüismo, diglossia, variedade lingüística e dialeto, entre outras, de modo a explicitar como compreendemos neste estudo alguns dos termos aos quais recorreremos constantemente.

No terceiro capítulo, detalharemos os procedimentos metodológicos da pesquisa como um todo e também do diagnóstico sociolingüístico realizado no município. O diagnóstico sociolingüístico ocorreu em três etapas principais: 1) entrega de questionários aos estudantes de escolas municipais; 2) entrevistas em profundidade somente com falantes de uma das línguas alemãs, de forma a

compor uma rede de relações e 3) observação da circulação das línguas alemãs na cidade, bem como das entidades e indivíduos fomentadores delas.

Para o capítulo quatro, preparamos a exposição de dois fatores principais que atuaram para a formação da atual situação lingüística de São Bento do Sul: as políticas lingüísticas nacionalizadoras, principalmente da época do Estado Novo, e a explosão migratória para São Bento do Sul, que ocorreu de forma mais intensa entre as décadas de 1970 e 1980. As políticas lingüísticas adotadas por Getúlio Vargas na ditadura chamada de Estado Novo possuem reflexos até os dias de hoje, inclusive no município estudado, de tão intensas que foram as ações promovidas com o intuito de eliminar todas as outras línguas faladas em território nacional, que não a portuguesa. O outro fator estudado, a grande migração para São Bento do Sul, gerou muitos casamentos mistos entre falantes de uma das línguas alemãs e lusos, o que ocasionou a substituição do idioma minoritário pelo português em muitas famílias. Por outro lado, com a acentuada chegada de indivíduos de outras partes de Santa Catarina e mesmo de outros estados, estabeleceram-se na cidade famílias provenientes de diferentes zonas de imigração e que levaram consigo os idiomas de suas famílias: principalmente italiano, polonês, ucraniano e Hochdeutsch, o que possibilitou que a localidade, atualmente, tenha um cenário (sócio)lingüístico tão diversificado.

Para o quinto capítulo, produzimos um relato que oferece um breve panorama da circulação e da vitalidade das línguas polonesa, ucraniana e italiana no município pesquisado.

As línguas alemãs – Bayerisch e Hochdeutsch – compreendem um recorte mais aprofundado desta pesquisa e são objeto de diagnóstico sociolingüístico apresentado no capítulo seis, no qual detalharemos a presença e a vitalidade dessas duas línguas no município, além dos usos, atitudes e representações dos falantes frente a elas através do detalhamento dos dados colhidos no diagnóstico sociolingüístico.

O sétimo capítulo, finalmente, compreende a proposição de estratégias político-lingüísticas que poderão revitalizar e sustentar a manutenção dos idiomas minoritários falados em São Bento do Sul. Dentre os objetivos dessas estratégias,

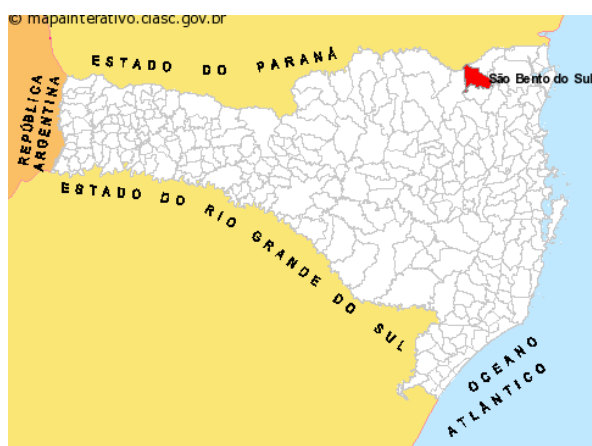
está, principalmente, a recuperação do prestígio das línguas brasileiras de imigração.

Finalizamos o texto explicitando a necessidade e as possibilidades de continuidade de pesquisas e ações que estejam ligadas ao plurilingüismo em São Bento do Sul e região. Defendemos também a necessidade de que este e outros estudos possam exercer sua função política, circulando além do ambiente acadêmico, proporcionando que ações práticas para revitalização e manutenção de idiomas minoritários realmente ocorram.

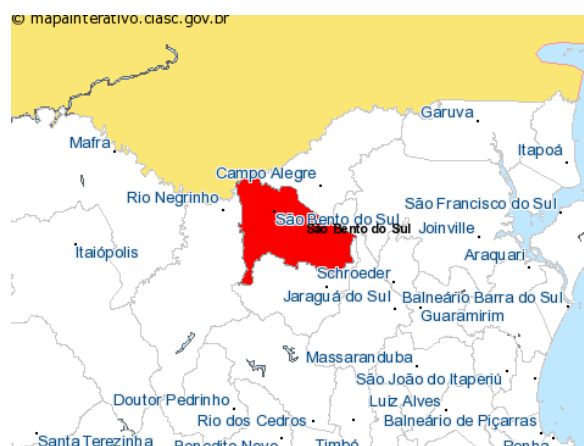
1. SÃO BENTO DO SUL: CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE DA PESQUISA

1.1 LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO

São Bento do Sul é um município localizado no planalto norte do estado de Santa Catarina, a 224 km⁵ da capital do Estado, Florianópolis, e a 72 km de Joinville. A cidade está a 835 metros acima do nível do mar e sua área total é de 487 km² (sendo 78 km² de área urbana e 409 km² de área rural⁶). A cidade faz divisa com as cidades de Piên (PR) e Campo Alegre (SC) ao norte, Jaraguá do Sul (SC) e Corupá (SC) ao leste, Corupá (SC) ao sul e Rio Negrinho (SC) a oeste.



Mapa 1 – Mapa indicando localização do município de São Bento do Sul.
Fonte: www.mapainterativo.ciasc.gov.br



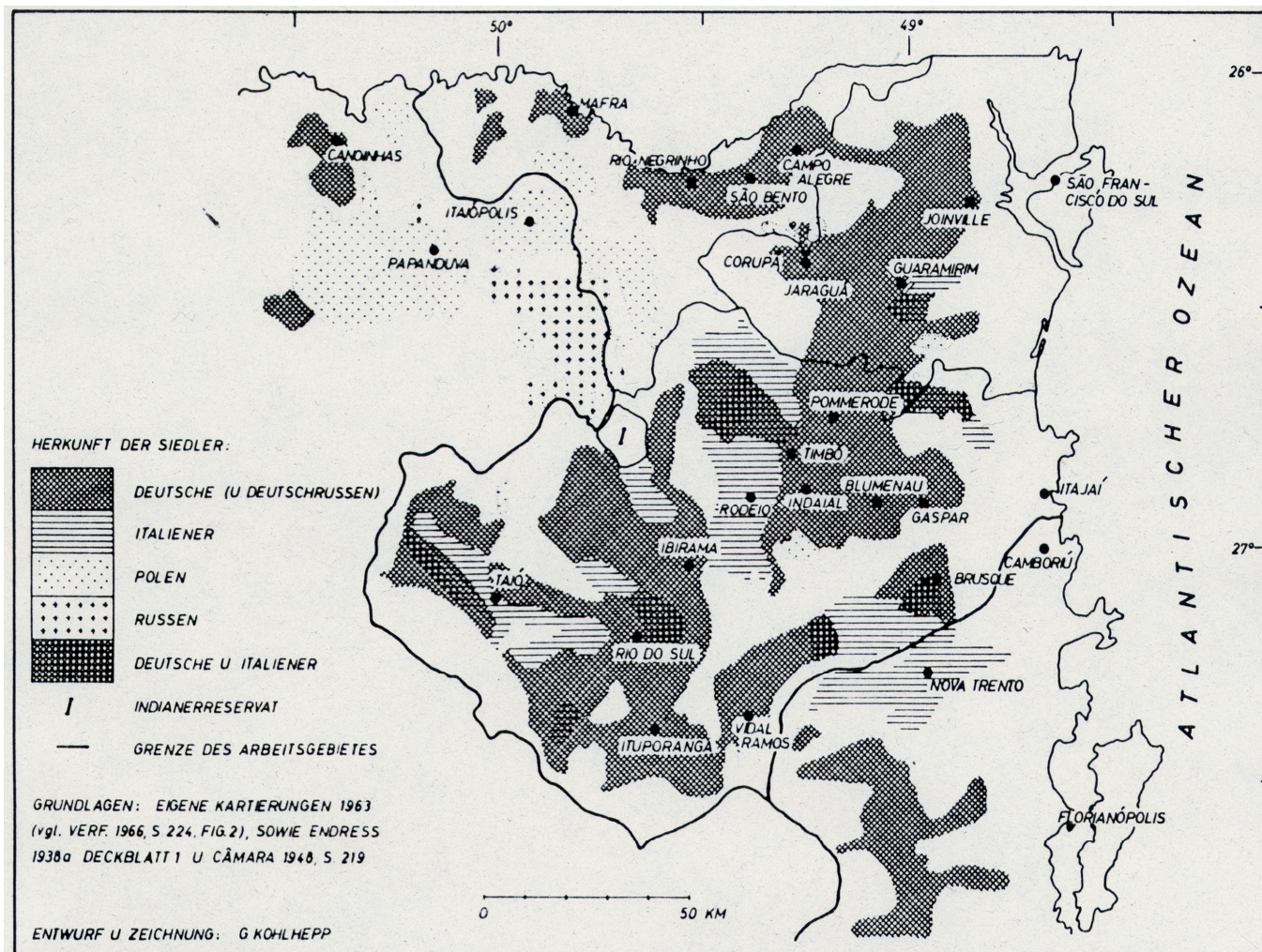
Mapa 2 – Mapa indicando divisas do município de São Bento do Sul.
Fonte: www.mapainterativo.ciasc.gov.br

Nos municípios vizinhos a São Bento do Sul, embora não haja estudos sociolinguísticos atuais, também há a presença de idiomas minoritários, especialmente alemão (Campo Alegre, Jaraguá do Sul, Corupá e Rio Negrinho) e polonês (Campo Alegre e Piên). Kohlhepp (1968, p.45), apresentou o seguinte

⁵Informação do Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina – CIASC (www.mapainterativo.ciasc.gov.br)

⁶Fonte: IBGE

mapa retratando as regiões geográficas do estado de Santa Catarina e as respectivas línguas faladas em cada uma delas:



Karte 5: Hauptsiedlungsgebiete der Bevölkerung europäischer, nicht-portugiesischer Herkunft

Mapa 3 – Localidades nas quais eram faladas línguas européias que não a portuguesa. Cf. Kohlhepp (1968, p.45).

As áreas, portanto, dos municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho, Jaraguá do Sul, Corupá e Campo Alegre foram indicadas como áreas onde predominaria a língua alemã. O município de Piên, que também faz divisa com São Bento do Sul não está contemplado no mapa, pois faz parte do estado do Paraná. A colonização da região foi de fato predominantemente alemã, já que as famílias polonesas que chegaram por volta de 1870 eram minoria. Os grupos familiares de origem ucraniana e italiana (e muitas de origem polonesa também)

chegaram a São Bento do Sul muitos anos mais tarde, como discutiremos nos capítulos seguintes.

Segundo informações do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em uma contagem da população realizada em 2007, a população do município era de 75.548 habitantes. Conforme Censo 2000/IBGE (no qual o número de habitantes registrado foi 65.388), a população estava distribuída nos seus 18 bairros e 9 localidades, sendo 61.786 habitantes na área urbana e 3.062 habitantes da área rural. Esse dado é importante, porque, em geral, há uma tendência maior à manutenção das línguas minoritárias entre as famílias de áreas rurais, do que entre aquelas que residem na área urbana. A densidade demográfica do município em 2000 era de 134,26 hab/km² e o crescimento populacional de 3,45%.

A divisão política do município compreende vinte bairros (Alpino, Bela Aliança, Boehmerwald, Brasília, Centenário, Centro, Colonial, Cruzeiro, Dona Francisca, Industrial Sudoeste, Lençol, Mato Preto, Oxford, Progresso, Rio Negro, Rio Vermelho Estação, Rio Vermelho Povoado, Schramm, Serra Alta, Vinte e Cinco de Julho) e nove localidades (Ano Bom, Fundão, Humbolt, Pedreira, Ponte dos Vieira, Rio Antinha, Rio Mandioca, Rio Natal e Sertãozinho). No mapa a seguir pode-se observar a divisão dos bairros da área urbana de São Bento do Sul.

1.2 ECONOMIA

São Bento do Sul possui um parque fabril diversificado, com destaque para mobiliário, metalúrgica, fiação e tecelagem, cerâmica e plástico. O município é o 1º pólo exportador de móveis do Brasil, e o 4º maior exportador do Estado de Santa Catarina. O comércio de São Bento do Sul também tem grande representatividade para a sua economia.

Os principais produtos agrícolas produzidos são milho e feijão, e as principais atividades pecuárias são: gado de leite e gado de corte. Na extração mineral, destacam-se caulim, areia e saibro.

Havia em São Bento do Sul, no ano de 2007, segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal⁷, 1.699 indústrias de transformação, 2.615 estabelecimentos comerciais, 2.058 estabelecimentos de prestação de serviços e 996 estabelecimentos de prestação de serviços autônomos. O produto interno bruto (PIB) de São Bento do Sul registrado em 2007 foi de R\$ 1.245.625.000 e o PIB *per capita* R\$ 17.170,00.

Sendo assim, São Bento do Sul é um município predominantemente industrial e, como apresentaremos no capítulo 5, as ofertas de mão-de-obra impulsionam grandes movimentos de migrações para a cidade. Essas migrações, por sua vez, possibilitam novos contatos lingüísticos e alteram, a cada novo ciclo, o cenário sociolingüístico da cidade.

1.3 EDUCAÇÃO

São Bento do Sul ocupava em 2000, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, o 57º lugar entre os 64 municípios brasileiros que possuem a taxa de analfabetismo de jovens e adultos (pessoas com 15 anos ou mais) menor ou igual a 4%. A taxa de analfabetismo do município, naquele ano, era de 3,37%.

⁷São Bento do Sul – Perfil Socioeconômico. ACISBS e UNIVILLE: Edição 2008, p.51.

Com relação à quantidade de estabelecimentos de ensino e vagas, São Bento do Sul conta com: 3.724 vagas em 21 escolas e centros de educação infantil particulares; 8.358 vagas nas 14 escolas estaduais e 11.655 vagas nas 25 escolas municipais (inclusas as creches, escolas rurais e EMEJA).

Na rede municipal de educação, pesquisada através de nove escolas no diagnóstico sociolingüístico, o qual será apresentado no capítulo 6, o inglês é a única língua estrangeira presente no currículo. Em algumas escolas da rede municipal, há oficinas de língua espanhola, realizadas no contra-turno (e opcionais aos estudantes). Apenas em duas escolas municipais existem aulas de alemão, também no formato de oficinas. Entretanto, mesmo essas oficinas ocorrendo em escolas inseridas em comunidades plurilíngües e multiculturais, com participação de alunos que têm a língua alemã como língua materna, a perspectiva das oficinas é a de ensino da língua como “estrangeira”, o que de fato essa língua não é naquelas localidades. Já as línguas italiana, ucraniana e polonesa, nunca tiveram espaço dentro dos estabelecimentos de ensino são-bentenses.

Além disso, a cidade conta com três instituições que oferecem ensino técnico profissionalizante, uma Universidade (UNIVILLE) e uma extensão de uma Universidade Estadual (UDESC). Não há cursos de licenciatura em línguas em São Bento do Sul. Os cursos de Letras (português, inglês e espanhol) oferecidos mais próximos, são em Joinville (UNIVILLE) e em Mafra (UnC), a cerca de 80 e 60 quilômetros da cidade, respectivamente.

1.4 RELIGIÃO

As igrejas podem exercer forte influência sobre as línguas faladas por uma comunidade, tanto defendendo (e detendo) seu uso quando o recriminando. Em São Bento do Sul, o uso das cinco línguas minoritárias parece ter influência do fator religião, como será discutido, a respeito das línguas alemãs, também no capítulo 6. Os falantes de polonês de São Bento do Sul, por exemplo, são predominantemente católicos, assim como os falantes de italiano, de ucraniano e

de Bayerisch (os católicos são a maioria absoluta dos habitantes de São Bento do Sul, de acordo com os dados do IBGE/2000: 55.951 indivíduos). Ao contrário, os falantes de Hochdeutsch são predominantemente evangélicos luteranos (também chamados de protestantes, representam 3.760 pessoas de acordo com dados do IBGE/2000). Conforme detalharemos mais adiante, o principal âmbito onde a língua ucraniana ainda é utilizada é na igreja (católica). A igreja (luterana) não é o principal âmbito de uso de Hochdeutsch, mas conserva situações de uso da língua, como a realização de celebrações. Centralizar o uso de uma língua e estabelecer relações de poder pode ser um fator determinante para a identificação dos falantes com uma determinada religião.

De acordo com o Censo Demográfico de 2000 (IBGE), a distribuição dos indivíduos de São Bento do Sul de acordo com a religião se configurava da seguinte forma:

Religião	Pop.
Católica Apostólica Romana	55.951
Evangélicas	8.558
Evangélicas de missão	4.515
Evangélicas de missão - Evangélica Adventista do Sétimo Dia	238
Evangélicas de missão - Igreja Evangélica de Confissão Luterana	3.760
Evangélicas de missão - Igreja Evangélica Batista	256
Evangélicas de missão - Igreja Presbiteriana	40
Evangélicas de missão - outras	220
Evangélicas de origem pentecostal	3.779
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Congregacional Cristã do Brasil	441
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	60
Evangélicas de origem pentecostal - Evangélica Evangelho Quadrangular	844
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Evangélica Assembleia de Deus	1.838
Evangélicas de origem pentecostal - outras	596
Evangélicas - outras religiões Evangélicas	264
Testemunhas de Jeová	98
Espírita	280
Umbanda	7
Budismo	82
Outras religiosidades	49

Sem religião	339
Não determinadas	10
Sem declaração	63

Tabela 1 – População residente por religião em São Bento do Sul. Dados Censo Demográfico 2000/IBGE.

1.5 HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO E MITOS FUNDADORES DA IDENTIDADE SÃO-BENTENSE

A colonização imigrante no Brasil ocorreu, principalmente, em um período após a independência do país. As políticas de imigração adotadas estimulavam o ingresso de estrangeiros, que vinham ocupar terras ditas devolutas. Segundo Falcão (1998, p. 24) a vinda de imigrantes procedentes da Europa era motivada por diversos fatores, tais quais:

(...) o interesse em iniciar um processo de substituição da mão-de-obra escrava, uma vez que o tráfico de africanos afigurava-se cada vez mais problemático devido às pressões inglesas; a preocupação em povoar territórios na proximidade de regiões fronteiriças ou de freqüente conturbação política e militar (caso típico do Rio Grande do Sul, quer pela vizinhança da Argentina e do Uruguai, quer por preocupações suscitadas a partir da Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845), com objetivo de proporcionar um eventual apoio logístico em termos de recrutamento e de provisões para tropas em deslocamento; a intenção de promover uma regeneração dos males atribuídos à colonização portuguesa, sobretudo no que se referia ao expressivo contingente de negros e mestiços na composição da população brasileira (considerado como negativo pelas teorias raciais que norteavam os padrões científicos em voga nas análises sociais desta época), dando assim lugar ao branqueamento desta mesma população e, por esta via, recuperando o valor ético do trabalho; ou ainda o empenho em estimular a ocupação e, conseqüentemente, a valorização de grandes áreas de terra escassamente habitadas.

A partir da década de 70 do século XIX, o Governo Brasileiro passou a fornecer auxílio financeiro para a vinda de imigrantes. Um exemplo desse tipo de auxílio é a Lei Provincial nº 42, de 30 de março de 1871, que autorizava a emissão de apólices do governo de até 600 contos de réis, com o objetivo de custear as

passagens dos imigrantes. Segundo Richter (1992, p. 13), autor de artigos a respeito da imigração alemã para o Brasil e arquivista do Arquivo Estadual de Hamburgo:

Um manual⁸ destinado à documentação dos alemães fixados além das fronteiras do “Reich”, em 1902 estimava que no Brasil havia 350 mil pessoas falando o alemão. Segundo esta fonte, desses 350 mil alemães e descendentes de alemães estavam vivendo, na época: 150 mil no Rio Grande do Sul, ou seja, 15% da população do RS; 80 mil em Santa Catarina, ou seja, 20% da população de SC; 25 mil no Paraná, ou seja, 7% da população do PR.

Os primeiros colonos alemães levados para São Bento do Sul foram contratados pela Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo, conforme aponta Richter (1992, p. 15):

A Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo tinha sido a única empresa alemã a se dedicar à introdução de colonos no Brasil. Durante o período principal de suas atividades, de 1850 a 1888, encaminhou 17.408 colonos à Colônia Dona Francisca, em Santa Catarina, fundando os núcleos coloniais de Joinville e São Bento do Sul.

A Colônia Dona Francisca, que deu origem a diversas povoações (colônias filiais) de imigrantes no norte de Santa Catarina, era um empreendimento privado da Sociedade Colonizadora de 1849. A origem dessa Sociedade remonta, segundo Ficker (1973) ao casamento do Príncipe de Joinville, François d'Orléans, filho do Rei Louis Philipe da França, com a Princesa brasileira Dona Francisca, irmã do Imperador do Brasil, D. Pedro II, em 1º de maio de 1843. O casal recebeu terras devolutas na então província de Santa Catarina como parte do dote nupcial, as quais foram escolhidas em 1844 pelo procurador do Príncipe, Léonce Aubé (vice-cônsul da França no Brasil). As terras foram marcadas e medidas em 1845 e 1846 e anexadas à Comarca de São Francisco do Sul (um total de 25 léguas quadradas⁹). O Príncipe de Joinville e a Princesa partiram do Brasil poucos dias após o casamento e nunca retornaram. A revolução na França em 1848 ocasionou a queda do Rei Louis Philipe, e assim o Príncipe de Joinville foi se refugiar,

⁸BRUNN, Gehard. *Deutschland und Brasilien (1889-1914)*. Latein-amerikanische Forschungen, Band 4. Köln, 1971.

⁹Uma légua equivale a 6.000 metros, portanto, 25 léguas quadradas correspondem a 150 mil m².

juntamente com sua família, na Inglaterra. Com a família exilada e sem recursos, ofereceu parte de suas terras recebidas em Santa Catarina ao Senador Christian Mathias Schroeder, de Hamburgo. Sobre esse negócio Ficker (1973) afirma:

Foi firmado um contrato, em maio de 1849, através do qual oito léguas quadradas seriam cedidas para uma colonização em grande escala, contra encargos assumidos pelo próprio Senador Schroeder ou por uma Sociedade a ser fundada – dentro de cinco anos deveriam ser fixados 1500 colonos na área cedida, acomodação e sustento dos imigrantes durante dois anos, a construção de igrejas e escolas etc. No mesmo ano o Senador Schroeder fundou em Hamburgo uma empresa por ações chamada “Colonisations-Verein von 1849 in Hamburg” (Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo).

A Sociedade Colonizadora de Hamburgo enfrentou dificuldades financeiras e precisou pedir apoio de novas empresas nos negócios. Assim, em 1897 a *Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo* foi extinta e instituiu-se a nova *Sociedade Colonizadora Hanseática*.

A Colônia Dona Francisca recebeu os primeiros colonos no ano de 1851 e esta deu origem a várias outras colônias, dentre as quais: São Bento, Rio Negrinho, Jaraguá e Hansa. Em São Bento do Sul a povoação só foi iniciada em setembro de 1873, recebendo as 10 primeiras famílias e em seguida mais 40. A colônia prosperou e em 1876 já era um Distrito, e, em 21 de maio de 1883, com 1.558 habitantes tornou-se município¹⁰.

Uma vez estabelecidos em São Bento do Sul e região, diversos aspectos marcaram a acomodação desses imigrantes em território nacional e a formação de suas identidades “teuto-brasileiras”, no caso dos alemães. Há muitas pesquisas a respeito do desenvolvimento das comunidades de imigrantes, as quais certamente contribuem para pensarmos no percurso da comunidade aqui estudada. Emílio Willems (1980), estudioso da área de antropologia e que era imigrante alemão no Brasil, desenvolveu estudos baseados na assimilação e aculturação dos alemães no país e foi um dos primeiros a utilizar o termo “teuto-brasileiro”. O autor (1980, p.16) compreende a assimilação como: “mudança da personalidade realizada pela substituição de combinações de atitudes e valores, por novas combinações de

¹⁰ História de Santa Catarina, 1970, p.113.

atitudes e valores que vêm a integrar o indivíduo em uma sociedade culturalmente diferente”. Já a aculturação, para Willems (1980, p.21) compreenderia “os fenômenos resultantes do contato direto e contínuo entre grupos de indivíduos representantes de culturas diversas, e as subseqüentes mudanças nas configurações culturais de um ou de ambos os grupos.” Para caracterizar a aculturação dos imigrantes citou como exemplo o fato de os alemães no sul do Brasil terem importado não somente certos itens lexicais específicos dos gaúchos (chimarrão, cuia, churrasco, etc.), como também determinados hábitos deles.

O isolamento social de muitas comunidades de imigrantes, para Willems (p. 105), propiciou o surgimento de uma nova sociedade:

Em termos sociológicos trata-se de um processo de diferenciação e urbanização crescente dos imigrantes ou seus descendentes os quais, abandonados a sua sorte, peneirados e selecionados por uma série de fatores já analisados, constroem uma sociedade que não se confunde com a sociedade litorânea, nem com a do planalto e nem tampouco com a sociedade originária. É uma sociedade nova que nasce reunindo elementos culturais das outras três [...]

Com essa nova sociedade, surgiu um novo tipo de indivíduo: “o teuto-brasileiro”. Entre esses indivíduos, segundo aponta o autor, havia muitos marginalizados, os quais desenvolviam um forte sentimento de inferioridade frente aos “lusos”. Dentre as razões para esse sentimento, são destacadas duas (p.126): 1) “os teuto-brasileiros desenvolveram uma cultura essencialmente rural, ao passo que a população “lusa” representa uma cultura urbana ou pastoril” e 2) “o brasileiro de ascendência portuguesa considera-se, naturalmente, “em casa””.

A respeito do contato entre a língua alemã e a portuguesa na comunidade de Itajaí observada por Willems em 1935, o autor (p.230) apresentou oito pontos conclusivos, dos quais destacamos três, também observados na comunidade de São Bento do Sul com esta pesquisa:

- 1) A permeabilidade lingüística varia em razão direta do prestígio atribuído ao vernáculo.
- 2) As gerações novas mostram uma tendência cada vez mais acentuadas de substituir o alemão pelo português.
- 3) Essa tendência é mais forte entre católicos do que entre protestantes. Para estes, a língua alemã é um símbolo religioso: é o idioma de Lutero.

Os pais católicos não se opõem, em geral, ao uso do português, mesmo em família.

A respeito da identidade, Willems relacionava uma mudança de identidade à troca de uma variedade lingüística por outra e cita como exemplo os jovens que iam para os seminários falando suas variedades minoritárias de alemão aprendidas no ambiente familiar e as substituíam pela língua portuguesa. Além das mudanças lingüísticas observadas pelo autor, os jovens apresentavam também mudanças de comportamento, de hábitos e costumes, o que, para ele, afetaria não apenas as línguas, mas também as identidades dos indivíduos envolvidos.

Os membros das comunidades de imigrantes alemães instalados no Brasil, através principalmente do uso das línguas e da preservação de determinados hábitos e costumes, acabaram por se definirem / serem definidos como teuto-brasileiros, à medida que se constatavam as diferenças culturais com a sociedade brasileira daquela época. A respeito da formação de uma identidade teuto-brasileira ao longo da história, Seyferth (1994, p.14) afirma:

Resumindo, no século XIX as chamadas colônias alemãs (homogêneas ou não) constituíram-se como frentes pioneiras (conforme definição de Waibel, 1958), e essa concentração em áreas restritas, de modo compacto, ajudou a formação de uma sociedade e de uma cultura realmente teuto-brasileiras, associadas ao complexo colonial – e é sobre este que a etnicidade vai ser formalizada. O isolamento social decorrente dessa situação pioneira, a não-existência política dessa população voltada para dentro da comunidade étnica (Weber, 1971), juntamente com a luta pela etnicidade – traduzida como germanidade através do termo *Deutschun* – tornaram o processo de assimilação à sociedade brasileira bastante lento, embora irreversível (Willems, 1940, 1946). Os imigrantes, simbolicamente, romperam os laços com o território alemão no ato de renúncia da cidadania de origem, assumindo a “colônia” como uma nova pátria. Para aqueles que se fixaram não existiu a expectativa do retorno, e mesmo hoje a contagem dos ascendentes na genealogia de parentesco se encerra no casal de pioneiros. Muitos colonos ainda exibem a fotografia do casal de pioneiros tirada no porto de partida na Europa – o momento do embarque simbolizando um reinício em outra terra. Apenas alguns colonos remediados e empresários bem-sucedidos procuram estender suas genealogias até a Alemanha, na maior parte dos casos sem qualquer resultado.¹¹

¹¹ Referências citadas no trecho por Seyferth (1994, p.14): 1) WAIBEL, Leo. Capítulos de geografia tropical e do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. 2) WEBER, Max. *Économie et Société*. Paris: Plon, 1971. 3) WILLEMS, Emilio. *Assimilação e população marginais no Brasil*. São Paulo:

A forma como é contada a história de uma sociedade, influencia na visão que os indivíduos possuem de si mesmos, de sua origem e, portanto, ajuda a constituir sua(s) identidade(s). O mito de fundação da nação brasileira, por exemplo, que repete que o país foi formado por negros (escravos), indígenas (sendo mencionados, em geral, como se fossem apenas um único povo) e brancos (portugueses), exclui uma imensa diversidade de etnias que formam a nação brasileira e cria a idéia de homogeneização da população. Da mesma forma, em São Bento do Sul também há um mito sobre a fundação da cidade que se repete há anos e está presente no material turístico da cidade, em várias obras publicadas sobre o município, em cartazes e placas comemorativas. Esse mito diz respeito à idéia de que os fundadores / colonizadores da cidade vieram de um mesmo lugar, em um mesmo navio e no mesmo ano:

No dia 5 de setembro de 1873, o transatlântico "Zanzibar", partido das divisas da boêmia (parte da histórica Áustria-Baviera [sic]¹²), com cinco famílias, ancorou nas proximidades de uma ilha ao longo do Rio São Francisco, em Santa Catarina. Contratados ainda em terra natal pela companhia Colonizadora Hanseática¹³, esses autênticos bandeirantes destinaram-se a civilizar um planalto cujas florestas muito se pareciam com as da Europa Central. Em 1873 um pequeno grupo de homens subiu a serra a pé, com mantimentos e ferramentas em lombo de burros. Após dois dias de caminhada, chegaram aos primeiros ranchos e dali partiram para abrir os primeiros caminhos na mata, sempre ao longo do riacho São Bento. (Perfil Socioeconômico São Bento do Sul 2006, p.15¹⁴).

O trecho citado acima é recorrente nos mais variados materiais que tratam sobre o município de São Bento do Sul. Embora se desconheça a autoria inicial, esse mesmo texto pode ser encontrado em publicações de diversos períodos e tipos: *folders* turísticos do município (atuais e antigos), textos de turismo, geografia

Companhia Editora Nacional, 1940. 4) WILLEMS, Emilio. Aculturação dos alemães no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

¹²Embora o território onde se localiza a Áustria atualmente não faça fronteira com o mar, o que não exclui a possibilidade de o referido navio ter percorrido rios antes de chegar ao mar.

¹³Na verdade, as primeiras levas de colonos foram contratadas pela Companhia Colonizadora de Hamburgo em 1949, pois a Companhia Colonizadora Hanseática só foi fundada em 1897.

¹⁴O mesmo texto está disponível no site da Prefeitura Municipal de São Bento do Sul, em uma matéria que trata das informações geográficas da cidade <http://www.saobentodosul.sc.gov.br/?pagina=economico&sub=geografia>

e de história disponíveis na internet (sítios do município e do estado de SC), prefácios de livros publicados na cidade e até mesmo em panfletos eleitorais. Embora esse texto e, conseqüentemente, essa visão, venham há muito tempo sendo repetidos e disseminados (o *folder* mais antigo encontrado com esse texto durante a realização desta pesquisa data de 1993), apresentam algumas incoerências que merecem ser aqui discutidas. Além de que o navio Zanzibar não pode ter partido das divisas da Boêmia por essa não ser uma região litorânea, há ainda que se dizer que o Zanzibar não trouxe imigrantes que se deslocaram apenas para São Bento do Sul: vários foram os destinos das pessoas que fizeram aquela viagem. Da mesma forma, São Bento do Sul não foi povoada somente por pessoas desse navio: vários grupos, de diferentes procedências e navios, foram enviados para o município. Mesmo se considerarmos apenas as primeiras 70 famílias que receberam lotes por doação (nos anos seguintes vieram várias outras), ainda assim, não eram todas provenientes dos mesmos locais, havia famílias provenientes¹⁵: da Prússia Ocidental (24), da Pomerânia (15), da Boêmia (12), da Áustria (5), da Saxônia (2), da Baviera (1), da Westfália (1) e da Polônia (2), ou seja, embora talvez tenham sido reunidos na Boêmia, a maioria não era proveniente desse território. A tabela a seguir, extraída de PFEIFFER (1997 p. 10-11) traz a relação dessas famílias e algumas características das mesmas, como procedência, religião, data da chegada e navio que as transportou:

IMIGRANTE	ESPOSA	FILHOS	PROFISSÃO	RELIGIAO	PROCEDÊNCIA	NAVIO	CHEGADA
1. Ferdinand Kaulfersh (30)	Anna (28)		Lavrador	Católico	Ratschendorf - Boêmia	Gutenberg	12/07/1873
2. Theodor Sill (33)	Johanne (35)	3	Lavrador	Protestante	Wussecken - Pomerânia	Terpzychore	01/06/1873
3. Karl A. Richter (29)			Sapateiro	Protestante	Neumarkt - Prússia	Eugenie	16/12/1871
4. Ferdinand Warel (28)			Lavrador	Católico	Reichenberg - Boêmia	Gutenberg	12/07/1873
5. Anton Beckert (45)	Caroline (44)	2	Lavrador	Católico	Reichenberg - Boêmia	Gutenberg	12/07/1873
6. August König (32)	Theresia (29)	2	Lavrador	Católico	Neu-Paulsdorf - Boêmia	Gutenberg	12/07/1873
7. August Natzke (26)	Auguste (28)	1	Lavrador	Protestante	Gr.Podell - Pomerânia	Terpzychore	01/06/1873

¹⁵Informações coletadas no Arquivo Histórico de Joinville (ainda restam 8 famílias que não possuem registro no Arquivo para que se complete os 70 lotes ocupados em 1873).

8. Jacob Neubauer (36)	Henriette (30)	2	Lavrador	Católico	Orle – Prússia Oc.	Terpzhore	01/06/1873
9. Ludwig Selke (44)	Albertine (34)	3	Lavrador	Protestante	Vietzig – Pomerânia	Terpzhore	01/06/1873
10. Ferdinand Mayer (43)	Pauline (29)	2	Lavrador	Católico	Liedamow – Prússia Oc.	Terpzhore	01/06/1873
11. Louis Guthmann (30)	Auguste (24)	1	Lavrador	Protestante	Wahlen - Saxônia	Gutenberg	12/07/1873
12. August Schroeder							
13. Wilhelm Schroeder (27)	Johanne (23)	1	Lavrador	Protestante	Wutzig – Pomerânia	Franklin	10/06/1872
14. Gottlieb Engel (ou Engler) (45)	Caroline (44)	3	Lavrador	Católico	Kl. Penzin – Prússia Oc.	Terpzhore	01/06/1873
15. Johann Glade (38)	Sophie (38)	6	Ferreiro	Protestante	Herne – Westfália	Elwood	29/12/1873
16. Friedrich Mielke (42)	Henriette (37)	5	Lavrador	Católico	Elsenthal – Prússia	Dr. Barth	07/06/1873
17. August Schneider (36)	Henriette (34)	2	Operário	Protestante	Lutziz – Pomerânia	Terpzhore	01/06/1873
18. Wilhelm Huemmelchen (42)	Elisabeth (36)	5	Lavrador	Protestante	Barmen - Pomerânia	Gutenberg	12/07/1873
19. Johann Ziemann (42)	Henriette (27)	4	Lavrador	Católico	Elsenthal – Prússia	Dr. Barth	07/06/1873
20. Wilhelm Redel (31)	Bertha (30)	3	Lavrador	Protestante	Repow - Pomerânia	Terpzhore	01/06/1873
21. Karl Becker (30)	Johanna (34)	3	Lavrador	Protestante	Neutesttin - Pomerânia	Gutenberg	12/07/1873
22. Anton Procop (ou Brokopf) (35)	Anna (29)	2	Lavrador	Católico	Reichenberg - Boêmia	Gutenberg	12/07/1873
23. Wilhelm Neumann (36)	Caroline (38)	5	Lavrador	Protestante	Dominke – Pomerânia	Terpzhore	01/06/1873
24. Wilhelm Ruske (33)	Johanne (25)	1	Lavrador	Protestante	Rotten – Pomerânia	Terpzhore	01/06/1873
25. Joseph Beierl (16)			Lavrador	Católico	Flecken – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
26. Georg Stueber (ou Steiber) (40)	Therese (36)	3	Lavrador	Católico	Flecken – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
27. Ignatz Rohrbacher (35)	Anna (36)	4	Lavrador	Católico	Hammem – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
28. Georg Zipperer (42)	Cecilie (40)	4	Lavrador	Católico	Flecken – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
.. Joseph Zipperer (14) (Filho menor de Geog)				Católico	Flecken – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
29. Anton Duffeck (41)	Therese (42)	5	Lavrador	Católico	Walnau – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
30. Ignatz Pablowski (44)	Antonie			Protestante	Jeseritz – Prússia	Elwood	29/12/1873
31. Martin Leck (38)	Bárbara (32)	3	Lavrador	Católico	Ruda – Prússia Oc.	Terpzhore	01/06/1873
32. Joseph Jelinski (30)	Magdalena	2	Lavrador	Católico	Prússia Oc.	Terpzhore	01/06/1873
33. Theodor Frick (35)	Katharine (35)	1	Lavrador	Católico	Kehrwalde – Prússia	Gutenberg	12/07/1873
34. Johannes Hinz (30)	Katharina (25)		Lavrador	Católico	Limuke – Prússia Oc.	Terpzhore	01/06/1873
35. Thomas Cherek				Católico			
36. Jacob Pillat (38)			Lavrador	Católico	Skurcz	Gutenberg	12/07/1873
37. Casimir Waldmann (30)	Maria (27)	3	Lavrador	Católico	Pinzin – Prússia Oc.	Terpzhore	01/06/1873
38. Joseph Brezinski (43)	Josephine (43)	2	Lavrador	Católico	Sabonch – Prússia Oc.	Dr. Barth	07/06/1873
39. August Grimm (47)	Friederike (46)	9	Lavrador	Protestante	Qoussow – Pomerânia	Terpzhore	01/06/1873
40. Ony Turmannkiewicz (46)	Maria (44)	2	Lavrador	Católico	Debowiec – Polônia	Zanzibar	06/09/1873
41. Johann Hardt (50)	Mariane (46)	2	Lavrador	Católico	Neumark – Prússia Oc.		

42. Michael Karaschinski (29)			Operário	Católico	Áustria	Zanzibar	06/09/1873
43. Michael Witt (40)	Eva (45)		Operário	Católico	Münsterwalde – Prússia	Zanzibar	06/09/1873
44. Friedrich Hackbart					Pomerânia		
45. August Porges (29)			Operário	Protestante	Planitz – Saxônia	Hansa	20/09/1972
46. Anton Jeroschewski							
47. Heinrich Marschalk (31)	Annalise (31)	2	Lavrador	Católico	Elsenthal – Pomerânia	Dr. Barth	07/06/1873
48. Michael Gatz (56)	Caroline (44)	6	Operário	Protestante	Elsenthal – Pomerânia	Dr. Barth	07/06/1873
49. Anton Zipperer (47)	Elisabeth (40)	6	Lavrador	Católico	Flecken – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
... Joseph Zipperer (26) (Filho de Anton Zipperer)				Católico	Flecken – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
... Anton Zipperer Jr. (16) (Filho de Anton Zipperer)				Católico	Flecken – Boêmia	Zanzibar	06/09/1873
50. Johann Rossedeutsch (37)			Operário	Protestante	Bunzlau – Baviera	Zanzibar	06/09/1873
51. Georg Schielein (45)	Pauline (29)	1	Lavrador	Católico	Damme – Prússia Oc.	Zanzibar	06/09/1873
52. Franz Lella (33)	Anna (33)		Lavrador	Católico	Gr. Pottlas – Prússia	Zanzibar	06/09/1873
53. Anton Jaschefsky						Terpzhore	01/06/1873
54. August Küchler (29)	Rosalie (26)	2	Carpinteiro	Católico	Pr. Stargardt – Prússia	Dr. Barth	07/06/1873
55. Wilhelm Berutzky (46)	Marie (56)		Lavrador	Protestante	Bozuszewo – Pomerânia	Gutenberg	12/07/1873
56. Felix Marschalk (33)	Wanda (22)		Lavrador	Católico	Justo – Polônia	Zanzibar	06/09/1873
57. Joseph Konkel (37)	Maria (34)	4	Lavrador	Católico	Sabonsh – Prússia Oc.	Dr. Barth	07/06/1873
58. Joseph Niemezuck (60)		1		Católico	Sabonsh – Prússia Oc.	Dr. Barth	07/06/1873
59. Vicentz Czapiewsky (26)	Franziska (20)		Lavrador	Católico	Gr. Pottlas – Prússia Oc	Terpzhore	01/06/1873
60. Joseph Faralich (53)	Marianne (48)			Católico	Gr. Pottlas – Prússia Oc	Terpzhore	01/06/1873
61. Joseph Dziedzik (44)	Marie (30)	2	Lavrador	Católico	Jassow – Áustria	Zanzibar	06/09/1873
62. Franz Dolla (33)	Marianne (34)	3	Lavrador	Católico	Ponshau – Prússia Oc.	Gutenberg	12/07/1873
63. Joseph Wegrzyn (44)	Marie (36)	5	Operário	Católico	Brzyska – Áustria	Zanzibar	06/09/1873
64. Thomas Fuhrmann (40)	Sophie (24)	2	Lavrador	Católico	Pilsenow – Áustria	Zanzibar	06/09/1873
65. Brunislaw Harz (33)	Marie (20)	2	Operário	Católico	Boczalgörug – Áustria	Zanzibar	06/09/1873
66. Christian Marre							
67. Gottlieb Ladebour							
68. Mathias Pirtsch (40)			Lavrador	Protestante	Herfkirchen – Boêmia	Gutenberg	12/07/1873
69. August Lefke							
70. Octavian Tzerner (33)			Lavrador	Católico	Kottbus – Prússia Oc.	Zanzibar	06/09/1873

Tabela 2 – Lista das primeiras 70 famílias que receberam lotes por doação em São Bento do Sul, a partir de 1873.

A formação do município de São Bento do Sul é, portanto, bastante diversa. Ainda assim, pudemos observar tentativas de contar a história homogeneizando a sua origem, sob a perspectiva do monoculturalismo, reproduzindo-se o modelo da sociedade mais ampla, a brasileira, que tampouco admite a diversidade no seu mito de origem além da conhecida tríade índios-negros-brancos(portugueses). O município em questão foi (e continua sendo) formado por pessoas vindas de muitos lugares, com muitas culturas diferentes, e isso lhe confere uma marca muito importante: o plurilingüismo, que discutiremos no item a seguir.

1.6 A MULTIPLICIDADE DE LÍNGUAS DE SÃO BENTO DO SUL

O encontro de indivíduos de diversas culturas distintas em São Bento do Sul proporcionou ao município um cenário plurilíngüe e multicultural. São faladas por moradores da cidade, além de português e LIBRAS, as duas línguas oficiais do país, outras cinco línguas brasileiras de imigração: Bayerisch, Hochdeutsch (variedade coloquial), Ucraniano, Polonês e Italiano.

Quando foi elaborado o primeiro projeto desta pesquisa, não eram contempladas as outras línguas faladas em São Bento do Sul, somente Bayerisch e Hochdeutsch. Entretanto, com o passar do tempo e com as observações no ambiente da pesquisa, percebemos que, diferentemente do que imaginávamos anteriormente, há sim outras línguas ainda faladas no município, além das alemãs: o polonês, o italiano e o ucraniano também coexistem formando o cenário sociolingüístico da cidade. Esta pesquisa não poderia, portanto, concentrar-se em duas línguas minoritárias sem mencionar outras línguas de mesma situação, porque isso as estaria minimizando também. Embora tenhamos optado por nos concentrar mais nas línguas alemãs faladas em São Bento do Sul, descreveremos sucintamente a presença de outras línguas que compõem o repertório lingüístico da cidade.

A riqueza lingüística de São Bento do Sul pode ser percebida em diferentes âmbitos e períodos históricos. A análise de documentos antigos da cidade, por exemplo, permite perceber a forma como as diferentes línguas coexistiam e compreender os percursos históricos que as levaram a possuir os usos e *status* que têm hoje para os seus falantes. Nesse sentido, os jornais antigos são uma importante fonte para a compreensão do cenário sociolingüístico da cidade em séculos ou décadas anteriores. O Jornal *A Legalidade*, por exemplo, publicado em São Bento do Sul em meados de 1890, compõe um acervo muito interessante, que permite pensar a história das línguas na cidade. Num mesmo exemplar, como o citado aqui, de 25 de fevereiro de 1899, o jornal que trazia todas as matérias em alemão e português (duas colunas de texto), oferecia anúncios em três línguas aos seus leitores: alemão, português e polonês, conforme figuras a seguir:

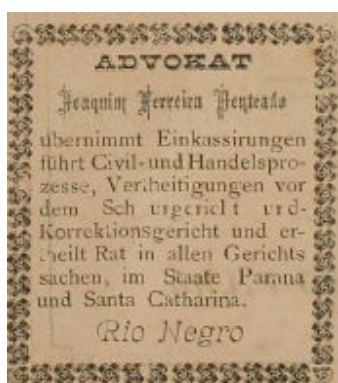


Figura 1 – Anúncio em alemão (advogado) no exemplar de “A Legalidade” de 25 de fevereiro de 1899. Fonte: Arquivo histórico de São Bento do Sul.



Figura 2 – Anúncio em português (sabão) no exemplar de “A Legalidade” de 25 de fevereiro de 1899. Fonte: Arquivo histórico de São Bento do Sul.



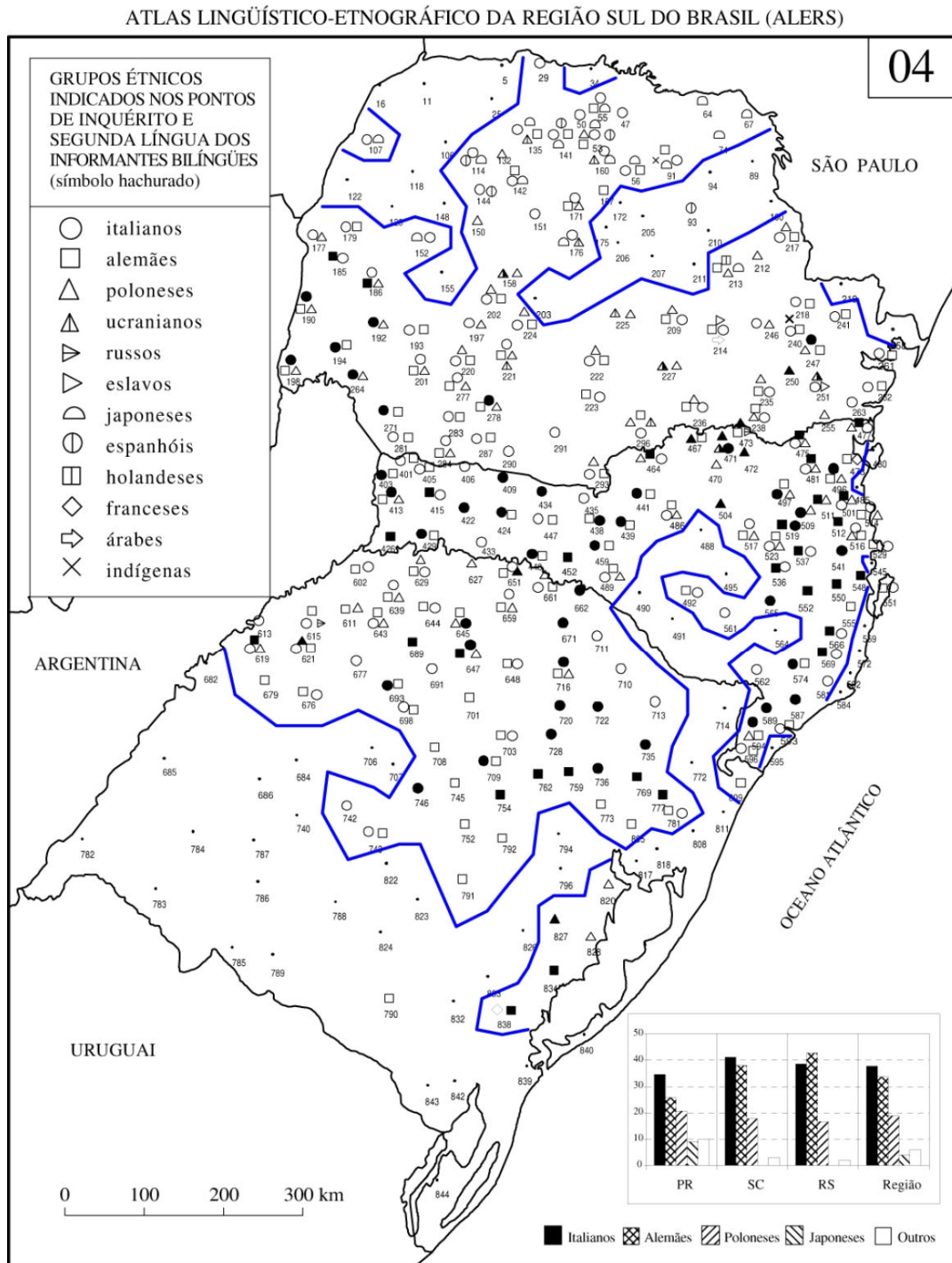
Figura 3 – Anúncio em polonês no exemplar de “A Legalidade” de 25 de fevereiro de 1899. Fonte: Arquivo histórico de São Bento do Sul.

“A *Legalidade*” era escrito, editado e impresso pelo médico alemão Dr. Felipe Maria Wolff, o qual, segundo Pfeiffer & Vasconcellos (1991, p. 247-260), residia desde 1869 em Joinville e em 1874 foi convidado pela direção da Colônia D. Francisca a se transferir para São Bento, a fim de proporcionar atendimento médico aos habitantes da povoação, fundada no ano anterior. Wolff foi o responsável pela produção do primeiro jornal são-bentense, em 1891: *Deutsches Anzeigblatt fuer S. Bento*, ou seja, “Folha noticiosa para São Bento”. Infelizmente, não há nenhum exemplar desse primeiro jornal escrito totalmente em alemão, mas o “Kolonie Zeitung”, de Joinville, algumas vezes transcrevia suas notícias e desse há alguns exemplares disponíveis no Arquivo histórico de Joinville. A respeito do Jornal *A Legalidade*, Pfeiffer & Vasconcellos afirmam:

Durante o período de tensão que antecedeu a mais sangrenta guerra civil do Brasil, Wolff lançou o seu segundo jornal semanário, intitulado “A Legalidade”, cujo primeiro número saiu em 20 de fevereiro de 1892. Era bilíngüe, pois o noticiário político trazia, lado a lado, em colunas justapostas, o texto em português e alemão. E como o título sugeria, defendia veementemente a “Legalidade” imposta por Floriano no Rio e pelos seus correligionários na Ilha de Santa Catarina. (...) Wolff não perdoava as autoridades municipais e nem tampouco seus desafetos pessoais, que não eram poucos e a quem fustigava violentamente em seus escritos, a ponto destes partirem para o desforço pessoal quando atacados em sua honra. (...) O semanário suspendeu sua publicação em meados de novembro de 1893, quando Wolff acompanhou a Coluna Argollo na sua retirada para a Lapa. Quando entraram em São Bento, os federalistas, ajudados pelos inimigos pessoais de Wolff, destruíram a tipografia e saquearam sua casa. O jornal “A Legalidade” só voltou a circular em 1895, um ano e meio depois. (p. 254).

Ao longo da construção da história de São Bento do Sul, portanto, várias línguas coexistiram e estiveram em contato. Nós identificamos cinco línguas brasileiras de imigração que permanecem em uso na cidade: Bayerisch, Hochdeutsch, polonês, ucraniano e italiano. Ucraniano e italiano, embora tenham chegado ao país juntamente com as primeiras levas de imigrantes, tiveram uma entrada mais tardia no município, principalmente durante a década de 1970, quando os descendentes de imigrantes dessas etnias, já estabelecidos em diferentes municípios brasileiros migraram para São Bento do Sul. De acordo com

mapa do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, (ALERS) apresentado a seguir, foi detectada a presença de falantes bilíngües de alemão, italiano e polonês em São Bento do Sul (município indicado pelo número 475):



MAPA 04 - Áreas bilíngües de acordo com os informantes do ALERS (cf. Altenhofen 2005)

Mapa 5 – Áreas bilíngües no sul do Brasil, de acordo com os informantes do ALERS. Cf. Altenhofen 2008, p.160.

1.6.1 Os “alemães” falados em São Bento do Sul

Muitas vezes, os descendentes de imigrantes provenientes do território que hoje se conhece como Alemanha, são nomeados “alemães” e a língua que falam é conhecida simplesmente como “alemão”. Contudo, há certos aspectos que diferenciam grupos e línguas que devem ser considerados.

Assim, é preciso considerar que a unificação da Alemanha só ocorreu em 1871 e que, antes disso, diversas levas de imigrantes alemães já tinham chegado ao Brasil, até mesmo uma parte dos imigrantes alemães que povoaram São Bento do Sul já estavam estabelecidos em Joinville (Colônia Dona Francisca) na época da criação do Estado Alemão. Essas pessoas, vindas de diversas partes do que mais tarde seria chamado de Alemanha, possuíam diferentes percepções acerca de suas identidades em função dos variados locais de origem, das línguas e dialetos que empregavam, dos trabalhos que desenvolviam, etc. Entretanto, aqui no Brasil, essas diferenças foram sendo minimizadas, tanto em função dos próprios grupos imigrantes que se aproximaram, tanto em função da população brasileira que os rotulava de alemães, como um único povo, com uma mesma língua.

Em São Bento do Sul há duas línguas de imigração alemãs: Bayerisch e Hochdeutsch. **Utilizamos o termo Bayerisch** para denominar a língua trazida pelos imigrantes da Baviera, na Alemanha, ainda hoje utilizada na cidade, predominantemente por indivíduos de religião católica. Denominamos a língua de Bayerisch e não bávaro porque é como os próprios falantes a chamam em São Bento do Sul, mesmo quando estão falando português (“Eu falo Bayerisch”). Os falantes dessa língua, portanto, em sua maioria, conhecem o nome da língua que falam e a diferenciam da “outra língua alemã” falada no município. Essa “outra língua” é chamada pelos falantes, principalmente indivíduos de religião evangélica luterana (protestantes) de “alemão de São Bento”, “alemão daqui”, “alemão diferente”, etc. Essa língua, cujos próprios falantes desconhecem o nome, é uma variedade coloquial de Hochdeutsch, a qual chamaremos aqui simplesmente de **Hochdeutsch**. Denominamos aqui, portanto, as duas línguas alemãs faladas em

São Bento do Sul como Bayerisch e Hochdeutsch, a exemplo do que os falantes fazem (no caso de Bayerisch) e que outros pesquisadores já denominaram (tanto Bayerisch como Hochdeutsch, como detalharemos a seguir). Quando nos referirmos à língua atualmente falada na Alemanha e ensinada como idioma estrangeiro em São Bento do Sul, a denominaremos nesta pesquisa de **alemão padrão**.

1.6.2 Estudos e pesquisas a respeito das línguas alemãs

A primeira iniciativa para estudo das variedades de alemão falados em São Bento do Sul partiu, no ano de 2002, da integração entre a *Friederich Alexander Universität* – FAU, localizada em Erlang-Nürnberg, Baviera, na Alemanha através do seu Vice-Reitor para assuntos internacionais Prof. Dr. em Lingüística, Bernd Naumann com a UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville, campus de São Bento do Sul. Segundo Tamanine (2008), professora da UNIVILLE e integrante desse projeto, as razões para a realização do trabalho com “os dialetos” do alemão de São Bento do Sul, seriam:

Em razão da existência de uma parceria entre a FAU e a Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, firmada através do Programa Babitonga 2000, o Prof. Naumann sugeriu a criação de um sub-projeto no programa que objetivasse especificamente estudar os dialetos de língua alemã ainda preservados na cidade de São Bento do Sul (SC), onde a UNIVILLE tem um campus. O interesse por São Bento proveio, por parte da universidade alemã, em razão de sua colonização, ocorrida no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1873, ter sido feita por imigrantes alemães, oriundos, principalmente, da região da Baviera, onde a FAU está instalada e cujo dialeto, o bávaro, teria na cidade catarinense um reduto de conservação. Por parte da universidade brasileira as razões para realização da pesquisa foram muitas, mas principalmente o fato de São Bento não ter tido esse importante tipo de trabalho de conservação (do dialeto bávaro) foi decisivo para compreender que o apoio científico da universidade seria extremamente importante para questões culturais e sociais da comunidade. (TAMANINE, 2008, p.1)

Para esta pesquisa, estiveram em São Bento, em 2002, pesquisadores alemães, que, juntamente com pesquisadores do município, gravaram 143

entrevistas com falantes de alemão. Dessa pesquisa, Naumann publicou artigo em 2004¹⁶ no qual aponta, entre suas conclusões, que **o alemão de São Bento do Sul está em forte declínio de uso**, já que a grande maioria dos falantes de alemão entrevistados nas pesquisas estava na faixa etária acima de 50 anos. Segundo Naumann, os descendentes dos imigrantes do Böhewerwald e outros falantes de alemão da quarta geração, com cerca de 50 ou 60 anos conservam a língua alemã, mas Naumann faz a ressalva de que seria falso afirmar que o alemão se conservou em sua forma original. Segundo o pesquisador, **há vários tipos de misturas e dialetos e muitos dos entrevistados por ele falavam uma variedade coloquial do Hochdeutsch.**

Ainda em função dessa pesquisa, três pesquisadoras da UNIVILLE, iniciaram o projeto de pesquisa “Aspectos socioletais e socioculturais germânicos dos imigrantes do final do século XIX ainda presentes em dados orais de falantes bilíngües (alemão / português) residentes no município de São Bento do Sul / SC no início do século XXI”. Com previsão de duração de três anos (2002 – 2004) os resultados ainda vêm sendo publicados em artigos.

No trabalho de 2008, Tamanine trata sobre as atitudes dos falantes bilíngües alemão/ português de religião católica de São Bento do Sul. Segundo aponta a pesquisadora, há uma acelerada perda lingüística da língua alemã, no entanto, sua presença ainda seria uma realidade no município. Segundo Tamanine, entre todos os seus entrevistados percebeu-se a valoração positiva frente à língua alemã como também a consciência por parte dos mesmos de que essa língua está em acelerado processo de desaparecimento na comunidade, questão que eles avaliaram negativamente. Embora a avaliação tenha sido negativa, precisa-se considerar que é comum que membros de uma comunidade lingüística, como os falantes de Bayerisch católicos estudados por Tamanine, afirmarem que “ninguém” mais fale a língua como um lugar-comum do discurso e uma fatalidade natural a que assistem passivamente.

¹⁶NAUMANN, B. Alemão e alemães em São Bento do Sul (Santa Catarina) – 1873 – 2003. Tradução: Andréa M. B. Tamanine e Erica Pfeifer. In.: Universidade da Região de Joinville. v. 9, ed. especial (2004). – Joinville, SC: UNIVILLE, 2004.

No capítulo seguinte concentraremos a discussão nos principais conceitos e definições que permeiam este estudo, inclusive a noção de bilingüismo, à qual já nos referimos neste primeiro momento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Essa dissertação é produzida dentro do âmbito da área de Política Lingüística, e para tanto, abrange diversas outras áreas de estudos, pois, tratar de contato entre línguas é também tratar de contato entre culturas distintas. Este capítulo, intitulado *referencial teórico*, foi elaborado de modo a explicitar como compreendemos, nesta pesquisa, alguns termos relevantes que aqui serão utilizados.

2.1 BILINGÜISMO

Situações de contato entre línguas, como ocorre em São Bento do Sul, conduzem ao bilingüismo. O termo bilingüismo é complexo, principalmente em função da grande quantidade de conceitos que existem para explicá-lo e também por não haver consenso entre muitos dos pesquisadores da área sobre o assunto. No senso comum, o bilingüismo é visto como a capacidade de falar perfeitamente duas línguas distintas. Dentre os inúmeros pesquisadores que procuraram definir bilingüismo, Bloomfield (*apud* Appel e Muysken: 1996, p.11) foi o que esteve mais próximo desse senso comum, estabelecendo que o indivíduo bilíngüe devesse possuir o domínio de duas ou mais línguas igual a um nativo dessas línguas. Ao contrário de Bloomfield que considerou em sua definição somente os bilíngües perfeitos, Macnamara (*apud* Appel e Muysken: 1996, p.11) propôs que o indivíduo poderia ser considerado bilíngüe se, além de possuir competência plena em sua língua materna, tivesse alguma habilidade em uma das quatro modalidades – falar, entender, ler e escrever – na segunda língua.

A compreensão de bilingüismo, no entanto, que parece ser a mais adequada à situação que descreveremos é a de Weinreich (1974, p. 17), que faz uma interpretação sociológica do fenômeno. Para o autor bilingüismo pode ser compreendido como “la costumbre de usar alternativamente dos lenguas”¹⁷, e os

¹⁷ Tradução nossa: “o hábito de usar alternadamente duas línguas”.

indivíduos que possuem esse hábito são chamados bilíngües. Nessa definição, que trata do bilingüismo como um fenômeno individual, não são consideradas as habilidades em cada uma das competências e sim uma competência geral, que é a prática de utilizar duas línguas alternadamente. Complementamos a noção de indivíduo bilíngüe de Weinreich com a definição de Heye (2003), segundo a qual a condição para o bilingüismo se estabelece de acordo com cada contexto:

Se considerarmos bilíngüe somente o indivíduo que possui domínio igual e nativo por duas línguas, estaremos por certo excluindo a grande maioria. O cerne das discussões está na explicação dos diferentes contextos, a partir dos quais a condição de bilíngüe se estabelece, bem como pelo nível de controle e uso de ambas as línguas em ambientes comunicativos distintos. (HEYE, 2003. p. 229)

As situações de bilingüismo em São Bento do Sul são, em sua maioria, de indivíduos que dominam uma língua minoritária e mais o português. Há também situações de indivíduos que dominam mais de duas línguas - trilingües ou plurilingües. As maiores ocorrências são de indivíduos que falam as duas línguas alemãs (Hochdeutsch e Bayerisch) e mais o português, mas foram encontradas também algumas situações diferenciadas, como pessoas que dominam o Hochdeutsch, o polonês e o português, por exemplo.

2.2 DIGLOSSIA

O termo *diglossia* diz respeito a um fenômeno social e é amplamente mencionado nos estudos a respeito de línguas em contato. Foi Ferguson (1974, p. 99) quem utilizou a expressão pela primeira vez para se referir a situações, em uma mesma comunidade lingüística, nas quais “as pessoas utilizam duas ou mais variantes de uma mesma língua em diferentes condições”, ou seja, **variedades funcionalmente distintas** de uma mesma língua. Para exemplificar a diglossia, Ferguson apresentou quatro comunidades lingüísticas distintas nas quais havia a coexistência de duas ou mais variedades utilizadas em contextos distintos: Haiti (francês e crioulo), Grécia (catarevusa e demótico), Suíça (alemão e suíço) e

países árabes (árabe clássico e coloquial). Segundo a definição do próprio autor (p.111):

“Diglossia é uma situação lingüística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), veículo de um grande e respeitável corpo de literatura escrita, quer de um período anterior, quer de outra comunidade lingüística, que é aprendida principalmente através da educação formal e usada na maior parte da escrita e fala formais, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação atual.”

Assim, as duas línguas ou variedades que coexistem na mesma comunidade lingüística possuem um *status* social determinado e, portanto, um conjunto específico de usos. Ferguson chamou essas formas lingüísticas de variedade alta (*High* ou H) e variedade baixa (*Low* ou L). Há situações, portanto, nas quais somente o uso da variedade alta é apropriado, e situações nas quais esse uso se inverte: a variedade baixa passa a ser a apropriada; e, segundo o autor, as variedades também podem se sobrepor ligeiramente.

Além da especificidade de funções, Ferguson (p.101 -111) apresentou outras características da diglossia, dentre as quais: o prestígio social que a variedade alta possui e a baixa não; a literatura produzida na variedade alta é vasta e muito bem considerada pela comunidade; a aquisição da variedade baixa ocorre naturalmente, nos lares, enquanto que a aquisição da variedade alta ocorre através da educação formal, nas escolas; a variedade alta conta com forte padronização, possuindo gramáticas, dicionários, etc.; além da questão de que as duas variedades de uma mesma língua podem apresentar uma gramática, um léxico e uma fonologia bastante diferentes, apesar da relação genética que há entre as línguas. Outra característica apresentada pelo autor (p.107) é a estabilidade da diglossia, o que faz com que essas situações possam durar por muitos séculos.

Fishman (*apud* Calvet 2002, p. 61-62) relacionou bilingüismo e diglossia, e demonstrou haver quatro situações possíveis:

1. *Bilingüismo e diglossia*: todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa. É o caso do Paraguai (espanhol e guarani).
2. *Bilingüismo sem diglossia*: há numerosos indivíduos bilíngües em uma sociedade, mas não se utilizam das formas lingüísticas para usos específicos. Esse seria o caso de situações instáveis, de situações em transição entre uma diglossia e uma outra organização da comunidade lingüística.
3. *Diglossia sem bilingüismo*: numa comunidade social há a divisão funcional de usos entre duas línguas, mas um grupo só fala a forma alta, enquanto a outra só fala a forma baixa. Fishman cita aqui o caso da Rússia czarista (a nobreza falava francês, o povo, russo).
4. *Nem diglossia nem bilingüismo*: há uma só língua. Só se pode imaginar essa situação em uma comunidade muito pequena. (Grifos do autor).

Fishman (*apud* Calvet 2004, p. 38) desenvolveu e ampliou o modelo de diglossia de Ferguson e também eliminou a noção de que, para haver diglossia, as línguas ou variedades precisariam ser aparentadas geneticamente. Ou seja, a partir de Fishman passou-se a considerar a diglossia tanto entre duas línguas como o árabe clássico e o árabe dialetal como entre uma língua europeia e várias línguas indígenas, por exemplo. Em São Bento do Sul, diglossia e bilingüismo indicam funcionar da seguinte maneira:

Bilingüismo / Trilingüismo	Variedade alta	Variedade baixa
Falantes de Bayerisch e português	português	Bayerisch
Falantes de Hochdeutsch e português	português	Hochdeutsch
Falantes de Bayerisch, Hochdeutsch e português	português	Bayerisch e Hochdeutsch
Falantes de polonês e português	português	polonês
Falantes de ucraniano e português	português	ucraniano
Falantes de italiano e português	português	italiano

Tabela 3 – Diglossia das línguas faladas em São Bento do Sul.

Em todas as situações de bilingüismo e trilingüismo encontradas há usos funcionalmente distintos entre as línguas, ou seja, diglossia. No entanto, não se pode afirmar, por exemplo, que o ucraniano funcione somente como variedade

baixa para os indivíduos que são bilíngües ucraniano-português, já que, além de utilizar a língua em inúmeras situações informais como com a família e na vizinhança, os indivíduos também a utilizam em situações de muita formalidade, como nas celebrações religiosas, inclusive em enterros e batizados.

A língua de maior prestígio, entre todos os grupos falantes de línguas minoritárias, é a língua portuguesa, demonstrando que o bilingüismo / trilingüismo em São Bento do Sul é de desigualdade. Isso ocorre porque a língua portuguesa está em posição muito mais forte frente a todas as línguas minoritárias de imigração ali faladas. Essa força da língua portuguesa decorre de seu estatuto social, de sua difusão nacional e dos vários tipos de repressão que as demais línguas sofreram ao longo da história do país. Com a língua portuguesa exercendo essa pressão, mesmo os indivíduos mais velhos, os quais anteriormente só falavam a língua de imigração, necessitaram possuir alguma competência no português, transmitindo menos ou de maneira imperfeita a cada nova geração, até que a língua da comunidade deixe de ser transmitida.

De todas as línguas minoritárias de São Bento do Sul, Bayerisch parece ser a língua que goza de menor prestígio social e com a circulação mais restrita a situações de informalidade. A única situação observada da utilização de Bayerisch num contexto formal ocorre uma vez por ano, com uma missa ministrada na língua, em uma Igreja Católica no bairro Lençol, afastado do Centro, e em uma área de transição entre as zonas urbana e rural do município. Para as outras quatro línguas - Hochdeutsch, polonês, ucraniano e italiano -, além de serem utilizadas no dia-a-dia em situações pouco formais, como em conversas com amigos, são também línguas utilizadas em meios formais orais e escritos, como na mídia, em correspondências, em discursos, etc.

2.3 VARIEDADE LINGÜÍSTICA E DIALETO

Utilizamos o termo *variedade* ou *variedade lingüística* para tratar de um tipo de língua. Para Fishman (1972, p. 15) o termo variedade é uma designação “não

julgadora”, diferentemente do termo dialeto, que representa um termo subordinado de língua e não apenas diferentes origens geográficas de variedades lingüísticas, como o termo era utilizado originalmente. Ou seja, o termo variedade, diferentemente do termo dialeto “indicates no particular linguistic status (other than difference) vis-à-vis other varieties¹⁸” (Fishman, 1972, p.17).

2.4 LÍNGUAS MAJORITÁRIAS E MINORITÁRIAS

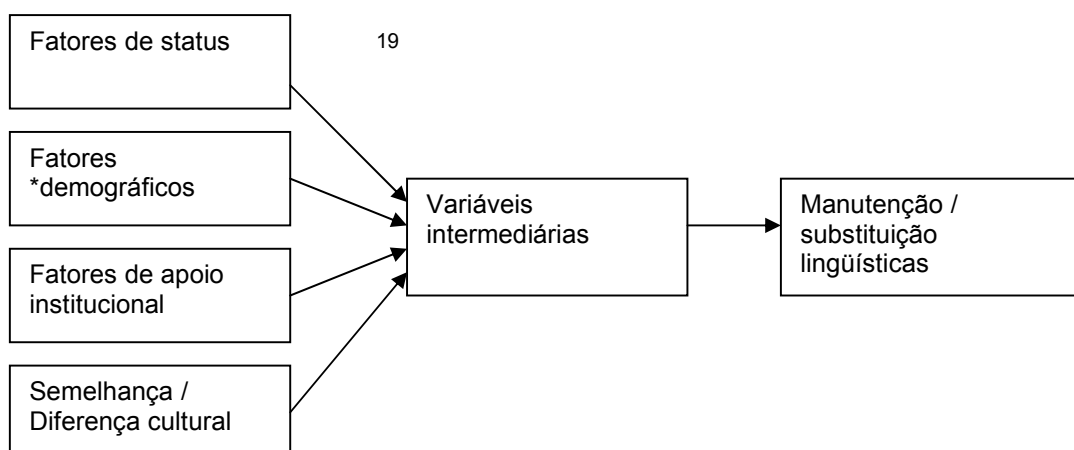
Ferguson (*apud* Calvet, 2007, p. 40) propôs distinções clássicas para as línguas, o que lhe permitia elaborar equações da situação das línguas de vários lugares. O autor distinguiu três categorias de línguas - majoritárias, minoritárias e de *status* especial -, cinco tipos de línguas - vernácula, padrão, clássica, pidgin e crioula - e sete funções - gregária, oficial, veicular, língua de ensino, língua de religião, língua internacional e língua objeto de ensino.

Do ponto de vista lingüístico, as línguas são todas iguais, contudo, sob as perspectivas econômica e política, elas não são. A situação de contato lingüístico em São Bento do Sul remete ao confronto entre línguas minoritárias e uma língua majoritária, conceitos que serão amplamente utilizados neste texto. Dentre as condições que Ferguson apresentou para que uma língua pudesse ser chamada de majoritária, destacamos: ser falada por 25% da população do país ou por mais de um milhão de pessoas, ser língua oficial ou ainda ser língua de ensino em 50% das escolas secundárias do país, condições que a língua portuguesa tem nesta situação enquanto as outras cinco línguas brasileiras faladas em São Bento do Sul não têm, e portanto, são consideradas minoritárias. Ou seja, os termos *minoritária* e *majoritária* remetem a uma situação de desigualdade entre línguas.

¹⁸ Tradução nossa: “não indica um *status* lingüístico determinado (outro além da diferença) com relação às outras variedades”.

2.5 MANUTENÇÃO, SUBSTITUIÇÃO LINGÜÍSTICA E CONCEITOS AFINS

O principal objetivo desta pesquisa é levantar e propor estratégias que possam colaborar para a revitalização e a manutenção das línguas em São Bento do Sul – SC. Giles, Bourhis e Taylor (*apud* Appel e Muysken, 1996, p. 52) elaboraram um modelo no qual sistematizam fatores que influenciam a manutenção ou a substituição lingüística. Os autores denominaram *vitalidade etnolingüística* o conjunto de três fatores principais (*status*, peso demográfico e apoio institucional) que, combinados, são capazes de garantir a manutenção de uma língua. Além desses três fatores, Appel e Muysken (p.60) adicionaram um quarto fator – semelhança / diferença cultural – e apresentaram o seguinte esquema de fatores que afetam a manutenção lingüística:



Os **fatores de *status*** elaborados por Giles *et al.* e apresentados por Appel e Muysken (p.53-60) se dividem em categorias: ***status* econômico, *status* social, *status* sócio-histórico e *status* lingüístico**. O *status* econômico é considerado um fator muito relevante nos estudos a respeito de manutenção e substituição lingüística. Nos lugares em que os falantes da língua minoritária possuem um *status* econômico relativamente baixo, há uma forte tendência a substituir essa língua pela língua majoritária. E o *status* social está muito ligado ao *status*

¹⁹ Termos foram traduzidos, tabela original está em espanhol.

econômico e possui, provavelmente, a mesma importância com relação à manutenção lingüística. O *status* social de um grupo, que neste caso se refere à auto-estima do mesmo, depende do seu *status* econômico. Já o *status* sócio-histórico provém da história etnolingüística do grupo. Muitos grupos podem se remeter a períodos em que tiveram que defender sua identidade étnica ou sua independência. Essas circunstâncias históricas podem se converter em símbolos mobilizadores que inspirem aos indivíduos a lutarem pelos seus interesses comuns como membros de um grupo etnolingüístico, assim como fizeram seus antepassados. E o *status* lingüístico, que línguas de comunicação internacional como inglês e espanhol têm, é apontado como uma possível variável importante em comunidades bilíngües.

Os **fatores demográficos** apresentados pelos autores para a manutenção de línguas fazem referência ao número de membros de um grupo lingüístico minoritário e sua distribuição geográfica. Geralmente a distribuição geográfica dos membros de grupos minoritários afeta a manutenção e a substituição lingüística de uma forma considerável. Entre os argumentos apresentados para tal, destacamos o fato de que, se vivem concentrados em certas áreas, os grupos minoritários têm mais oportunidades de manter sua língua. Outro ponto trazido pelos autores é que o contraste entre as zonas urbana e rural também é importante para a análise dos modelos de substituição lingüística porque, muitas vezes, os grupos provenientes de áreas rurais tendem a preservar a língua minoritária mais tempo do que os grupos provenientes de áreas urbanas.

Outro grupo de fatores para a manutenção lingüística apontado pelos autores é o **apoio institucional**, que diz respeito à forma como está representada a língua do grupo minoritário nas diferentes instituições nacionais, regionais ou da comunidade. Para os autores, a manutenção prevalece quando a língua minoritária é empregada nas instituições do governo, da igreja, organizações culturais, etc. Citam os meios de comunicação, a religião, os serviços governamentais ou administrativos e a educação como importantes instâncias para a manutenção de uma língua minoritária.

Além desses três grupos de fatores retirados de Giles *et al.*, Appel e Muysken apresentam um quarto grupo – **semelhança / diferença cultural** – como uma relevante variável num contexto de manutenção lingüística. Esse fator diz respeito ao fato de que, quanto mais similares são as culturas em contato, maior é a tendência para a substituição lingüística.

Assim, com a conjunção desses fatores uma língua minoritária apresenta mais vitalidade. Quanto mais vitalidade tenha uma comunidade lingüística, mais facilmente sua língua será mantida. Segundo Appel e Muysken (p.52):

En cuanto a la lengua minoritaria, esto implica que una vitalidad alta la conducirá al mantenimiento (o incluso sustitución por un uso más extendido), y una vitalidad baja acabará en sustitución por la lengua mayoritaria, o, en algunos casos, por otra lengua de más prestigio.²⁰

Entretanto, em casos como os de várias famílias de São Bento do Sul, que substituíram suas línguas minoritárias pela língua majoritária (português) ocorrem que, tendo reduzido as funções das línguas de imigração, os falantes acabem ficando menos competentes nessas línguas a cada geração, ou seja, ocorre a *perda lingüística*. Já a substituição lingüística ocorre quando uma língua dominada desaparece por causa de uma língua dominante. Substituição e perda lingüística são fenômenos que ocorrem de forma semelhante e esses processos podem, ainda, conduzir a situação de morte de uma língua. De acordo com Crystal (2000) uma língua morre quando ninguém mais a fala e mesmo que haja somente um último falante de uma determinada língua, ela já pode ser considerada morta (p.2):

If you are the last speaker of a language, your language – viewed as a tool of communication – is already dead. For a language is really alive only as long as there is someone to speak it to.²¹

De toda forma, a substituição e a perda lingüística não são processos inevitáveis. Embora as línguas minoritárias de São Bento do Sul possam estar em

²⁰ Tradução nossa: “Quanto à língua minoritária, isso implica que uma vitalidade alta a conduzirá a manutenção (ou inclusive a um uso mais ampliado), e uma vitalidade baixa acabará em substituição pela língua majoritária, ou, em alguns casos, por outra língua de mais prestígio”.

²¹ Tradução nossa: “Se você for o último falante de uma língua, sua língua – vista como ferramenta de comunicação – já está morta. Uma língua está realmente viva pelo tempo em que há alguém para falar nela”.

acelerado processo de perda, isso não significa que já tenham morrido. Para Appel e Muysken (1996, p. 69) os grupos minoritários podem se organizar diante das situações de substituição e perda lingüística e promover estratégias para a *revitalização* de sua língua:

A veces, los grupos minoritarios observan que la sustitución por la lengua mayoritaria no implica necesariamente más oportunidades educativas y mayor movilidad social ascendente. Un grupo puede prescindir de su lengua sin conseguir a cambio ventajas sociales y económicas. Ya no se le discrimina a causa de la lengua sino por su color, su cultura, etcétera. Ante esas experiencias los miembros de los grupos minoritarios pueden desarrollar estrategias para promover el uso de la lengua minoritaria y mejorar la competencia de los hablantes. Se produciría, por lo tanto, una revitalización. Que tales estrategias pueden ser efectivas lo demuestra el hecho de que el francés haya recuperado em Canadá una posición de prominencia social.²²

2.6 SEGURANÇA / INSEGURANÇA LINGÜÍSTICA

Na apresentação dos dados coletados em São Bento do Sul, diversas vezes, recorreremos ao termo *insegurança lingüística* para explicar fatos e atitudes observadas nos falantes de línguas minoritárias pesquisados. Leconte (1998, p.192), em um estudo sociolingüístico com crianças falantes de línguas africanas na França, definiu a insegurança lingüística como:

J'e entends par insécurité linguistique les situations où les locuteurs considérant leur façon de parler comme peu valorisante et ont en tête un autre modèle plus prestigieux mais qui'ils ne pratiquent pas.²³

²² Tradução nossa: “Às vezes, os grupos minoritários observam que a substituição pela língua majoritária não implica necessariamente em mais oportunidades educativas e maior mobilidade social ascendente. Um grupo pode renunciar a sua língua sem conseguir na troca vantagens sociais e econômicas. Já não se discrimina por causa da língua, mas sim pela cor, cultura, etc. Diante dessas experiências, os membros dos grupos minoritários podem desenvolver estratégias para promover o uso da língua minoritária e melhorar a competência dos falantes. Se produziria, portanto, uma revitalização. Que tais estratégias podem ser efetivas demonstra-se pelo fato de que o francês recuperou no Canadá uma posição de proeminência social.”

²³ Tradução nossa: Eu entendo por insegurança lingüística as situações nas quais os locutores consideram seu modo de falar como pouco valorizado e estão à frente de um outro modelo mais prestigiado mas que eles não praticam.

Portanto, o termo insegurança lingüística é utilizado quando o próprio falante sente que seu modo de falar é pouco prestigiado em relação a algum outro modelo que conheça, o qual ele não domine. Ao contrário, a *segurança lingüística*, como definiu Calvet (2002, p.72), existe quando o falante de um determinado idioma não se sente questionado a respeito de seu modo de falar, quando considera “*sua norma a norma*”.

Além da insegurança lingüística com relação ao uso da língua, relataremos também situações de insegurança quanto ao nome da língua, quando o fato de desconhecer a denominação do idioma que fala, influencia nas atitudes e no prestígio que o falante atribui a ele, como é o caso de diversos falantes de Hochdeutsch de São Bento do Sul.

2.7 POLÍTICA LINGÜÍSTICA

Um conceito recorrente nessa pesquisa será o de política lingüística, o qual será compreendido como:

Chamaremos *política lingüística* um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social, e planejamento lingüístico a implementação prática de uma política lingüística, em suma, a passagem ao ato. (Calvet, 2002, p.145. Grifos do autor)

Ou seja, políticas lingüísticas são intervenções nas línguas. Para Calvet, além do Estado, grupos menores também podem criar suas próprias políticas lingüísticas, e cita, por exemplo, “políticas lingüísticas familiares”. No entanto, para o autor, quem de fato pode interferir por meio de ações nas relações entre língua e vida social, ou seja, partir do planejamento para a implementação, é o Estado. A ação de política lingüística que pretendemos desencadear com essa pesquisa é a defesa das línguas em perigo no município de São Bento do Sul.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentaremos, a seguir, os procedimentos metodológicos de toda a pesquisa. Dentro dessa apresentação, detalharemos uma das etapas da pesquisa que contou com procedimentos metodológicos específicos: o diagnóstico sociolingüístico. O diagnóstico foi realizado com o intuito de conhecer os usos, as atitudes e as representações das línguas faladas em São Bento do Sul, com um recorte mais aprofundado para as duas línguas minoritárias alemãs, Bayerisch e Hochdeutsch.

3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa compreende diferentes momentos de elaboração, conta com pesquisa bibliográfica, diagnóstico sociolingüístico e produção das reflexões que propõem políticas lingüísticas que visam manter as línguas faladas em São Bento do Sul.

Outra fonte de informações é o diário dessa pesquisa etnolingüística, no qual relatei o cotidiano da coleta de dados e as minhas impressões acerca das situações que envolvem a pesquisa. Mesmo nas entrevistas que foram gravadas houve determinados aspectos que envolveram as situações que só são percebidas no momento da enunciação e, muitas vezes, essas informações podem colaborar para um melhor entendimento do universo pesquisado. As observações que não são captadas nos questionários, nas fotos e nas gravações entram no texto através de excertos (fragmentos de texto) do diário etnolingüístico produzido ao longo da pesquisa. Sobre o diário etnográfico, Geertz (1989, p.14) aponta:

“O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.”

Todas as etapas de pesquisa que envolvem idas a campo, entrevistas e observações não se configuram como coleta de dados e sim como geração de registros. Mesmo com o pesquisador procurando realizar sua pesquisa de modo a não interferir no curso dos eventos, sua presença no ambiente de observação não é nula. Assim, não se pode dizer que o pesquisador esteja simplesmente coletando os dados, como se sua presença não fosse percebida, mas sim, está gerando registros daquilo que observa.

As experiências que tive participando de projetos do IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística – contribuíram muito para a elaboração dos procedimentos metodológicos tanto da pesquisa como um todo, como também, e principalmente, do diagnóstico sociolingüístico. Na elaboração e aprimoramento dos questionários, por exemplo, foram imprescindíveis as discussões que participei para a aplicação de questionários semelhantes em vários projetos, como nos diagnósticos sociolingüísticos realizados para o Projeto Escola Intercultural Bilíngüe de Fronteira, projeto no qual o Instituto assessora o Ministério da Educação do Brasil.

3.2 METODOLOGIA DO DIAGNÓSTICO SOCIOLINGÜÍSTICO

O diagnóstico sociolingüístico, assim como a própria pesquisa, também compreende diferentes etapas: aplicação de questionários de dois tipos - simples (varredura) com alunos das escolas municipais e entrevistas em profundidade com falantes de alemão -, observação da circulação das línguas na cidade e entrevistas com pessoas-chave para a circulação das línguas de São Bento do Sul.

Os questionários simples (apresentados abaixo) foram elaborados para crianças que freqüentam o ensino fundamental em São Bento do Sul, em escolas municipais de diversos bairros da cidade. Diferentemente dos questionários em profundidade, os quais são destinados a compreender somente a situação das

variedades de alemão, os questionários simples abordam todas as línguas que possam fazer parte do repertório lingüístico da família da criança entrevistada.

LEVANTAMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO

Escola:
Série / turma/ turno:
Nome do professor (a):
Nome do aluno (a): ²⁴
Bairro e cidade em que mora:
Data de nascimento:
Sexo:
Cidade em que nasceu:
Religião:

Nas questões abaixo responda com o nome que você chama a língua (**um dialeto é também uma língua**).

1) Que língua (s) você fala ou usa EM CASA?

A) () só português.

B) () português e outra(s).

Qual(is)? _____

C) () só outra(s).

Qual(is)? _____

2) Das línguas que você conhece (não somente das que você usa em casa), **como você entende, fala, lê e escreve?**

Língua 1: _____
 Entende: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Fala: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Lê: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Escreve: () bem () mais ou menos () pouco () nada

Língua 2: _____
 Entende: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Fala: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Lê: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Escreve: () bem () mais ou menos () pouco () nada

Língua 3: _____
 Entende: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Fala: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Lê: () bem () mais ou menos () pouco () nada
 Escreve: () bem () mais ou menos () pouco () nada

²⁴ Identidades são preservadas.

3) O que você **pensa sobre essas línguas**?

Língua 1: _____

() Fácil. () Difícil. () Bonita. () Feia. () Moderna. () Antiga.

() Outro. O que? _____

Língua 2: _____

() Fácil. () Difícil. () Bonita. () Feia. () Moderna. () Antiga.

() Outro. O que? _____

Língua 3: _____

() Fácil. () Difícil. () Bonita. () Feia. () Moderna. () Antiga.

() Outro. O que? _____

4) Há quanto tempo **sua família mora em São Bento do Sul**? () até 5 anos () de 5 a 15 anos () de 15 a 25 anos () mais de 25 anos.

5) Que língua você acha **mais fácil de aprender**? _____

6) Que língua você acha **mais bonita**? _____

7) Que língua você acha **mais útil**? _____

8) Que língua você **gostaria mais de aprender**? _____

9) Alguém na sua família (bisavós, avós, pais ou irmãos) sabe falar outra língua? Quem e qual língua?

10) Essas pessoas ainda usam essa língua (ou essas línguas)?

() Não.

() Sim. Onde eles usam essa língua? () Em casa. () Com amigos. () Com vizinhos.

() No trabalho. () Na Igreja. () No comércio. () Outro lugar. Onde? _____

A ficha descritiva com os dados do entrevistado traz as informações básicas para que possam ser cruzadas as informações de modo a apontar os principais fatores para a manutenção ou não das línguas nos ambientes familiares. A informação acerca de religião diz respeito a uma hipótese que poderá ser confirmada ou não: a de que os indivíduos de religião evangélica luterana preservam mais a língua nos lares do que os indivíduos de outras religiões. Essa hipótese diz respeito ao fato de que as únicas igrejas da cidade nas quais ainda se vê presença da língua (neste caso a alemã) são as luteranas, através de cultos em alemão, informativos, etc.

As questões do questionário simples (varredura) contemplam questões que buscam identificar: as línguas faladas nos lares são-bentenses pelas crianças, o

grau de proficiência que os informantes avaliam ter nessas línguas, as avaliações que os indivíduos fazem das mesmas e as línguas que fazem parte do imaginário dos estudantes.

Já a pesquisa em profundidade foi elaborada de forma a contemplar apenas os falantes de alemão de São Bento do Sul, e assim compreender os usos, os âmbitos, as atitudes e representações dos falantes com relação à língua. Dessa forma, a metodologia para a coleta dos dados com os falantes de alemão em São Bento do Sul foi elaborada sob a forma de uma rede de relações, acreditando no mesmo que Geertz apontou:

“Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. (GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989. p. 4)

Assim, formando uma rede de relações dos falantes de alemão de São Bento do Sul, é possível identificar diversas nuances do uso da língua na cidade, assim como ambientes de encontro entre falantes e as principais situações em que o idioma é utilizado. Essa rede é essencial à formulação das políticas lingüísticas que visem valorizar e fomentar o uso da língua alemã em São Bento do Sul, pois tais pessoas são os eixos que mantém ainda a língua e que auxiliarão na implementação de políticas lingüísticas realistas, que valorizem as ações que já existem. O levantamento (sócio)lingüístico em profundidade ocorreu sob a forma do questionário apresentado a seguir, através do qual, cada falante de alemão entrevistado indicou mais duas pessoas para também responderem ao questionário. Dessa forma, esperava-se percorrer vários bairros (até mesmo aqueles que não são apontados como tipicamente possuidores de falantes de alemão), diferentes classes sociais e faixas etárias de informantes. A rede formada, propiciará pensar ações de revitalização da língua que envolva diretamente essas pessoas.

Dados do entrevistado

Nome²⁴: _____

_Naturalidade: _____

—

Idade: () menos de 20 anos () de 21 a 40 anos () 41 a 60 anos () acima de 60 anos.

Sexo: () M () F

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Bairro em que reside: _____

1) Como você chama o alemão que fala?

2) Além de alemão, que outras línguas você fala? Como as chama?

3) Quais são /eram as línguas maternas de seus pais?

4) Você gosta de falar alemão? Por quê?

5) Como são suas habilidades na língua alemã?

FALA – () bem () razoavelmente () muito pouco

LÊ – () bem () razoavelmente () muito pouco

ESCREVE – () bem () razoavelmente () muito pouco

COMPREENDE – () bem () razoavelmente () muito pouco

6) Em que situações você costuma falar alemão?

() Em casa. Com quem? () Avós () Pais ()

Irmãos () Filhos () Netos. **(A ou B)**

() Com os vizinhos.

() No trabalho.

²⁴ Identidades são preservadas.

() Na Igreja. Em qual? _____

() Com amigos. () No comércio. Onde? _____

() No grupo em que participa. Qual? _____

6A) Você transmitiu o alemão aos seus filhos?

() Sim () Não. Por quê? _____

6B) Você pretende transmitir o alemão a seus filhos?

() Sim () Não. Por quê? _____

7) Em que outras atividades você utiliza o alemão?

() Para ouvir programas de rádio.

() Para ler os artigos em alemão nos jornais da cidade.

() Outras. Quais? _____

8) O que você pensa sobre a língua alemã?

() bonita () feia; () moderna () antiquada;

() lógica () ilógica; () fácil () difícil;

() outros. O que? _____

9) O que você pensa sobre a língua portuguesa?

() bonita () feia; () moderna () antiquada;

() lógica () ilógica; () fácil () difícil;

() outros. O que? _____

10) Onde você aprendeu a falar alemão? (A)

() Em casa. Aprendeu a falar em alemão?

() Sim () Não

() Escola ou curso.

() Em viagens.

() Outro. Qual? _____

10A) Frequentou curso de alemão posteriormente?

() Não () Sim. Qual e por quanto tempo?

11) Qual língua você considera mais difícil para aprender? Português ou alemão? Por quê?

12) Você acha que há alguma vantagem em falar outras línguas? Por quê?

13) Você acha importante falar alemão? Por quê?

14) Alguma vez você já sentiu vergonha por falar alemão? Se sim, por que e quando?

15) A língua alemã é importante no seu dia-a-dia?
() Não. () Sim. Quando? _____

16) Existem coisas que você fale só em alemão, as quais não tenham tradução ou situações que você acha melhor falar alemão do que português (como expressar certas emoções, por exemplo)?
() Não. () Sim. Quando? _____

17) Quando Brasil e Alemanha jogam para quem você torce?

() Brasil () Alemanha

18) Você gostaria de ir para a Alemanha?

() Não () Sim. Por quê? _____

19) Você gosta de morar em São Bento do Sul ou gostaria de morar em outra cidade?

() Gosto de SBS. () Gostaria de morar em outra cidade. Por quê?

20) Você acha importante que se preserve o alemão em São Bento do Sul? Por quê?

21) O que você acha que os Governos (municipal, estadual ou federal) poderiam fazer para ajudar a preservar o alemão em São Bento do Sul?

22) Qual sua opinião sobre ter alemão atualmente nas escolas de São Bento do Sul?

22) Indique duas pessoas que falem alemão para serem entrevistadas e onde podem ser encontradas

O questionário para coleta de dados em profundidade foi elaborado de forma a contemplar diversos aspectos do uso da língua alemã em São Bento do Sul. Os dados de identificação do informante (ficha inicial do questionário em profundidade) compreendem: nome, naturalidade, faixa etária, sexo, escolaridade, profissão e bairro de residência. Embora sejam registrados os nomes dos informantes na pesquisa, os mesmos não serão divulgados neste estudo. O registro é necessário em função do fato de que os entrevistados nesta etapa do trabalho (entrevistas em profundidade) indicam outros falantes de alemão para serem entrevistados, e para chegar a essas indicações é necessário citar quem os indicou. Com relação às faixas etárias, optamos por trabalhar com quatro: menos de 20 anos, de 21 a 40 anos, 41 a 60 anos e acima de 60 anos. Esses dados iniciais a respeito dos informantes serão cruzados com as respostas dadas às questões propostas e espera-se que assim, cheguemos a indicações quanto aos

usos do alemão em São Bento do Sul, e também às atitudes e representações dos falantes com relação à língua estudada.

No questionário elaborado para as entrevistas em profundidade, procuramos contemplar os dois tipos de insegurança lingüística que poderíamos encontrar em São Bento do Sul: a insegurança lingüística do uso (quinta questão) e a insegurança lingüística do nome da língua (primeira e segunda questões). Compreendemos *insegurança lingüística* às ocorrências nas quais os falantes de uma determinada língua, consideram-na pouco valorizada, em comparação com alguma outra língua ou variedade lingüística de maior prestígio.

As duas primeiras questões do questionário visam identificar quais são as línguas faladas pelos entrevistados e como eles as nomeiam, especialmente com relação à língua alemã. Nos primeiros contatos com falantes em São Bento do Sul, antes do início propriamente dito das entrevistas, pudemos perceber em alguns falantes a insegurança lingüística com relação ao nome da língua, pois não souberam informar qual língua falam. Nessas primeiras conversas informais, houve diferentes apontamentos com relação à língua alemã utilizada por eles: “alemão daqui” e “alemão errado” são dois exemplos das primeiras indicações. Há que se ressaltar que os falantes que inicialmente apontaram para essa situação de desconhecerem o nome da língua que falam, foram aqueles que se identificaram como não-falantes de Bayerisch (bávaro). Já os falantes de Bayerisch demonstraram conhecer o nome da língua que falam. Nossa hipótese é que, com a realização do questionário, encontremos mais pessoas que indiquem desconhecerem o nome da língua que utilizam cotidianamente, apontando assim para um quadro de insegurança lingüística ligado ao nome da língua entre os não-falantes de Bayerisch.

Outro aspecto da língua alemã de São Bento do Sul que se procurará explicar através dos resultados apontados no questionário em profundidade é com relação à taxa da perda intergeracional da língua alemã nas famílias. Esse apontamento será possível quando houver os resultados das questões 3, 6, 6A e 6B do questionário, que trazem informações acerca das línguas maternas dos pais do informante, dos usos familiares da língua alemã (se fala/falava com avós, pais,

irmãos, esposo(a), filhos ou netos) e se transmitiu / irá transmitir ou não (e por qual razão) a língua alemã aos filhos.

No capítulo que segue, discutiremos dois principais fatores que parecem ter interferido fortemente para a situação das línguas em São Bento do Sul hoje: as políticas lingüísticas que repreenderam falantes de línguas minoritárias por volta de 1940 e a grande migração que houve para o município estudado em meados de 1970.

4. FATORES DETERMINANTES DA SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA ATUAL DE SÃO BENTO DO SUL

Hagège (2001, p. 103) identifica uma série de causas para a morte de línguas e as divide em três grupos: causas físicas, causas econômicas e sociais e causas políticas. Não houve morte das línguas minoritárias de São Bento do Sul, situação que Hagège descreve, no entanto, há diversos fatores que influenciaram e continuam agindo para a perda lingüística que vem sendo observada, que poderão levar a essa situação. Entre esses fatores, destacamos aqui as políticas lingüísticas promovidas com o intuito de eliminar outras línguas que não o português, além da forte imigração que o município sofreu principalmente por meados de 1970.

4.1 POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS QUE INTERFERIRAM NA SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SÃO BENTO DO SUL

Desde o “descobrimento” do Brasil, em 1500 pelos portugueses, houve inúmeros esforços para impor o português como a única língua legítima da nação brasileira. Ao longo da história do Estado Brasileiro, diversas ações se sucederam com o intuito de eliminar a pluralidade lingüística brasileira e promover unicamente a língua portuguesa²⁶. As primeiras ações para a eliminação de outras línguas, que não o português, no território brasileiro, ocorreram contra as línguas indígenas (autóctones), no entanto, não foram as únicas investidas do Estado para eliminar a pluralidade lingüística do país. As línguas de imigração brasileiras (ou línguas alóctones) também sofreram repressões violentas, a fim de promover a “língua nacional” única, processo que foi vivido de forma mais contundente (e violenta!) durante o regime do Estado Novo, especialmente no sul do Brasil.

Em São Bento do Sul, assim como em outras cidades colonizadas por imigrantes, a língua mais utilizada na comunicação não era o português, e sim as

²⁶ OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: Monolingüismo e Preconceito Lingüístico. In: MOURA & SILVA (org.) O direito à fala - a questão do preconceito lingüístico. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

línguas minoritárias trazidas por diferentes etnias. Sendo assim, diversos setores da sociedade são-bentense funcionavam em alemão (e alguns também em polonês, mas em menor escala): educação, imprensa, celebrações religiosas, casamentos, etc.

Embora durante o regime do Estado Novo tenha ocorrido o ponto alto da repressão lingüística às línguas alóctones, os imigrantes europeus, especialmente os alemães, já eram alvo de tentativas de nacionalização muito antes do início daquela ditadura. Esse fato pode ser percebido, por exemplo, em uma nota publicada na “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro, de setembro de 1896. Com o título “Um Estado no Estado”, o autor não-identificado afirma:

(...) a propósito da germanização do Estado de Santa Catarina publicamos em seguida o contracto que os allemães obtiveram ultimamente da boa fé do governo d'aquelle Estado para compra de 600.000 hectares (cerca de 200 léguas quadradas) nos municípios de Joinville, São Bento, Brusque e Itajay a grande maioria dos cargos públicos, suplentes de juizes de direito, commissários e sub-commissários de polícia, juizes de paz, e municipalidades foram conquistados pelos allemães, muitos dos quais não falam absolutamente a língua nacional. Pelo almanack oficial do corrente anno verifica-se que 130 allemães desempenham estes cargos officiaes contra 30 brasileiros apenas: e esta circunstância extraordinária justifica plenamente um Estado no Estado: e ninguém pode negar que o elemento allemão alli domina e predomina e que faz até imposições aos poderes governamentaes d'aquelle Estado! (Gazeta do Rio de Janeiro *apud* TERNES, 1984. p. 146)

Em Santa Catarina, essas tentativas (anteriores ao Estado Novo) de nacionalização e ações para reformar o ensino foram propostas através de decretos e leis, principalmente dos governadores Vidal Ramos (1910-1913) e Coronel Filipe Schmidt (1898 – 1902 e 1914 – 1912).

Um exemplo de política lingüística implantada antes do regime de Getúlio Vargas, mas já com o mesmo ideal nacionalizador, foi o Decreto nº. 1063, de 8 de novembro de 1917. Nesse Decreto-lei, o então governador do estado de Santa Catarina, Coronel Filipe Schmidt, estabeleceu diversas normas para o ensino, determinando inclusive as matérias em língua portuguesa cujas escolas estrangeiras deveriam incluir nos currículos, sendo as mesmas: Linguagem Oral e Escrita, História do Brasil e Educação Cívica, Geografia do Brasil e Cantos e

Hinos Patrióticos. Além disso, o mesmo Decreto afirmava que poderiam ser fechadas as escolas que não ensinassem com eficiência a língua portuguesa, podendo ser reabertas posteriormente. Caberia ao Inspetor Geral do Ensino verificar se as escolas possuíam professores que “falassem corretamente o português” e autorizá-las ou não a permanecer em funcionamento.

Com o Estado Novo o ideal da nacionalização ganhou força e passou a agir através de uma violenta campanha, a partir de instrumentos como o exército, os meios de comunicação e as escolas. No dia 10 de novembro de 1937 foi instaurada essa ditadura que dominou o Brasil até 1945. Getúlio Vargas concretizou a idéia de permanecer no poder (lugar que ocupou de 1930 a 1934, durante governo provisório e de 1934 a 1937 durante governo constitucional) mediante golpe de Estado. Vargas assumiu o Estado Novo apoiado em grande parte pelas oligarquias estaduais, de setores da Igreja e da cúpula militar, alegando o “perigo da dominação comunista”. O *Diário Oficial* publicou o texto da nova Constituição, inspirada na *Carta Magna polonesa de Pilsudski* (fascista), através da qual grandes poderes eram dados a Vargas, dentre os quais: poder de fechar o Congresso Nacional, de fechar os partidos políticos, de censura prévia e de nomear interventores nos Estados, por exemplo. Além disso, para a garantia de funcionamento do novo regime, o governo criou vários instrumentos de repressão e controle. O período do Estado Novo também é lembrado, especialmente nas zonas de colonização, pela repreensão lingüística às línguas chamadas “estrangeiras”, que instaurou através, principalmente, da campanha de nacionalização do ensino. O pilar dessa campanha era fazer com que os estrangeiros assimilassem os “conteúdos nacionais” (via escolas) e, conseqüentemente, havia também a imposição do idioma (português).

Com o Estado Novo a imigração estrangeira no Brasil passa a ser fortemente problematizada e passa a ser objeto de legislação específica, que determinava o controle das áreas de imigração diretamente pelo Governo. A partir de 1937, passaram a ser assinados dezenas de leis e decretos (municipais, estaduais e federais) que proibiam, de alguma forma, a utilização das línguas dos imigrantes. Essas ações de proibição das línguas estrangeiras em território

nacional, a partir de 1937, foram tão marcantes que seus reflexos persistem até hoje, inclusive em São Bento do Sul. Durante as entrevistas em profundidade, muitos falantes de alemão relataram histórias impressionantes a respeito da proibição ao uso das línguas. As políticas nacionalizadoras que repreendiam lingüisticamente os falantes de línguas estrangeiras, especialmente falantes de língua alemã, foram implantadas principalmente nas escolas da rede pública e privada de Santa Catarina. A centralização e controle do ensino no Estado foi concretizada através de diferentes medidas, tais quais: a proibição das línguas estrangeiras nos estabelecimentos de ensino, a criação da Superintendência Geral do Ensino e da Inspetoria Geral das Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino²⁷. Para garantir o controle à aplicação das novas legislações, os inspetores de ensino, a Delegacia da Ordem Política e Social e o Exército Brasileiro agiam para que os objetivos de homogeneização e integração do imigrante fossem atingidos. A respeito da repressão lingüística nesse período em São Bento do Sul, Kormann (2006, p. 91-92) explicita (referindo-se aos anos de 1937 até 1947):

Foi neste período que cinco campos de concentração se lotaram de estrangeiros ou filhos de estrangeiros pelo fato de não saberem falar o português. Crianças, nas escolas, levavam varadas na língua como castigo por falarem a língua porca. Igrejas, mesmo polonesas, eram invadidas a cavalo por lá se rezar em língua estrangeira. Lares foram conspurcados, torturas praticadas em cadeias e várias pessoas obrigadas a trabalhos forçados e humilhantes. Sepulturas tiveram inscrições em alemão raspadas, isso quando a lápide não era totalmente destruída. Árvores plantadas por alemães foram cortadas. Foi o ódio alemão-caboclo que encontrou sua válvula de escape e o silêncio da lei para poder explodir e manifestar-se à vontade. Poloneses que, nem mesmo na Polônia, sabiam o que vem a ser um hino nacional²⁸, foram presos e torturados por que aqui ouviram o Hino Nacional de chinelos e chapéu na cabeça. Foi também neste período que simplesmente por ordem superior, sem a ninguém consultar, comunicaram aos são-bentenses que a 30/12/1943 o nome do município de São Bento foi trocado para município de Serra Alta.

²⁷ CAMPOS, Cynthia Machado. *As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na Era Vargas*. In: BRANCHER, Ana Lise. *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999 p.157

²⁸ Não estamos de acordo com essa visão preconceituosa, que vê os imigrantes poloneses como ignorantes.

Nereu Ramos, que foi governador a partir de 1935 e interventor federal em Santa Catarina de 1937 a 1945, iniciou uma campanha de nacionalização violenta e persistente em todo o estado. Em 13 de janeiro de 1938, por exemplo, Nereu Ramos, Ivo d'Aquino, Ivens de Araujo e Rodolfo Vitor Tietzmann assinaram o Decreto-lei Estadual nº. 35 o qual proibia a utilização de nomes estrangeiros em sedes, núcleos de populações e nos órgãos públicos de Santa Catarina. Apenas nos casos de homenagens seria permitida a utilização de língua estrangeira, mas ainda assim, com prévia autorização do Governo do Estado. Foi, principalmente, em função das “grandiosas” ações nacionalistas em Santa Catarina que Nereu Ramos obteve a notoriedade e o reconhecimento que tornaram possível que assumisse, além da Presidência da Assembléia Constituinte de 1946, a Vice-Presidência no governo Dutra e a Presidência da República após a morte de Getúlio Vargas, em 1955 e 1956. CAMPOS *in* BRANCHER (1999, p.151) explicita aquilo que se pode confirmar com a grande quantidade de leis e decretos a respeito da educação no governo de Nereu Ramos em Santa Catarina: as escolas foram o principal ponto de ação das políticas de nacionalização, visando atingir também as famílias:

A educação – fosse sanitária ou moral e cívica, do corpo ou da mente -, adquiriu no governo Nereu Ramos, uma conotação até então nunca evidenciada na história catarinense. Passou a figurar como condicionante do que se poderia esperar de um bom trabalhador ou cidadão. A boa educação e um corpo saudável foram tomados como requisitos básicos para a configuração da nacionalidade brasileira. A escola foi a instituição onde pareceu ser possível, naquele momento, atingir amplos segmentos da população no sentido de normatizar, homogeneizar, disciplinar, ordenar e higienizar hábitos e comportamentos. O discurso de homogeneização apareceu, desta forma, vinculado às questões referentes à cidadania.

Entre as diversas iniciativas para a nacionalização do ensino promovidas por Nereu Ramos em Santa Catarina está o Decreto-lei nº. 88, de 31 de março de 1938, o qual estabelecia normas relativas ao ensino primário para todas as escolas particulares no Estado de Santa Catarina, sendo, inclusive, muito mais incisivo que os anteriores com relação à repressão lingüística. No Artigo 4º. desse Decreto-lei, assinado por Nereu Ramos e Ivo d'Aquino, estabeleceu-se que:

os professores de Língua Nacional, História do Brasil, Geografia e Educação Moral e Cívica deveriam ser brasileiros natos ou naturalizados, bem como os demais professores, diretores e responsáveis pelo estabelecimento de ensino. Além disso, o responsável pela instituição de ensino deveria comprovar ao Governo Estadual que a escola não era mantida ou subvencionada por nenhuma instituição ou governo estrangeiro (Artigo 5º.) No Artigo 7º. incisos 1º., 2º. e 3º. do mesmo decreto, já há recomendações quanto ao uso das línguas nas escolas:

Art. 7º – É obrigatório aos estabelecimentos particulares de ensino primário:

1º – dar em língua vernácula todas as aulas dos cursos pre-primário, primário e complementar, inclusive as de educação física, salvo quando se tratar do ensino de idioma estrangeiro;

2º – adotar os livros aprovados oficialmente;

3º – usar exclusivamente a língua nacional quer na respectiva escrituração, quer em taboletas, placas, cartazes, avisos, instruções ou dísticos, na parte interna ou externa do prédio-escolar;

Quanto ao nome da instituição escolar particular, o Decreto-Lei nº. 88 indicava que a escola só poderia ser nomeada em língua nacional e que não poderiam ser utilizadas denominações que, mesmo em português, recordassem ou exprimissem, de alguma forma, origem ou relação estrangeira. Até mesmo nas atividades extraclasse estava proibida a utilização de qualquer língua estrangeira, como em reuniões ou comemorações escolares (exceto quando o conferencista fosse hóspede oficial do Governo do Estado). Constam ainda no referido Decreto-lei (que possui 27 artigos no total), dois artigos que determinam as razões pelas quais os professores poderiam ser afastados ou as escolas poderiam ser fechadas, respectivamente nos Artigos 17º e 18º. Entre as possíveis “irregularidades” para o desligamento de professores, diretores e funcionários estava, por exemplo, se o profissional “não fizer a escrituração escolar no idioma nacional e de acôrdo com o modelo oficial”. Segundo o § 2.º, caso o afastamento do educador for motivado por ele haver impedido ou dificultado a nacionalização do ensino, o mesmo não poderia mais exercer qualquer função pública em repartição do Estado, ou em qualquer instituição mantida pelo Governo. O Art. 18º, do mesmo Decreto-lei ainda afirmava que a escola que ministrasse curso de

língua estrangeira a crianças que não tivessem o curso primário no idioma nacional, poderia ser fechada. Assim, a campanha pela nacionalização do ensino, muito mais do que fiscalizar o funcionamento da instituição escolar, passou também a intervir na prática cotidiana do professor em sala de aula, não somente alterando o quadro das disciplinas, mas também os conteúdos e a forma como eles deveriam ser transmitidos aos alunos.

Como a aprovação dessas leis e decretos surpreendia muitas vezes as instituições de ensino localizadas no Estado, essas instituições não tinham tempo suficiente para se adequarem às novas normas e acabavam por ser fechadas.

Ao mesmo tempo em que eram fechadas algumas escolas eram abertas outras pela campanha nacionalizadora de Nereu Ramos. Somente no ano de 1938 foram fechadas 138 escolas particulares e abertas 99 escolas públicas estaduais e 141 escolas municipais, sendo que em São Bento do Sul foram abertas 6 novas escolas estaduais e 2 novas escolas municipais²⁹. Entre os diversos municípios catarinenses que tiveram escolas fechadas, alguns dos mais afetados foram: Hâmonia (atual Ibirama), Blumenau, Chapecó, Joinville, Indaial, Rio do Sul, Rodeio, Laguna, Orleans, Porto União, Criciúma, Itaiópolis, Concórdia, Caçador, Jaraguá, **São Bento**, Palhoça, Bom Retiro, Timbó, Campo Alegre e Canoinhas.

Com o Decreto-lei nº. 383, de 18 de abril de 1938, o Governo Federal vedou a participação política dos estrangeiros no Brasil, proibindo-os de, por exemplo: organizar, criar ou manter qualquer tipo de entidade com caráter político; hastear bandeiras ou exibir símbolos de partidos políticos estrangeiros; organizar passeatas, desfiles, comícios ou reuniões com intenções relacionadas à política; dar entrevistas, manter jornais, revistas ou outras publicações ou mesmo fazer discursos com objetivos políticos.

Em 13 de dezembro de 1938, Getúlio Vargas, Francisco Campos, A. de Souza Costa, Eurico G. Dutra, Henrique A. Guilhem, João de Mendonça Lima, Osvaldo Aranha, Fernando Costa, Gustavo Capanema e Waldemar Falcão assinaram o Decreto-lei nº. 948, com o qual todas as medidas anteriores a

²⁹ ESTADO DE SANTA CATARINA. 1938, Secretaria do Interior e Justiça. Departamento de Educação, Inspeção das escolas particulares e nacionalização do ensino. *Relatório de 1938*. Florianópolis. Apud MONTEIRO, Jaecyr, 1979, *Nacionalização do ensino em Santa Catarina: 1930-1940*. Florianópolis, UFSC, p. 107-117.

respeito da “assimilação dos alienígenas” passaram a ser centralizadas no Conselho de Imigração e Colonização. Segundo tal Decreto, essa ação era importante em função da complexidade e da necessidade de cooperação de vários órgãos da administração pública no processo de assimilação dos colonos de origem estrangeira e a completa nacionalização dos filhos deles.

No Decreto-lei nº. 304 de 27 de fevereiro de 1939, assinado por Nereu Ramos, entre outras disposições acerca do ensino em Santa Catarina, o mesmo também determinava disposições para a contratação de professores dos estabelecimentos particulares, os quais, segundo o referido Decreto-lei deveriam: ter conhecimentos teóricos de português, redigir com correção, além de expressar-se em português com espontaneidade, sem que a prosódia denunciasse *acento estranho ao uso da língua*.

No ano de 1940 o município de São Bento passou a se chamar Serra Alta, por imposição do Governo Estadual. Tal ação se deu em função de uma ordem federal justificada no fato de que havia muitas cidades com nomes iguais, o que dificultava os serviços postais, telegráficos e estatísticos da nação. Somente em 1948, atendendo aos pedidos da população, o Governo do Estado voltou a denominar o município de São Bento, acrescentando ainda “do Sul” ao nome. Várias outras cidades tiveram seus nomes trocados na época, principalmente em função de serem nomes alemães. Muitas pessoas entrevistadas nesta pesquisa relacionam o fato da mudança de nome da cidade com a repressão lingüística que estava instaurada, apesar do nome “São Bento” aparentemente não causar ameaça qualquer à nacionalização.

Em 3 de dezembro de 1941 é assinado o Decreto-lei nº. 3580, o qual dispunha sobre a Comissão Nacional do Livro Didático. A partir desse Decreto, tornou-se proibida a importação de materiais didáticos escritos totalmente ou parcialmente em língua estrangeira, bem como sua produção no Brasil.

Embora todas as medidas referentes à nacionalização fossem tomadas de modo a incentivar o uso da língua nacional e, conseqüentemente, proibir a utilização de idiomas estrangeiros, as colônias alemãs e italianas foram mais perseguidas do que outras (poloneses e ucranianos, por exemplo) durante a

campanha da nacionalização do ensino. As colônias alemãs e italianas eram, na ótica dos governantes, as que mais ameaçavam o ideal da “unificação nacional”, principalmente em virtude da manutenção de costumes e tradições do país de origem. Além disso, a campanha de nacionalização das zonas coloniais se tornou ainda mais contundente a partir de 1942, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas e em seguida declarou guerra à Alemanha de Hitler e à Itália de Mussolini.

4.2 A INDUSTRIALIZAÇÃO E A EXPLOSÃO MIGRATÓRIA PARA SÃO BENTO DO SUL

Além da repressão lingüística, cujo ápice deu-se durante o regime do Estado Novo, diversos outros fatores influenciaram para a não-manutenção da língua alemã em São Bento do Sul. Um desses fatores foi a industrialização da cidade, ocasionando grande demanda de trabalhadores e impulsionando a migração.

A economia³⁰ de São Bento, no início da colônia, era predominantemente agrícola. A partir de 1910, entretanto, as atividades de extração e beneficiamento de madeira passaram a ter grande importância. Na década de 1920 o município já contava com 20 serrarias. Com um bom fornecimento de energia elétrica, a partir da década de 1930, novas indústrias foram estimuladas a se instalarem na região. Após a Segunda Guerra Mundial, o parque industrial de São Bento se diversificou, com a instalação de indústrias de diferentes setores: cerâmica, metalurgia e têxtil.

Segundo dados do IBGE, a população residente de São Bento do Sul entre 1970 e 2006 se configurava da seguinte forma:

Ano	Total
1970	16.656

³⁰ PEREYRA, Rubén Benedicto. Arquitetura e desenvolvimento urbano de São Bento do Sul 1873 a 1940. São Bento do Sul (SC): Prefeitura Municipal / Fundação Cultural de São Bento do Sul, 2006.

1980	35.205
1991	50.328
1996	57.098
2000	65.437
2004	73.189
2005	74.903
2006	76.604

Tabela 4 – Número de habitantes em São Bento do Sul de 1970 a 2006. (Dados IBGE)

As migrações ocorreram em diversos momentos da história do município (e continuam ocorrendo), entretanto, nas décadas de 1970 e 1980 esse processo foi muito acentuado. De 1970 até 1980, segundo dados do IBGE, a taxa média de crescimento populacional era de 7,8%, porcentagem muito superior aos anos seguintes: 3,3% de 1980 a 1991, 2,6% de 1991 a 1996, 3,4% de 1996 a 2000 e 1,6% de 2000 a 2007. Ou seja, de 1970 a 1980 a população do município mais do que dobrou. Desses novos moradores, muitos vieram de cidades próximas, tanto do Paraná quanto de Santa Catarina. Uma das cidades de onde partiram muitas pessoas em busca de trabalho em São Bento do Sul foi Itaiópolis (SC), uma região que hoje compreende os municípios de Itaiópolis e Santa Terezinha (emancipado em 1991). Região de colonização ucraniana e polonesa, muitos dos indivíduos dessas origens e que ainda hoje falam as línguas minoritárias em São Bento do Sul vieram de lá. A comunidade de falantes de ucraniano, praticamente inteira, é natural desse município.

Em conversas informais e entrevistas com pessoas que vieram de outras cidades para São Bento do Sul, observamos que, entre as décadas de 70 e 80 muitos dos nativos da cidade, os “originais”, não viam com bons olhos a chegada dos “forasteiros”. Do diário etnolingüístico:

Conversando com uma senhora de origem polonesa, que passou a morar em São Bento do Sul na década de 1970, essa relatou inúmeros acontecimentos nos quais sofreu algum tipo de exclusão ou preconceito por ser “forasteira”. Essa senhora residia no município de Itaiópolis e partiu para São Bento em função da grande oferta de empregos. Segundo relatou, um de seus irmãos já tinha se mudado um ano antes do

restante da família e havia conseguido trabalho e se estabelecido na cidade, facilitando a chegada dos demais. Um dos exemplos que deu a respeito do tratamento diferente que tinham, foi de uma tradicional loja da cidade, a qual ainda hoje existe, mas que essa senhora disse ter raiva de freqüentar nos primeiros anos de residência na nova cidade. Segundo ela, as atendentes costumavam falar alemão com as clientes e não faziam questão de se fazer compreender em português por outras pessoas. Relatou ainda, que se estivesse sendo atendida nessa loja e chegasse um cliente natural da cidade, a funcionária certamente a abandonaria em função dessa outra pessoa. (Diário de campo, 20 de setembro de 2008).

Atualmente, as migrações variam de acordo com a situação das indústrias de São Bento do Sul. Como as indústrias de móveis da cidade são responsáveis por 50% do mobiliário que o Brasil exporta, as alterações cambiais afetam fortemente a economia do município. Quando o valor da moeda norte-americana, o dólar, está baixo, próximo ao valor do real, as indústrias são-bentenses entram em crise e demitem muitos funcionários. Ao contrário, quando o valor do dólar dispara, as indústrias vendem mais no exterior (os produtos ficam mais competitivos com relação aos de outros países) e as indústrias crescem e contratam mais empregados. Essas ondas de contratações e demissões fazem com que mais pessoas cheguem ou partam de São Bento do Sul.

Com essa situação constante de migrações, a população “original” de São Bento do Sul parece ter se adaptado a receber as pessoas vindas de fora. Entre as famílias entrevistadas que disseram ter se mudado há até 10 anos para a cidade, todas relataram que não houve o mesmo preconceito e a exclusão que os migrantes das décadas de 70 e 80 perceberam. Uma forma de constatar a quantidade de migrantes e de cidades de origem que compõem os indivíduos que residem em São Bento do Sul é observar a câmara de vereadores do município. Dos dez vereadores em exercício (eleitos 2009-2012), oito não são naturais da cidade, inclusive os dois mais votados, presidente e vice-presidente da Câmara.

No capítulo que segue, apresentaremos um panorama da circulação das línguas ucraniana, italiana e polonesa em São Bento do Sul, bem como indícios da vitalidade dessas línguas.

5. PRESENÇA DAS LÍNGUAS MINORITÁRIAS EM SÃO BENTO DO SUL

A seguir descreveremos sucintamente a presença das línguas polonesa, ucraniana e italiana na cidade, de modo a possibilitar uma idéia geral sobre a circulação e a vitalidade dessas línguas em São Bento do Sul. A presença da língua alemã, foco principal deste estudo, será descrita no capítulo seguinte.

5.1 LÍNGUA POLONESA

Os primeiros imigrantes poloneses chegaram a São Bento do Sul já no início da colonização da região (por volta de 1873). Atualmente, percebem-se na cidade manifestações culturais de diversos tipos, algumas que envolvem a língua, promovidos pelas novas gerações que descendem dos colonizadores poloneses da cidade. Há diferentes entidades e grupos que organizam e centralizam atividades envolvendo a cultura e a língua polonesas. Entre essas entidades, podemos destacar a Sociedade Varsóvia Cruzeiro / BRASPOL, presidida pelo Sr. José Cieslinski, que promove, entre outras ações, curso de língua polonesa. O fato de haver a palavra “Cruzeiro” no nome da sociedade deve-se ao fato de a mesma ter sido formada no bairro Cruzeiro em São Bento do Sul, um dos principais bairros com presença polonesa na cidade. Além deste, falantes de polonês indicaram como bairros “tipicamente poloneses” também: Rio Vermelho, Rio Natal e Serra Alta. Sr. Cieslinski informou que, para o início de 2008 foram oferecidas inicialmente 40 vagas para interessados no curso de polonês, entretanto, foi necessário ampliá-las para 80, ainda assim sem poder atender toda a procura. A Sociedade Varsóvia recebeu da Prefeitura Municipal um terreno para a construção de sua sede, onde pretende realizar além do curso de polonês (que atualmente ocorre em uma escola municipal, a qual empresta a sala) outras atividades que envolvam a língua e a cultura (dança, orquestra, culinária, artesanato, etc).

Outro importante instrumento de fomento da língua polonesa é o Jornal *Polska w Brazylii*³¹ (Polônia no Brasil), editado e impresso na própria cidade. Segundo o editor do Jornal, em entrevista realizada no início de 2008, Sr. Luciano Weber, a tiragem do jornal era de 1200 exemplares, sendo que 700 eram vendidos / distribuídos em São Bento do Sul, 300 enviados para outras cidades e 200 mantidos como arquivo, pois sempre havia muitas solicitações de entidades por números antigos do jornal. Ao final do ano de 2008, o jornal já havia ampliado a tiragem para cinco mil exemplares. Apesar de São Bento concentrar a maior venda de jornais, não se conhece o perfil dos leitores porque os exemplares são adquiridos, na maioria dos casos, em bancas, lojas de conveniências e livrarias. Assim, a maior parte dos assinantes do Jornal é de Curitiba, no Paraná. Sr. Weber relatou que *Polska w Brazylii* não é um jornal que trata de notícias do cotidiano e sim traz informações históricas e culturais a respeito dos poloneses no Brasil. Segundo destacou Sr. Weber, o jornal completou um ano em 2008. Contou-nos ainda que as famílias descendentes dos primeiros poloneses de São Bento do Sul e região são fonte inesgotável de informações e histórias, as quais são a principal matéria-prima do jornal bilíngüe polonês – português. Sr. Luciano Weber citou o interesse pela criação de outros jornais bilíngües, como alemão ou italiano, por exemplo, e mencionou que a questão está sendo avaliada, mas que possui grandes possibilidades de ocorrer.

³¹ Há edições do jornal *Polska w Brazylii* em formato pdf disponíveis em: <http://www.polonesesnobrasil.com.br/jornal/inicio.html>



Reunião com sopa de beterraba Spotkanie przy zupie z buraków

Rio Negrinho*
* Cidade da região Norte de Santa Catarina.

Lideranças polônicas de Rio Negrinho voltaram a reunir-se no dia 4 de julho, para discutir as próximas atividades da recém fundada Sociedade Cracóvia. Os fundadores resolveram que a primeira ação será conhecer detalhes da culinária polonesa. A cada novo encontro mensal, um dos integrantes oferecerá um prato.

A presidente Dolores Vellasques anunciou que o primeiro evento será em sua residência, no dia 8 de agosto, às 19 horas, quando servirá uma sopa de beterraba, receita de dona Justina Barrankiewicz, também sócio fundadora.

Dolores também está fazendo um levantamento sobre a etnia polonesa em Rio Negrinho. A primeira etapa será interna. Por sugestão de Rafael Szabunia, cada membro tem a incumbência de levar ao próximo evento um pouco de sua história familiar, seja em fotografias, seja em material escrito.

A fase seguinte será a descoberta na comunidade.



Integrantes da Sociedade Cracóvia reuniram-se no dia 4.

Os sócios da Sociedade Cracóvia vão identificar pelo menos 10 pessoas de sobrenomes diferentes, para coletar informações, seja em escolas, seja em suas comunidades, o que contribuirá na pesquisa.

Polonijni przywódcy w Rio Negrinho spotkali się dnia 4 lipca

Rio Negrinho*
* Miasto w regionie Północ w stanie Santa Catarina.

Polonijni przywódcy w Rio Negrinho spotkali

się ponownie dnia 4 lipca, by omówić najbliższe działania nowo utworzonego Towarzystwa Cracóvia. Założyciele postanowili, że pierwszym wydarzeniem będzie poznanie szczegółów kuchni polskiej. Podczas każdego comiesięcznego spotkania któryś z członków zaproponuje danie.

Prezes Dolores Vellasques powiadomiła, że pierwsza impreza odbędzie się w jej mieszkaniu 8 sierpnia o godzinie 19 i zaserwuje ona tego dnia zupę z buraków (barszcz) według przepisu pani Justyny Barrankiewicz.

Dolores przygotowuje także badania polskiej grupy etnicznej w Rio Negrinho. Pierwszy etap będzie wewnątrzny. Na sugestję Rafaela Szabunii, każdy członek otrzyma polecenie przyniesienia na kolejne spotkanie części historii swej rodziny, czy to zdjęć czy materiałów tekstowych.

Kolejną fazą będzie praca w spółnoscie. Członkowie Cracóvia będą identyfikowali co najmniej 10 osób o różnych nazwiskach, by zebrać informacje, czy to w szkołach czy w swych wspólnotach.

LAMENTO

LAMENTO

Figura 4 - Jornal Polska w Brazylii – Edição n. 32 – 2a quinzena de julho de 2008, p. 2.

Há ainda, como fomentadoras da língua e cultura polonesas, diversas outras entidades, dentre as quais ainda podemos destacar: Câmara Comercial Brasil-Polônia (a segunda no Brasil, sendo a primeira na cidade de São Paulo - SP), *Polska Orkiestra Z Brazylii* (orquestra de música polonesa), corais, além de grupos de danças folclóricas, como o “Grupo Folclórico Dr. Hercílio Malinowsky”. Durante o “Seminário da Cultura Polonesa” realizado na Univille (Universidade da Região de Joinville) no dia 7 de março de 2008, o referido grupo folclórico formado por crianças de 7 a 11 anos se apresentou e falou algumas sentenças em polonês durante a dança (referentes à situação que interpretavam). Um outro indicativo da vitalidade da língua polonesa em São Bento do Sul é que, dos dez vereadores em exercício (2009-2012), dois são falantes de língua polonesa.

A presença visual da língua polonesa na cidade, entretanto, não possui muito destaque: apenas são encontrados letreiros com nomes de estabelecimentos comerciais que remetam a sobrenomes nessa língua, como pode se observar na figura a seguir:



Figura 5 – Letreiros de estabelecimentos comerciais cujos nomes são sobrenomes poloneses.

5.2 LÍNGUA UCRANIANA

A língua ucraniana falada em São Bento do Sul está com os usos cada vez mais restritos, exceto no âmbito religioso. E o principal local onde esse uso se mantém é na Igreja Exaltação da Santa Cruz, que é uma igreja católica ucraniana localizada no bairro Cruzeiro (Parque Regina). Participam ativamente das programações desta igreja cerca de 100 pessoas, embora haja cerca de 120 famílias cadastradas como membros. A maior parte dos integrantes da comunidade reside nas proximidades da Igreja, ou em bairros próximos, como Oxford e Mato Preto. No entanto, o presidente da comunidade informou que também freqüentam a Igreja algumas famílias de bairros mais distantes, como Serra Alta e Vila São Paulo.



Figura 6 – Igreja Ucrâniana Exaltação da Santa Cruz. À direita, atual sede da igreja e à esquerda a construção do novo templo.

A maior parte das famílias de origem ucraniana residentes em São Bento do Sul é proveniente do município de Itaiópolis, numa região que hoje faz parte do município de Santa Terezinha – SC, a cerca de 120 quilômetros de São Bento do Sul (ver mapa a seguir), e passou a morar na cidade nas décadas de 1970 e 1980, justamente quando houve uma migração muito acentuada para a cidade, conforme detalhamos no capítulo 4.



Mapa 6 – Mapa indicando localização do município de Santa Terezinha.
Fonte: www.mapainterativo.ciasc.gov.br

Todo segundo final de semana de cada mês (sexta e sábado), ocorre a comercialização de comida típica ucraniana na comunidade, com o intuito de arrecadar fundos para a conclusão da obra da nova igreja. Acompanhamos as vendas nos dias 13 e 14 de fevereiro de 2009. De 20 a 30 pessoas da comunidade trabalharam naqueles dias preparando e comercializando os alimentos, principalmente mulheres de aproximadamente 50 anos. No dia 13, pudemos acompanhar os trabalhos na cozinha e conversar sobre a língua ucraniana com as senhoras que preparavam Perohê, Holuptzi e Borchtch, além de outros pratos. Do diário etnolingüístico desta pesquisa:

Quando questionadas sobre o conhecimento em língua ucraniana, poucas mulheres disseram que sabiam falar o idioma. Entretanto, um pouco depois, começaram a cantar algumas músicas em ucraniano e trocaram algumas sentenças entre elas enquanto cozinhavam. Por pelo menos duas vezes, percebi que falavam sobre mim. Provavelmente sentiram-se inseguras no primeiro momento diante de alguém que não conheciam e que estava, notadamente, interessada na língua em que falavam. Mais tarde, elas confirmaram que todas eram bilíngües ucraniano-português. (Diário de campo, 13 de fevereiro de 2009).



Figura 7 – Senhoras de origem ucraniana preparando pratos típicos.

Eliana Grahl, uma das senhoras da comunidade, informou que não há como precisar o número de pessoas que dominam a língua ucraniana na cidade, no entanto, acredita que cerca de 100 pessoas, com diferentes graus de proficiência, sabem a língua ucraniana. Essas pessoas seriam justamente as mais assíduas

freqüentadoras da Igreja; a Sra. Grahl defendeu essa idéia em função de que as celebrações religiosas ocorrem na maioria das vezes em português e ucraniano (sendo alternados os idiomas) e em alguns casos somente em ucraniano e que, portanto, as pessoas que as freqüentam devem, no mínimo, compreender bem a língua. As celebrações e atividades da comunidade são coordenadas pelos padres Arcenio Krefer e Antônio Zubek, ambos de Curitiba. As missas ocorrem quinzenalmente, sempre no primeiro e no terceiro sábado de cada mês, às 16 horas. Ocorrem ainda, mensalmente, o encontro do Apostolado da Oração e do Movimento Eucarístico Jovem. Celebrações como casamentos, batizados e velórios podem ocorrer em língua ucraniana, se a família desejar. Segundo as senhoras voluntárias da comunidade, quase todos os velórios da comunidade ocorrem em ucraniano, sendo menos comuns os batizados e casamentos totalmente feitos na língua. Conforme detalharam, há 20 anos, a catequese era dada totalmente em ucraniano, por duas freiras de Prudentópolis (grande comunidade de falantes de ucraniano no Brasil³²) que residiram em São Bento do Sul, e as senhoras entrevistadas manifestaram vontade de que voltasse a funcionar dessa forma.

Os falantes denominam a língua como ucraniano ou ainda *ucraíno*. Segundo os entrevistados, não há em São Bento do Sul nenhum nome de rua ou mesmo de estabelecimento comercial que esteja em ucraniano. Dentre as 20 senhoras que participaram da entrevista, apenas três disseram conseguir ler em ucraniano. Algumas relataram as dificuldades em compreender o sistema escrito daquela língua.

Quando falávamos do sistema escrito da língua ucraniana, várias pessoas manifestaram interesse em “aprender a língua”. Algumas chegaram até a mencionar que precisariam de um professor de ucraniano e de materiais didáticos. A maioria daquelas pessoas falava o ucraniano perfeitamente, no entanto, sua insegurança se dava em função de não dominarem “a gramática”, como mencionaram, da língua em questão. Ou seja, sentem necessidade de um conhecimento

³² A respeito da língua ucraniana em Prudentópolis/PR: OGLIARI, Marlene Maria. **As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Florianópolis, 1999. 2v. Tese (Doutorado).

escolarizado, que determine a norma de utilização do idioma. Outra questão interessante nesse grupo foi que, logo que iniciamos as conversas, algumas das pessoas presentes no ambiente disseram que eu deveria conversar sobre a língua ucraniana com uma senhora chamada D. Olga, porque somente ela dominaria “bem” a língua. Mais tarde compreendi que isso ocorreu porque essa senhora é a que mais domina a leitura da língua ucraniana. (Diário de campo, 13 de fevereiro de 2009).

A comunidade católica ucraniana de São Bento do Sul mantém contato, principalmente, com a comunidade ucraniana de Mafra, a aproximadamente 60 quilômetros da cidade. Ali funcionará a Paróquia da qual fará parte a comunidade ucraniana de São Bento. Morarão lá os padres que atenderão, além das duas comunidades citadas, também Rio Negrinho, Volta Grande, Guaramirim e Joinville.

Quando questionados se há crianças falando a língua ucraniana na cidade, os entrevistados informaram que não conhecem nenhuma que efetivamente domine a língua: segundo eles, muitas delas conhecem palavras, expressões e até mesmo algumas músicas na língua. Os entrevistados lamentaram muito o fato de a língua estar se perdendo ao longo das gerações. Quando questionados a respeito do que poderia ser feito para reverter essa situação, houve unanimidade nas respostas: ensinar a língua nas escolas.

5.3 LÍNGUA ITALIANA

Assim como com a língua ucraniana, a presença da língua italiana em São Bento do Sul é posterior à chegada dos falantes de alemão e polonês. As famílias de origem italiana chegaram a São Bento do Sul principalmente durante a década de 1970, quando houve a explosão migratória para o município, como foi mencionado no capítulo quatro. Essas famílias, como as de sobrenome Moser, Postai, Bertoldi, Rosá e Giacomini, são provenientes de municípios colonizados por imigrantes italianos, sendo as principais: Rodeio, Rio do Sul, Rio do Oeste e Benedito Novo, todas em Santa Catarina. As famílias entrevistadas disseram falar italiano e algumas disseram falar também “dialeto trentino” (proveniente do norte

da Itália). Segundo estimativas dos entrevistados, há, provavelmente, cerca de mil pessoas em São Bento do Sul de origem italiana. No entanto, não há estimativas sobre a quantidade de falantes da língua.

Estabelecidas em São Bento do Sul, a maior parte das famílias deixou de falar a língua italiana no lar e de transmiti-la às novas gerações, entretanto, de acordo com entrevistados, recentemente está havendo uma re-valorização e uma busca por utilizar a língua minoritária nos lares, principalmente pelos membros mais velhos das famílias. Nos últimos dez anos na cidade, houve a fundação de um grupo coral, o “Circolo Italiano di São Bento do Sul” e a criação de um programa de rádio em língua italiana, o que demonstra a busca dos falantes por manter vivo o idioma. No entanto, a utilização da língua no ambiente familiar é pequena: a maioria das famílias entrevistadas disse não falá-la mais em casa. Em entrevista com Sr. Gentil Postai, professor de língua italiana em um curso promovido pelo Centro de Cultura Italiana Paraná – Santa Catarina (vinculado ao Consulado da Itália de Curitiba-PR), o qual conta com cerca de 40 alunos em São Bento do Sul, ele mencionou que não fala português com sua esposa em casa, só falam “no dialeto trentino”, no entanto, seus filhos, mesmo conhecendo a língua não a falam. Do diário etnolingüístico:

Sr. Gentil Postai, que tem três filhos, relatou que somente uma filha fala a língua italiana (italiano padrão). Chamou muito a minha atenção o relato emocionado que ele fez ao mencionar que seus filhos teriam vergonha de falar trentino e mencionar a dor que isso lhe causa. A falta de prestígio parece ter afetado todas as línguas minoritárias de São Bento do Sul. (Diário de campo, 05 de março de 2009).

Todos os domingos, Sr. Gentil Postai apresenta na Rádio Liberdade (87,9 FM), das 10 horas ao meio-dia um programa no qual alterna italiano padrão, trentino e português. O programa tem boa aceitação, audiência e patrocinadores, porém, segundo informou Sr. Postai, a maior parte das pessoas que participa do programa, sugerindo canções ou enviando mensagens, são indivíduos de origem alemã e polonesa.

O “Circolo Italiano di São Bento do Sul” foi fundado em maio de 1996 e atualmente tem como única atividade um coral. Dezesesseis pessoas, todas com

mais de 40 anos, participam dos ensaios desse coral, e todas declararam ter adquirido a língua italiana na infância, em seus lares. O coral promove, além dos ensaios, encontros e festividades com as famílias dos integrantes, quando se apresentam e, muitas vezes, falam italiano entre si.

Não há um bairro em São Bento do Sul onde se concentrem as famílias de origem italiana, elas estão estabelecidas de forma heterogênea, espalhadas em diversas regiões do município.

A respeito de uma solução possível para que a língua italiana não se perca por completo, os entrevistados foram unânimes em responder que consideram necessário ensinar a língua nas escolas do município, entretanto, consideram muito difícil que isso ocorra, por acreditarem haver mais interesse de que se ensine a língua alemã por parte da comunidade são-bentense.

6. DIAGNÓSTICO SOCIOLINGÜÍSTICO DOS USOS, ATITUDES E REPRESENTAÇÕES DAS LÍNGUAS ALEMÃS FALADAS EM SÃO BENTO DO SUL.

Apresentaremos, a seguir, os resultados das três etapas do diagnóstico sociolingüístico realizado para esta pesquisa. Essas etapas compreenderam: 1) aplicação de questionários a alunos de escolas municipais em diferentes regiões do município (entrevistas simples – varredura); 2) aplicação de questionários mais complexos com falantes das línguas alemãs de modo a formar uma rede de relações (entrevistas em profundidade) e 3) observação da circulação das línguas alemãs na cidade e também dos indivíduos, entidades e eventos incentivadores dessas línguas.

6.1 ENTREVISTAS SIMPLES (VARREDURA)

Os questionários simples, como se afirmou anteriormente, foram aplicados com alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais de localizadas em diversos bairros de São Bento do Sul. De modo a contemplar igualmente o município, o dividimos em três grandes regiões (A, B e C) e, das 25 escolas municipais, selecionamos nove, três para cada região, como detalham a tabela e o mapa a seguir:

Bairro	Amostragem	Escola
REGIÃO A		
Mato Preto	20%	EBM Sophia Schwedler
Boehmerwald	100%	EBM Alexandre Alfredo Garcia
Cruzeiro	100%	EBM Professora Garibaldina Fuginaga
REGIÃO B		
Bela Aliança	20%	EBM Aracy Hansen
Dona Francisca	20%	EBM Dr. Hercílio Malinowsky
Dona Francisca	100%	EBM Professora Ladir dos Santos
REGIÃO C		
Schramm	20%	EBM Prefeito Henrique Schwarz
Rio Vermelho Povoador	100%	EBM Profa. Maria Ferreira Ziemann
Rio Vermelho Estação	20%	EBM Emilio Engel

Tabela 5 – Lista das escolas municipais pesquisadas, nas três regiões delimitadas.

As amostragens ocorreram de forma diferenciada (em algumas escolas 100% e em outras 20%), em função da quantidade de alunos de cada instituição escolar. Dessa forma, foram entregues aproximadamente 150 questionários em cada uma das três regiões delimitadas, 450 formulários no total. Nas escolas que possuem até 100 alunos cursando o Ensino Fundamental (1º a 9º ano) os questionários foram entregues para 100% dos alunos. Já nas escolas com população maior (400 alunos, por exemplo) os questionários foram entregues para 20% dos alunos. Embora tenham sido distribuídos aproximadamente 150 questionários em cada uma das três regiões elaboradas para esta pesquisa, o preenchimento e o retorno desses formulários variou de escola para escola, atingindo-se 224 questionários no total, os quais serão analisados a seguir.

Para a entrega dos questionários houve diferentes procedimentos, na maioria das escolas (especialmente nas quais pudemos entregar os formulários a 100% dos alunos) foi possível entrar nas salas de aula e proceder a entrega dos mesmos. Houve poucas escolas, no entanto, nas quais não foi possível entrar nas salas de aula. Nesses casos, os questionários foram deixados com a diretora ou com uma especialista e essa pessoa foi instruída de forma a distribuí-los heterogeneamente, ou seja, sem pré-determinar os alunos que receberiam os formulários (no caso das amostragens de 20%, em média seis alunos por turma receberam o formulário).

Os alunos levaram os questionários para suas casas, para que, com a ajuda dos pais ou responsáveis, fossem respondidos e devolvidos à professora no dia seguinte.

A apresentação dos dados, a seguir, ocorrerá por região, por escola e também o total do município, a fim de poder **determinar os pontos fortes e fracos da manutenção das línguas em São Bento do Sul**. Os dados presentes nos questionários apontaram para a necessidade da criação de categorias de indivíduos, pois apresentaram diferenças significativas de acordo com o uso dessas línguas no lar. As categorias foram elaboradas, também, em função de possibilitar um recorte para o estudo aprofundado da situação das línguas alemãs de São Bento do Sul: Bayerisch e Hochdeutsch. A presença de outras línguas nos

questionários das crianças será descrita separadamente, porém, com menos detalhes sobre os usos, atitudes e representações. Sendo assim, as categorias utilizadas no processamento dos dados foram:

Categoria 1 – Indivíduos falantes de alguma língua alemã (Bayerisch ou Hochdeutsch) no ambiente familiar - somente uma ou ambas as línguas alemãs ou ainda com presença de outras línguas, como português e polonês, por exemplo.

Categoria 2 – Indivíduos que informaram possuir algum grau de conhecimento de alguma das línguas alemãs em alguma das quatro habilidades (compreensão, fala, leitura e escrita), mas que, no entanto, não utilizam essas línguas nos lares.

Categoria 3 – Indivíduos que não falam Bayerisch ou Hochdeutsch.

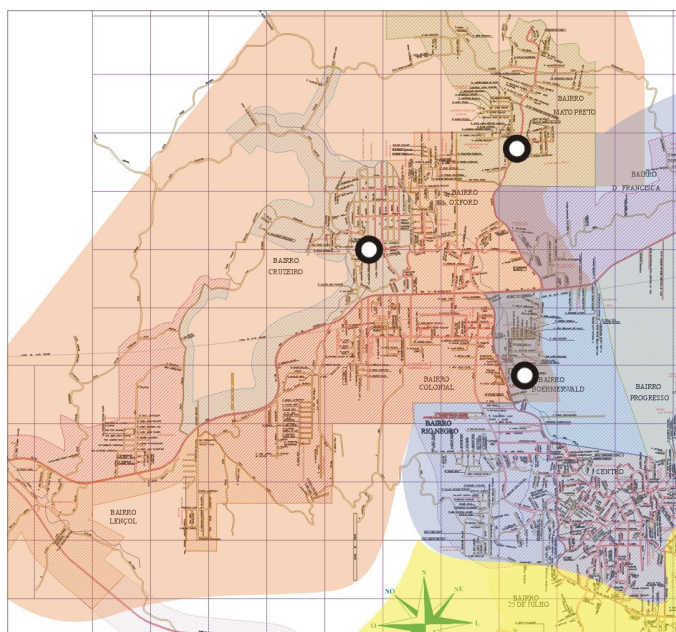
De acordo com as categorizações elaboradas para a pesquisa e as quantidades de questionários entregues nas escolas e o efetivo retorno deles, o universo estatístico pesquisado, que será analisado a seguir, se configura da seguinte forma:

ESCOLAS	QUESTIONÁRIOS ENTREGUES	QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS			
		TOTAL	CAT1	CAT2	CAT3
REGIÃO A					
EBM Sophia Schwedler	50	29	6	8	15
EBM Alexandre Alfredo Garcia	60	22	0	0	22
EBM Profa. Garibaldina Fuginaga	55	35	5	7	23
REGIÃO B					
EBM Aracy Hansen	50	28	7	6	15
EBM Dr. Hercílio Malinowsky	50	35	6	2	27
EBM Profa. Ladir dos Santos	60	36	3	0	33
REGIÃO C					
EBM Prefeito Henrique	70	8	5	1	2

Schwarz					
EBM Profa. Maria Ferreira Ziemann	30	15	1	1	13
EBM Emílio Engel	60	16	4	3	9

Tabela 6 – Questionários entregues e preenchidos nas escolas municipais pesquisadas.

6.1.1 Região A



Mapa 8 – Região A ampliada, com localização das três escolas pesquisadas.

A região A, localizada ao noroeste do município de São Bento do Sul, compreende seis bairros, dos quais três foram pesquisados através das escolas municipais: Mato Preto, Boehmerwald e Cruzeiro. Das três escolas nas quais foram entregues questionários nessa região, duas foram sugeridas pela Secretaria de Educação do Município: a EBM Sophia Schwedler, por estar inserida em uma comunidade de falantes de alemão (Hochdeutsch e Bayerisch) e por contar com oficinas da língua (alemão padrão) para os alunos e, a EBM Vereador Alexandre A. Garcia, por ser uma escola recém-inaugurada e ainda não se conhecer o perfil de seus educandos. Além dessas duas escolas, escolhemos ainda a EBM

Professora Garibaldina Fuginaga, por estar localizada em uma zona de transição entre as áreas urbana e rural do município (“rurbana”), diferentemente das outras duas escolas já citadas, que estão localizadas em área urbana.

Embora possam ser feitas algumas conexões, os resultados das três escolas pesquisadas na região A se apresentam de forma bastante distinta. A primeira escola, EBM Sophia Schwedler, apresenta um cenário plurilíngüe, contando com crianças falantes de diferentes línguas minoritárias, predominando Hochdeutsch. Os alunos que falam a língua alemã em casa (categoria 1) avaliaram suas competências de forma superior aos alunos que a dominam, no entanto, não a falam no ambiente familiar (categoria 2).

Na EBM Vereador Alexandre A. Garcia, a qual foi pesquisada integralmente, não encontramos crianças que falem outra língua em casa além do português. Um dos fatores que influencia esse fato está na questão de que no bairro onde a escola está inserida se concentram muitas famílias de outras cidades que passaram a morar em São Bento do Sul.

A EBM Professora Garibaldina Fuginaga, por sua vez, possui crianças falantes de polonês, ucraniano e também de Hochdeutsch e Bayerisch (embora Bayerisch só tenha sido mencionado como a língua que alguns avós falam). Nessa escola, entre os indivíduos da categoria 1, encontramos grande insegurança lingüística quanto ao uso da língua alemã associado ao baixo prestígio que lhe atribuem, enquanto que os indivíduos da categoria 2 avaliam melhor suas proficiências e também atribuem maior prestígio à língua. Um dos fatores que influencia esses dados provavelmente é o fato de que a maior parte dos indivíduos da categoria 1 reside na área rural do município, enquanto que os indivíduos da categoria 2, em sua maioria, residem na área urbana.

6.1.1.1 Escola Básica Municipal Sophia Schwedler

Na EBM Sophia Schwedler, localizada no bairro Mato Preto (região A delimitada nesta pesquisa), 50 questionários foram entregues aos alunos de todo o Ensino Fundamental e houve retorno de 29 deles, ou seja, 58%. O bairro Mato

Preto foi apontado por diversos moradores, inclusive pela Secretaria de Educação do Município, como uma das localidades em que provavelmente pudesse haver a presença de falantes de língua alemã. Além disso, um dos fatores que pode influenciar os resultados, principalmente os dados com relação ao letramento da língua alemã nessa escola, é o fato de que há oficinas de língua para os alunos no contra-turno. Essas oficinas não levam em conta o conhecimento prévio que as crianças possuem da língua alemã e atribuem à língua caráter de língua estrangeira, o que ela não é, definitivamente, para muitas das crianças inscritas, e sim é a língua materna. Retornaremos a esse tema mais adiante, quando tratarmos dos cursos de língua alemã existentes em São Bento do Sul.

De acordo com as categorias elaboradas para esta pesquisa, entre os alunos da EBM Sophia Schwedler, 21% pertencem à categoria 1, ou seja, são falantes de Hochdeutsch ou Bayerisch em casa, 27% pertencem à categoria 2, ou seja, crianças que falam uma das línguas minoritárias, embora não no ambiente familiar e 52% pertencem à categoria 3, de crianças que desconhecem as línguas minoritárias alemãs. Quanto aos perfis desses indivíduos, dois fatores parecem ser relevantes para compreender os usos, atitudes e representações dos alunos com relação às línguas: religião e tempo que a família está estabelecida em São Bento do Sul.

Dentre as crianças da categoria 1, a maior parte das famílias está estabelecida há mais de 25 anos na cidade (66,67%) e para 33,33% a família está entre 5 a 15 anos residindo no município. Entre os informantes da categoria 2, 25% das famílias estão na cidade há até cinco anos, 37% estão de 5 a 15 anos, 12,5% estão de 15 a 25 anos, 12,5% estão há mais de 25 anos e 12,5% não responderam à pergunta. As famílias das crianças da categoria 3 estão, em sua maioria, entre 5 e 15 anos em São Bento do Sul (47%), 20% disseram que a família está há mais de 25 anos, 20% que a família está há menos de 5 anos, 6,5% de 15 a 25 anos e 6,5% não responderam. Há nos arredores da escola, portanto, diversas famílias falantes de língua alemã provenientes de outras cidades, no entanto, essas famílias indicaram utilizar menos a língua alemã em casa do que famílias “originais” de São Bento do Sul ou estabelecidas na cidade

há muitos anos. De acordo com os dados dos questionários, **nesta comunidade, portanto, quanto mais tempo estiverem estabelecidas as famílias no município maiores as chances de serem faladas as línguas minoritárias alemãs nos lares.**

A religião também parece interferir na manutenção das línguas pelas famílias. Os indivíduos da categoria 1 dessa escola informaram ser: evangélicos luteranos (50%), católicos (33,4%) e 16,6% não responderam. Entre os indivíduos da categoria 2, 88% afirmaram ser católicos e 12% protestantes. A categoria 3 é formada por 27% de luteranos e 73% de católicos. Esses números demonstram que as famílias evangélicas luteranas (também chamadas protestantes) preservam mais as línguas alemãs nos lares do que as famílias católicas, naquela comunidade. Uma das razões para essa manutenção se deve ao fato de que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) mantém diversos segmentos em alemão padrão, elevando o prestígio dessa língua para as famílias e incentivando-as a continuarem utilizando esses idiomas, por outro lado, coibindo o uso das variedades não-padrão da língua. Em São Bento do Sul, há celebrações de cultos em alemão padrão, realização de encontros diversos, além da distribuição de materiais impressos na língua.

A respeito das línguas faladas em casa pelas crianças da EBM Sophia Schwedler, 79,3% das crianças entrevistadas responderam que falam somente português nos lares, enquanto que para 17,2% das crianças são faladas duas línguas no ambiente familiar, ou seja, português e alguma outra língua. Somente para 3,5% dos entrevistados a língua falada no lar é somente outra que não o português. **Essa outra língua falada nos lares pelas crianças (categoria 1) é o alemão para 100% dos entrevistados.** Nos questionários, os alunos chamaram a língua que falam como “alemão” ou “alemã” (língua), provavelmente fazendo referência a Hochdeutsch, já que os falantes de Bayerisch, em geral, nomeiam a língua (embora nem sempre assumam falá-la). Uma hipótese é que possa, devido ao grande número de famílias vindas de outras localidades, haver ou ter havido alguma outra língua de origem alemã entre aquelas famílias, com denominação desconhecida por seus falantes. Já com relação às línguas faladas pelos

familiares, houve uma referência a Bayerisch. Uma estudante que se identificou como falante de alemão no questionário (categoria 2 – 7ª série) informou que o avô: “Meu avô V.S.³³ ele fala um tipo de dialeto alemão o bairish”, ou seja, essa estudante tem consciência de que a língua que ela mesma fala (“alemão”) é diferente daquele “dialeto” que o avô fala (“bairish”).

Embora vários indivíduos tenham afirmado dominar, em algum grau, outra língua, nem todos declararam utilizá-las nos lares. Das crianças que conhecem outras línguas, mas que não a utilizam no ambiente familiar, 34,8% afirmaram conhecer, com diferentes avaliações sobre as proficiências, a língua alemã (indivíduos da categoria 2). Além disso, 3,45% dos informantes afirmaram dominar, em algum nível, a língua polonesa. Surpreendeu-nos, ainda, o retorno de um questionário de uma criança do 1º ano, que informou não falar outras línguas no lar, no entanto, afirmou compreender e falar pouco alemão e falar, ler e compreender grego razoavelmente (“mais ou menos”). De acordo com os dados desse questionário, a família dessa criança é de Imbuia – SC e está há menos de cinco anos morando em São Bento do Sul. O aparecimento da língua grega naquele espaço (e possivelmente de outras línguas) deve-se, provavelmente, ao fato de que, próximo a EBM Sophia Schwedler está localizado o “Lar Filadélfia”, um espaço de propriedade de uma missão evangélica. Naquela área há casa de repouso, Faculdade de Teologia, residência de professores, estudantes e missionários, além de diversos outros espaços. Pessoas de diversas partes de Santa Catarina e do Brasil residem nas proximidades do local e os filhos dessas pessoas, em geral, estudam na escola pesquisada.

Com relação ao grau de proficiência na língua alemã apontada pelos entrevistados: **os alunos que informaram utilizar a língua alemã nos lares (categoria 1) avaliaram suas competências de forma superior aos indivíduos que informaram conhecer em algum grau o idioma, no entanto, sem utilizá-la em casa (categoria 2).** Entre os indivíduos que falam a língua alemã em casa, categoria 1 (gráfico a seguir), as avaliações das competências foram: 67% disseram compreender bem o alemão, e 33% disseram compreendê-la “mais ou

³³ Utilizamos as iniciais para preservar a pessoa citada.

menos”. A habilidade da fala foi avaliada por esses indivíduos da seguinte forma: 50% informaram falar bem a língua alemã e 50% informaram falar “mais ou menos”. A avaliação das habilidades de leitura e escrita³⁴ foi inferior ao informado, com relação às habilidades de fala e compreensão. Com relação à leitura, em torno de 33,4% informaram ler bem em língua alemã, 16,6% informaram ler pouco, 16,6% disseram ler “mais ou menos” e 33,4% informaram não lerem em língua alemã (“nada”). A avaliação da escrita foi similar à da leitura: 33,4% disseram escrever bem em língua alemã, 16,6% informaram escrever “mais ou menos” e 50% informaram escrever pouco. Dentre esses indivíduos, aqueles que avaliaram compreender, falar, ler e escrever bem a língua alemã (33,4%) são indivíduos um pouco mais velhos, cursando a 8ª série. Nessa questão, chama a atenção o fato de 33,4% das crianças da categoria 1 dizerem não ler em língua alemã, no entanto, com relação à escrita, não houve quem avaliasse sua competência da mesma forma (“nada”). Pode ter havido alguma dificuldade com a interpretação da questão, talvez em vez de avaliar a competência, algumas crianças possam ter compreendido a frequência com que utilizam essas habilidades no dia-a-dia.

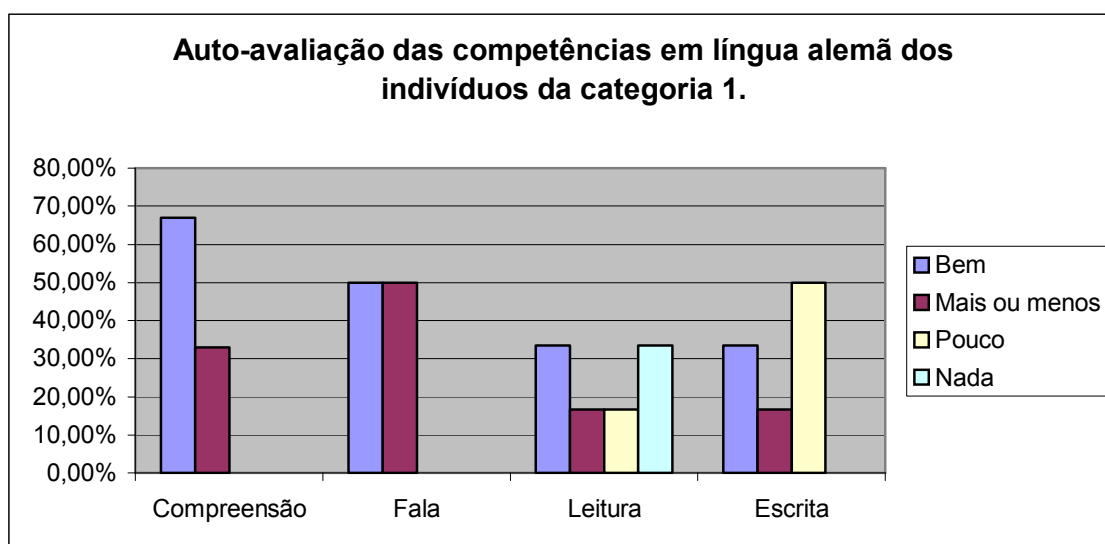


Gráfico 1 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Sophia Schwedler, Região A.

³⁴ Um fator que influencia os dados sobre leitura e escrita da L2 em todas as escolas pesquisadas é que, entre os indivíduos entrevistados, há alguns cursando os primeiros anos do Ensino Fundamental e que, portanto, não poderiam sequer dominar perfeitamente tais habilidades na L1.

As quatro habilidades (compreensão, fala, leitura e escrita) foram avaliadas da seguinte forma pelos indivíduos que informaram falar somente português nos lares (categoria 2): com relação à compreensão, 25% disseram entender bem a língua alemã, 12,5% mais ou menos e 62,5% pouco. 12,5% avaliaram falar bem, 25% falar mais ou menos e 62,5% falar pouco. Dessas crianças, ainda, 12,5% informaram ler bem, 25% mais ou menos, 25% pouco e 37,5% disseram ler nada. Na escrita, 25% disseram realizar bem essa habilidade, 37,5% pouco e 37,5% nada, conforme gráfico a seguir.

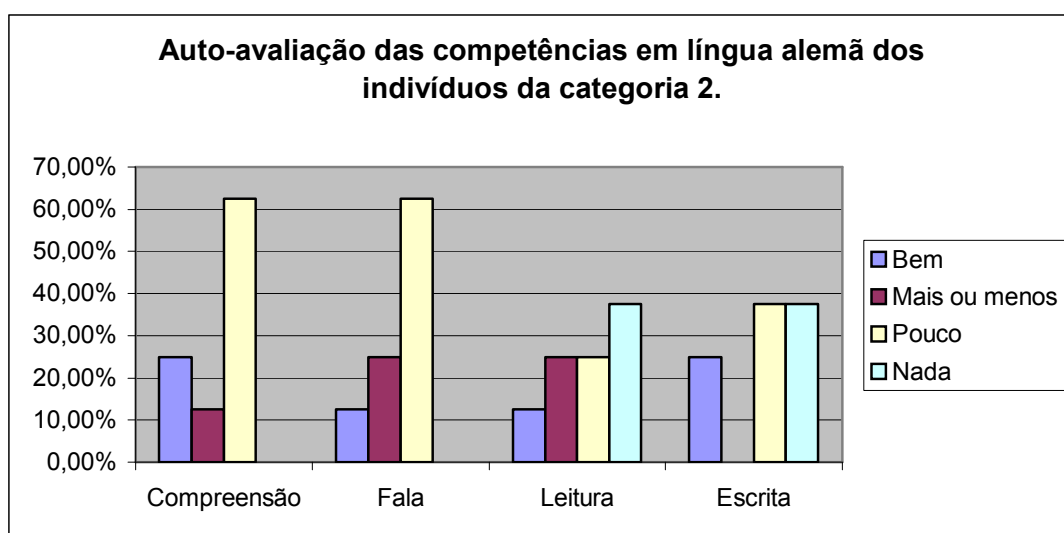


Gráfico 2 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 2. EBM Sophia Schwedler, Região A.

Quanto às atitudes dos educandos com relação à língua alemã, havia uma pergunta no questionário que indagava o que os alunos pensavam sobre as línguas que falam. Havia opções para preencher (fácil, difícil, bonita, feia, moderna, antiga) e um campo para que colocassem alguma outra opinião a respeito de cada uma das línguas que disseram conhecer. Os estudantes podiam marcar mais de uma opção nessa questão. **Sobre as atitudes com relação à língua alemã, novamente as respostas foram diferentes nas três categorias de indivíduos apresentadas.** Entre os indivíduos da categoria 1, os quais falam alemão em casa, as atitudes com relação à língua foram em sua maioria positivas

no questionário: do total das respostas (havia, em alguns casos, mais de uma resposta do mesmo informante): 50% indicaram a língua como fácil, 10% disseram que a língua é difícil, 20% que é bonita e 20% que é antiga. Já entre os indivíduos da categoria 2, os quais falam alemão, mas não nos lares, as respostas apontaram: cerca de 35% indicaram a língua como fácil, 7% como difícil, 22% como bonita, 7% como feia, 7% como moderna e 22% como antiga. Essa questão não foi respondida pelos indivíduos da categoria 3. Embora pareça haver atitudes positivas nos questionários dos alunos, há que se considerar que muitos afirmam um discurso politicamente correto, mas que na prática, talvez não pensem ou ajam dessa forma. Do diário etnolingüístico:

Entrei nas salas de aula da EBM Sophia Schwedler para entregar os questionários e explicar sucintamente do que se tratava: “estou estudando as línguas faladas em São Bento do Sul”, dizia eu. Em algumas turmas, pelo menos em três, perguntei aos alunos se eles falavam alguma outra língua, além do português. As respostas sempre eram inglês ou espanhol. Só quando eu insistia e perguntava se os pais ou avós também falavam alguma outra língua, os alunos respondiam alemão e, poucas vezes, polonês. Somente depois que alguns alunos haviam manifestado as línguas de imigração faladas pelos pais ou avós, é que crianças que até ali estavam caladas se manifestavam dizendo “eu também falo”. Ficou muito claro que, até que outras crianças (geralmente não falantes de línguas minoritárias) falassem do conhecimento dos familiares sobre essas línguas, os alunos falantes das mesmas línguas não quiseram expressar seus conhecimentos provavelmente por vergonha diante de mim, do professor e da turma. (Diário de campo, 13 de outubro de 2008).

Quanto às línguas presentes no imaginário das crianças, a língua apontada como a **mais fácil de aprender** (ver gráfico a seguir) para os estudantes falantes de alemão em casa (categoria 1) foi a língua portuguesa (50%), seguida da alemã (33%) e da espanhola (17%). Já entre os indivíduos falantes só de português em casa, mas que conhecem outras línguas (categoria 2) a língua mais fácil de aprender é a alemã (50%), seguida da espanhola (25%) e portuguesa (25%). Interessante observar, nos resultados dos questionários, que os indivíduos que já falam a língua alemã em casa (categoria 1), consideram-na menos fácil para aprender do que os que não falam (categoria 2). Entre os indivíduos que não sabem falar alemão (categoria 3), os resultados para essa questão foram: inglês

(46%), português (20%), alemão (13,5%) e polonês (7%). Houve indivíduos da categoria 3 que não responderam a essa questão (13,5%).

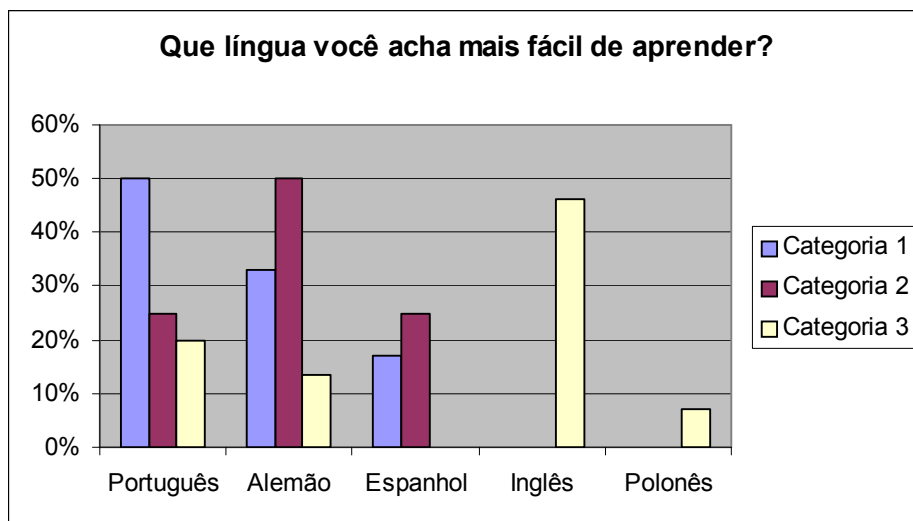


Gráfico 3 – Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A.

Na pergunta sobre qual língua os indivíduos consideram **mais bonita**, as respostas dos estudantes se apresentaram da seguinte forma:

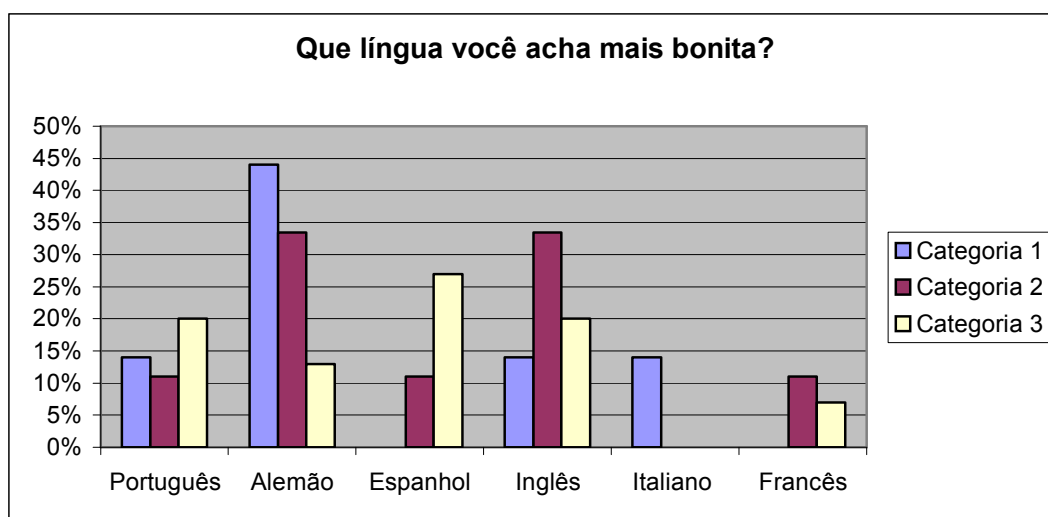


Gráfico 4 – Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A.

Para os indivíduos da categoria 1 (falantes de alemão no lar) a língua mais bonita é a alemã (44%), seguida por inglês (14%), português (14%) e italiano (14%). 14% dos entrevistados pertencentes a essa categoria não responderam a essa questão. Já entre os estudantes pertencentes à categoria 2, a língua mais bonita é alemão (33,5%), inglês (33,5%), espanhol (11%), francês (11%) e português (11%). Para os informantes pertencentes à categoria 3, a língua considerada mais bonita é o espanhol (27%), seguida por inglês (20%), português (20%), alemão (13%) e francês (7%). Cerca de 13% dos informantes da categoria 3 não preencheram essa questão nos formulários. Chama a atenção, no gráfico, como a língua alemã sofre uma queda na quantidade de indivíduos que a consideram bonita, de acordo com a categoria dos informantes: entre os indivíduos que a utilizam no lar (categoria 1), 44% a consideram bonita, entre os indivíduos que não a utilizam no lar, mas possuem algum grau de conhecimento da mesma, 33,5% a consideram bonita e, entre os indivíduos da categoria 3, que não falam alemão, esse idioma é considerado bonito por 13%. É possível que as respostas dessa pergunta escondam alguma ideologia e que dizer que uma língua é mais bonita talvez possa significar mais importante para si. Outra questão interessante com relação a essa pergunta é que os indivíduos da categoria 3 apontaram o espanhol como a mais bonita (27%) – provavelmente por ser mais parecida com a língua portuguesa –, mas não a citaram como uma língua fácil de aprender na questão anterior. Isso pode funcionar como uma justificativa para encobrir o fato de não saber a língua alemã, que está tão fortemente presente no entorno daquela comunidade e da escola.

Outra pergunta constante no formulário preenchido pelas crianças se referia à língua que as crianças consideram **mais útil**. As respostas se configuram da seguinte forma:

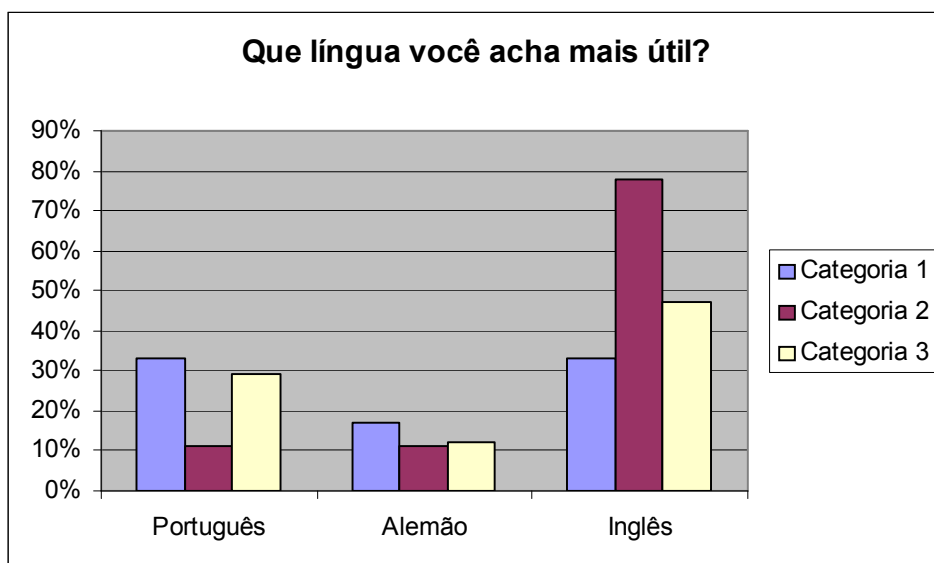


Gráfico 5 – Línguas consideradas mais úteis segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A.

Para todas as categorias, as únicas línguas associadas à utilidade presentes nos formulários preenchidos por estudantes da EBM Sophia Schwedler foram somente a portuguesa, a alemã e a inglesa. A língua considerada mais útil, entre todas as categorias foi a inglesa, sendo: 33% para a categoria 1; 78% para a categoria 2 e 47% para a categoria 3. A portuguesa também foi mencionada nos questionários como útil, para 33% dos informantes da categoria 1; 11% da categoria 2 e 29% da categoria 3. Embora menos representativo em termos de porcentagem, o idioma alemão também apareceu como útil nas respostas das crianças: 17% para a categoria 1; 11% para a categoria 2 e 12% para a categoria 3. Aqui, as respostas dos indivíduos da categoria 2, os quais consideram o inglês como o idioma mais útil, parecem, novamente, justificar o não falar alemão em casa, o que acreditam ser esperado no discurso da pesquisadora neste estudo.

Com relação ao idioma o qual os estudantes têm interesse de aprender, houve cinco respostas diferentes: inglês, alemão, espanhol, francês e italiano. Entre os informantes da categoria 1, as línguas de interesse para o aprendizado são inglês (50%) e alemão (33%), sendo que 17% não responderam. Na categoria

2, as crianças gostariam de aprender espanhol (27,5%), italiano (27,5%), alemão (18%), francês (18%) e inglês (9%). Já entre os estudantes pertencentes à categoria 3, 37% informaram que gostariam de aprender inglês, 31% alemão, 19% espanhol e 13% não responderam.

Sobre os idiomas falados por familiares, foram citadas: polonês, polaco, alemão (provavelmente Hochdeutsch e talvez também alemão padrão), Bayerisch e espanhol, o que revela o mosaico multicultural e multilingüe que é a região em torno da escola. Entre os familiares citados estão, principalmente avós e bisavós, embora haja também diversas menções de pais, tios e primos que falam as línguas apontadas.

Fazendo um recorte somente para a língua alemã, quando as crianças foram questionadas se seus familiares ainda utilizariam essa língua, as respostas apontaram:

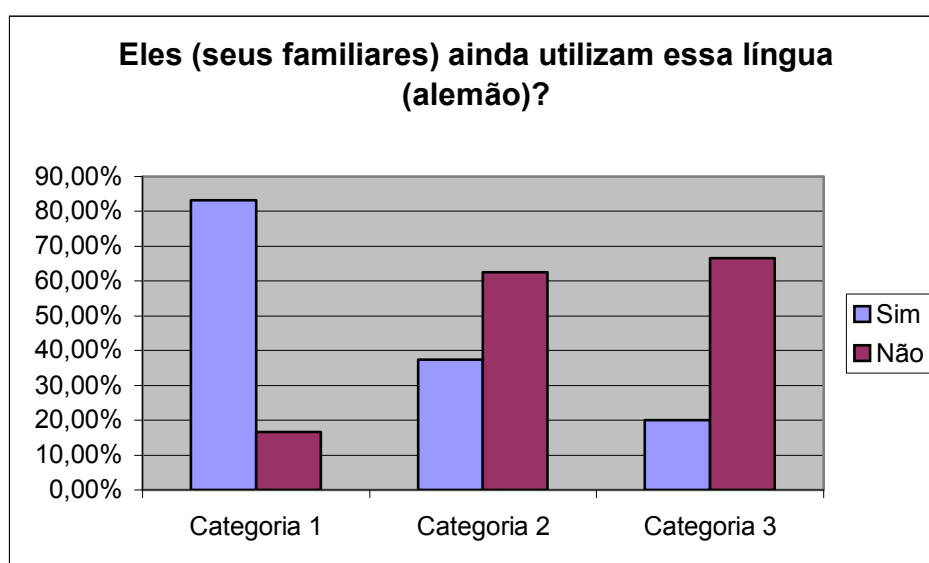


Gráfico 6 – Familiares que ainda utilizam uma das línguas alemãs, segundo os indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Sophia Schwedler, Região A.

Na categoria 1, considerando-se somente os indivíduos que disseram possuir familiares que saibam falar alemão, 83,33% declararam que seus familiares ainda utilizam a língua alemã e 16,67% disseram que eles não a

utilizam mais. Na categoria 2, 37,50% informaram que os familiares utilizam a língua alemã e 62,50% que não a utilizam mais. Já na categoria 3, cerca de 20% continuam falando alemão no dia-a-dia enquanto que 66,67% não. 13,33% dos informantes dessa categoria não responderam.

A respeito dos ambientes onde essas pessoas continuam utilizando a língua alemã, as respostas apontam: 39,29% em casa ou com a família; 21,43% com amigos, 21,43% com vizinhos, 7,14% no trabalho, 7,14% na igreja e 3,57% no comércio, ou seja, os ambientes institucionalizados – formas públicas – são os em que menos essas línguas são faladas pelos familiares das crianças entrevistadas, o que pode ser compreendido como um indicativo do baixo prestígio delas para os falantes.

6.1.1.2 Escola Básica Municipal Vereador Alexandre A. Garcia

A EBM Vereador Alexandre A. Garcia foi escolhida para integrar essa pesquisa por estar em uma região próxima ao centro da cidade (bairro Boehmerwald – região A) e também por ser uma escola nova, inaugurada em março de 2008. Não se conhece bem, ainda, portanto, o perfil dos educandos que passaram a freqüentar aquela escola. Nos arredores da escola há uma comunidade de casas populares (COHAB), sendo que a maior parte das pessoas que ali residem são operários das indústrias da região. Há, também, naquela região, algumas ruas com população de classe média. Esse bairro é relativamente novo, existe há menos de dez anos. Antes de se tornar um bairro, essa região fazia parte do bairro Colonial. Há famílias “originais” de São Bento do Sul morando ali e também famílias vindas de fora da cidade. O elemento exógeno tende, muitas vezes, a se concentrar em determinada área, como ocorre nesse bairro. Entre as crianças entrevistadas, 27% afirmaram que a família mora em São Bento do Sul há mais de 25 anos, 36% de 15 a 25 anos, 23% de 5 a 15 anos e 14% até 5 anos. Há, portanto, nesse bairro, diversas famílias vindas de outras cidades em diferentes épocas.

Diferentemente da EBM Sophia Schwedler, a EBM Vereador Alexandre A. Garcia não apresentou nos questionários grande pluralidade lingüística entre as crianças. Foram distribuídos 60 questionários na escola e houve retorno de 22 deles, ou seja, aproximadamente 37%.

Todos os indivíduos dessa escola foram classificados na categoria 3 de nossa análise, ou seja, **nenhuma das crianças fala alemão em casa ou tem qualquer grau de conhecimento da língua**. Com relação a outras línguas, apenas um questionário (representa 4% da escola) trouxe informações sobre a polonesa e a italiana. Uma mesma criança, estudante do 4º ano, informou que compreende pouco polonês (não fala, não lê e não escreve); compreende “mais ou menos” e fala pouco italiano (não lê e não escreve). Informou ainda, com relação aos familiares, que a avó veio da Itália.

O imaginário das línguas das crianças dessa escola, especialmente com relação ao alemão, apresenta-se de forma bastante diferente de escolas nas quais os estudantes saibam falar o idioma. Com relação à pergunta sobre a língua mais fácil na opinião dos entrevistados, por exemplo, não houve referência à língua alemã. O idioma mais fácil para 54,55% dos entrevistados é o português, seguido por inglês (27,23%), espanhol (9,09%), polonês (4,55%) e chinês³⁵ (4,55%). Apenas 4,55% não responderam a essa questão.

Quando questionados sobre qual língua pensavam ser a mais bonita, as crianças apresentaram várias respostas diferentes: inglesa (44%), alemã (12%), portuguesa (8%), francesa (8%), espanhola (8%), chinesa (4%) e italiana (4%). Houve quem não respondesse (8%) à questão e quem dissesse que todas as línguas são bonitas (4%).

Segundo a noção de utilidade de uma língua, provavelmente relacionada ao efetivo uso que fazem da mesma, as crianças apresentaram suas opiniões, destacando a língua portuguesa como a mais útil (50% das respostas). As outras línguas consideradas como mais úteis pelos estudantes foram: inglês (29,17%), alemão (8,33%), espanhol (8,33%) e polonês (4,17%). Houve quem respondesse

³⁵ Provavelmente referindo-se a mandarim.

que todas as línguas são úteis (3,85%) e quem deixasse em branco a questão (3,85%).

A preferência pelo aprendizado de línguas nessa escola se configura da seguinte forma: 54,55% das crianças gostariam de aprender inglês; 27,27% alemão; 9,09% espanhol; 4,55% chinês e 4,55% polonês.

Cerca de 41% das crianças entrevistadas não possuem familiares (tios, primos, pais, avós e bisavós foram citados) falantes de outra língua, enquanto 69% deles disseram ter parentes falantes de outras línguas e mencionaram quais línguas seriam essas. Desses 69%, os idiomas mais falados pelos familiares dos alunos da EBM Alexandre A. Garcia são: o alemão³⁶ (62,5%), o italiano (12,5%), o ucraniano (12,5%) e o polonês (12,5%). **Ou seja, se 69% dos parentes próximos dessas crianças são falantes de línguas minoritárias e somente 4% das crianças dizem ser proficientes nessas línguas, houve perda lingüística em 65% das famílias entrevistadas.**

Com relação somente à língua alemã, as crianças informaram que 56% dos familiares ainda utilizam a língua, enquanto que 44% não. Essas pessoas que ainda fazem uso da língua alemã a utilizam: 50% em casa ou com familiares; 25% com amigos; 12,5% com amigos e 12,5% na igreja. Há uma tendência observada, em todas as escolas pesquisadas, como locais ou situações de uso das línguas alemãs mais citados, os ambientes privados e menos formais, o que não foi diferente na EBM Vereador Alexandre A. Garcia.

6.1.1.3 Escola Básica Municipal Professora Garibaldina Fuginaga

A terceira escola pesquisada na região A, Escola Básica Municipal Garibaldina Fuginaga, está localizada no bairro Cruzeiro e atende, além de crianças do próprio bairro, outras provenientes de áreas rurais do município, principalmente da localidade de Ponte dos Vieiras. Nessa escola, que contava com cerca de 55 alunos no momento da pesquisa, os questionários foram

³⁶ Não houve outras denominações para a língua alemã.

entregues para a totalidade dos educandos e houve o retorno de 35 deles, ou seja, 64%. De acordo com os dados preenchidos nos questionários, os alunos foram classificados conforme as categorias adotadas nesta pesquisa: indivíduos que falam Bayerisch ou Hochdeutsch no ambiente familiar integram a categoria 1 e representam 14% de todos os entrevistados. Os indivíduos que possuem algum grau de proficiência em uma dessas duas línguas minoritárias sem, no entanto, utilizá-las no ambiente familiar são classificados na categoria 2 e correspondem a 20% dos alunos entrevistados na EBM Professora Garibaldina Fuginaga. Já os estudantes que não falam nenhuma das línguas minoritárias alemãs mencionadas fazem parte da categoria 3 e representam a maioria nessa escola: 66% dos questionários preenchidos. Chamou a atenção, a respeito das demais línguas minoritárias, dentro da categoria 3, o questionário de um aluno que mencionou falar ucraniano no lar. Era esperado haver menções a respeito da língua ucraniana nos questionários dessa escola, já que ela está localizada no bairro Cruzeiro, o bairro com maior incidência de famílias de origem ucraniana da cidade e onde também está localizada a Igreja Ucraniana, em cuja língua ainda é utilizada, como já foi mencionado no capítulo anterior.

Outra questão importante, que certamente interfere nos dados dessa escola, é que essa é uma escola localizada numa região um pouco distante do centro do bairro Cruzeiro, que é bastante populoso e conta com diversos tipos de estabelecimentos comerciais e indústrias. Embora ainda faça parte do bairro, a escola está em uma área de transição entre a zona urbana e a rural do município (“rurbana”). Assim, freqüentam-na estudantes vindos de ambas as zonas. Dos estudantes da categoria 1, por exemplo, 80% residem em localidades da área rural, enquanto que, entre os estudantes da categoria 2, 71% dos estudantes residem na área urbana ou na área de transição entre urbana e rural. **Esse fator parece ser decisivo em várias questões respondidas por crianças dessas duas categorias com relação à língua alemã, principalmente no que diz respeito à proficiência que avaliam ter (indivíduos da categoria 1 avaliaram ter menos competência em língua alemã do que os indivíduos da categoria 2), o que parece refletir um quadro de insegurança lingüística com relação**

ao uso da língua. Além disso, o prestígio do alemão entre os indivíduos da categoria 2 parece ser maior do que o atribuído pelos indivíduos da categoria 1, como poderá se observar nos resultados da questão sobre a língua considerada mais bonita pelos alunos, por exemplo.

Em todos os questionários das categorias 1 e 2, a língua falada pelas crianças foi denominada de alemão. Provavelmente são falantes de Hochdeutsch e, talvez, também de Bayerisch. Embora os falantes de Bayerisch conheçam o nome da língua, muitos não manifestam falá-la. Com relação às proficiências, os indivíduos da categoria 1, as avaliaram da seguinte forma:

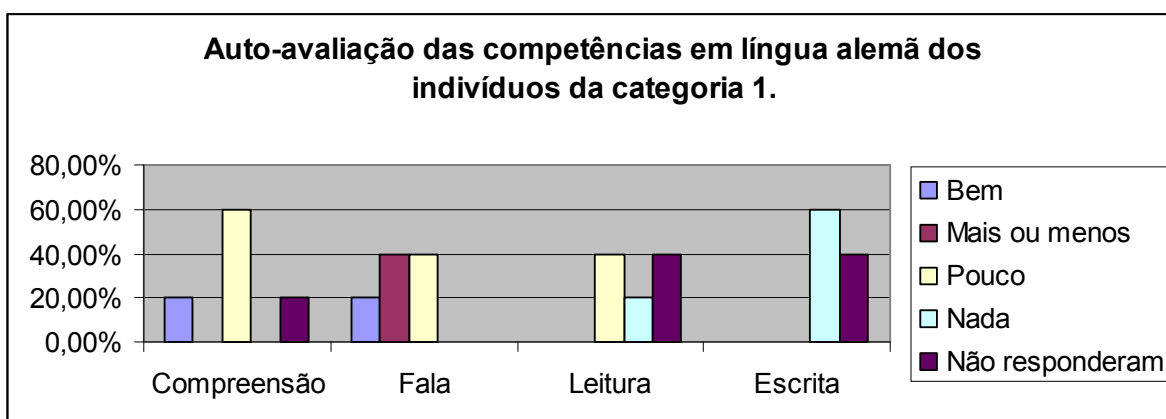


Gráfico 7 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A.

A compreensão, entre os indivíduos da categoria 1, foi avaliada como pouca para 60% dos entrevistados, boa para 20% e 20% não responderam a esse item. Já a modalidade da fala, foi avaliada como razoável (“mais ou menos”) para 40% dos alunos, como pouca para 40% e como boa para 20%. Nenhum dos entrevistados da categoria 1 afirmou ter boa ou razoável competências de leitura e escrita em língua alemã. 40% avaliaram suas competências para leitura em língua alemã como pouca e 20% avaliaram não lerem em alemão. 40% não avaliaram a leitura, assim como 40% também não avaliaram a competência para a escrita.

Surpreendeu-nos o fato de os indivíduos da categoria 2 avaliarem ligeiramente melhor suas habilidades em língua alemã do que os falantes da

categoria 1, da EBM Professora Garibaldina Fuginaga. Embora as crianças dessa escola não tenham as oficinas de língua alemã na instituição escolar, como acontece na EBM Sophia Schwedler, por exemplo, onde parece haver a influência de um ensino da língua escolarizado / normatizado nos indivíduos da categoria 2 dessa escola, já que houve crianças que avaliaram as competências de leitura e escrita como boas, o que geralmente não ocorre entre crianças que tenham adquirido a língua somente no ambiente familiar. Das crianças pertencentes à categoria 2, entrevistadas nessa escola, 29% disseram compreender bem a língua alemã e 71% mais ou menos. Já com relação à fala, 14,29% disseram falar bem, 28,57% mais ou menos, 28,57% pouco e 28,57% nada. Lêem bem em língua alemã 28,57% dos entrevistados, enquanto que 42,86% disseram ler pouco e 28,57% afirmaram “ler nada”. Para a escrita, a maior parte dos entrevistados disse não dominar essa habilidade (57,14%), e também houve quem dissesse ler pouco (28,57%) e mesmo quem dissesse ler bem (14,29%).

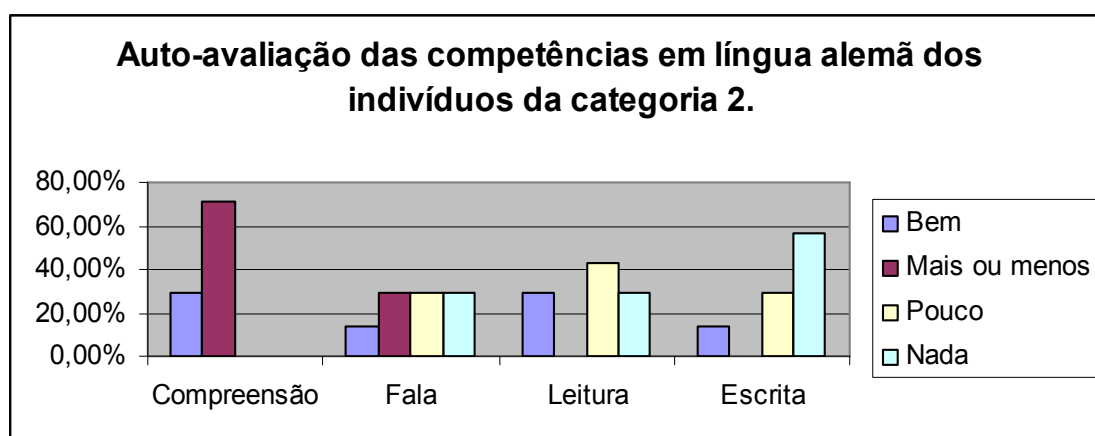


Gráfico 8 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 2. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A.

As opiniões dos entrevistados das categorias 1 e 2 sobre a língua alemã (a qual falam), foram positivas, pelo menos nos questionários. No entanto, não se pode afirmar que os alunos tenham de fato em sua maioria atitudes positivas com relação à língua minoritária, porque há grande diferença entre o que afirmam nos questionários, através de um discurso politicamente correto, e o que de fato

consideram na prática. Entre todas as respostas dadas, a respeito da língua alemã, pelos indivíduos da categoria 1, 40% consideram a língua fácil, 30% bonita, 10% difícil, 10% moderna e 10% antiga. Nas respostas dos indivíduos da categoria 2, a língua alemã é considerada fácil para 30% dos entrevistados, difícil para 20%, bonita para 20%, antiga para 20% e moderna para 10%. **É provável que os indivíduos da categoria 1, que não avaliaram suas habilidades tão bem quanto os da categoria 2, sintam-se inseguros quanto ao uso da língua, já que a característica mais citada por eles nessa segunda questão foi a de que a língua é fácil (40%), reforçada na questão seguinte, que tratava da língua considerada por eles mais fácil de aprender, conforme se observa no gráfico:**

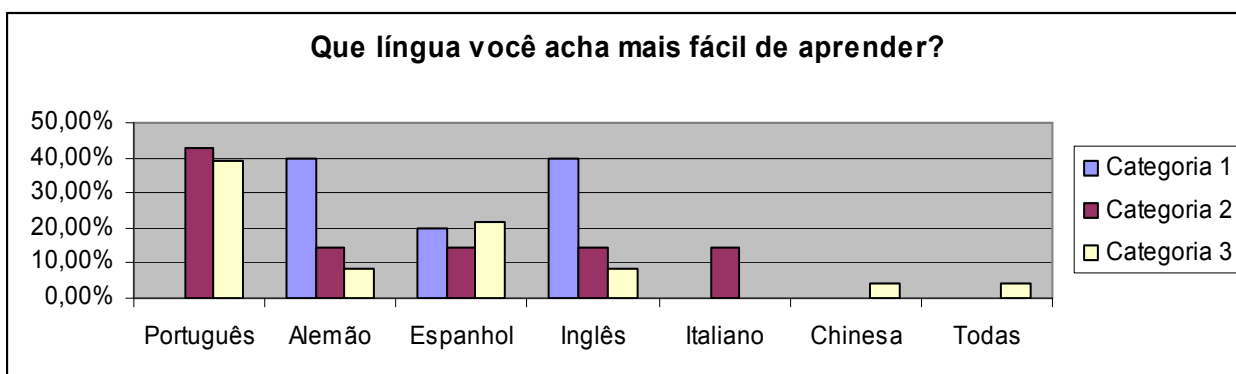


Gráfico 9 – Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A.

Diante da questão sobre a facilidade para a aprendizagem de uma língua, os indivíduos da categoria 1 responderam de forma distinta dos indivíduos das categorias 2 e 3, os quais se aproximaram mais nas respostas. As duas línguas mais fáceis de aprender para aqueles alunos que falam alemão em seus lares foram: a alemã (40%) e a inglesa (40%), seguidas pela espanhola (20%). **A facilidade para a aprendizagem pode estar relacionada à semelhança entre a língua que o indivíduo já domina e a língua que aprende / quer aprender. Esse é o caso do espanhol, que é próximo do português e foi apontado, em todas as escolas onde se realizaram entrevistas, como fácil para aprender.**

Da mesma forma, a língua inglesa tem itens muito similares à língua alemã e as crianças que já falam alemão em casa podem considerar mais fácil aprendê-la por essa razão. Nas categorias 2 e 3, a língua apontada como mais fácil para aprender foi a portuguesa (42,86% para a categoria 2 e 39,13% para a categoria 3), seguida pela espanhola (14,29% para a categoria 2 e 21,74% na categoria 3). A língua alemã foi citada como mais fácil para aprender para 14,29% dos entrevistados da categoria 2 e 8,70% da categoria 3, exatamente a mesma porcentagem da língua inglesa para as duas categorias (14,29% - 2 e 8,70% - 3). Ainda foi citada a italiana pela categoria 2 (14,29%). Houve, nas respostas da categoria 3, ainda, a língua chinesa³⁷ (4,35%) e todas (4,35%), além de 13,04% que não responderam à questão.

A questão “que língua você acha mais bonita?” parece revelar ideologias e atitudes não tão expostas em respostas de outras questões. Novamente, os indivíduos da categoria 2 parecem atribuir mais prestígio a língua alemã do que os indivíduos da categoria 1. Citamos aqui, novamente, que os indivíduos da categoria 1 são provenientes, principalmente, da área rural, enquanto que os indivíduos da categoria 2 são, em sua maioria, moradores da área urbana do município. A insegurança lingüística e o prestígio menor parecem, portanto, estar associados ao fato dessas crianças residirem em localidades rurais. Nessa pergunta, entre os indivíduos da categoria 1, os idiomas considerados mais bonitos foram: alemão (28,57%), inglês (28,57%) e espanhol (28,57%). Português é o mais bonito para 14,29% dos informantes dessa categoria. Para a mesma pergunta, as respostas na categoria 2 foram: 42,86% consideram o idioma alemão mais bonito, seguido do português (28,57%) e do espanhol (28,57%). Os resultados da categoria 3 se apresentam de acordo com o esperado: 41,67% consideram o português mais bonito, 25% o inglês, 8,33% o espanhol, 4,17% o alemão, 4,17% o italiano e 4,17% o ucraniano. Ainda houve 12,5% dos informantes que não responderam à pergunta.

³⁷ Provavelmente uma referência a mandarim.

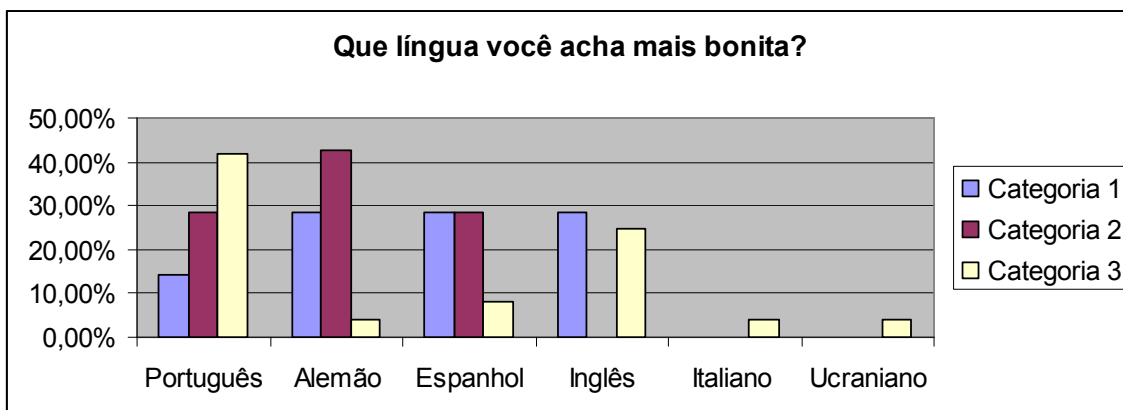


Gráfico 10 – Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A.

Diferentemente da questão das línguas consideradas bonitas, que parece remeter ao prestígio de determinados idiomas para as crianças, a questão “qual língua você acha mais útil?” parece estar associada ao efetivo uso dessas línguas no dia-a-dia. São consideradas mais úteis as línguas que as crianças efetivamente precisam para se comunicar em algum âmbito, como demonstram os dados da categoria 1, das crianças que utilizam a língua alemã nos lares. Para essas crianças, a língua mais útil é a portuguesa (66,67%), seguida da alemã (33,33%). Na categoria 2, a língua mais útil é também a portuguesa (57,14%), seguida da inglesa (28,57%) e da alemã (14,29%). Já entre os indivíduos da categoria 3, os idiomas considerados mais úteis foram: o português (65,22%), o inglês (17,39%), o espanhol (4,35%) e todas (4,35%). 8,7% não responderam à questão. Percebe-se o decréscimo na noção de utilidade da língua alemã da categoria 1 até a 3: 33,33% na categoria 1, 14,29% e 0% na categoria 3. **A língua alemã é considerada mais útil por aqueles que a utilizam cotidianamente com as famílias do que por aqueles que se dizem proficientes na mesma, sem, no entanto, utilizá-las em suas casas. Já entre os indivíduos que não falam a língua alemã, ela não é lembrada como útil por nenhum informante.**

Outra questão que reforça a hipótese da insegurança lingüística dos alunos da categoria 1, da EBM Professora Garibaldina Fuginaga, são as respostas deles a respeito das línguas que gostariam de aprender (gráfico 11), na qual 80% das respostas apontaram a língua alemã. Mesmo utilizando a língua no ambiente

familiar, esses indivíduos acreditam precisar aprendê-la. Provavelmente sintam necessidade do ensino escolarizado da língua – normatizado - para sentirem-se seguros linguisticamente. A segunda língua que os indivíduos da categoria 1 gostariam de aprender é a espanhola. Entre os informantes da categoria 2, os idiomas preferidos para aprendizagem são: alemão (50%), inglês (12,5%), italiano (12,5%), espanhol (12,5%) e francês (12,5%); enquanto que na categoria 3 são: inglês (52,17%), alemão (17,39%), espanhol (8,7%) e polonês (4,35%). 17,39% dos informantes da categoria 3 não responderam à pergunta. Nessa questão, percebem-se como línguas alóctones concorrem com línguas estrangeiras no imaginário do aluno e como línguas que ele deseja aprender. Nessa escola, as línguas de imigração, entre os indivíduos das categorias 1 e 2, são a preferência na aprendizagem: o alemão, por exemplo, aparece à frente do inglês como língua que as crianças gostariam de aprender, e ocorre justamente com informantes das categorias 1 e 2, as quais já falam o idioma. A língua italiana, que nesse contexto é língua de imigração, também aparece antes do espanhol, língua estrangeira, na preferência dos alunos das duas categorias mencionadas. Na categoria 3, inverte-se essa situação de preferência na aprendizagem por línguas de imigração faladas na cidade: o inglês é mais reivindicado que o alemão e o espanhol mais do que o polonês pelos estudantes.

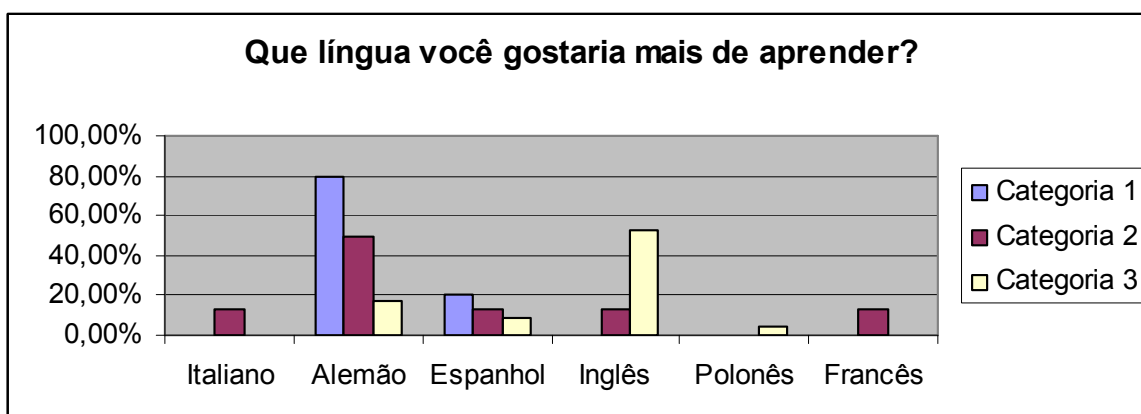


Gráfico 11 – Línguas preferidas para a aprendizagem segundo indivíduos das categorias 1,2 e 3. EBM Professora Garibaldina Fuginaga, Região A.

De acordo com as crianças entrevistadas, há entre os seus parentes próximos, a presença de quatro das línguas minoritárias: Hochdeutsch (apontado nos questionários como alemão), Bayerisch, Italiano e Polonês. Embora não constasse no questionário, provavelmente haja alguém na família da criança que informou falar ucraniano que também fale a língua. Como aqui fazemos um recorte especial para as línguas alemãs, destacamos que, entre os indivíduos da categoria 1, 100% das crianças informaram ter algum familiar que fale alemão – provavelmente Hochdeutsch e talvez também Bayerisch. Já na categoria 2, 57,14% das crianças informaram ter algum familiar falante de alemão. Na categoria 3, 26,09% das crianças relatou ter algum parente falante de alemão e 4,35% de Bayerisch. **Um dado muito importante pensando-se na preservação das línguas de São Bento do Sul foi que, dos parentes das crianças entrevistadas que falam alguma das línguas alemãs – Bayerisch ou Hochdeutsch – 100% deles, nas três categorias, ainda utilizam a língua no dia-a-dia.** Entre os ambientes apontados nos questionários estão: em casa ou com familiares (33,33%), com amigos (26,67%), com vizinhos (23,33%), no trabalho (6,67%), na igreja (6,67%) e no comércio (3,33%). Predominaram, novamente, nas respostas, as situações privadas e menos formais. Os ambientes públicos são menos apontados como locais onde os falantes utilizem as suas línguas.

6.1.2 Região B

Na área geográfica delimitada aqui como região B, a qual compreende aproximadamente sete bairros, localizada a nordeste da área urbana de São Bento do Sul, as três escolas pesquisadas foram: EBM Aracy Hansen, EBM Dr. Hercílio Malinowsky e EBM Ladir dos Santos.

disse que essa língua é “alemã”. Somente um aluno dessa escola disse falar polonês.

Na EBM Ladir dos Santos também não foram comprovadas nossas hipóteses iniciais: imaginávamos que encontraríamos grande variedade de línguas de imigração faladas naquela comunidade, inclusive pelas crianças. Na verdade, somente encontramos crianças falantes de língua alemã (8% do total – categoria 1), enquanto 92% não dominam nenhuma das línguas de imigração faladas em São Bento do Sul. Nossa hipótese foi formulada em função de a escola estar localizada em meio a uma comunidade distante do centro da cidade, numa área “rurbana”.

6.1.2.1 Escola Básica Municipal Aracy Hansen

A EBM Aracy Hansen apresentou uma quantidade interessante de indivíduos bilíngües português-alemão, de acordo com os resultados dos questionários. Nessa escola foram entregues 50 questionários, e, houve o retorno de 28 deles, ou seja, 56%. Os dados apontam para a existência das três categorias de indivíduos levados em conta nesta pesquisa: 1) falantes de alguma língua alemã no lar; 2) proficientes, em algum grau, em alguma língua alemã, mas que, no entanto, não a utilizam no lar e 3) aqueles que não dominam, em nenhum nível, a língua alemã.

Do universo pesquisado, 25% dos estudantes pertencem à categoria 1, 21% à categoria 2 e 54% à categoria 3. Além das línguas minoritárias alemãs, levadas em conta na categorização, dentre os indivíduos categoria 3, houve a presença de um estudante da 8ª série que afirmou utilizar português e “ucraino” (língua ucraniana) em casa.

A proficiência dos falantes de alemão, novamente, foi avaliada de forma diferente entre os indivíduos das categorias 1 e 2. Entre esses indivíduos, os resultados ficaram distribuídos conforme demonstram os gráficos a seguir:

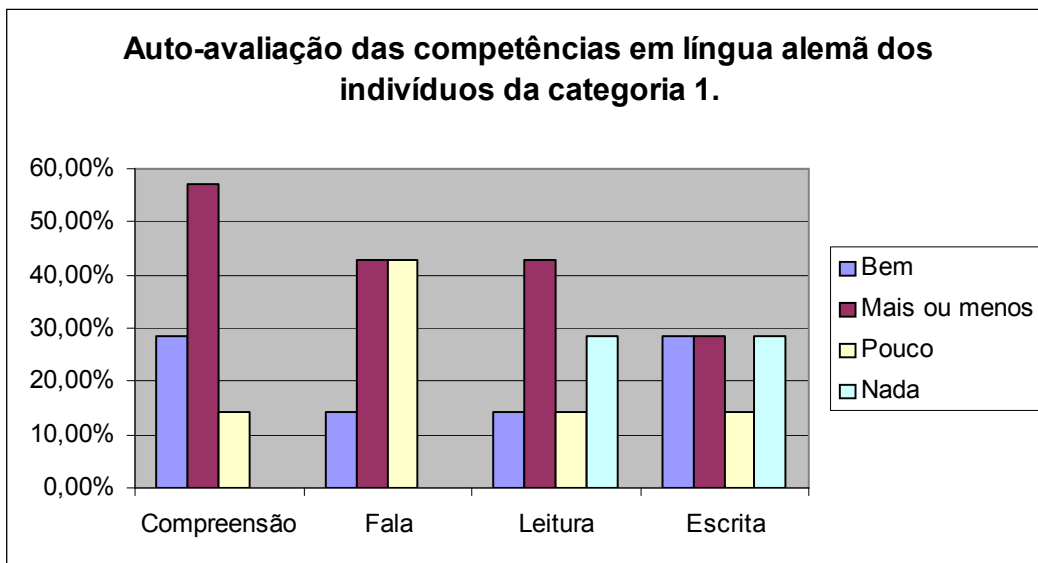


Gráfico 12 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Aracy Hansen. Região B.

Dentre os indivíduos da categoria 1, portanto, disseram compreender bem a língua alemã 28,57% dos entrevistados, 57,14% disseram compreender mais ou menos e 14,29% disseram compreender pouco. Não houve quem dissesse compreender nada ou falar nada em língua alemã nesta categoria. Quanto à fala, os números demonstram que 14,29% julgam falar bem alemão, 42,86% mais ou menos e 42,86% pouco. Chama-nos a atenção, a quantidade de crianças que avaliaram sua competência de fala como pouca, já que esses são indivíduos que afirmaram utilizar a língua alemã no ambiente familiar. É provável que algumas dessas crianças sintam-se inseguras lingüisticamente. Os estudantes avaliaram suas competências para a leitura como boa em 14,29% dos casos, mais ou menos em 42,86%, pouco em 14,29% e nada em 28,57%. Já com relação à escrita, houve uma quantidade semelhante de avaliações: 28,57% disseram escrever bem, mais ou menos e nada, enquanto 14,29% disseram escrever pouco.

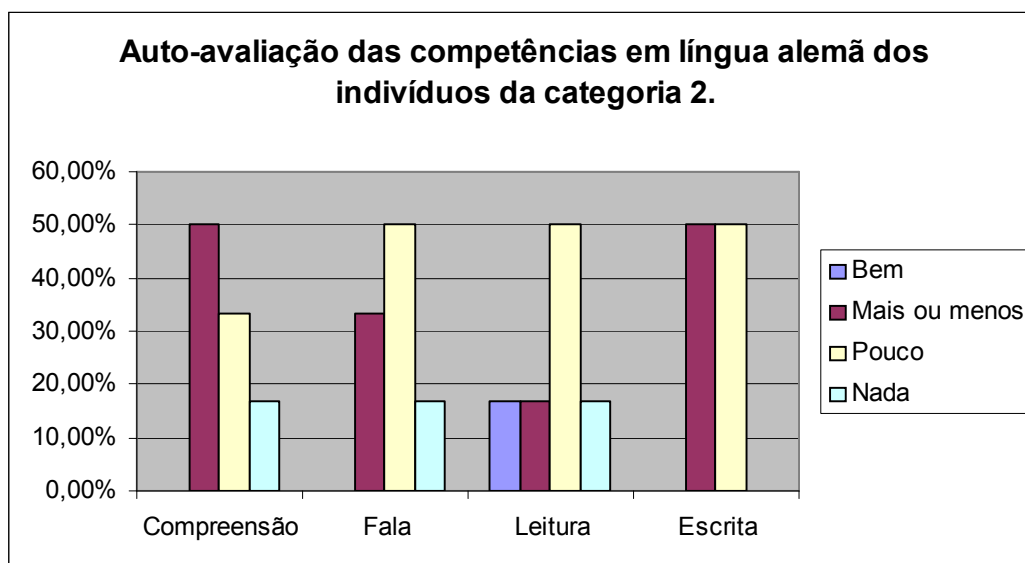


Gráfico 13 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 2. EBM Aracy Hansen. Região B.

Quanto às crianças pertencentes à categoria 2, os graus de proficiência apontados sugerem que essas crianças tenham contato com letramento na língua alemã, já que os números apontam para quantidades baixas de crianças que dizem não escrever e ler nela. Na escrita, 50% das crianças informaram escrever mais ou menos e 50% informaram escrever pouco. Já na leitura, 16,67% das crianças disseram ler bem, 16,67% mais ou menos, 50% pouco e 16,67% nada. Para falar, 33,33% consideram sua habilidade “mais ou menos”, 50% acreditam falar pouco e 16,67% nada. A compreensão é, ao lado da escrita, a habilidade na qual os estudantes se auto-avaliaram melhor: 50% disseram compreender mais ou menos, 33,33% pouco e 16,67% nada.

As opiniões dos indivíduos falantes de língua alemã (categorias 1 e 2), a respeito dessa língua, são, em geral, positivas. Entre as crianças que falam alemão em casa (categoria 1), 33,33% das opiniões consideram a língua fácil, 33,33% bonita, 25% antiga e 8,33% feia. Com as crianças da categoria 2, entre todas as opiniões apresentadas nos formulários, 66,66% consideram a língua bonita, 16,66% “legal” e 16,66% difícil.

Diante da pergunta a respeito do idioma considerado mais fácil para aprender, as crianças da categoria 1 responderam: português (62,5%), espanhol

(25%) e inglês (12,5%). Interessante perceber que as crianças dessa categoria, justamente aquelas que, não somente sabem falar alemão, como falam a língua em casa com a família, não tenham citado a língua alemã como fácil para aprender. Nessa escola, também, há oficinas de alemão oferecidas no contra-turno aos alunos. Talvez a percepção de que a língua alemã não seja fácil para aprender (inglês seria mais na opinião deles!) decorra da perspectiva de língua estrangeira que esse tipo de curso /oficina em geral oferece. Na verdade, para essas crianças, o alemão não é língua estrangeira e sim a língua materna ou a segunda língua, mas efetivamente utilizada no lar. Já entre as crianças da categoria 2, as quais também sabem falar alemão, mas não declararam utilizá-lo no lar, a língua foi citada como fácil para aprender, porém, numa porcentagem pequena: 16,67% em vista de outras línguas, como português (50%) e inglês (33,33%). Até mesmo entre as crianças que afirmam não falar alemão (categoria 3) houve referências (pequenas, é verdade) de que a língua alemã seria mais fácil: 5,88%. As outras línguas citadas por esses indivíduos foram: espanhol (47,06%), português (29,41%) e inglês (17,65%).

Na EBM Aracy Hansen talvez o dado no qual fique mais evidente a diferença entre as três categorias apresentadas seja a pergunta a respeito da língua mais bonita, de acordo com o imaginário dos estudantes, como mostra o gráfico a seguir.

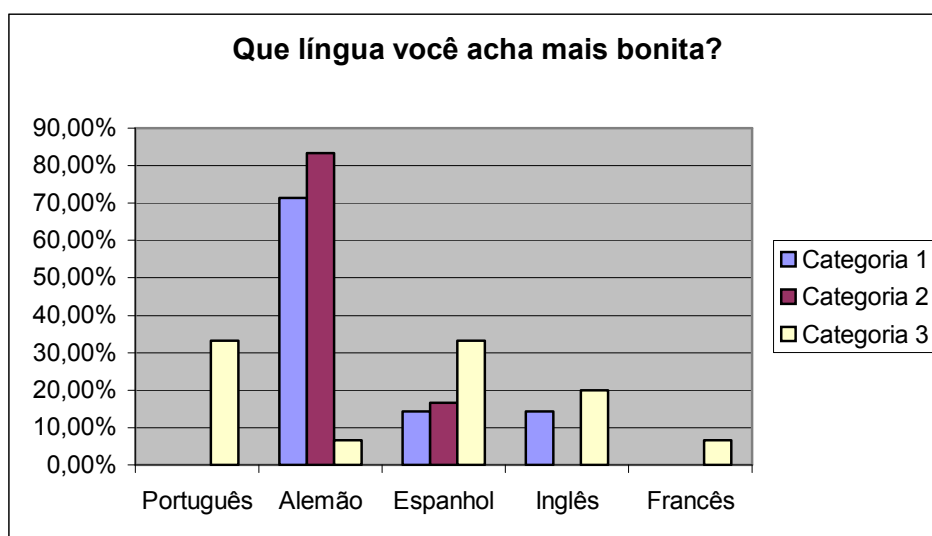


Gráfico 14 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Aracy Hansen, Região B.

Nessa pergunta, como se percebe no gráfico 14, três línguas foram citadas pela categoria 1, ou seja, a alemã (71,43%), a espanhola (14,29%) e a inglesa (14,29%); duas línguas foram citadas pela categoria 2 – a alemã (83,33%) e a espanhola (16,67%) - e cinco línguas foram citadas pela categoria 3 – a portuguesa (33,33%), a espanhola (33,33%), a inglesa (20%), a alemã (6,67%) e a francesa (6,67%). Observando-se o gráfico, percebem-se claramente duas posições diferentes frente à(s) língua(s) alemã(s): os indivíduos das categorias 1 e 2 apresentaram suas respostas de forma oposta aos indivíduos da categoria 3. Além disso, parece que a língua alemã ocupa lugar de maior prestígio entre os indivíduos dessa comunidade escolar (principalmente categorias 1 e 2), já que o índice de estudantes que a consideram bonita é superior ao das outras escolas. Outra hipótese, para haver tantas respostas considerando a língua alemã bonita, é que os alunos possam ter respondido imaginando prever o discurso esperado pela pesquisadora.

Foram considerados como mais úteis pelos indivíduos da categoria 1, o inglês (42,86%), o português (28,57%) e o alemão (28,57%). Para a categoria 2, três idiomas foram igualmente citados como “o mais útil”: alemão, inglês e português (33,33% cada). Já na categoria 3, apenas dois foram citados como os mais úteis: inglês (60%) e português (40%).

Foram citadas sete línguas diferentes que os alunos (de todas as categorias) da EBM Aracy Hansen têm interesse de aprender. Na categoria 1 foram citadas pelos alunos: espanhol (42,86%), alemão (28,57%) e polonês (28,57%). Entre os indivíduos da categoria 2, os idiomas que os alunos gostariam de aprender são: espanhol (50%), italiano (16,67%), inglês (16,67%) e alemão (16,67%). Para os estudantes da categoria 3 os idiomas preferidos foram: inglês (44,44%), alemão (16,67%), espanhol (16,67%), polonês (11,11%), italiano (5,56%) e chinês (5,56%).

As línguas faladas pelos familiares citadas pelas crianças foram: alemão, polonês, polaco, ucraino³⁸ e italiano. Foram desconsideradas respostas nas quais as crianças indicaram que algum familiar falasse inglês ou espanhol, por

³⁸ Essa foi a denominação utilizada para a língua ucraniana em vários questionários dessa escola.

compreendermos que não se tratam de línguas de imigração em São Bento do Sul. A quantidade de línguas apontadas pelos informantes como línguas faladas por familiares revela a pluralidade cultural e lingüística da região do entorno da escola, do bairro. Compreendendo isso como um conhecimento que se perde em oposição ao ensino de línguas que, teoricamente, é a busca do conhecimento em outra língua, há uma perda que precisa ser freada.

Fazendo-se um recorte para explorar apenas a língua alemã, diante da pergunta se os familiares ainda utilizam a língua, os resultados remetem ao fato de que, entre as crianças que, falando ou não alemão no ambiente familiar, mas conhecendo-o, em algum grau, 100% dos familiares ainda utilizam a língua em outros locais. Já entre as crianças que não sabem falar alemão (categoria 3), os familiares estão deixando de utilizar a língua (33,33% declararam que não a utilizam mais), embora a conheçam, não apenas no lar, mas em todos os ambientes. Esse é um apontamento claro da perda intergeracional que a língua alemã vem sofrendo nas famílias são-bentenses.

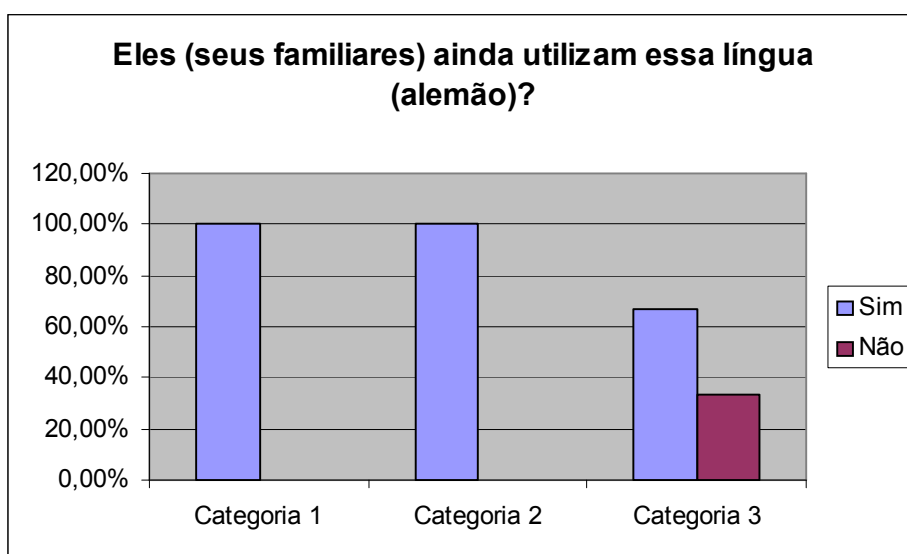


Gráfico 15 – Familiares que ainda utilizam uma das línguas alemães, segundo os indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Aracy Hansen, Região B.

Entre as pessoas que ainda mantém o uso da língua, os principais ambientes para esse uso são: 37,71% em casa, 26,19% com amigos, 14,29% com vizinhos, 11,90% na igreja, 7,14% no trabalho e 4,76% no comércio. O índice de

ambientes públicos e mais formais foi um pouco superior ao das demais escolas, o que pode, novamente, indicar que a(s) língua(s) alemã(s) possa(m) ter mais prestígio nessa comunidade do que em outras.

6.1.2.2 Escola Básica Municipal Dr. Hercílio Malinowski

A EBM Dr. Hercílio Malinowski, localizada na região urbana do bairro Dona Francisca, foi sugerida pela Secretaria de Educação de São Bento do Sul para integrar essa pesquisa em função de, supostamente, estar inserida em uma comunidade de falantes de polonês. A indicação se deveu, provavelmente, ao fato de que a escola em questão possui um grupo folclórico polonês há mais de dez anos, que costuma se apresentar em festas e eventos para a toda a comunidade são-bentense.

Nessa escola, no entanto, não houve presença tão significativa de falantes de polonês, e sim de “alemão”, de acordo com a denominação dada pelos informantes, provavelmente falantes de Hochdeutsch e, talvez, também de Bayerisch.

Dos 50 questionários entregues nessa escola, 35 retornaram preenchidos, ou seja, 70%. Segundo a categorização elaborada para esta pesquisa, 17% das crianças se enquadram na categoria 1, ou seja, são falantes de uma das línguas alemãs - Bayerisch ou Hochdeutsch - no ambiente familiar; 6% se enquadram à categoria 2, de crianças que tenham algum grau de proficiência nas línguas mencionadas, sem, no entanto, utilizá-las no ambiente familiar; e 77% pertencem à categoria 3, de indivíduos que desconhecem essas duas línguas. Além das línguas alemãs que já foram explicitadas através da categorização, houve ainda, entre as crianças, a presença das outras três línguas minoritárias de São Bento do Sul faladas nos lares. Entre as crianças da categoria 3, houve três que mencionaram falar outra língua nos lares: uma disse falar italiano, outra polonês e, uma terceira, ucraniano. Cada um desses três alunos corresponde a aproximadamente 3% dos questionários respondidos nessa escola.

Quanto ao grau de conhecimento da língua alemã avaliado pelos informantes das categorias 1 e 2, as respostas atenderam às expectativas: os alunos da categoria 1 avaliaram suas competências de forma superior aos alunos da categoria 2. Como se pode observar no gráfico a seguir, entre os informantes da categoria 1, 83,33% das crianças mencionaram falar e compreender bem uma das línguas alemãs e 16,67% disseram compreender e falar razoavelmente (“mais ou menos”). A competência da leitura foi avaliada como mais ou menos para 50%, pouco para 33,33% e nada para 16,67%. Já a habilidade da escrita em língua alemã foi considerada boa para 16,67% dos informantes, mais ou menos para 33,33%, pouca para 16,67% e nada para 33,33%.

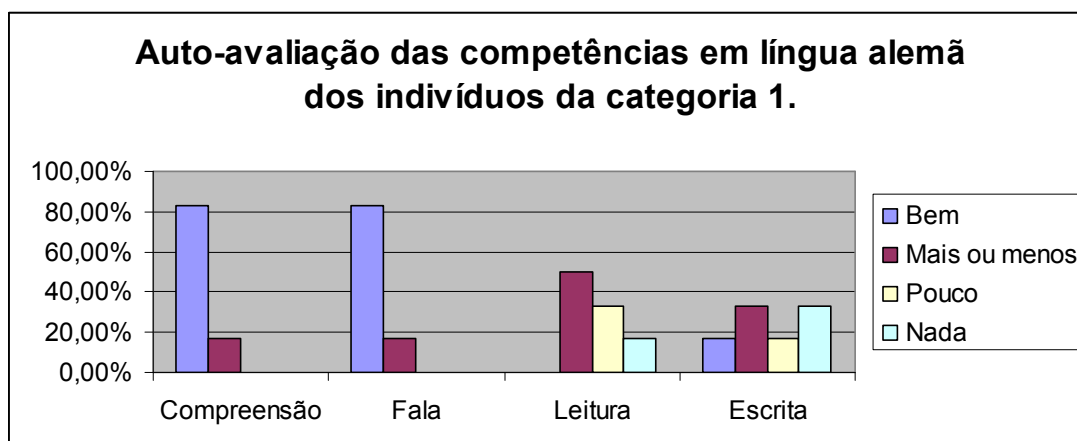


Gráfico 16 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Dr. Hercílio Malinowsky. Região B.

Há apenas dois informantes classificados na categoria 2 nessa escola e a proficiência deles se apresentou da seguinte forma: estudante A disse falar e compreender mais ou menos, ler e escrever nada; estudante B disse ler e escrever bem e falar e escrever mais ou menos.

Com relação aos pais dos alunos da EBM Dr. Hercílio Malinowsky, houve menção a todas às línguas minoritárias faladas em São Bento do Sul. Entre as respostas dadas pelos informantes das categorias 1 e 2, a respeito das línguas faladas pelos familiares, 100% disseram que essa língua é a alemã, o que já era esperado, já que as próprias crianças também são falantes dessa língua. Já entre os informantes da categoria 3, houve respostas variadas: 48,46% das respostas

indicaram ter um familiar falante de língua alemã (provavelmente Hochdeutsch), 12,12% de polonês, 9,09% de italiano, 6,06% de ucraniano e 3,03% de Bayerisch. 18,18% não responderam à pergunta e provavelmente não possuem parentes que falem outras línguas. Observando-se os dados da categoria 3 pode-se perceber o grau de perda das línguas minoritárias, principalmente de Hochdeutsch e Bayerisch. Os parentes de informantes da categoria 3, que falam uma dessas línguas, somados, correspondem a 51,49%, mas a geração pesquisada desconhece as línguas alemãs. Essa porcentagem corresponde a 41,5% do total de famílias pesquisadas nesse estabelecimento de ensino, ou seja, em 41,5% das famílias pesquisadas através dos questionários de alunos nessa escola houve a perda lingüística das línguas alemãs – Bayerisch e/ou Hochdeutsch.

Com relação à pergunta se os familiares que falam outras línguas ainda as utilizam no dia-a-dia e focando somente nas línguas alemãs, 100% dos informantes das categorias 1 e 2 disseram que seus avós e pais ainda as usam. Na categoria 3, 80% disseram que as utilizam e 20% que já não as falam mais. Sobre os âmbitos em que Hochdeutsch e Bayerisch ainda são utilizadas as respostas apontam: em casa ou com familiares (31,91%), com vizinhos (25,53%), com amigos (21,28%), na igreja (12,77%), no trabalho (6,38%) e no comércio (2,13%). Prevaleceram, novamente, os ambientes particulares e mais informais em relação aos ambientes públicos e mais formais.

Com relação ao imaginário dos alunos da EBM Dr. Hercílio Malinowski, a respeito das línguas consideradas mais fáceis de aprender, as respostas variaram bastante, conforme as três categorias elaboradas para esta pesquisa, como pode ser observado no gráfico a seguir:

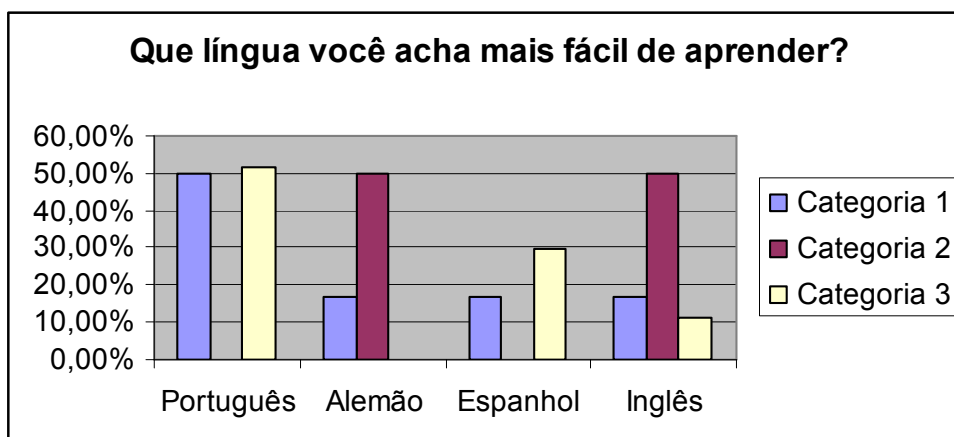


Gráfico 17 - Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Dr. Hercílio Malinowsky, Região B.

Para as categorias 1 e 3, a língua portuguesa foi considerada a mais fácil de aprender (50% e 51,85%, respectivamente). A categoria 1 citou, ainda, como fácil para aprender, a língua alemã (16,67%), a espanhola (16,67%) e a inglesa (16,67%). A categoria 3 mencionou como fáceis para aprender, além do português, que já foi mencionado, o espanhol (29,63%) e o inglês (11,11%). 7,41% dos indivíduos dessa categoria não responderam à questão. Para as duas crianças da categoria 2, uma considera a língua alemã mais fácil e outra a língua inglesa (50% para cada).

Com relação à língua considerada como a mais bonita pelos estudantes, as respostas apontaram:

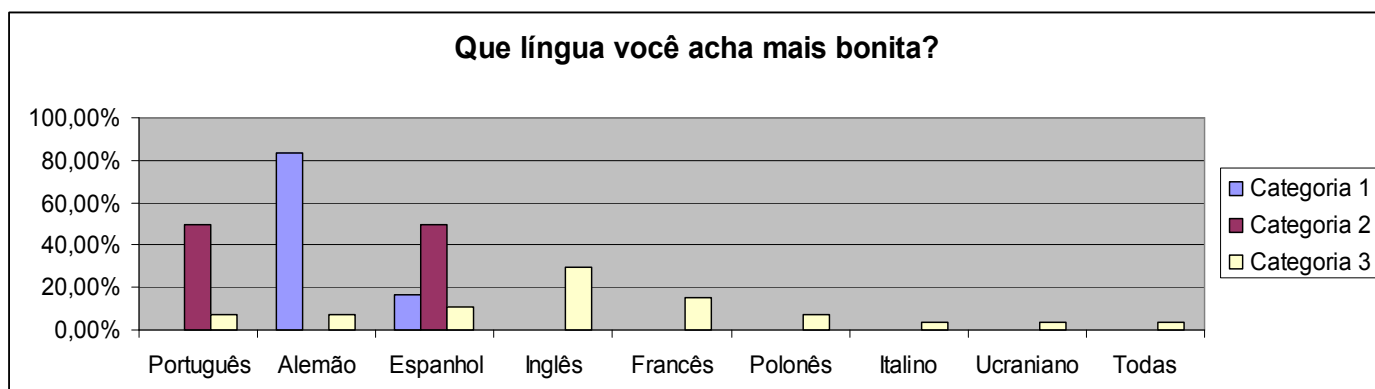


Gráfico 18 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Dr. Hercílio Malinowsky, Região B.

A pergunta a respeito da língua considerada mais bonita parece revelar ideologias e estigmas. Para muitos informantes, a língua considerada mais bonita é aquela que represente algo para si ou para sua família: seja pelo uso que o próprio entrevistado faz dela, ou do uso que sua família faz ou mesmo deixou de fazer. Nesta questão foram mencionadas línguas de imigração faladas em São Bento do Sul: polonês, ucraniano, italiano e “alemão”, justamente pelos indivíduos que são falantes ou que algum membro da família seja. Nas escolas pesquisadas, e novamente nos dados da EBM Dr. Hercílio Malinowsky, não houve menção a Bayerisch como a língua mais bonita, reforçando o estigma e a falta de prestígio dessa língua, mesmo entre os seus falantes. Para os indivíduos classificados nesta pesquisa como pertencentes à categoria 1, ou seja, falantes de uma das línguas alemãs no ambiente familiar, a língua considerada mais bonita é a “alemã” (83,33%), seguida da espanhola (16,67%). O fato de os indivíduos dessa escola declararem achar bonita a língua alemã, a qual falam no ambiente familiar, pode demonstrar que, as línguas alemãs tenham mais prestígio entre os indivíduos dessa comunidade do que em outras, nas quais o alemão não tenha sido mencionado com um índice tão alto de indivíduos que o consideram bonito. Por outro lado, é necessário também levar em conta que, talvez, muitos indivíduos tenham sido politicamente corretos em suas respostas nos questionários, sem revelar possíveis estigmas e preconceitos. Entre os informantes da categoria 2, as línguas consideradas mais bonitas são o português e o espanhol (2 informantes – 50% para cada). A categoria 3 apresentou uma gama variada de respostas, foram consideradas como “mais bonita”: inglês (29,63%), francês (14,81%), espanhol (11,11%), português (7,41%), alemão (7,41%), polonês (7,41%), italiano (3,7%), ucraniano (3,7%) e todas (3,7%). Ainda entre os indivíduos da categoria 3, 11,11% não responderam à questão.

Diferentemente dos resultados de outras escolas, a noção de utilidade da língua entre uma parte dos indivíduos da EBM Dr. Hercílio Malinowsky, não parece estar, especialmente entre os informantes das categorias 1 e 2, associada somente ao efetivo uso de uma determinada língua. Na questão “Que língua você acha mais útil?” as respostas parecem ter sido influenciadas, também, por

ideologias, que transitam na mídia e no senso comum, ligadas à idéia de globalização e da difundida “importância de falar inglês”. Entre os indivíduos da categoria 1, por exemplo, os quais falam uma língua alemã em casa, a língua considerada mais útil foi o inglês (50%), seguida do português (33,33%) e do alemão (16,67%). Já os dois estudantes classificados na categoria 2 consideram o inglês como mais útil (100%). Na categoria 3, as duas línguas consideradas mais úteis foram: português (44,44%) e inglês (40,74%). 14,81% não responderam à questão.

A respeito das línguas que os alunos da EBM Dr. Hercílio Malinowsky mais gostariam de aprender, as respostas foram variadas em todas as categorias. Entre os alunos da categoria 1, foram mencionados: alemão (16,67%), inglês (16,67%), italiano (16,67%), espanhol (16,67%) e japonês (16,67%). 16,67% dos indivíduos da categoria 1 não responderam. Desses dados, chama a atenção haver crianças classificadas nessa categoria querendo aprender “alemão”. Esse dado pode refletir o interesse em adquirir a leitura e a escrita da língua que já é utilizada no ambiente familiar ou ainda, revelar uma insegurança lingüística quanto ao uso dessa língua. Para as duas informantes da categoria 2, a língua que mais gostariam de aprender é o espanhol (100%). Na categoria 3, a língua que os educandos mais gostariam de aprender é inglês (34,48%), seguido por espanhol (20,69%), alemão (17,24%), italiano (6,90%), ucraniano (3,45%), francês (3,45%) e chinês³⁹ (3,45%). Essa questão não foi respondida por 10,34% dos informantes da categoria 3.

6.1.2.3 Escola Básica Municipal Ladir dos Santos

A EBM Ladir dos Santos, assim como a EBM Dr. Hercílio Malinowsky, está localizada no bairro Dona Francisca. No entanto, a EBM Ladir dos Santos, ao contrário da outra escola do mesmo bairro, encontra-se em uma área de transição

³⁹ Provavelmente referindo-se a mandarim.

entre as zonas urbana e rural (área “rurbana”). Dos 60 formulários entregues nessa escola, 36 retornaram preenchidos, ou seja, 60%.

Por estar em uma área mais isolada geograficamente, contar com uma população tradicional e ser uma escola relativamente pequena, nossa hipótese era encontrarmos diferentes línguas de imigração faladas pelas crianças que freqüentam a instituição escolar pesquisada. Contudo, nossa hipótese não foi confirmada nos questionários que retornaram preenchidos. De acordo com as três categorias elaboradas para esta pesquisa, os indivíduos dessa instituição escolar foram classificados como: 8% pertencentes à categoria 1, ou seja, que falam uma das línguas alemãs no lar, e 92% pertencentes à categoria 3, indivíduos que desconhecem qualquer uma das línguas minoritárias alemãs faladas em São Bento do Sul. Não houve indivíduos classificados para a categoria 2, ou seja, indivíduos que falassem uma das línguas minoritárias alemãs, mesmo sem a falar nos lares. Além disso, não houve registro de que crianças dessa escola falassem (no lar ou não) qualquer outra língua minoritária de imigração (ucraniano, italiano ou polonês).

Tanto com relação às informações sobre as línguas faladas pelas crianças, quanto com relação às línguas faladas pelos pais, a denominação utilizada nos questionários foi sempre “alemão”, e nenhuma vez foram mencionadas Bayerisch ou Hochdeutsch, embora possam estar se referindo a essas línguas. Nossa hipótese é que, para a maioria dos casos, essa língua chamada simplesmente de “alemão” pelos informantes, seja Bayerisch, já que, a maior parte dos informantes indicou ser de religião católica: 100% dos informantes da categoria 1 e 55% dos informantes da categoria 3 (a respeito das línguas faladas pelos familiares). Embora os falantes de Bayerisch, em geral, conheçam o nome da língua que falam, eles nem sempre assumem, num primeiro momento, esse conhecimento. Do diário etnolingüístico:

Explicando a uma professora da EBM Ladir dos Santos, antes de entregar os questionários à sua turma, que estava desenvolvendo uma investigação sobre as línguas faladas em São Bento, ela me disse “eu falo alemão”. Eu questionei: “alemão?” e ela confirmou “sim”. Expliquei-me dizendo que perguntei novamente porque há muitas pessoas em São Bento que dizem falar Bayerisch e então ela assumiu: “sim, eu também

falo Bayerisch. Esse é o alemão que falo”. (Diário de campo, 14 de outubro de 2008).

A respeito das línguas faladas pelos familiares dos estudantes da EBM Ladir dos Santos, foram citadas: alemão pela categoria 1 (100%) e, entre os indivíduos da categoria 3, 54,55% disseram não possuir familiares falantes de outras línguas e 45,45% disseram possuir. Dentre os 45,45% que informaram possuir um familiar falante de outra língua, as respostas se apresentaram: alemão (53,33%), polonês (26,67%) e italiano (20%). De todos os familiares de indivíduos das categorias 1 e 3 que falam “alemão”, 100% dos estudantes da categoria 1 informaram que seus familiares ainda utilizam essa(s) língua(s) no cotidiano, enquanto que, entre os familiares da categoria 3, que conhecem a mesma língua, somente 43,75% declararam que ainda a utilizam. Os ambientes / situações de uso mais citados para aqueles que ainda utilizam alemão, foram: em casa ou com familiares (29,63%), com amigos (29,63%), com vizinhos (29,63%), no trabalho (3,70%), na igreja (3,70%) e no comércio (3,70%). Como nas demais escolas pesquisadas, predominaram os ambientes privados e menos formais. A perda lingüística pode ser observada na categoria 3, quando há, por exemplo, pais falantes de alemão (e os filhos não o são). No caso da EBM Ladir dos Santos, o número de famílias nas quais houve a perda da língua nas novas gerações representa 22,22% de todos os entrevistados.

A respeito das competências em língua alemã que os indivíduos da categoria 1 avaliaram possuir, as respostas indicaram:

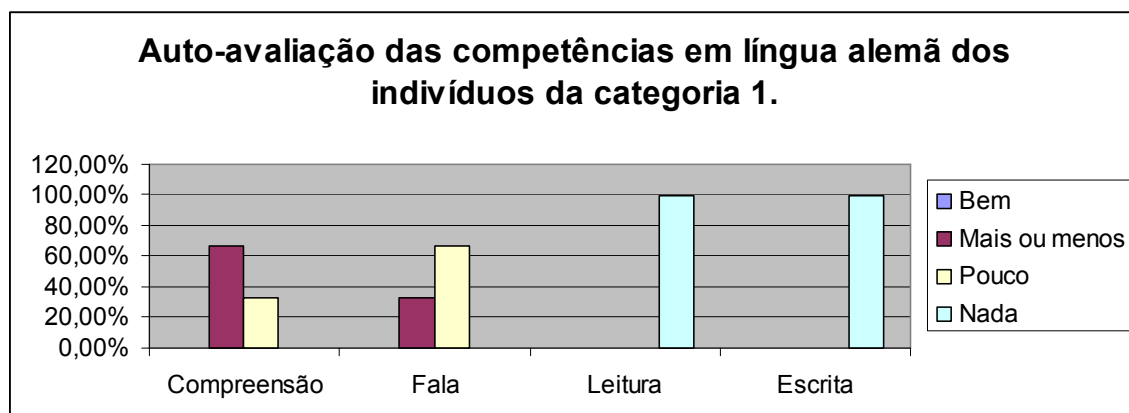


Gráfico 19 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Ladir dos Santos, Região B.

A habilidade de compreensão foi avaliada como razoável (“mais ou menos”) para 66,67% e pouca para 33,33% e com a fala foi o oposto: 33,33% avaliaram como razoável e 66,67% como pouca. Já as habilidades de leitura e escrita foram avaliadas, por 100% dos informantes, como “nada”. O fato de não dominarem a leitura e a escrita remete à questão de que a língua alemã foi adquirida no ambiente familiar e que, é provável que realmente não dominem essas habilidades na língua em questão. Contudo, as habilidades de compreensão e fala podem ter sido subestimadas, já que esses estudantes informaram falar a língua alemã no lar. O fato de subestimarem suas competências pode estar relacionado à insegurança lingüística. Essa insegurança, na EBM Ladir dos Santos, parece ser tanto com relação ao uso quanto a insegurança causada por não conhecer o nome da língua falada.

Nas perguntas que visavam obter informações sobre o imaginário dos estudantes acerca dos idiomas, os resultados apontaram, também, para aspectos que demonstram haver insegurança de uso por parte dos falantes de alemão. A língua considerada mais fácil de aprender, por exemplo, entre a categoria 1, foi o inglês (66,67%). 33,33% não responderam à pergunta. Na categoria 3, as línguas vistas como fáceis de aprender foram: espanhol (47,06%), português (26,47%), inglês (11,76%), italiano (8,82%) e alemão (5,88%). A proximidade do novo idioma com alguma língua que o indivíduo já domine pode ser um fator que influencie nessa resposta. As crianças que não falam outras línguas além de português consideraram o espanhol mais fácil de aprender, pela similaridade com a língua materna. Já os informantes que falam alemão em casa consideraram o inglês mais fácil de aprender, talvez pela mesma razão.

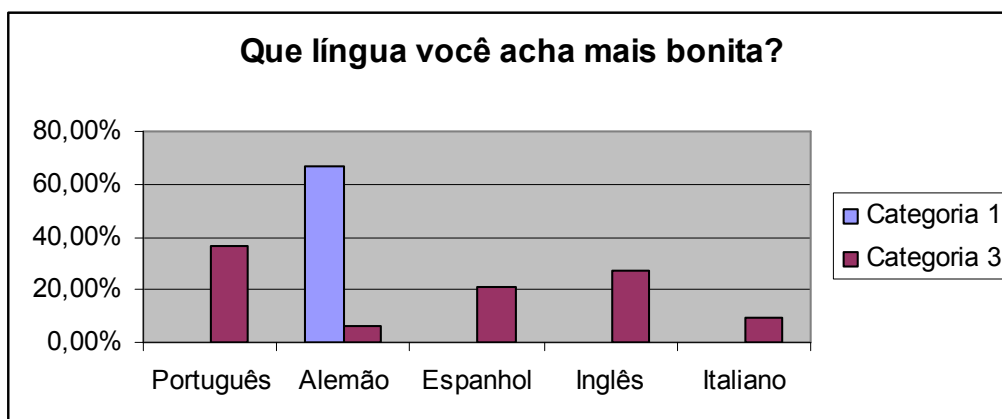


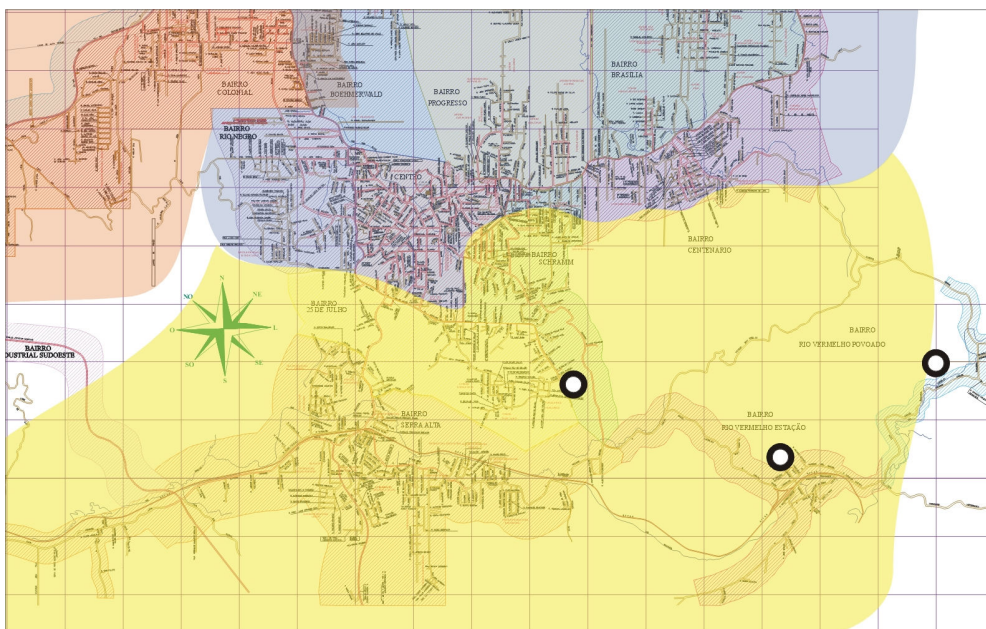
Gráfico 20 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1e 3. EBM Ladir dos Santos, Região B.

Como apresenta o gráfico acima, na questão a respeito da língua considerada mais bonita, 66,67% dos entrevistados respondeu alemão e 33,33% não responderam à questão. Entre os informantes da categoria 3, as línguas consideradas mais bonitas foram: português (36,36%), inglês (27,27%), espanhol (21,21%), italiano (9,09%) e alemão (6,06%).

As línguas consideradas mais úteis para a categoria 1, foram: inglês (40%), alemão (40%) e português (20%). Para a categoria 3, essas línguas foram: português (52,94%), inglês (23,53%), todas (11,76%), alemão (2,94%), espanhol (2,94%), polonês (2,94%). 2,94% não responderam ao questionamento.

As línguas que os informantes da categoria 1 mais gostariam de aprender são: alemão (66,67%) e espanhol (33,33%). Novamente, os indivíduos que falam a língua alemã no lar manifestam o interesse por “aprender a língua”, o que pode ser a revelação da insegurança lingüística que sentem. As línguas que os educandos da categoria 3 gostariam de aprender são: espanhol (25,71%), inglês (22,86%), italiano (20%), alemão (14,29%), todas (8,57%), francês (2,86%). 5,71% não responderam à pergunta.

6.1.3 Região C



Mapa 10 – Região C ampliada, com localização das três escolas pesquisadas.

A região C compreende toda uma área ao sul do município de São Bento do Sul. Nesta região, foram pesquisadas, assim como nas demais regiões delimitadas, três escolas municipais: EBM Prefeito Henrique Schwarz, EBM Maria Ferreira Ziemann e EBM Emílio Engel, todas sugeridas pela Secretaria Municipal de Educação como pontos forte (as duas últimas) e fraco (a primeira) de uso das línguas minoritárias no município. A EBM Prefeito Henrique Schwarz está localizada em uma área urbana do município, a EBM Maria Ferreira Ziemann em uma área rural e a EBM Emílio Engel em uma área de transição entre urbano e rural (área “rurbana”).

A EBM Prefeito Henrique Schwarz, embora com o retorno de poucos questionários, apresentou resultados interessantes. Embora não haja ensino de alemão padrão na escola, parece haver influência do ensino escolarizado da língua, dado o alto índice de informantes da categoria 1 que avaliaram positivamente suas habilidades de leitura e escrita na língua. Os questionários dessa escola, no entanto, parecem apontar para um baixo prestígio das línguas

minoritárias entre as crianças. Mesmo entre os falantes de alemão, por exemplo, a língua considerada mais bonita é o português e a mais útil é o inglês.

Localizada no bairro Rio Vermelho Povoado, os resultados na EBM Maria Ferreira Ziemann contrariaram as hipóteses iniciais: não foi encontrada grande variedade de línguas faladas entre os estudantes da instituição escolar. Contudo, os dados revelam que, há uma ou duas gerações, a comunidade apresentava grande variedade multicultural e plurilíngüe. Houve portanto, nas últimas gerações, forte perda lingüística entre os moradores da região.

Na EBM Emílio Engel, localizada no bairro Rio Vermelho Estação, predominaram os indivíduos da categoria 3, ou seja, crianças que não falam Bayerisch ou Hochdeutsch, diferentemente do que apontavam nossas hipóteses iniciais, de que essa seria uma comunidade de falantes de Bayerisch. Além disso, houve também crianças que informaram falar a língua polonesa no ambiente familiar.

6.1.3.1 Escola Básica Municipal Prefeito Henrique Schwarz

A EBM Prefeito Henrique Schwarz, localizada no bairro Schramm, foi a escola na qual menos questionários retornaram preenchidos: dos 70 entregues retornaram somente 8, ou seja, 11%. Os motivos para que tais questionários não tenham retornado podem ser vários, mas, curiosamente, somente os questionários de alunos que efetivamente falam outras línguas foram preenchidos. Talvez isso tenha ocorrido porque, juntamente com o questionário, anexamos um bilhete dizendo que se tratava de “uma pesquisa sobre as línguas que as crianças e as famílias de São Bento do Sul usam em casa e na vizinhança”. É provável que aqueles que não falem outra língua além do português não tenham respondido por pensar que não se encaixassem dentro do objeto da investigação, apesar de termos entrado em várias salas de aula e explicado o que pretendíamos. Quando visitamos a escola pela primeira vez, a diretora já havia nos alertado da possibilidade de muitos questionários retornarem não preenchidos, o que,

segundo ela, é muito comum. Relatou o trabalho que uma psicóloga vinha realizando na escola e que também contava com o preenchimento de formulários. Ressaltou que essa profissional estava tendo dificuldades enormes para garantir uma amostragem mínima.

Mesmo com uma quantidade tão pequena de questionários, os resultados dessa escola foram muito interessantes e decidimos por considerá-los. Há entre os alunos que responderam aos questionários, indivíduos das três categorias descritas neste trabalho, sendo 62,5% pertencentes à categoria 1, 12,5% à categoria 2 e 25% à categoria 3. Esses dados, no entanto, devem ser lidos com cuidado, já que, é provável que os alunos que não responderam aos questionários pertencessem à categoria 3, como já mencionamos.

Entre as línguas mencionadas pelos estudantes como línguas que eles mesmos utilizam no lar estão alemão, polonês e italiano. Em todos os casos, os estudantes informaram que essas línguas são utilizadas simultaneamente com o português (situações de contato entre as línguas). Além dessas línguas, Bayerisch foi citada, por uma aluna, como uma língua que ela fala ou sabe falar. Essa aluna - da 6ª série - pertencente à categoria 1 (disse falar alemão em casa), citou também conhecer Bayerisch (grafou "bairech") e apontou graus de conhecimento diferentes para alemão e para Bayerisch. Portanto, essa estudante tem consciência de que se tratam de duas línguas distintas. Com relação ao grau de proficiência, essa entrevistada disse falar, compreender, ler e escrever Bayerisch bem, e falar, compreender, ler e escrever alemão mais ou menos.

Com relação ao grau de proficiência dos alunos que declararam conhecer a língua alemã, entre os estudantes da categoria 1 (ver gráfico abaixo), 60% disseram compreender bem, 20% mais ou menos e 20% pouco. A fala foi avaliada como boa por 60% dos entrevistados, mais ou menos por 20% e outros 20% afirmaram não falar alemão (nada). 40% afirmaram ler bem em língua alemã e outros 60% mais ou menos. A escrita foi avaliada como boa por 40% dos estudantes da categoria 1, seguidas por outros 20% que acreditam ler mais ou menos e 20% disseram ler nada. Não há ensino de alemão padrão na escola, o

que contradiz o dado das boas avaliações de leitura e escrita que os alunos da categoria 1 produziram.

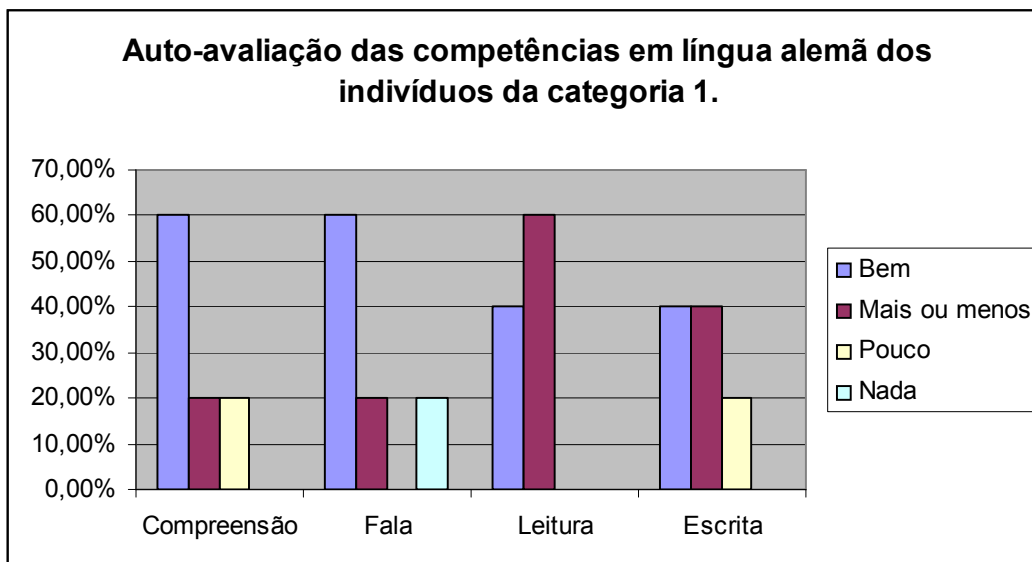


Gráfico 21 - Auto-avaliação das competências dos indivíduos da categoria 1. EBM Prefeito Henrique Schwarz, Região C.

Houve apenas um formulário o qual foi enquadrado à categoria 2, ou seja, um indivíduo falante de alemão, mas que no entanto não utiliza a língua no ambiente familiar. Esse estudante avaliou sua competência da seguinte forma: compreensão = mais ou menos, fala = mais ou menos, leitura = pouco e escrita = nada.

As opiniões dos falantes da EBM Henrique Schwarz sobre a língua alemã foram: 60% julgaram ser difícil, 20% bonita e 20% antiga. A falante de Bayerisch dessa escola citou essa língua como bonita e difícil em seu questionário.

No imaginário das crianças percebe-se claramente a presença das línguas que elas mesmas sabem falar influenciando a representação que fazem dessa língua e das demais. Por exemplo, quando questionada sobre qual a língua mais fácil para aprender, houve uma única resposta nessa escola, apontando Bayerish, justamente da estudante que fala essa língua. Assim, as respostas em muitos casos estão ligadas com o efetivo uso de cada um desses idiomas. Na questão sobre a língua mais fácil para aprender, entre os indivíduos da categoria 1, 20% responderam ser o alemão, 20% inglês, 20% espanhol, 20% Bayerish e 20%

alemão. Na categoria 2 há somente um indivíduo, e este respondeu ser a língua espanhola a mais fácil para a aprendizagem. Para os indivíduos da categoria 3, houve diferentes respostas para a língua mais fácil: 33,33% consideram o português, 33,33% consideram o italiano e 33,33% consideram o espanhol.

Quando questionados a respeito da língua que consideram mais bonita, os indivíduos da categoria 1, responderam: alemão (20%), inglês (20%), português (40%) e italiano (20%). A resposta para o indivíduo da categoria 2 foi a língua alemã. Já na categoria 3, 50% responderam ser a língua italiana a mais bonita e outros 50% a língua polonesa. A questão da língua considerada mais bonita revela ideologias: somente as crianças que falam alemão o consideram bonito, mas ainda assim, o número é menor do que o de informantes que consideram o português bonito. Isso pode se dever ao prestígio da língua para os informantes ou mesmo a um discurso politicamente correto dos informantes.

A utilidade das línguas, novamente, aparece relacionada ao efetivo uso cotidiano das mesmas. Sendo assim, falantes de alemão consideram o idioma mais útil do que aqueles que não o falam. Mas esse não é o único fator, basta observar os resultados da categoria 1, na qual o inglês foi citado mais vezes como útil do que o alemão. Dentre os indivíduos da categoria 1, as línguas apontadas como “mais úteis” foram: inglês (40%), alemão (20%), português (20%) e italiano (20%). Na categoria 2 (um indivíduo), a língua considerada mais útil é o português (100%). Já na categoria 3 foram citadas como úteis o inglês (50%) e o português (50%).

Na preferência dos alunos da categoria 1, para a aprendizagem, estão: alemão (40%), inglês (40%) e “polaco” (20%). O único indivíduo da categoria 2, nessa escola, apontou o inglês, em seu questionário, como a língua que gostaria de aprender. Entre as pessoas da categoria 3, 50% disseram querer aprender alemão e 50% disseram querer aprender italiano.

A respeito das línguas faladas pelos familiares das crianças da EBM Henrique Schwarz, foram citadas alemão (60% dos familiares da categoria 1, 100% dos familiares da categoria 2 e 50% dos familiares da categoria 3), Bayerish (20% dos informantes da categoria 1), polonês (20% - categoria 1) e italiano (50%

da categoria 3). 100% dos informantes de todas as categorias disseram que os familiares (principalmente avós, pais e tios) continuam utilizando a língua alemã no dia-a-dia. Os locais onde utilizam essas línguas, segundo informado nos questionários, são: em casa ou com familiares (50%), com amigos (25%), com vizinhos (8,33%), no trabalho (8,33%) e na igreja (8,33%).

6.1.3.2 Escola Básica Municipal Maria Ferreira Ziemann

A EBM Maria Ferreira Ziemann está localizada numa área rural do bairro de Rio Vermelho Povoador. A escola contava, em 2008, com cerca de 30 alunos cursando do 1º ao 4º ano (classes multisseriadas). Foram entregues 30 questionários e houve o retorno de 15 deles, ou seja, 50%.

A pesquisa foi realizada nessa escola por sugestão da Secretaria Municipal de Educação, a qual a considerou como ponto forte do uso de línguas minoritárias em São Bento do Sul. No entanto, os resultados dos questionários não confirmaram essa hipótese, mas apontaram para anos anteriores, quando línguas minoritárias, provavelmente Bayerisch, Hochdeutsch e polonês, eram amplamente utilizadas.

Dos 15 alunos que responderam ao questionário, treze se integram à categoria 3 (cerca de 86%), ou seja, não falam Bayerisch ou Hochdeutsch. Há apenas um aluno na categoria 2 (representa 7% dos alunos), o qual diz saber “alemão” e um aluno (7%) pertencente à categoria 1, ou seja, que fala a língua alemã no lar. Houve ainda uma criança que informou falar polonês, embora não no ambiente familiar (entende mais ou menos e fala pouco, segundo informou).

Com relação à avaliação da proficiência na língua minoritária, o aluno da categoria 2 disse falar-entender pouco e ler-escrever nada. No entanto, sua professora nos informou que ele costuma falar alemão com parentes e que, portanto, provavelmente subestimou suas habilidades na língua. Essa insegurança lingüística quanto ao uso da língua pode estar associada ao fato de aquela criança ter aprendido a língua no ambiente familiar e não através do ensino normatizado,

o que a faz atribuir menos prestígio à língua que fala. Percebe-se isso na questão a respeito do que esse aluno pensa sobre a língua que fala, para a qual respondeu “antiga”. Outro fator, que já se mostrou relevante na EBM Professora Garibaldina Fuginaga (na região A), e que pode interferir nas atitudes dessa criança sobre a língua, é o fato de morar numa região rural e talvez associar à língua ao modo de vida rural. Essa é uma criança da 2ª série e de religião católica.

O estudante classificado na categoria 1, o qual mencionou falar a língua alemã no lar, avaliou suas habilidades na língua da seguinte forma: compreensão – boa; fala – mais ou menos; leitura e escrita – nada. Quanto à opinião sobre a língua, essa criança assinalou a opção “fácil”. Esse é um aluno do 1º ano do Ensino Fundamental e de religião evangélica luterana.

Além dessas duas crianças das categorias 1 e 2, entre os treze informantes da categoria 3, onze disseram ter um parente que fale “alemão” (embora não tenha sido explicitado, acreditamos que falantes de Hochdeutsch e de Bayerisch porque provavelmente as crianças não as denominem assim). Diferentemente de outras escolas, nas quais a maior parte dos parentes lembrados como falantes das línguas minoritárias eram avós e bisavós, nessa escola houve citações significativas de pais e tios falantes da língua, ou seja, essas crianças são, em várias famílias, a primeira geração a não falar as línguas em questão. Sendo assim, entre os informantes da categoria 3, em cerca de 87% das famílias houve a substituição da língua minoritária pelo português e a conseqüente perda lingüística nas gerações seguintes. Dessas famílias, dos alunos pertencentes à categoria 3, e nas quais é falado o alemão por algum de seus membros, 64% são católicos e 18% são protestantes. Das duas crianças da categoria 3 que disseram não ter parentes falantes de alemão, uma informou que os avós falam polonês (a mesma que disse falar a língua) e a outra que disse não ter parentes que falem outras línguas é de uma família que migrou para São Bento do Sul há cerca de 15 a 25 anos atrás. A criança mencionou, também, que os avós ainda falam a língua polonesa no ambiente familiar. Dos familiares falantes de alemão, os dois alunos das categorias 1 e 2 informaram que os parentes ainda utilizam a língua. Para os indivíduos da categoria 3, 66,67% dos familiares continuam falando a língua

minoritária e 33,33% parou de utilizá-la em seu dia-a-dia, provavelmente, substituindo-a completamente pelo português. Dentre as pessoas que ainda utilizam a língua, os ambientes mais citados foram: em casa ou com familiares (40%), com amigos (24%), com vizinhos (20%), no comércio (8%), no trabalho (4%) e na igreja (4%). Predominaram, novamente, os ambientes informais e privados.

A presença das línguas no imaginário das crianças dessa escola reflete algumas ideologias e reforça a hipótese dos fatores que contribuem para essa situação. A respeito da língua que as crianças consideram mais fácil para aprender, as duas crianças das categorias 1 e 2 responderam português. Já as crianças da categoria 3 consideram fáceis para aprender: português (38,46%), inglês (23,08%), espanhol (15,38%), alemão (15,38%) e japonês (7,69%). O fato de crianças classificadas nessa categoria terem apontado a língua alemã como fácil para aprender pode significar que, na verdade, essas crianças talvez também dominem, em algum grau, a língua alemã e, por alguma razão, não tenham assinalado isso no questionário. Podem, também, ter produzido essas respostas em função do que imaginaram ser o discurso esperado delas pela pesquisadora.

Com relação à língua considerada mais bonita pelas crianças da EBM Maria Ferreira Ziemann, a criança da categoria 1 respondeu alemão, enquanto a criança da categoria 2 respondeu português. Essa questão revela muito sobre o prestígio das línguas entre as crianças. Para as 13 crianças da categoria 3, as respostas se configuram da seguinte forma: 38,46% consideram a língua inglesa mais bonita, 23,08% a língua portuguesa, 23,08% a língua alemã, 7,69% a espanhola e 7,69% a italiana.

A noção de utilidade da língua, novamente, parece estar associada ao uso cotidiano dela. Para os dois informantes das categorias 1 e 2, a língua mais útil é a portuguesa. Embora dominem a língua alemã, a língua portuguesa é a língua de ensino da escola, dos meios de comunicação e de diversos outros segmentos da vida dessas crianças. Entre os informantes da categoria 3, as línguas consideradas mais úteis foram: português (69,23%), inglês (23,08%) e alemão (7,69%).

A respeito da língua que gostariam de aprender, os informantes mencionaram:

* Categoria 1 (1 informante) – alemão (100%).

* Categoria 2 (1 informante) – inglês (100%).

* Categoria 3 (13 informantes) – alemão (61,54%), inglês (23,08%) e espanhol (15,38%).

Não houve citação para nenhuma das outras línguas minoritárias de São Bento do Sul, além de “alemão”, embora quando o indivíduo da categoria 1 esteja manifestando interesse em aprender alemão, esse seja, provavelmente, o alemão padrão e não a língua minoritária que ele já fala. Chama a atenção a quantidade de crianças da categoria 3 que gostaria de aprender alemão (61,54%), provavelmente, por influência da perda lingüística recente, na maioria das famílias dessa comunidade.

6.1.3.3 Escola Básica Municipal Emílio Engel

A EBM Emílio Engel está localizada no bairro Rio Vermelho. Lá, foram distribuídos 60 questionários e houve o retorno de 16 deles, ou seja, cerca de 27%.

De acordo com a categorização proposta nesta pesquisa, os indivíduos dessa escola são classificados como: 25% pertencentes à categoria 1, 19% pertencentes à categoria 2 e 56% pertencentes à categoria 3.

As categorias 1, 2 e 3 dessa escola são formadas por indivíduos católicos (100%) e de cujas famílias residem há mais de 25 anos no município (87,5%) ou de 15 a 25 anos (12,5%). Todos os indivíduos das categorias 1 e 2 nomearam a língua que as famílias e eles mesmos falam como “alemão”, podendo ser essa língua tanto Bayerisch (em função de serem famílias católicas) quanto Hochdeutsch ou mesmo alemão padrão (menos provável). Já, entre os indivíduos da categoria 3, sete informantes ou 77,78% informaram ter algum parente próximo que fale uma das línguas alemãs: desses, apenas uma criança disse se tratar de

Bayerisch (grafou “Baires”). Os parentes apontados como falantes de alemão por essas crianças da categoria 3 foram, principalmente, avós e bisavós. Dentre esses estudantes pertencentes à categoria 3 destacam-se, ainda, quatro crianças que dizem falar polonês, três delas, em casa. Essas três, certamente, possuem parentes próximos falantes de polonês, no entanto, diante da questão a respeito dos familiares que falam outras línguas, destacaram parentes que falam alemão. Talvez, por falarem a língua polonesa no ambiente doméstico, não a considerem “outra” língua, e sim a língua de casa. O estranhamento é com relação à língua alemã, falada por uma parte da família e a qual elas preferiram / lembraram-se de citar no questionário.

Diante da pergunta se os parentes ainda utilizavam as línguas que falam e, fazendo um recorte para as línguas alemãs, as respostas se apresentaram da seguinte forma: 100% dos indivíduos das categorias 1 e 2 disseram que sim, essas línguas ainda são utilizadas. Na categoria 3, 66,67% dos familiares ainda fala a língua alemã, 11,11% afirmam que não utilizam mais e 22,22% não responderam à questão. Entre os ambientes apontados pelas crianças como locais onde seus familiares ainda utilizariam as línguas estão: em casa ou com familiares (39,13%), com amigos (26,09%), com vizinhos (26,09%), na igreja (4,35%) e no comércio (4,35%). Como em todas as outras escolas analisadas, predominaram os ambientes privados e informais como locais onde as línguas alemãs ainda são utilizadas.

As questões que remetem ao imaginário das crianças sobre as línguas revelaram o baixo prestígio das línguas alemãs, principalmente entre os indivíduos da categoria 1, da EBM Emílio Engel. Quando questionadas sobre qual língua consideram mais fácil para aprender, as crianças responderam:

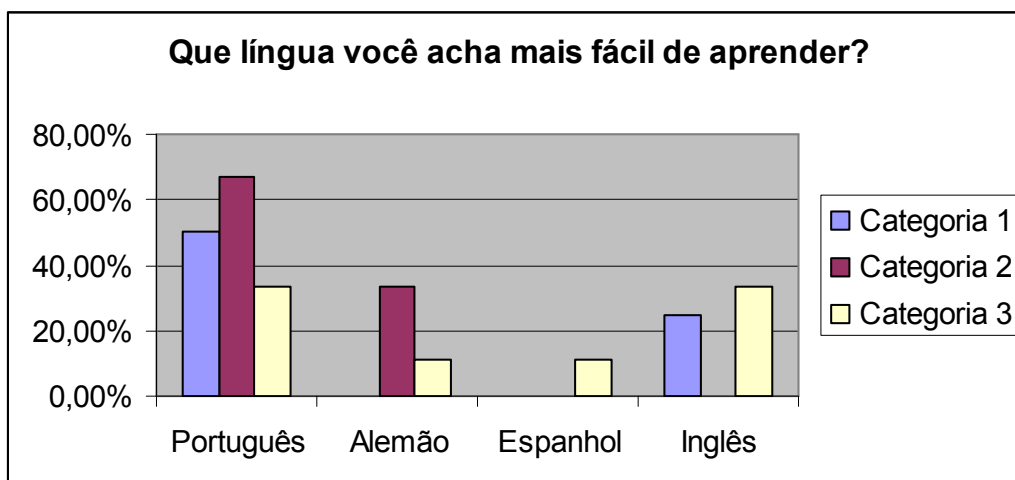


Gráfico 22 - Línguas consideradas mais fáceis de aprender segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Emílio Engel, Região C.

Na categoria 1, 50% das crianças consideram o português mais fácil de aprender, 25% o inglês e 25% não responderam. A língua considerada mais fácil de aprender, para a categoria 2, é, também, o português (66,67%), seguida do alemão (33,33 %). Entre os educandos classificados como pertencentes à categoria 3, 33,33% consideram o português mais fácil para aprender, 33,33% o inglês, 11,11% o espanhol e 11,11% o alemão.

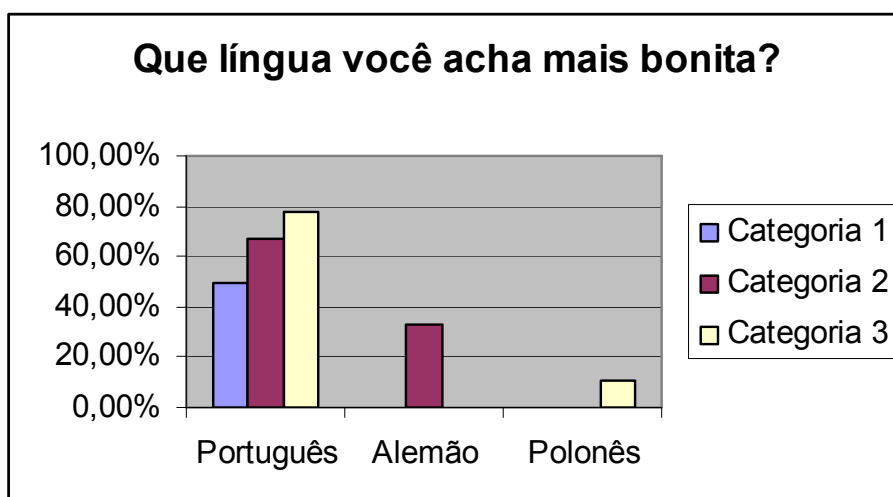


Gráfico 23 - Línguas consideradas mais bonitas segundo indivíduos das categorias 1, 2 e 3. EBM Emílio Engel, Região C.

A língua considerada mais bonita, pelos indivíduos das três categorias, foi a portuguesa, com 50% na categoria 1, 66,67% na categoria 2 e 77,78% na categoria 3. A categoria 2, ainda, citou a língua alemã (33,33%) e a categoria 3, a polonesa (11,11% - justamente a criança que disse falar pouco polonês e cujos avós falam a língua) como mais bonita.

Diante da questão a respeito da língua mais útil, a língua mais citada pelos alunos da EBM Emílio Engel foi a portuguesa: 100% na categoria 1, 66,67% na categoria 2 e 44,44% na categoria 3. A língua inglesa, ainda, foi citada pelas categorias 2 (33,33%) e 3 (44,44%) como mais útil. Na categoria 3 houve, também, 11,11% que não responderam à pergunta.

A língua que os alunos dessa escola mais gostariam de aprender varia de acordo com cada categoria. Entre os estudantes da categoria 1, essas línguas são: inglês (25%) e espanhol (25%), sendo que 50% dos alunos não responderam. Para os alunos da categoria 2, as línguas preferidas para a aprendizagem são: alemão (66,67%) e polonês (33,33%), justamente as línguas que as famílias daquela comunidade vêm sentindo a perda, nas últimas gerações. A vontade das crianças que já falam o alemão em aprendê-lo na escola parece um indicativo do que a comunidade espera que possa ser feito para reavivar essas línguas naquele local.

6.1.4 Panorama das entrevistas nas escolas municipais

Como forma de possibilitar uma visão geral sobre as línguas utilizadas pelos estudantes das escolas municipais de São Bento do Sul, apresentaremos a seguir, os dados do total de entrevistados das escolas municipais a respeito das línguas faladas nos lares e os dados com relação às línguas consideradas mais bonitas, mais fáceis de aprender e mais úteis pelos estudantes.

Diante da questão “que língua você fala em casa?”, e das três possibilidades de resposta apresentadas - só português, português e outra(s) e só

outra(s) - os resultados de todo o município de São Bento do Sul se configuram da seguinte forma:

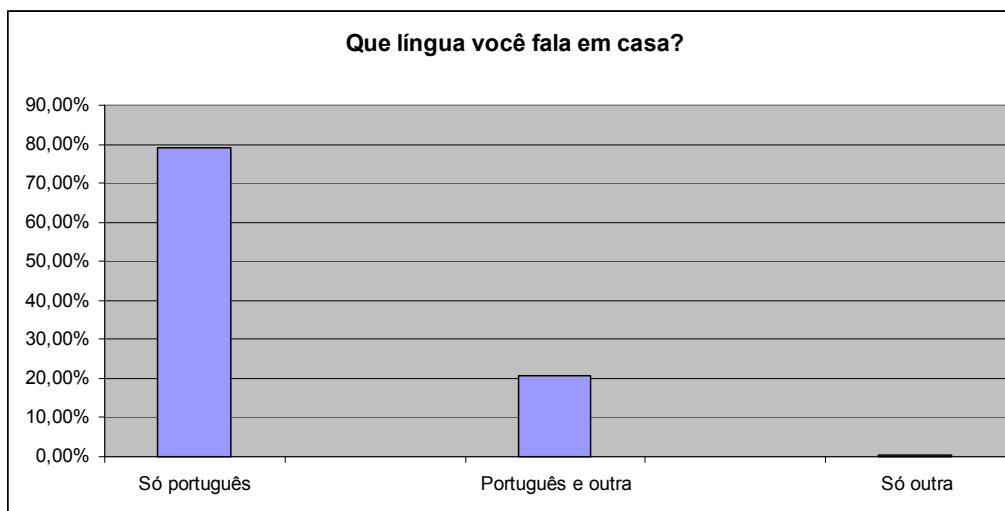


Gráfico 24 – Línguas faladas no ambiente familiar pelo total dos entrevistados nas escolas municipais

Para 79,02%, ampla maioria dos entrevistados é falado somente o português em casa. Em 20,54% dos lares dos informantes, são faladas duas línguas: português e outra. E somente para 0,45% dos entrevistados é falada somente outra língua em casa, que não o português. Essa outra língua, que não o português, falada em casa, por 0,45% dos entrevistados é a alemã. Já entre os 20,54% que informaram falar duas línguas em casa, essa outra língua, que não o português, é o alemão para 78,26% dos informantes, polonês para 10,87%, ucraniano para 6,25% e italiano para 4,35%. Um dado alarmante é que Bayerisch não foi mencionado, em nenhum questionário, como falado no ambiente familiar pelos estudantes, somente por parentes próximos das crianças (embora pudesse, provavelmente, estar dentro daquilo que as crianças apontaram simplesmente como “alemão” em seus questionários, como discutiremos mais a seguir).

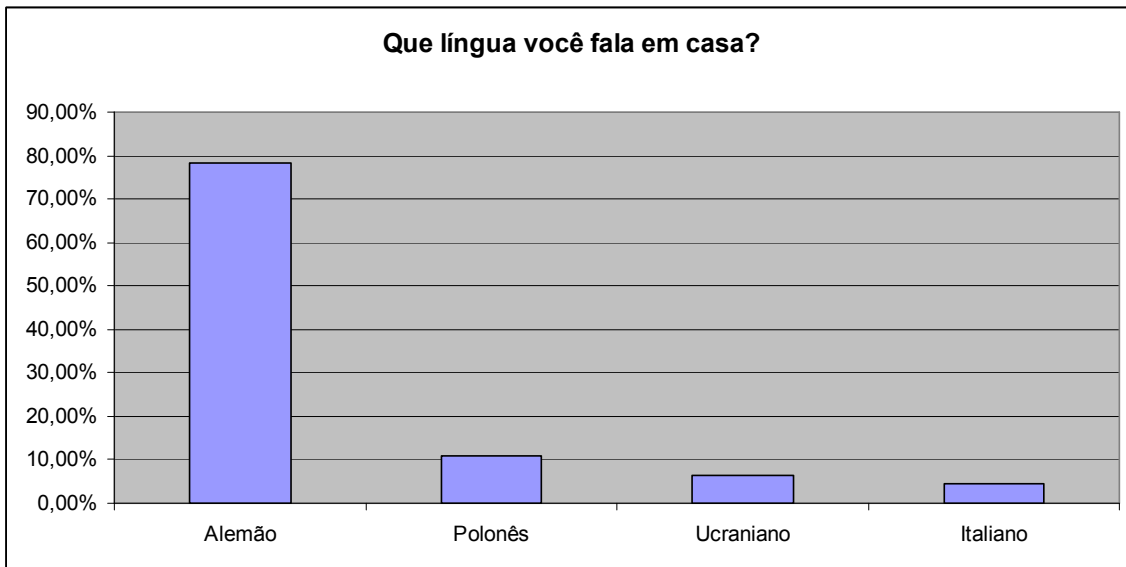


Gráfico 25 – Línguas faladas, ao lado de português, nos lares pelo total dos entrevistados nas escolas municipais.

Dentre todas as línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul, portanto, a língua alemã foi a que apresentou maior número de falantes. Há que se considerar que quando as crianças responderam “alemão” poderiam estar se referindo tanto a Hochdeutsch ou Bayerisch quanto a alemão padrão. Existem diversas questões que influenciam o fato de a única resposta para denominar essas línguas, pelas crianças, ser “alemão”. É possível que muitas crianças desconheçam o nome da língua que falam, atribuindo-lhe, portanto, uma designação geral (“alemão”), o que poderia, inclusive, ocasionar uma insegurança muito grande nesses falantes, por perceberem que há diferenças entre a língua que habitualmente usam no lar e a língua padrão falada na Alemanha. Outra questão observada em vários momentos da nossa pesquisa é que os falantes de Bayerisch, embora conheçam o nome da língua, nem sempre “assumem” ser falantes da mesma, um forte reflexo do baixo prestígio atribuído ao idioma. É possível, portanto, que crianças falantes de Bayerisch não tenham preenchido o nome da língua no questionário, embora a falem. Já os falantes de Hochdeutsch, conforme já mencionamos, geralmente denominam a língua simplesmente de “alemão”. Chama a atenção nos números também o número reduzido de lares nos

quais são faladas as línguas polonesa, ucraniana e italiana, provavelmente porque foram substituídas ao longo das gerações pelo português.

Um dos dados mais alarmantes levantados nas entrevistas simples, foi o acentuado grau de perda lingüística dos idiomas minoritários nas famílias são-bentenses. Embora apenas cerca de 30% dos estudantes entrevistados tenham afirmado falar alguma língua de imigração, no ambiente familiar ou não, a grande maioria dos familiares dos entrevistados é falante de alguma das cinco línguas mencionadas neste estudo: 75%, ou seja, houve perda lingüística em 45% do total das famílias pesquisadas através dos questionários entregues nas escolas, considerando-se todas as línguas de imigração. Entre esses 75% de familiares que falam algum dos idiomas minoritários, essas línguas são: alemão (71%), polonês (14%), italiano (9%), ucraniano (4%) e Bayerisch (2%).

Como já apresentamos nos dados por escola, muitas vezes as crianças não avaliaram positivamente as suas próprias competências na língua de imigração. As representações que os informantes têm das suas competências não dependem das efetivas realizações. Como foi explicitado, pode haver um quadro de insegurança lingüística interferindo fortemente nessas avaliações. Um dos principais aspectos nos quadros de insegurança, é que os falantes possuem, em seu imaginário, um conjunto de normas para o que consideram o “falar bem”, em oposição ao “falar mal” uma determinada língua, baseados em função de indivíduos que consideram ser detentores da norma ou de um “falar certo”. De todo modo, na maior parte das escolas pesquisadas, a avaliação das competências dos indivíduos que utilizam as línguas minoritárias no ambiente familiar foram superiores às avaliações dos indivíduos que também são falantes de uma dessas línguas, sem no entanto, fazer uso delas em casa.

De acordo com as regiões das escolas onde foram aplicados os questionários, aquela com maior número de crianças que mencionaram falar línguas de imigração (no ambiente familiar e fora dele), foi a região A, a qual também se mostrou mais plurilíngüe, isto é, com a maior variedade de línguas faladas pelas crianças de cada uma das três escolas municipais pesquisadas. A região B também apresentou plurilingüismo entre as crianças, mas em menor

quantidade do que a região A. Na região C, houve também menções a línguas minoritárias faladas pelos informantes, porém foi a região mais fraca, do ponto de vista da utilização das mesmas. De acordo com as escolas estudadas, a presença de idiomas minoritários (pontos fortes, médios e fracos) de acordo com os dados dos questionários, poderia ser sistematizada da seguinte forma:

Bairro	Presença das línguas de imigração	Escola
REGIÃO A		FORTE
Mato Preto	Forte	EBM Sophia Schwedler
Boehmerwald	Fraca	EBM Alexandre Alfredo Garcia
Cruzeiro	Forte	EBM Professora Garibaldina Fuginaga
REGIÃO B		MÉDIA
Bela Aliança	Forte	EBM Aracy Hansen
Dona Francisca	Média	EBM Dr. Hercílio Malinowsky
Dona Francisca	Média	EBM Professora Ladir dos Santos
REGIÃO C		FRACA
Schramm	Fraca	EBM Prefeito Henrique Schwarz
Rio Vermelho Povoado	Média	EBM Profa. Maria Ferreira Ziemann
Rio Vermelho Estação	Média	EBM Emílio Engel

Tabela 7 – Lista das escolas municipais pesquisadas, nas três regiões delimitadas, com indicação da presença de línguas de imigração.

As escolas pesquisadas possuem configurações bastante diferentes: localizadas em bairros mais urbanos ou mais rurais ou em localidades com populações estabelecidas há mais tempo na cidade ou não, etc. Todos esses fatores foram analisados na apresentação dos dados por escola e certamente colaboram para os resultados apresentados.

De modo a conhecer as línguas e as características atribuídas a elas (representações), presentes no imaginário dos estudantes de escolas municipais de São Bento do Sul, três questões abertas foram postas nos questionários: 1) que língua você acha mais fácil de aprender?; 2) que língua você acha mais bonita? e 3) que língua você acha mais útil?.

Dentre as línguas consideradas **mais fáceis de aprender**, as respostas se apresentaram da seguinte forma:

Que língua você acha mais fácil de aprender?

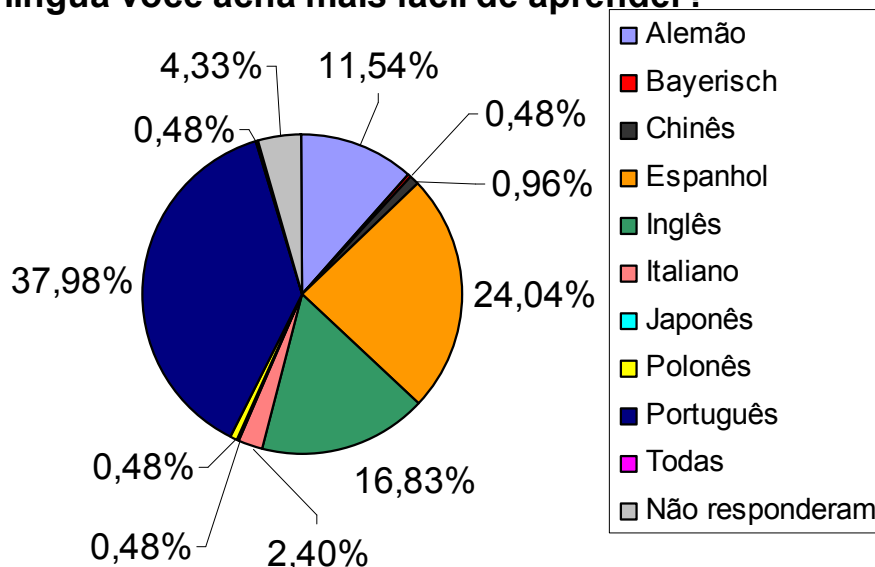


Gráfico 26 – Línguas consideradas mais fáceis de aprender pelo total de entrevistados.

Para os estudantes das nove escolas municipais de São Bento do Sul, as línguas consideradas mais fáceis para aprender foram: alemão (11,54%), Bayerisch (0,48%), chinês (0,96%), espanhol (24,04%), inglês (16,83%), italiano (2,40%), japonês (0,48%), polonês (0,48%) e português (37,98%). Houve ainda aqueles que responderam “todas” (0,48%) e os que não responderam à questão (4,33%). Nessa pergunta, provavelmente, a maioria das crianças respondeu com a língua que se sente dominante, haja vista que a maior parte das crianças indicou a língua portuguesa (37,98%). Outro aspecto que reforça esse ponto é que as crianças que falam alguma das línguas de imigração no ambiente familiar, geralmente responderam que é justamente essa língua que usam a mais fácil para a aprendizagem. Outro aspecto observado nessa questão, através dos dados, é que em muitos casos a facilidade para a aprendizagem parece relacionada à semelhança entre a língua que o indivíduo já domina e a língua que aprende / quer aprender. Esse é o caso do espanhol, que é próximo do português e foi

apontado, em todas as escolas onde se realizaram entrevistas, como fácil para aprender.

Há diversos outros pontos apresentados que contribuem para compreendermos como os informantes representam cada uma das línguas mencionadas. Em uma das escolas pesquisadas, por exemplo, a qual possui oficinas de língua alemã aos alunos, as crianças que falam a mesma língua no ambiente familiar, apontaram a língua inglesa como mais fácil de aprender do que a alemã. Provavelmente a percepção de que a língua alemã não seja fácil para aprender decorra da perspectiva de língua estrangeira que esse tipo de curso em geral oferece. De fato, para essas crianças, o alemão não é língua estrangeira e sim a língua materna ou a segunda língua, efetivamente utilizada no lar.

Com relação às línguas consideradas **mais bonitas**, as respostas se apresentaram da seguinte maneira:

Que língua você acha mais bonita?

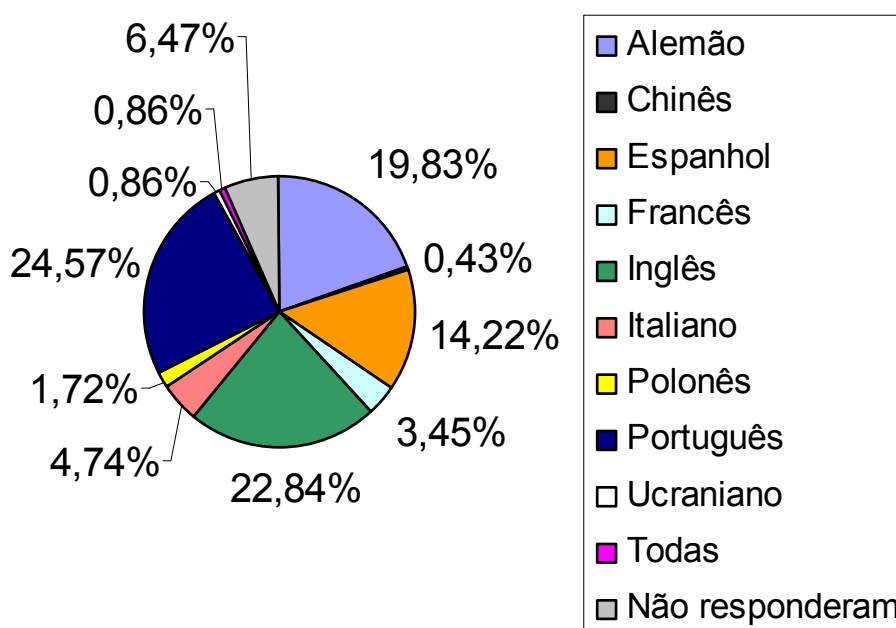


Gráfico 27 – Línguas consideradas mais bonitas pelo total de entrevistados.

Diante da questão “que língua você acha mais bonita?”, os estudantes das escolas municipais de São Bento do Sul citaram as línguas: alemã (19,83%),

chinesa (0,43%), espanhola (14,22%), francesa (3,45%), inglesa (22,84%), italiana (4,74%), polonesa (1,72%), portuguesa (24,57%) e ucraniana (0,86%). 6,47% dos estudantes entrevistados não responderam à questão e 0,86% disseram que consideram todas as línguas bonitas. As respostas a essa questão podem estar escondendo alguma ideologia, por exemplo, talvez dizer que considere a língua portuguesa “mais bonita” possa significar que essa língua é “mais importante”, de alguma forma, para o entrevistado. Outra questão interessante com relação a essa pergunta é que, entre os indivíduos que apontaram o espanhol como a mais bonita (14,22%), a maioria era de alunos que não falavam qualquer uma das línguas de imigração do município. O fato de apontarem essa língua como a mais bonita, provavelmente, pode estar relacionado ao fato de essa ser mais parecida com a língua portuguesa –, embora nem sempre a tenham citado como uma língua fácil de aprender em outra questão do formulário. Isso pode funcionar como uma justificativa para encobrir o fato de não saber alguma das línguas conhecidas por alguns dos colegas, que em algumas regiões estão fortemente presentes no entorno das comunidades escolares.

A língua chinesa (provavelmente mandarim), apontada por crianças em várias escolas tanto nas questões a respeito da língua “fácil de aprender” quanto da “língua mais bonita”, embora em porcentagem muito pequena, chamou-nos a atenção. Essa língua, que não foi citada na questão que visava conhecer as línguas consideradas “mais úteis”, teve provavelmente a influência da mídia para as respostas das crianças. No período em que foram realizados os questionários nas escolas municipais, estava sendo transmitida num canal de televisão aberta (em um horário acessível às crianças), uma telenovela que trazia elementos da cultura chinesa, entre eles, a língua. É possível que esse tenha sido um elemento de influência nas respostas dos informantes. Curiosamente, os indivíduos que deram alguma resposta citando a língua chinesa, eram os indivíduos mais novos (principalmente 1º e 2º ano do Ensino Fundamental) e que falam somente português.

Há que se considerar que os dados das questões que envolvem o imaginário das línguas, em muitas escolas entrevistadas, podem não revelar as

atitudes que as crianças de fato têm com as línguas, e sim um discurso politicamente correto. Isso pôde ser observado na prática, quando em muitas escolas ao entregarmos os questionários, perguntávamos se as crianças falavam alguma outra língua e geralmente nenhuma se manifestava prontamente. Somente depois de algum tempo, e de se sentirem mais seguras, algumas confirmavam falar polonês, alemão ou alguma outra língua minoritária.

As línguas citadas como **mais úteis** pelos informantes, como mostra o gráfico abaixo, foram: alemão (8,05%), espanhol (1,69%), inglês (34,32%), italiano (0,42%), polonês (0,85%), português (46,61%) e todas (2,54%). 5,51% dos entrevistados não responderam à questão.

Que língua você acha mais útil?

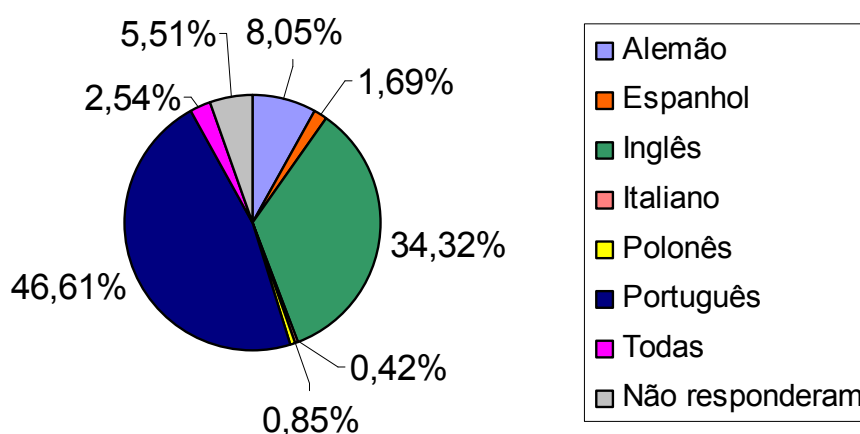


Gráfico 28 – Línguas consideradas mais úteis pelo total de entrevistados.

A noção de utilidade, nos dados de algumas escolas, estava associada ao efetivo uso das línguas. A língua alemã, por exemplo, foi considerada mais útil por aqueles informantes que a utilizam cotidianamente com as famílias do que por aqueles que se dizem proficientes na mesma, sem, no entanto, utilizá-las em suas casas. Já entre os indivíduos que não falam a língua alemã, ela dificilmente é citada como útil nessa resposta.

6.2 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

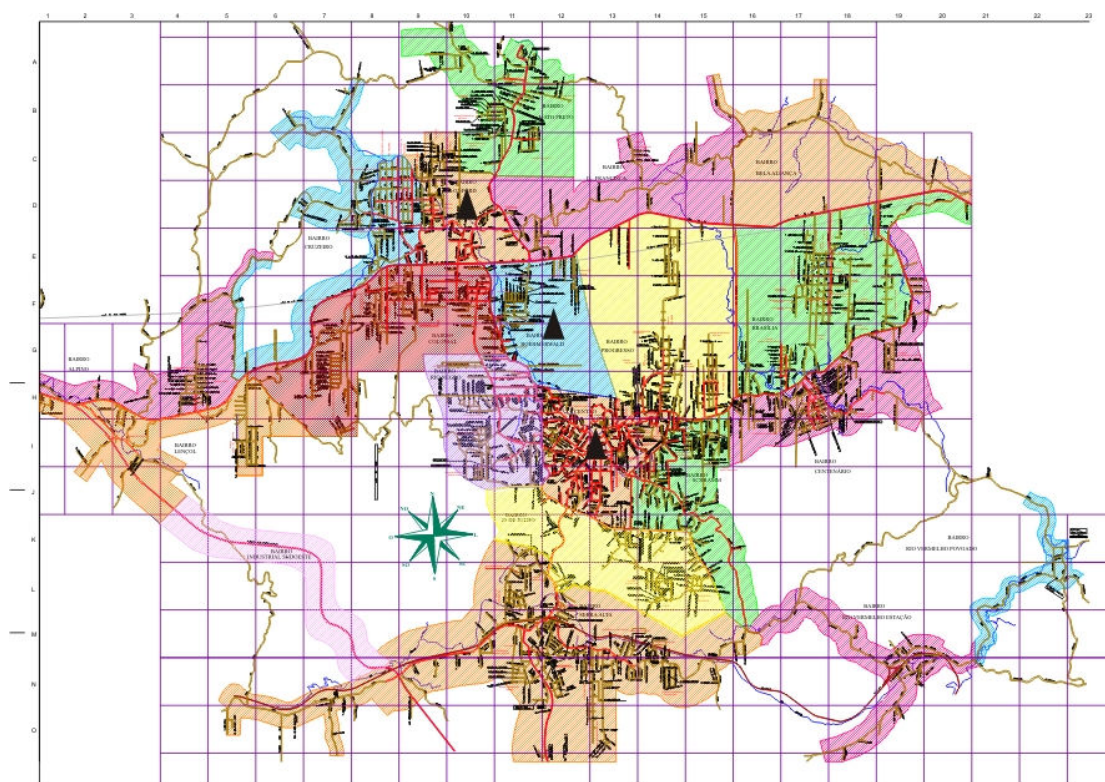
As entrevistas em profundidade, as quais ocorreram somente com os falantes das línguas alemãs, Bayerisch e Hochdeutsch, foram pensadas de modo a formarem uma rede de relações. Cada entrevistado, para isso, indicou outros dois falantes de língua alemã para serem entrevistados.

Diferentemente das nossas expectativas iniciais, **os entrevistados não indicaram outros falantes próximos a eles**, com os quais tenham contatos freqüentes, e sim falantes que sejam referência a eles. Dessa forma, o caminho percorrido nas entrevistas parece indicar uma **rede da elite dos falantes das línguas alemãs em São Bento do Sul**. Outro fato que demonstra essa questão é que nenhum dos entrevistados indicou um parente próximo para ser entrevistado, também, embora todos tenham dito possuir familiares (esposa, filhos, etc.) falantes de uma das línguas mencionadas.

O fato de a entrevista ser realizada em função da indicação de outras pessoas facilitou a nossa chegada a elas, havendo um baixo índice de recusas em participar da pesquisa. Em função das indicações houve, também, sempre que possível, contato antecipado com os entrevistados, geralmente por telefone. Assim, na maioria dos casos, os entrevistados já nos aguardavam e sabiam do que tratava a pesquisa. **Pelo modelo de redes de relações, atenua-se o estranhamento, pois o pesquisador não chega como um desconhecido, mas como amigo do vizinho, do colega ou do amigo**. Assim, as entrevistas também fluíram como uma conversa, e os entrevistados sentiram-se mais à vontade para explicitarem suas opiniões, suas inseguranças e até mesmo preconceitos com relação às línguas.

Embora as entrevistas tivessem um roteiro (através de um questionário – apresentado nos procedimentos metodológicos no capítulo 3) houve respostas de questões que encaminharam para outros assuntos e, como foram gravadas, integram os resultados do diagnóstico e serão citados através de excertos e citações, ou seja, trechos relevantes transcritos. As entrevistas duraram de 30 minutos até uma hora e meia.

Os bairros percorridos nas entrevistas em profundidade foram: **Centro, Oxford e Boehmerwald** (ver mapa a seguir) e realizamos **15 entrevistas no total, resultando em quase 8 horas de gravações**. Os bairros percorridos, nestas entrevistas, localizados no centro e ao norte da área urbana do município, reafirmam essas áreas como pontos fortes das línguas minoritárias alemãs em São Bento do Sul, ao contrário dos bairros que estão ao sul, como já se demonstrou nas entrevistas com alunos de escolas municipais.



Mapa 11 – Indicação dos bairros percorridos nas entrevistas em profundidade (marcados com triângulos).

Cruzando-se os dados dos questionários, há um fator que influencia claramente os resultados: a idade dos entrevistados. Houve, basicamente, duas faixas etárias pesquisadas: “entre 41 e 60 anos” e “acima de 60 anos”. Nessas duas faixas etárias, que representam gerações distintas, os usos, as atitudes e as representações dos indivíduos frente às línguas minoritárias se apresentaram, ora de forma semelhante, ora de forma bastante diversificada. A tabela a seguir

sistematiza algumas das diferenças observadas entre as faixas etárias, as quais serão detalhadas ao longo do texto.

DIFERENÇAS CONFORME FAIXAS ETÁRIAS		
	41 a 60 anos	Acima de 60 anos
Língua falada	Somente Hochdeutsch.	Todos falam Hochdeutsch e alguns falam também Bayerisch.
Insegurança lingüística (falantes de Hochdeutsch)	Quanto ao uso e quanto ao nome da língua.	Quanto ao nome da língua.
Insegurança lingüística (falantes de Bayerisch)	-	Quanto ao uso da língua.
Transmissão da língua	Não transmitiram aos filhos.	Transmitiram aos filhos. (Os falantes de Bayerisch e Hochdeutsch transmitiram só Hochdeutsch).
Âmbitos de uso (falantes de Hochdeutsch)	Mais freqüentemente usado em ambientes informais e/ou privados, embora usem, poucas vezes, também em ambientes públicos e/ou formais.	Ambientes formais e informais, públicos e privados.
Âmbitos de uso (falantes de Bayerisch)	-	Situações informais e/ou privadas.

Tabela 8 – Diferenças observadas, nas entrevistas em profundidade, entre os indivíduos de duas faixas etárias (falantes de Hochdeutsch e Bayerisch).

Nas entrevistas em profundidade encontramos tanto a insegurança lingüística com relação ao uso da língua (mais freqüente na faixa etária de 41 a 60 anos) quanto a insegurança a respeito do nome da língua (presente nas duas faixas etárias pesquisadas). Durante as pesquisas e entrevistas, encontramos, basicamente, as duas línguas alemãs faladas em São Bento do Sul: **Bayerisch e Hochdeutsch**, além do alemão padrão (principalmente entre indivíduos que viajaram à Alemanha e/ou que fizeram cursos de língua alemã).

As denominações que os falantes de Hochdeutsch deram para a língua foram: “alemão misturado”, “alemão sem dialeto”, “gíria”, “alemão”, “alemão daqui”, “alemão caboclado”, “alemão de São Bento” e “alemão

normal”. Já para a outra língua alemã não houve outra denominação além de **Bayerisch**. Além das línguas alemãs, apenas um informante declarou falar outras línguas: (INF001) mencionou falar também italiano e polonês. Esse informante é natural de Blumenau e aprendeu a falar alemão, italiano e polonês na infância: italiano e alemão com a família e polonês com os vizinhos. Mudou-se para São Bento do Sul na década de 1960 e, atualmente, só continua usando, dentre as línguas que conhece, a língua alemã. O entrevistado mencionou, ainda, que a única língua falada em casa (com a esposa) é a alemã e que também a utiliza no seu trabalho, com seus colegas e, raras vezes, com o público que atende.

Os falantes de Bayerisch, os quais foram a minoria dos entrevistados, conhecem o nome da língua e se identificam como falantes, embora nem sempre revelem isso no primeiro momento. Já, os falantes de Hochdeutsch não sabem o nome da língua que falam: dizem apenas que não é Bayerisch (algumas vezes tiveram pressa em esclarecer que não são falantes dessa língua, como se rechassem ou percebessem rechaço a quem a fala), mas que também não é “alemão da Alemanha” ou “alemão da gramática”. Um dos entrevistados (informante 002), por exemplo, diferencia, conscientemente, os três “alemães” que fala: “Eu falo Bayerisch, mas também falo a gíria como se fala aqui. E se for necessário falo também o alemão gramatical”. No caso desses indivíduos que falam português, Bayerisch e Hochdeutsch, além da situação de trilingüismo, há diglossia entre as duas línguas alemãs. Bayerisch funciona como variedade baixa e é menos utilizado: somente em situações com indivíduos que também falem a mesma língua e de mesma hierarquia social. Os contextos de uso são, geralmente, privados e informais: casa de amigos, com familiares e com vizinhos. Hochdeutsch é utilizada por esses mesmos indivíduos trilingües em situações mais formais e também públicas: em grupos (como coral, 3ª idade, etc.), na Igreja (foram mencionadas Igrejas Luterana e Católica), no comércio, no trabalho, etc. Sua utilização é, também, mais freqüente com indivíduos de hierarquias sociais superior e inferior e em relações de menos proximidade / afetividade. Apesar disso, Hochdeutsch, em termos de prestígio, ainda não se compara ao português: essa sim, é considerada variedade alta por todos os entrevistados.

É muito forte entre os falantes das línguas alemãs a impressão, principalmente entre os falantes de Hochdeutsch, que essa não é uma língua “correta”, ou que é um “dialeto”: um dos indivíduos entrevistados (informante 002), por exemplo, que fala essa língua além de também falar alemão padrão, mencionou que o “alemão que se fala em São Bento é péssimo, não é um alemão bom”. Outro informante (001), antes do início da entrevista, quis saber do que se tratava e respondi “quero saber mais sobre a língua que o senhor fala” e ele respondeu “o meu alemão é só um dialeto”. Há, portanto, entre os falantes das línguas alemãs de São Bento do Sul, indivíduos que negam essas línguas como sistemas complexos e evoluídos. Para essas pessoas, puristas, as línguas de imigração faladas em São Bento do Sul são “erradas”, “cheias de vícios”, etc. Um exemplo recorrente, entre esses falantes de língua alemã, que ouvimos durante as entrevistas em profundidade foi o item lexical que se usa para designar “avião” em língua alemã. Para eles, a única forma adequada seria a palavra “Flugzeug”, termo utilizado no alemão padrão para designar as aeronaves. Alguns falantes de alemão padrão de São Bento do Sul citaram o termo “Luftschiff” ou “Schiff”, que traduzidos significariam respectivamente, “navio que voa” e “navio”, utilizados para designar esse mesmo meio de transporte por falantes de “alemão de São Bento”, como um neologismo que “prejudicaria” a língua. Ora, quando os primeiros imigrantes estrangeiros chegaram a São Bento do Sul, a partir de 1873, muitos termos não eram conhecidos por eles simplesmente porque ainda não faziam parte de sua vivência ou porque nem mesmo haviam sido inventados naquele momento. As línguas estão sempre ampliando os itens lexicais para dar conta de todas as novas situações que precisam ser descritas, tanto para designar objetos quanto conceitos. O que esses neologismos apontam, então, é a forma como os indivíduos utilizaram suas competências lingüísticas para criar novas palavras que pudessem designar as novas noções.

Todos falantes das línguas alemãs, indicados e entrevistados na rede de relações, tinham mais de 40 anos (90% tinham mais de 60 anos), o que também pode ser visto como um dos indícios da forte perda lingüística do alemão na localidade. Todos mencionaram ter adquirido a língua alemã no lar, e somente um

deles disse ter feito curso da língua, anos mais tarde, para “melhorar” seu alemão. O informante que fez essa declaração pertence à faixa etária de entrevistados que têm entre 41 e 60 anos, indivíduos que demonstraram possuir insegurança lingüística maior (quanto ao uso) do que os informantes mais velhos (acima de 60 anos).

Os pais de todos os entrevistados tinham como língua materna ou Hochdeutsch ou Bayerisch: 66,67% dos pais eram falantes de “alemão” e 33,33% eram falantes de Bayerisch. Já, entre os informantes, 100% são falantes de Hochdeutsch (de acordo com as várias denominações dadas) e apenas 16,67% disseram falar, também, além de Hochdeutsch, Bayerisch. Houve, portanto, em muitas famílias, a substituição de Bayerisch por Hochdeutsch e a conseqüente perda dessa língua. Os entrevistados falantes de Bayerisch, por sua vez, não transmitiram a língua aos seus filhos: somente Hochdeutsch. Além disso, nem todos os entrevistados transmitiram qualquer uma das línguas alemãs: cerca de 15% informaram não ter transmitido a língua alemã, neste caso Hochdeutsch, aos filhos (os quais são monolíngües em português), os outros 85% transmitiram o idioma. No entanto, na geração dos filhos dos entrevistados, entre aqueles que já constituíram famílias, **100% deles não transmitiu a língua aos filhos (no caso, netos dos entrevistados pela nossa rede de relações)**. O principal motivo alegado pelos entrevistados que não transmitiram a língua aos descendentes, ou pelos filhos deles não haverem feito o mesmo, foi o fato de ter havido casamento com cônjuge que desconhecia a língua minoritária, o que, na opinião deles, inviabilizaria que as novas gerações adquirissem a língua de imigração.

A perda das línguas de imigração nas famílias são-bentenses aponta para o que Hagège (2001) chamou de defeitos de transmissão (parcial ou radical). Nos resultados desta pesquisa puderam-se perceber numerosos casos nos quais pais e mães de famílias dominam uma língua minoritária, entretanto, não possibilitaram condições para que seus filhos as aprendessem, ou seja, simplesmente não falaram essas línguas com eles (defeito de transmissão radical). Há famílias, por outro lado, nas quais o defeito de transmissão é somente parcial. São casos de pais que não transmitem a língua desde os primeiros anos de idade das crianças,

ou ainda casos nos quais as crianças não adquirem a língua em questão de forma contínua, assim os elementos que os pais das crianças ensinam são insuficientes.

Através dos questionários em profundidade, foi possível identificar, ainda, locais nos quais as línguas alemãs ainda são usadas. Foram citados estabelecimentos comerciais, grupos e igrejas. Além disso, os falantes mencionaram programas de rádio e uma coluna de um jornal da cidade, que são produzidos na língua minoritária em questão. Todos os locais apontados pelos entrevistados serão descritos no subitem 6.3 deste capítulo, que tratará da observação da circulação das línguas alemãs na cidade e também dos indivíduos, entidades e eventos incentivadores dessas línguas, ou seja, indícios da vitalidade das línguas.

Quanto às avaliações que os informantes fizeram de suas proficiências, pôde-se perceber, em alguns indivíduos, a insegurança lingüística quanto ao uso da língua. A habilidade de compreensão foi avaliada como boa para 100% dos entrevistados. 66,67% avaliaram a fala como boa e 33,33% como razoável. A competência para leitura na língua alemã foi avaliada como boa para 50%, razoável para 33,33% e muito pouca para 16,67%. A escrita foi a habilidade na qual os indivíduos avaliaram suas competências de forma mais negativa: 50% disseram escrever bem e 50% afirmaram escrever muito pouco. **Os indivíduos da faixa etária acima de 60 anos avaliaram ligeiramente melhor suas habilidades na língua alemã dos que os indivíduos com idades entre 41 e 60 anos.** E, se compararmos as respostas dadas pelos indivíduos da rede de relações, quanto à auto-avaliação das proficiências, com as respostas das crianças entrevistadas na primeira parte do diagnóstico, das categorias 1 e 2 (que, portanto, também são falantes de uma das línguas alemãs), veremos que os estudantes das escolas municipais avaliaram suas competências de forma muito inferior aos indivíduos desta etapa da pesquisa. De acordo com os nossos dados, portanto, os indivíduos mais jovens avaliaram suas competências de forma inferior aos indivíduos mais velhos, sendo que todos se declararam falantes de uma das línguas alemãs.

É possível que muitas respostas tenham sido dadas de forma a cumprir com aquilo que os informantes imaginaram ser esperado pela pesquisa ou em um

discurso politicamente correto, no entanto, a partir das horas de gravação, as atitudes dos falantes quanto a Hochdeutsch parecem, em sua maioria, mais positivas, principalmente, entre os indivíduos mais velhos (faixa etária “acima de 60 anos”). Em uma questão que visava conhecer a opinião dos entrevistados acerca da língua alemã, por exemplo, entre todas as respostas dadas, cerca de 86% foram opiniões positivas, do tipo: “boa”, “ótima”, “bonita”, “linda” e até mesmo opiniões como “superior” e “a melhor língua que há”. Apenas 14% afirmaram algo negativo e todas essas respostas foram para dizer “difícil”. Já com relação a Bayerisch, as atitudes, na maioria das vezes, não são positivas. Um dos indícios desta situação foi percebido no fato de que muitos falantes, não apenas nesta etapa do diagnóstico, não assumiram, imediatamente, falar Bayerisch. Do diário etnolingüístico:

Durante entrevista com INF006, novamente observei algo que já tinha percebido em outros falantes (embora não seja unanimidade entre eles): o fato de não declararem, imediatamente, falar Bayerisch. Diante da pergunta a respeito de qual língua falava, INF006 disse falar “alemão” e complementou “é um alemão caboclado”. Perguntei então se não falava Bayerisch e a resposta foi “entendo um pouco”. Mais adiante, esse informante mencionou que a língua materna de seus pais era Bayerisch e que falava essa língua na infância, em casa. Só então, a partir desse gancho, pude descobrir que o entrevistado também fala a língua, quando questionei “então você deve falar Bayerisch ainda, não?” e a resposta foi “falo, mas não é sempre”. (Diário de campo, 16 de julho de 2008).

Outra questão que remete às atitudes dos entrevistados a respeito das línguas foi o questionamento: “Você alguma vez já sentiu vergonha por falar alemão? Se sim, por que e quando?”, 84% afirmaram que “nunca” sentiram, muitos até complementavam a resposta informando “tenho muito orgulho”. Apenas 14% afirmaram já ter sentido vergonha de utilizar a língua, justamente indivíduos com idades entre 41 e 60 anos (geração diferente dos demais entrevistados que têm por volta de 70 anos). Um dos informantes (INF0010) que mencionou já ter sentido vergonha de falar a língua explicou que isso ocorria na época em que freqüentava a escola (por volta de 1970), porque, segundo ele, a língua alemã que falava era “motivo de chacota” entre seus colegas e amigos.

Questionados a respeito de ações que os governos federal, estadual ou municipal poderiam executar de modo a colaborar na preservação das línguas

alemãs faladas em São Bento do Sul, **todos os entrevistados citaram ensiná-las nas escolas**. É interessante que todos os falantes, quando questionados a respeito de possíveis ações, mencionem imediatamente o ensino da língua nas escolas, uma espécie de nostalgia e vontade que se retomem as escolas que funcionavam em língua alemã por volta de 1940 e que, depois da política nacionalizadora do regime do Estado Novo, não voltaram a existir. Além dessa resposta, um informante (INF0010) citou ainda outra ação: “valorizar o que já existe na língua”. As sugestões dadas pelos entrevistados da rede de relações e das demais etapas da pesquisa, integrarão o capítulo 7, no qual descreveremos sugestões de estratégias para fomentar a utilização dessas línguas.

As entrevistas em profundidade possibilitaram uma compreensão mais global das duas línguas alemãs faladas em São Bento do Sul: ambas estão em situação de desigualdade frente à língua portuguesa e sofrem com a perda lingüística ao longo das gerações. Contudo, além dessa situação que ambas as línguas enfrentam com a portuguesa, entre elas, Bayerisch e Hochdeutsch, também há conflitos e desigualdade. Os falantes de Bayerisch, vítimas de um preconceito (nem sempre declarado abertamente), estão abandonando ou já abandonaram sua língua, substituindo-a por Hochdeutsch. O baixo prestígio atribuído ao Bayerisch é evidente, não apenas entre os próprios falantes, como também entre os falantes da outra língua alemã. Um dos principais indicadores dessa situação foi a resistência dos falantes em assumir, e, a negação imediata dos não-falantes quanto ao questionamento se dominariam esse idioma. Para muitos falantes, a distinção de *status* entre Hochdeutsch e Bayerisch, parece ocorrer, por considerarem a primeira *uma língua* (mesmo que uma língua “errada”), e a segunda como *um dialeto*, ou “só um dialeto”. Além dessa situação, os falantes de Hochdeutsch também deixaram de transmitir à língua às novas gerações e vêm substituindo-na pela língua portuguesa.

6.3 OBSERVAÇÃO DA CIRCULAÇÃO DAS LÍNGUAS ALEMÃS NA CIDADE E TAMBÉM DOS INDIVÍDUOS, ENTIDADES E EVENTOS INCENTIVADORES DESSAS LÍNGUAS.

Neste item, detalharemos as observações realizadas no município que tinham por intuito **encontrar indicadores da vitalidade das línguas alemãs**. Relataremos aqui a presença das línguas na cidade, o suporte institucional às línguas, os eventos que as divulgam e fomentam seus usos, além dos indivíduos incentivadores das mesmas.

6.3.1 Presença visual da língua

Percorrendo a cidade de São Bento do Sul pode-se observar a presença da língua alemã escrita em placas informativas e, principalmente, em letreiros de casas comerciais. Há dois tipos de itens que marcam a presença visual da língua alemã no município de São Bento do Sul: sobrenomes e expressões/denominações em alemão.

A presença visual mais freqüente da língua alemã é a utilização dos sobrenomes de origem nessa língua para nomear diversos tipos de estabelecimentos comerciais, como demonstra a figura a seguir:



Figura 8 - Exemplos de fachadas e luminosos com sobrenomes de origem alemã nomeando os estabelecimentos comerciais.

São menos encontrados os registros escritos em língua alemã que não tenham relação com nomes e sobrenomes de famílias de origem alemã de São Bento do Sul. Mesmo em pequena quantidade, esses registros existem e podem ser vistos em diferentes locais da cidade, como nos nomes de associações, lojas, edifícios, bairros e ruas. Segundo apontado por vários moradores da cidade, há poucos anos, os registros em língua alemã em pontos comerciais da cidade se restringiam a locais que atendessem públicos de classes sociais menos prestigiadas. No entanto, de acordo com o que informaram vários são-bentenses, nas entrevistas, há poucos anos a língua alemã vem reaparecendo muito lentamente nos letreiros e, atualmente, começou a ocupar locais de maior destaque, como em estabelecimentos

comerciais voltados para classes sociais dominantes (como se percebe no letreiro abaixo, na imagem que contém Konzept Haus, ou casa conceito, em uma loja de móveis de alto padrão).



Figura 9 - Exemplos de fachadas e luminosos com palavras e expressões em língua alemã.

6.3.2 Terminal Urbano de Passageiros – Centro

O Terminal Urbano de Passageiros do Centro de São Bento do Sul não havia sido previsto anteriormente para ser parte dessa pesquisa, no entanto, surpreendeu-nos positivamente o fato de que, não raras vezes, encontramos indivíduos falando alemão lá (não presenciamos o uso de outras línguas naquele espaço). A presença de alemão na interação nesse local é um indicador da vitalidade da língua. O Terminal Urbano não é um local pré-determinado para que

falantes da língua se encontrem, esses momentos ocorrem ao acaso. A maior parte desses indivíduos tem mais de 60 anos de idade e os encontros ocorrem mais freqüentemente de segunda a sábado, durante o dia (principalmente em horário comercial, das 7 às 17 horas). Nas observações, encontramos com mais incidência pessoas conversando em Hochdeutsch do que em Bayerisch.

O uso do alemão, no Terminal Urbano de Passageiros, que é um espaço onde convivem “diferentes”, torna-se uma forma de afirmação da identidade. Reconhece-se o outro pela língua como pertencente ao mesmo grupo étnico-social.

6.3.3 Bibliotecas

As bibliotecas municipais, inclusive as das escolas, de São Bento do Sul, não possuem acervo significativo em nenhuma das línguas trazidas pelos imigrantes para a cidade. A única biblioteca que conta com grande acervo de obras em outras línguas, especialmente em alemão, é a Sociedade Literária São Bento. A sociedade foi fundada em 15 de outubro de 1881. Localizada no centro da cidade, é uma das maiores bibliotecas da cidade e, provavelmente, a maior com relação à quantidade de títulos em alemão. Conta com cerca de 43 mil títulos, dos quais cerca de **23 mil são em alemão**, possuindo entre elas muitas obras antigas, várias de meados de 1700. A Sociedade possui cerca de 100 sócios, sendo que, segundo a direção, cerca de 50 são os freqüentadores do local. Entretanto, os leitores das obras em alemão, atualmente, são somente quatro indivíduos, informou Sr. Herbert Kardauke, administrador da Sociedade há mais de 25 anos.

6.3.4 Estabelecimentos comerciais

Durante as observações da pesquisa, circulamos em diferentes estabelecimentos comerciais, à procura de situações nas quais os clientes fossem atendidos em alguma língua minoritária. Situações como essa, segundo alguns comerciantes informaram, existem ainda hoje, no entanto, ocorrem com frequência muito pequena. Passamos a visitar, para a pesquisa, os estabelecimentos comerciais nos quais nos foi relatado que poderiam haver situações bilíngües (somente relatos de bilingüismo português – alemão). Entretanto, não foi possível presenciar alguma cena desse tipo. Apesar disso, quando já não esperávamos mais nos deparar com esse tipo de situação, surgiram algumas oportunidades de observá-las. Minha família possui um comércio em São Bento do Sul e trabalha com ferragens e ferramentas. Durante as férias, passei algum tempo na loja, auxiliando meus pais, e durante esse tempo, presenciei situações nas quais os clientes falavam alemão com quem os atendia (nesse caso, geralmente meu pai).

No dia 14 de janeiro de 2009, por exemplo, presenciei a chegada de um senhor, que tinha cerca de 40 anos, o qual se dirigiu ao meu pai e o diálogo iniciou da seguinte forma:

- *Ich will tela kaufen.*
- Temos essa daqui.
- Mas essa tela não é muito *teuer*, né?

Provavelmente, já sabendo que o interlocutor o compreenderia em alemão, o cliente iniciou a conversa com o enunciado “eu quero comprar tela”. Ele provavelmente utilizou o termo *tela* em português por desconhecer esse termo em língua alemã. Como meu pai o respondeu em português, seu próximo enunciado também foi na língua: “mas essa tela não é muito cara, né?”. Interessante foi que, apesar do enunciado em português, utilizou o termo *teuer* para questionar o preço da tela. A partir daí o diálogo se desenvolveu completamente em português. Do diário etnolingüístico:

Mais tarde, conversei com meu pai sobre o diálogo com esse cliente. Por várias vezes, já vi meu pai atender a clientes em alemão na loja. Não compreendi porque, com esse, não interagi na língua minoritária. Meu pai não soube explicar porque não havia falado com o cliente em língua alemã. Primeiramente, disse que por uma questão de ética, depois refletiu e disse que a razão estava no fato de que o cliente não falou tudo em alemão, por isso ele também não respondeu. Talvez meu pai tenha se sentido inseguro em conversar em alemão com o homem, por não conhecê-lo bem ou por se tratar de uma pessoa mais velha. Acredito que ele converse em alemão somente com os clientes com os quais tenha uma relação mais próxima. (Diário de campo, 14 de janeiro de 2009).

A loja de meu pai já havia sido citada nas entrevistas em profundidade (rede de relações), como um local onde as pessoas poderiam fazer compras sendo atendidos em língua alemã. Outro estabelecimento comercial mencionado é uma loja de departamentos, no Centro da cidade (Loja Schumacher). Atualmente, não há vendedoras que atendam em língua alemã aos clientes, exceto o proprietário da loja que conhece a língua, mas que, em geral, não realiza esse tipo de atendimento. No entanto, durante muitos anos, até próximo à década de 1990, havia várias funcionárias na loja especializadas em atender aos clientes em língua alemã. O fato de essa loja ser citada como um local onde pudessem fazer compras utilizando a língua minoritária, provavelmente remeta a um tempo no passado, onde isso ocorria com maior freqüência não apenas nesse comércio, mas também em muitos outros.

Observamos também um salão de cabeleireira, que não foi mencionado em nenhuma das entrevistas como um local onde as pessoas pudessem ser atendidas falando em alemão, mas que, no entanto, funciona mais na língua minoritária, nesse caso Hochdeutsch, do que em português. A cabeleireira Edila Grosskopf possui um salão no bairro de Oxford há mais de trinta anos. Suas clientes são senhoras (a maioria com mais de 40 anos) do bairro de Oxford, mas também de vários outros bairros e localidades rurais do município. Em observações e entrevistas com clientes do estabelecimento, um dos motivos apontados por elas para freqüentarem-no é o fato de poderem falar “alemão” no local, além de mencionarem também a intimidade e confiança no trabalho de Edila.

6.3.5 Programas de rádio

A principal rádio FM⁴⁰ de São Bento do Sul conta com um programa bilíngüe português / alemão desde 1990. Apresentado pelo sr. Peter Udo Komert, nascido na Alemanha, o programa executa músicas alemãs antigas. O programa “Deutsche Hits” vai ao ar todos os domingos, das 10 às 14 horas, e possui grande quantidade de anunciantes e até lista de espera para tal, como informou a administração da rádio. Os ouvintes participam do programa enviando mensagens, oferecendo músicas e participando de promoções.

O apresentador do programa alterna as línguas portuguesa e alemã, as músicas tocadas são todas em alemão e os comerciais totalmente em português.

6.3.6 Jornais

Dentre os quatro jornais produzidos e que circulam em São Bento do Sul, atualmente, só um deles apresenta uma coluna em alemão: o jornal A Gazeta⁴¹. Essa coluna, intitulada “Unterhaltung in Deutsch” de autoria do sr Otmar G. J. Schimitt, é publicada, geralmente, às segundas-feiras no jornal e traz histórias e fatos, principalmente do passado, em língua alemã ou em língua portuguesa (raras vezes). Além dessa coluna, não há qualquer outra presença da língua alemã, nem mesmo em anúncios, em qualquer um dos impressos locais.

⁴⁰ Pode-se ouvir a programação da rádio através da internet, no site: www.fm89.com.br

⁴¹ Pode-se acessar e ler o conteúdo do Jornal A Gazeta através do site www.gazetasbs.com.br



**Unterhaltung
in Deutsch**

Otmar G. J. Schmitt

Gestern – Heute – Morgen

Erinnern Sie sich, liebe Lesers des Beitrags vom 26.10.07: "Für alle die vor 1945 geborenen wurden"? Viele meinen, unsere jetzige (innere) Welt läge schlimmer in Trümmern als 1945. Schon Friedrich Hölderlin beklagte: "Es ist die vorige Welt nicht mehr" – und ahnte nichts von "Parallelwelten" wie sie uns heute zu schaffen machen. Licht noch? Was ist dem "Wirtschaftswunderland" passiert?

Es wurde zum "Giesskannenstaat". Niemals zuvor sah man solche Verschwendung im Kleinen, genauso durch die EG-Agrar: Bürokratie. Die Achtung vor dem Geschaffenen sank ins Bodenlose: tonnenweise wurden Tomaten ins Meer gekippt, Fleisch-, Butter-, Gemüse- und Obst mit Milliarden erzeugt und vernichtet. Quälrische Massentierhaltungen schosser wie Pilze aus dem Boden. Die Tiere spielten keine Rolle, nur der Profit. Leistete man sich früher wenn überhaupt den kleinen Sonntagsbraten, lagen nun ganze Kotelettseiten auf dem Grill. Viel und billig hiess die Devise bei wachsenden Müllhalden. So war es. Furcht und Zorn überkam die, die einmal ohne Aufwand gelebt hatten. Manche gedachten gar ein altes Sprüchlein aus der Coppenbrügger Burg neu zu beleben. "Wer Glas, Papier und alte Tuten und alles, was er sonst nicht braucht, hier von sich wirft, wird 5 Minuten in kaltes Wasser eingetaucht".....Besonders die Pharmaindustrie expandierte auf Kosten von Abermillionen künstlich gekränkter, zu Tode gemarterter Kreaturen, entwickelte "zum Whole des Menschen" grenzenlos Mittel- und musste sie wegen schwerer, oft tödlicher Nebenwirkungen wieder vom Markt nehmen. Gier und Lobbies spielten ihre Rolle hervorragend.

Wäre sonst seit 1977 die Zigarettenindustrie in Deutschland zu dem (seltsamen) Recht gekommen, Tabak abhängigkeitsteigende Zusätze beizumischen? (E. Herbst: "Alle suchen nach Lösungen, wir haben sie", 1984).

Falls "alle Staatsgewalt vom Volke ausgeht", so hätten wir dagegen revoltieren müssen! "Speak ist out" sagen die Engländer. "Politiker sind unsere Diener". Sowie so fragt es sich, warum fleissige, pflichtbewusste-beherzte "mündige Bürger" ihr Geschick nicht ohne Parteidiktatur selbst in die Hand nehmen? "Die Politiker gleichen Ruderern gleichen Ruderern, deren Rudernicht mehr ins Wasser reicht" – meinte 1989 ein Insider. Statt uns zu wundern, dass wir auf T-Shirts die Anschrift "Arbeit ist Sch..." Lesen, von wahren Gewalt- und Sex-Tsunamis überschwemmt sind und sich Science Fiction verwirrt, sollten wir einfach zurückdenken und endlich Vernunft walten lassen!

Figura 10 - SCHIMITT, Otmar G. J.
 Gestern – Heute - Morgen In: Jornal A Gazeta. São Bento do Sul: 26 de maio de 2008. Ano XIV. Nº 3513.

6.3.7 Suporte institucional

6.3.7.1 Coral da Comunidade Evangélica Luterana de Oxford

O Coral da Comunidade Evangélica Luterana de Oxford se reúne na Igreja da Comunidade, entretanto, tem participantes de diversos locais diferentes da cidade e mesmo de diferentes religiões, como os próprios participantes explicitaram nas entrevistas realizadas. O grupo conta com 14 pessoas que se reúnem semanalmente, às quartas-feiras, a partir das 19:30 até às 21 horas,

aproximadamente. O grupo não dispõe de muito tempo para conversas informais e tampouco chegam antes do horário ao local dos ensaios. A regente do grupo informou que o grupo faz, no mínimo, uma apresentação por mês e que antes desses momentos, sempre há mais ensaios ou mais horas de ensaio do que normalmente. A maior parte dos participantes do grupo tem mais de 50 anos, apenas 2 pessoas têm entre 35-50 anos e todos sabem falar alemão, o que é um indicador da força da língua na comunidade.

Neste grupo, foram realizadas 10 entrevistas ao todo e um fato especial chamou bastante a atenção: quando os participantes do grupo foram questionados se falavam alemão nos encontros, todos responderam que nunca falavam, que apenas cantavam algumas canções em alemão. Entretanto, durante um momento em que apenas as três mulheres pertencentes à terceira voz ensaiavam um trecho de uma canção em latim, três tenores trocaram várias sentenças em alemão, falando muito baixo para não atrapalharem aos demais coristas. É provável que no momento da entrevista, eles não tenham percebido que, algumas vezes, conversam rapidamente em língua alemã.

Depois de cantarem canções em latim e português, o coral também ensaiou uma canção em alemão, no encontro que acompanhamos.

6.3.7.2 OASE (Oxford)

OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas) é um movimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Em São Bento do Sul há grupos de OASE nos bairros Centro, Oxford e Bela Aliança. O bairro de Oxford conta com uma comunidade luterana tradicional, com cerca de 850 membros no total. A comunidade desse bairro tem a Igreja (onde além dos cultos reúnem-se o coral da comunidade e uma orquestra de trombones), uma escola de educação infantil e um salão de festas (no qual se reúnem grupos de culto infantil, OASE, estudos bíblicos, entre outros). São realizados cultos em Hochdeutsch na

comunidade, sempre na última quinta-feira de cada mês. Do diário etnolingüístico, a respeito da observação de uma dessas celebrações:

Observei um culto em alemão no qual estavam presentes cerca de 50 pessoas. Participantes me informaram que, algumas vezes, o número de freqüentadores dessas celebrações chega a até 80 pessoas. A celebração ocorreu inteiramente em Hochdeutsch. A grande maioria dos presentes tinha mais de 60 anos e eram provenientes do próprio bairro de Oxford e de bairros vizinhos: Cruzeiro, Mato Preto e Lençol. Um dos prováveis motivos para que não houvesse pessoas mais jovens, segundo os próprios participantes, é que os cultos ocorrem à tarde, a partir das 14 horas, horário em que a maioria das pessoas está trabalhando. Quem realiza a celebração é o ex-pastor da comunidade, que atualmente está aposentado, já que o novo pastor não fala a língua alemã. As pessoas com as quais conversei, ao final do culto, manifestaram importância para elas, de poderem participar de um evento desses na *sua* língua. (Diário de campo, 26 de fevereiro de 2009).

Já as reuniões da OASE de Oxford são realizadas quinzenalmente, e são agendadas para as quintas-feiras à tarde (não coincidem com a semana em que há culto em alemão, porque todas participam). Oficialmente, os encontros iniciam às 14 horas e 30 minutos, entretanto, verifiquei que as senhoras participantes começam a chegar ao local por volta das 13 horas e 30 minutos, a fim de conversarem e prepararem o café que é servido na segunda parte do encontro. Esse momento, antes do início formal do encontro, mostra-se muito importante para o convívio daquele grupo. Os grupos de OASE são conhecidos por participarem de causas sociais e trabalharem em prol delas, além disso, os grupos se reúnem para realizar momentos de reflexão e oração, acompanhadas pelo pastor da comunidade. O grupo em questão realiza promoções para arrecadação de fundos que, posteriormente, são investidos em obras sociais ou na manutenção dos prédios da própria Igreja. Além dos encontros formais, pelo menos duas vezes por mês, essas senhoras se reúnem para fazer bolos (cucas) e comercializá-los.



Figura 11 – encontro da OASE de Oxford em dois momentos distintos: na imagem à esquerda o momento de reflexão, cantos e oração e na imagem que está à direita pode-se ver o momento do café.

Durante as entrevistas e conversas informais com as participantes da OASE – Oxford, as senhoras relataram que, há cerca de três anos, a comunidade em questão contava com dois grupos de OASE distintos: o grupo Vida Nova, que contava com “senhoras mais jovens” e era realizado em português, e o grupo “Alemão”, com encontros realizados somente em língua alemã. Segundo as informantes, o grupo alemão deixou de existir com a aposentadoria do antigo pastor e a contratação de um que não sabe falar a língua, ocasionando a junção dos dois grupos. Algumas das senhoras entrevistadas relataram sentir falta dos encontros em alemão e manifestaram vontade de tê-los novamente, entretanto, tal reivindicação nunca foi levada até a diretoria da OASE ou mesmo da comunidade, parecendo ficar apenas em rumores entre algumas das senhoras do grupo.

No encontro que acompanhei, havia cerca de vinte e oito senhoras e mais o pastor da comunidade, e apenas quatro dessas mulheres tinham menos de 50 anos. Segundo o pastor que coordena a primeira parte do encontro, o número de participantes em cada encontro varia muito, mas, geralmente, é de 15 a 30 pessoas. Cheguei mais cedo ao encontro para observar toda a movimentação antes do início e começar a coletar as primeiras informações, e algo bastante interessante ocorreu: as senhoras desconheciam o fato de que eu estaria ali, apenas o pastor que ainda não havia chegado sabia que eu estaria presente, e algumas das senhoras reuniram-se e trocaram algumas sentenças em alemão. Percebi que questionavam a minha presença e se perguntavam o que eu poderia estar fazendo ali. Durante esses momentos, antes do início do encontro, também observei que muitas das senhoras conversavam em português e alternavam com

o alemão algumas sentenças, especialmente expressões em tom de piada ou brincadeira. Essa alternância de línguas ocorria de várias formas: ou inserindo apenas expressões e palavras em sentenças em português, ou mesmo produzindo sentenças inteiras em alemão, que podiam ser respondidas em alemão ou em português por outra pessoa.

Assim que o pastor chegou, as senhoras se dirigiram para a sala da OASE, que fica no segundo andar do prédio, e formaram um círculo. O pastor iniciou a tarde saudando a todas e declarou boas vindas para as visitantes (uma senhora de Blumenau e eu). Assim que me apresentei e expliquei a elas o motivo da minha presença ali (embora não tenha dito que meu objeto de estudo era especificamente a língua, para não gerar nenhum tipo de insegurança lingüística), muitas se lembraram de mim por conhecerem minha família e, então, me receberam muito calorosamente, sem o olhar desconfiado de instantes anteriores.

O encontro ocorreu normalmente com orações, cantos, leitura da Bíblia e momentos de reflexão, exceto por um acontecimento: as senhoras da OASE quiseram cantar uma canção em alemão em virtude da minha presença. Como nem todas as mulheres desse grupo falam alemão, escolheram um canto que tem uma versão em alemão e outra em português e cantaram-no com a primeira estrofe em português, a segunda em alemão e, na terceira, algumas mulheres continuaram cantando em alemão e outras em português. O pastor pareceu um pouco constrangido com a escolha da canção em alemão e disse que poderiam cantar, mas, que “alguém precisaria puxar” e também comentou, ao final, “você querem mostrar que falam alemão para a visita”. De qualquer forma, as mulheres que cantaram em alemão pareceram muito satisfeitas ao final da canção e muitas comentaram que deveriam fazer isso mais vezes.

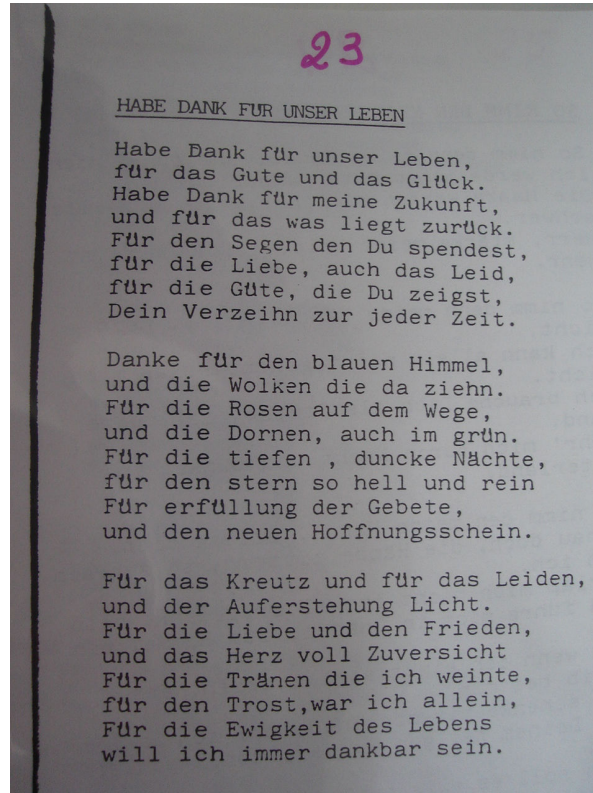


Figura 12 – Música cantada em alemão pelas senhoras da OASE

Na segunda parte do encontro, todos se dirigiram para o primeiro andar do prédio, onde foi realizado um café. Todos se sentaram às mesas e aproveitaram o momento para conversar. Observei que se formaram duas mesas de senhoras que trocavam algumas sentenças em alemão e conversei informalmente com as participantes, além de seis entrevistas escritas e gravadas com mulheres participantes do grupo, sendo três mulheres do mesmo bairro em que acontecem os encontros (Oxford) e três mulheres vindas de outros bairros.

6.3.8 Festas “típicas”

A principal festa popular realizada em São Bento do Sul é a *Schlachtfest*, promovida por um clube da cidade, a Sociedade Desportiva Ginástico, desde 1966. Há, também, outros eventos menores do mesmo gênero, como a *Musikfest* e a *Freudinfest*, por exemplo.

A *Schlachtfest*, principal festa “típica” de São Bento do Sul, ocorre todos os anos no mês de setembro, durante quatro dias. Em 2008, a organização estimava que 40 mil pessoas passaram pelas dependências da Sociedade Ginástica. Embora se auto-identifique como uma festa de somente “tradições germânicas”, há diversas outras tradições que a compõem, pois todos os anos recebe grupos vindos de outras cidades e mesmo de São Bento do Sul, que desfilam, se apresentam e participam da festa. Em 2008, por exemplo, além dos corais, bandas e grupos folclóricos de danças germânicas, houve também apresentações de grupos italianos, portugueses, poloneses e ucranianos. Em anos anteriores, recebeu também grupos de dança russa.

O lugar da língua alemã na festa é bastante restrito. Com relação à língua escrita, além do próprio nome da festa que aparece em todos os ambientes, o alemão só pode ser encontrado em alguns termos dos *folders* de divulgação da festa e na programação das apresentações culturais. Nesses materiais, conforme demonstra a figura abaixo, a língua principal é o português, mas os nomes de alguns bailes (*Bauernball* e *Jungerball*) aparecem em língua alemã. Outras expressões em alemão, encontradas nesses materiais, foram: 3º *Torneio Schützengesellschaft* (torneio de tiro), nomes de canções executadas nas apresentações culturais (*Marsch Für Drei Trompeten*, por exemplo), nomes de grupos que se apresentaram na festa (*Grupo Folclórico Germânico Jäger Volkstanzgruppe*, por exemplo) e nomes de comidas típicas servidas na festa (*Apfelstrudel*, *Einsbein*, *Bratwust* e *Kassler*).

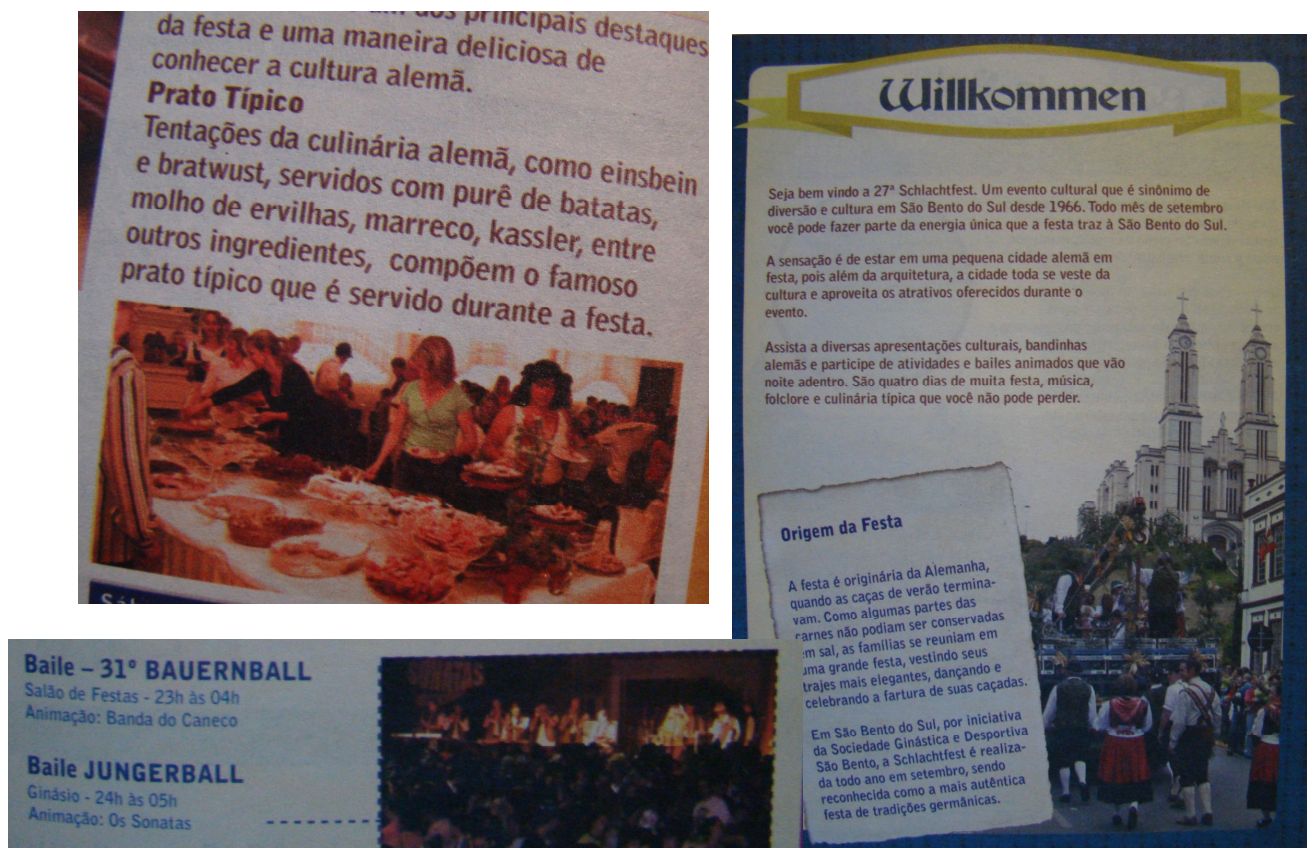


Figura 13 – Folder da Schlachtfest.

A língua alemã falada é um pouco mais presente do que a escrita na festa, no entanto, seu espaço também é restrito. Aparece, principalmente, nas músicas tocadas / cantadas durante o dia em todos os ambientes da festa e nos bailes à noite. Há certos espaços específicos na festa onde, eventualmente, podem ser encontradas pessoas falando alemão. Esses espaços são os locais onde há alimentação, especialmente na sala de café colonial e no salão nobre, nos quais são servidas “comidas típicas”.

Uma festa como essa é um ato de promoção de uma identidade. A identidade que subjaz a essa festa pode ser percebida no próprio *slogan* do evento: “a mais autêntica festa de tradições germânicas”.

A identidade, questão importante para este trabalho de investigação dos falantes de alemão em São Bento do Sul, não é entendida como um produto

final, e sim como processo em constante construção, ou seja, a identidade é dinâmica e é construída / transformada continuamente. Homi K. Bhabha, crítico cultural indiano diz que tal construção / transformação resulta da interação, do contato com o outro. Ainda segundo Bhabha, a identidade está relacionada à cultura e à hibridização, pois, segundo ele, é a hibridização que forma a cultura e a identidade, sendo que elas seriam múltiplas em sua origem. Portanto, cada indivíduo possuiria inúmeras identificações diferentes, entretanto, algumas se destacariam no seu convívio com determinados grupos sociais, e é sob esse aspecto que procuro identificar o papel da língua alemã por grupos, no município de São Bento do Sul.

Lynn Mario T. Menezes de Souza traz as discussões de Bhabha sob o enfoque da lingüística no texto: *Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha*, e, aborda as questões relacionadas à identificação do indivíduo e à cultura. De acordo com Souza (p.121):

(...) o processo de identificação nunca se limita à afirmação de uma identidade preexistente e pressuposta; pelo contrário, trata-se sempre da produção de uma imagem de identidade acompanhada simultaneamente pela tentativa agonística de transformar o sujeito, fazendo com que ele assumira essa imagem.

O processo de construção da identidade também é entendido, neste trabalho, como resultado da interação com outros grupos, ou seja, como forma de destacar as diferenças, que, nesse caso, podem ser marcadas pelo aspecto lingüístico. Segundo Maher (in SIGNORINI, 1998, p.135): *A identidade lingüística, numa abordagem mais ampla, não estaria vinculada simplesmente à língua de um povo, mas vinculada à linguagem em uso, ao discurso.* Diferenciar-se e identificar-se através da fala, do discurso, assim como Maher expressa, é o que Kramersch (2000, p. 65) também expressa, acrescentando, ainda, que não apenas os falantes identifiquem a si mesmos pelas suas falas, como também são identificados por outros da mesma forma:

It is widely believed that there is a natural connection between the language spoken by members of a social group and that group's identity. By their accent, their vocabulary, their discourse patterns, speakers identify themselves and are identified as members of this or that speech and discourse community.⁴²

6.3.9 Retretas de verão

Durante os meses de janeiro e fevereiro, às quartas-feiras à noite, ocorrem *as retretas de verão* em São Bento do Sul. Esses eventos, que são realizados todos os anos desde 1940⁴³, geralmente acontecem na Praça Getúlio Vargas, no Centro da cidade e esporadicamente em bairros, como na Praça Leopoldo Rudnick, no bairro Oxford. Nessas ocasiões, a Banda TremI⁴⁴ executa seu repertório com muitas músicas folclóricas alemãs. Em algumas das retretas há também a apresentação de grupos folclóricos da região, geralmente na semana que antecede o Carnaval, que sempre é a última retreta do ano. A Prefeitura Municipal é quem patrocina o evento e distribui mesas e bancos no local para acomodar o público. Há também a comercialização de alimentos e bebidas.

As retretas são freqüentadas principalmente por famílias com crianças e por idosos. As músicas executadas são instrumentais, e assim, as pessoas conversam enquanto apreciam as músicas. Do diário etnolingüístico:

Na retreta, encontramos diversas pessoas falando Hochdeutsch (embora o chamassem de “nosso alemão” ou “alemão daqui”), mas nenhuma falando Bayerisch. Somente quando questionamos dois grupos que conversavam na língua se conheciam Bayerisch é que, alguns integrantes, iniciaram uma curta conversação na língua, apenas para demonstrar o conhecimento. Quando questionados do porquê da escolha pelo “outro alemão”, responderam que “essa língua todos entendem”, ou seja, os falantes de Bayerisch falavam Hochdeutsch, mas os falantes de Hochdeutsch não falavam Bayerisch. Além disso, os falantes de Hochdeutsch estavam em maioria nos dois grupos. (Diário de campo, 28 de janeiro de 2009).

⁴² Acredita-se amplamente que exista uma conexão natural entre a língua falada por membros de um grupo social e a identidade desse grupo. Pelo sotaque, vocabulário e estilo do discurso os falantes identificam a si mesmos e são identificados como membros de uma ou outra comunidades discursivas ou de fala. (Tradução nossa).

⁴³ Sofreram interrupção somente nos anos de 1944 e 1945.

⁴⁴ A Banda TremI foi criada em 1913 e já gravou 12 álbuns. Atualmente conta com 25 músicos e é regida pelo maestro Pedro Bittencourt.

6.3.10 Educação e cursos de língua

Há três centros (privados) de língua que lecionam língua alemã em São Bento do Sul: Wizard, Private School e ICBA (Instituto Cultural Brasil – Alemanha), entretanto, todos eles com a perspectiva de língua alemã como língua estrangeira. A procura pelo ensino de língua alemã nessas escolas é mínima, se comparado à procura por outras línguas como inglês, espanhol e francês.

Em duas escolas da rede municipal, como já citamos anteriormente, são oferecidas oficinas de língua alemã aos alunos. Essas aulas ocorrem no contraturno, uma vez por semana. As escolas contempladas com essas aulas são EBM Sophia Schwedler, no bairro Mato Preto, e EBM Professora Aracy Hansen, no bairro Bela Aliança. Esses bairros são apontados como tendo ainda presença de famílias falantes de língua alemã e, portanto, para muitas dessas crianças matriculadas nas oficinas a língua alemã não é uma língua estrangeira (perspectiva das oficinas) e sim uma segunda ou mesmo uma primeira língua.

6.3.11 Feira de Oxford



Figura 14 – Feira de Oxford.

Ocorre, no bairro de Oxford, há pelo menos 30 anos, uma feira na qual são comercializados frutas e verduras, geléias, mel, ovos, leite e derivados, como nata

e requeijão, conservas, entre outros itens de produtores agrícolas da região. A venda ocorre todos os sábados, das seis horas e trinta minutos até aproximadamente às dez horas da manhã. Atualmente, apenas dois produtores comercializam seus produtos naquele local: uma senhora, moradora do bairro de Fragosos, município de Campo Alegre e um senhor de São Bento do Sul, ambos com mais de sessenta anos. A senhora de Campo Alegre é de origem polonesa. Disse que falava muito o polonês na infância. Atualmente, no entanto, acredita que sua competência se restrinja à compreensão, já que não fala mais à língua. Questionada se já utilizou a língua minoritária para comercializar seus produtos na feira, disse que nos 24 anos que trabalha ali, nunca falou polonês com nenhum cliente.

O senhor Geraldo Neubauer, ao contrário, o qual também trabalha na feira há muitos anos, alterna português e alemão a manhã toda, enquanto faz suas vendas. Disse que a maior parte de seus clientes fala alemão também. Quando questionado sobre a língua que fala disse que se trata de “Alemão da Alemanha”, ou Hochdeutsch. Explicou-nos que sua família falava Platdeutsch, há cerca de 30 anos, por isso ele afirma compreender Bayerisch, pois, para ele, as duas são muito parecidas. Explicou que atualmente fala alemão padrão em função de que seus filhos já moraram na Alemanha e uma filha é formada em Letras – Alemão, sendo professora da língua em uma escola particular de idiomas em São Bento do Sul. Do diário etnolingüístico:

Aquele senhor que comercializava frutas e verduras alternava português e alemão durante suas vendas. Em muitas situações, mesmo que o comprador falasse somente português, ele respondia em língua alemã, mesmo antes de nossa abordagem e de saber, portanto, que eu estava interessada nas línguas que ele falava. (Diário de campo, 29 de novembro de 2008).

Os clientes da feira de Oxford são todos moradores do bairro, ou mesmo de bairros vizinhos como Mato Preto, Lençol, Boehmerwald e Cruzeiro. Do diário:

Há supermercados, quitandas e diversos tipos de estabelecimentos comerciais que revendem produtos semelhantes aos dessa feira nas proximidades de onde ela ocorre. A maior parte dos clientes que vi por ali tinha mais de 50 anos. Muitos chegavam para comprar apenas um item e ficavam por até uma hora em conversas com os comerciantes e com outros clientes. Pareceu que a feira funciona como um bom pretexto para que os falantes de alemão se encontrem e conversem na língua. (Diário de campo, 29 de novembro de 2008).

6.4 CONSIDERAÇÕES

Nas três etapas do diagnóstico – entrevistas nas escolas municipais, entrevistas em profundidade e observação da circulação das línguas –, pudemos observar indícios da vitalidade das línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul. As duas línguas alemãs, Hochdeutsch e Bayerisch, que foram estudadas de maneira mais aprofundada, se apresentaram de forma bastante distinta. A primeira, Hochdeutsch, ainda mostra muitos sinais de vitalidade, com diversas situações de uso descritas, inclusive com razoável número de crianças proficientes. Ao contrário, o Bayerisch apresentou-se, nos dados colhidos nas entrevistas e nas observações, em acelerado processo de perda, havendo, atualmente, um número muito reduzido de falantes. Além disso, entre os poucos indivíduos proficientes em Bayerisch pesquisados no município, não encontramos crianças, apenas pessoas mais velhas, a maioria pertencentes à faixa etária “acima de 50 anos”. Segundo Hagège (2001, p.80), a respeito de situações nas quais não haja crianças proficientes em um dado idioma:

Una lengua que hablan únicamente los adultos de una comunidad, mientras que los hijos sólo conocen otra u otras ajenas a esta comunidad no está condenada a muerte de manera inmediata ni cierta. Los adultos más jóvenes se seguirán sirviendo de ella, en principio, hasta el final de su vida. Y, por otra parte, la fundación de escuelas en las que puedan aprenderla los niños a los que no se les haya transmitido en el medio familiar, sigue siendo una posibilidad. En la mayoría de los casos conocidos, sin embargo, esta ausencia de jóvenes hablantes se debe considerar como un pronóstico sombrío para la supervivencia de la lengua.⁴⁵

⁴⁵ Uma língua que falem unicamente os adultos de uma comunidade, visto que as crianças conhecem somente uma ou outra pessoa de fora desta comunidade, não está condenada à morte de maneira imediata nem certa. Os adultos mais novos continuarão utilizando a língua, a princípio,

Estamos, portanto, diante de uma situação de línguas em perigo, a qual requer ações imediatas. Para que toda a pluralidade lingüística que há em São Bento do Sul não se perca, precisam ser pensadas (e postas em prática), estratégias que colaborem para mantê-la e/ou revitalizá-la. É o que proporemos no capítulo que segue: um planejamento lingüístico, ou seja, um plano para a intervenção sobre a situação apresentada.

até o fim de suas vidas. E, por outro lado, a fundação das escolas nas quais as crianças a quem não foi transmitida a língua no ambiente familiar, possam aprender continua sendo uma possibilidade. Na maioria dos casos conhecidos, contudo, esta ausência de jovens falantes deve ser considerada como um prognóstico sombrio para a sobrevivência da língua.

7. PROPOSIÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA A REVITALIZAÇÃO E A MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS FALADAS EM SÃO BENTO DO SUL

Como São Bento do Sul é uma cidade plurilíngüe não se poderia pensar em uma política lingüística que não fosse plurilíngüe também. Assim, **é necessário que o Estado promova não apenas uma das línguas minoritárias da cidade, mas todas elas**. Neste capítulo, apresentaremos um planejamento lingüístico para elaboração de um plano de ação político-lingüístico no município. Embora só se discutam as estratégias neste capítulo, toda esta pesquisa foi direcionada em função da elaboração desse tópico: a escolha, por exemplo, apenas das escolas municipais nas entrevistas simples já aponta a um dos lugares para os quais será proposta alguma intervenção, tendo como base um diagnóstico da situação real dos usos, atitudes e representações dos idiomas. Aliás, é importante salientarmos a importância do diagnóstico para a proposição das estratégias (planejamento lingüístico) que faremos a seguir: é somente a partir da busca e observação de dados, com a obtenção de um panorama da situação lingüística, que podem ser pensadas políticas lingüísticas coerentes.

O planejamento lingüístico que propomos aqui, parte, antes de tudo, dos interesses das próprias comunidades de fala de São Bento do Sul em manter seus idiomas. Nas entrevistas, com falantes das cinco línguas minoritárias da cidade, diante de questões do tipo “você acha importante que se preservem as línguas faladas no município?” as respostas foram sempre unânimes em afirmar que sim. Mais do que isso, alguns falantes indicaram que essa ação é mais do que importante: alguns disseram que “é uma necessidade”, outros que é “uma obrigação”. Muitos se emocionaram ao falar da perda lingüística que observam. No diário etnolingüístico desta pesquisa, descrevemos uma situação durante uma entrevista em profundidade, com um indivíduo falante de Hochdeutsch, o qual relatou querer agir, de alguma forma, para não permitir que a sua língua “vá embora”:

Depois que já havia terminado as questões da entrevista (INF007), continuamos a conversar sobre a situação lingüística de São Bento do Sul. O informante quis saber mais sobre a minha pesquisa, e sobre os dados que já havia coletado até o momento. Falei-lhe da variedade de línguas faladas em São Bento do Sul, e, ele ficou bastante admirado, pois, desconhecia o fato de haver famílias falantes de ucraniano e italiano na cidade. Depois, relatou a tristeza que tem por perceber que “as línguas dos imigrantes” estão deixando de ser faladas. Emocionado, disse “algo precisa ser feito” e eu concordei com ele. Quando estava deixando a casa, ele me agradeceu e disse que seríamos amigos, pois, segundo ele, ambos não queremos que “essa riqueza vá embora”. Mencionou, ainda, que gostaria de fazer alguma coisa para preservar a língua, mas que não sabia por onde começar. (Diário de campo, 02 de agosto de 2008).

Ocorreram inúmeras situações como a descrita acima, nesse excerto do diário de campo. Houve indivíduos que até choraram ao falar de como vêm a perda da língua minoritária que dominam. Mesmo entristecidos ou revoltados, no entanto, a grande maioria dos indivíduos entrevistados (cerca de 95%), disse acreditar que a perda pode ser revertida e, muitos deles, inclusive, propuseram soluções para a questão. Assim, nas entrevistas em profundidade, encontramos diversos indícios de que muitos falantes queiram manter / revitalizar as línguas que falam. Não podemos considerar, entretanto, de que essa seja de fato a vontade dos 95% que afirmaram isso, já que eles podem ter feito uso de discursos politicamente corretos, como discutiremos mais à frente. É fundamental que, a própria comunidade de fala, *queira* manter ou revitalizar sua língua, do contrário, não há porque promover ações, sem o apoio dela. Mais do que isso: um plano de revitalização que não conte com o envolvimento dos falantes das línguas que estão em perigo está fortemente inclinado a fracassar.

O quadro a seguir sistematiza as principais ações que descreveremos para preservar o patrimônio lingüístico de São Bento do Sul:

PRINCIPAIS AÇÕES PROPOSTAS PARA SÃO BENTO DO SUL E RESPECTIVAS FUNÇÕES MAIS IMPORTANTES DESSAS INTERVENÇÕES.	
Ação	Funções
Criação do Conselho das Línguas Brasileiras de Imigração faladas em São Bento do Sul.	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar e fazer executar políticas públicas que fomentem o uso dos idiomas minoritários, possibilitando a manutenção e/ou a revitalização dos mesmos. - Recuperar o prestígio das línguas; - Valorizar ações que já existem em prol das línguas.
Co-oficialização de línguas de imigração em nível municipal.	<ul style="list-style-type: none"> - Recuperar o prestígio das línguas; - Estimular o uso público e mais formal das línguas.
Promoção de eventos (seminários públicos, palestras, debates e cursos) que contem com: 1) experiências de outros locais na preservação de suas línguas; 2) resultados de pesquisas e estudos sobre línguas minoritárias; 3) encontros de falantes; 4) ofertas de cursos diversos em línguas minoritárias.	<ul style="list-style-type: none"> - Conscientizar, através do conhecimento, os falantes quanto à importância de se preservarem às línguas; - Levar à reflexão sobre os fatos das línguas; - Reduzir a insegurança e o preconceito lingüísticos; - Recuperar o prestígio das línguas.
Inclusão de idiomas minoritários na grade curricular das escolas municipais.	<ul style="list-style-type: none"> - Conscientizar, através do conhecimento, os falantes quanto à importância de se preservarem às línguas; - Levar à reflexão sobre os fatos das línguas; - Reduzir a insegurança e o preconceito lingüísticos; - Proporcionar que os estudantes adquiram uma ou mais línguas, conscientizando-os da importância de dominar mais idiomas; - Valorização da cultura lingüística local; - Recuperar o prestígio das línguas.

Tabela 9 – Principais estratégias (e funções) propostas para a revitalização e manutenção dos idiomas minoritários de São Bento do Sul.

Para enfrentar a “luta contra o desastre”, ou seja, para evitar que as línguas morram, Hagège (2001, p.194) relaciona iniciativas concretas, que, segundo ele, podem contribuir para que isso não ocorra. Os itens apresentados pelo autor fazem, também, parte das estratégias que relataremos aqui, e, se referem à *escola, à oficialização, ao envolvimento dos falantes e à participação de lingüistas.*

As ações para promoção das línguas, muitas vezes, têm metas subjetivas e, portanto, podem atingir mais de um aspecto de uma única vez. Uma estratégia do tipo “promover um debate para conscientizar os falantes quanto à importância de preservarem suas línguas”, pode, por exemplo, também, proporcionar que eles reflitam a respeito dos fatos lingüísticos e até mesmo, influenciar no prestígio dos idiomas minoritários entre esses indivíduos, aumentando-o. Contudo, essas ações precisam ser minuciosamente planejadas, já que, o oposto também pode ocorrer: pode haver uma influência negativa das ações nos falantes, por exemplo, aumentando a insegurança lingüística dos mesmos, por conta de alguma falha no planejamento da estratégia.

Uma das principais causas de perda e morte lingüísticas em São Bento do Sul é a **perda do prestígio** das línguas. Recuperar o prestígio é fundamental para que as línguas minoritárias voltem a ser faladas além dos lares. Falar sobre prestígio, no entanto, ou sobre a perda dele, é trabalhar com dados subjetivos, pertencentes ao imaginário da comunidade lingüística em questão, que neste caso, são os falantes de línguas brasileiras minoritárias de São Bento do Sul. Um dos vários indicadores da diminuição do prestígio das línguas minoritárias na cidade é o abandono voluntário, de alguns falantes, em continuar as utilizando em seu dia-a-dia. Houve casos de entrevistas com famílias cujos membros conhecem uma das línguas mencionadas, no entanto, decidiram por não utilizá-la mais. Nesses casos, em geral, os indivíduos não souberam explicar os motivos pelos quais pararam de utilizar as línguas, alguns disseram que “as circunstâncias da vida moderna” os fizeram parar de falar tais idiomas, ou seja, nessa “vida moderna” não haveria espaço para uma língua que, provavelmente, consideram antiga, ultrapassada.

Uma das associações apontadas por entrevistados, durante a pesquisa, é a das línguas minoritárias, principalmente as alemãs, com o passado e com a vida “na roça” ou “de colono”. Essa associação, no entanto, a maioria dos entrevistados afirmou não fazer, disseram que “os outros pensam assim”. Nos próprios questionários aplicados nas escolas municipais, muitas crianças falantes dessas línguas, afirmaram que consideram as línguas que falam antigas, geralmente, uma das línguas alemãs - Bayerisch e Hochdeutsch - ou polonês. É fundamental, portanto, que sejam elaboradas ações que contribuam para resgatar o prestígio das línguas minoritárias, principalmente, entre os próprios falantes. E há várias formas de colaborar para isso, como discutiremos a seguir.

Questionamos, durante a pesquisa, sobre **que tipos de estratégias os cidadãos são-bentenses sugeririam para os governos federal, estadual e municipal, como forma de preservar as línguas de imigração faladas**. Essas sugestões, obviamente, fazem parte do quadro de estratégias que apresentaremos, já que, representam a voz e a vontade dos próprios falantes, aqueles que provavelmente sejam os principais interessados em preservar suas línguas. Um dos informantes das entrevistas em profundidade (rede de relações), por exemplo, sugeriu uma ação que, certamente poderia contribuir para aumentar o prestígio, não apenas para a língua a qual se referia (Hochdeutsch), como para todas as outras línguas minoritárias: **valorizar as ações que já existem**. É muito importante que se pense em novos mecanismos para promover as línguas, contudo, geralmente já há grupos organizados realizando trabalhos similares. Assim, é preciso que se unam as forças para garantir a manutenção das línguas minoritárias. Em São Bento do Sul há diversos instrumentos, grupos e indivíduos dispostos a lutar pela preservação de cada uma das cinco línguas brasileiras de imigração faladas: Bayerisch, Hochdeutsch, italiano, polonês e ucraniano. Citamos aqui várias dessas pequenas iniciativas e, certamente, pode haver mais. É preciso que haja parcerias para que essas entidades e/ ou indivíduos tenham mais força política para solucionar as questões que envolvem substituição e perda lingüísticas. Não seria preciso, por exemplo, criar um jornal em língua polonesa para os falantes da língua na cidade: esse mecanismo já existe, só precisa ser

fortalecido por outras instituições e entidades e, entre elas, o poder público. O mesmo ocorre com os programas de rádio, encontros de falantes, festas: as situações já existem - só precisam ser mais bem aproveitadas e difundidas.

Como uma forma simples e eficaz de conhecer as instituições que atuam na preservação das línguas e, com a participação efetiva delas, elaborar um plano para a revitalização e a manutenção das línguas faladas na cidade, sugerimos a criação de um **“Conselho das Línguas Brasileiras de Imigração faladas em São Bento do Sul”**, a exemplo do que já existe em diversas outras cidades no país (já citado o caso de Blumenau na introdução desta dissertação). No caso de Blumenau, o Conselho trata apenas da preservação da língua alemã naquele município (embora lá também haja outras línguas, como a polonesa). No caso de São Bento do Sul, propomos que representantes de entidades relacionadas a todas as línguas participem de um Conselho, de modo que os grupos representantes dos idiomas minoritários possam compartilhar experiências e, para que as línguas se fortaleçam juntas, idealmente, todas sob as mesmas condições. Observando-se as ações semelhantes, postas em prática em outros municípios brasileiros, há muitos pontos positivos a se observar nas experiências com Conselhos de Línguas e, também, elementos que já se sabe não funcionarem adequadamente, e que, portanto, poderão ser evitados em São Bento do Sul. O Conselho de Blumenau, por exemplo, é vinculado ao gabinete do prefeito, possui caráter consultivo e é formado, em uma composição paritária, entre governo municipal e entidade civil. Para São Bento do Sul, propomos que o Conselho não tenha apenas caráter consultivo, mas seja também, deliberativo, para formular e fazer executar as políticas lingüísticas necessárias, de forma que sua criação seja realmente útil à sociedade. Além disso, na Lei para sua criação, é preciso constar que tenha um caráter permanente, para que, ao mudar a administração municipal através de eleições, o Conselho e as ações propostas por ele se mantenham.

Diante da observação da circulação das línguas em São Bento do Sul, propomos que fizessem parte desse Conselho: 1) Representantes das Secretarias Municipais de Educação e de Desenvolvimento Econômico, Agricultura e Turismo; 2) Representante da Fundação Cultural; 3) Representante da Associação

Comercial e Industrial de São Bento do Sul; 4) Representante da Câmara de Dirigentes Lojistas - CDL; 5) Representantes das associações de moradores; 6) Representantes das festas de diferentes etnias promovidas na cidade, como Schlachtfest, Musikfest, Festa Polonesa, etc.; 7) Representante da Gerência Regional de Educação; 8) Representante das instituições de ensino superior (UDESC e UNIVILLE); 8) Representante do Circolo Italiano di São Bento do Sul; 9) Representante do jornal Polska w Brazylji; 10) Representante da Câmara de Comércio Brasil – Polônia; 11) Representante da Sociedade Varsóvia – Cruzeiro; 12) Representante do Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA); 13) Representante das Igrejas Evangélicas Luteranas (IECLB) de São Bento do Sul; 14) Representante da Igreja Católica Ucraniana; 15) Representante da Sociedade Literária; 16) Representante das escolas particulares do município; 17) Representante dos clubes de caça e tiro; 18) Representantes (um de cada etnia, quando houver) dos grupos de danças folclóricas; 19) Representante dos corais (que tenham repertório nas línguas); 20) Representantes dos meios de comunicação (jornais e rádios); 21) Representantes dos professores de alemão, italiano, polonês e ucraniano da cidade; 22) Representante do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL).

A indicação do IPOL para ocupar uma vaga nesse Conselho se deve ao fato que o Instituto ocupa uma vaga no Conselho de Blumenau e, como já ocorre naquele, pode contribuir com as questões mais técnicas a respeito das possíveis intervenções para salvaguarda das línguas, ou seja, orientar as possibilidades de ações. Além disso, prefeito, vice-prefeito e vereadores ocupariam “lugar de honra” no Conselho, o que significa que poderiam participar das reuniões e decisões quando julgassem necessário, tendo o mesmo poder de voto dos demais representantes de entidades. Podem ser formadas, ainda, comissões especiais, com outras entidades como convidadas, procurando atender a alguma demanda específica.

Havendo um Conselho das Línguas Brasileiras de Imigração faladas em São Bento do Sul, o desenvolvimento de diversas propostas para revitalizar e manter as línguas minoritárias seria, certamente, facilitado. Até porque, sem a

colaboração e o envolvimento dos próprios falantes, na estruturação de um projeto de revitalização e manutenção dessas línguas, as possibilidades de fracasso de tal planejamento são muito maiores. Além disso, a criação do Conselho seria uma das formas de cumprir a sugestão dada por um entrevistado nesta pesquisa: **valorizar o que já existe com relação às línguas**. Com a possibilidade de elaborar e fazer executar políticas lingüísticas, essas entidades certamente serão valorizadas, o que pode, inclusive, influenciar positivamente o prestígio das línguas de imigração entre seus componentes.

Uma das ações, cuja necessidade é mais imediata, é a **conscientização dos cidadãos, especialmente dos próprios falantes, a respeito da importância de se manterem as línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul**. Embora todos os indivíduos, falantes das cinco línguas minoritárias da cidade, tenham manifestado, nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, que julgam importante preservar as línguas que falam, é possível que, verdadeiramente, muitos não pensem ou ajam assim. Provavelmente, muitos desses indivíduos tenham respondido essa questão com um discurso politicamente correto, já que muitas vezes as ações deles demonstram exatamente o oposto. Afinal, aqueles cidadãos que são proficientes nas línguas, mas que, por exemplo, não as utilizam mais, não as transmitiram aos filhos e consideram-nas antiquadas, não devem, realmente, considerar tão importante assim que esses idiomas sejam preservados, embora afirmem o contrário. Além disso, para desenvolver ações de promoção de uma língua, é preciso convencer da importância dessas ações: representantes da administração do município, diretores de escolas, corpo docente, etc. Ninguém promove, mantém ou revitaliza uma língua se não está consciente do valor desse idioma (muitos consideram errada, antiga, etc.) e da importância desse ato. A principal forma para instigar a conscientização sobre a preservação das línguas é **através do conhecimento**. A conscientização lingüística poderia ser uma das responsabilidades do Conselho também, o qual poderia, por exemplo, **promover eventos que tratassem de divulgar experiências de outras cidades na preservação de suas línguas**, como o pomerano, falado no Espírito Santo. Além disso, poderiam ser **divulgados**

resultados de pesquisas e estudos, como este, que tratam dessas línguas, já que, uma das justificativas dadas por muitas pessoas é a de que “ninguém mais fala”. É necessário mostrar às pessoas que essas línguas ainda são faladas sim, inclusive no ambiente familiar. Promover encontros de falantes também é uma estratégia muito relevante para que o interesse na manutenção / revitalização dos idiomas surja. Além da conscientização, essas ações também poderiam atingir um outro objetivo importante: **propiciar a reflexão dos falantes sobre os fatos das línguas**. Novamente, poderia ser o Conselho o responsável por criar e colocar em prática mecanismos que fomentem a reflexão a respeito dos idiomas minoritários. Poderiam ser organizados, além dos eventos já mencionados, **seminários públicos, palestras e debates nos quais se discutissem questões que pudessem contribuir para reduzir, por exemplo, insegurança e preconceito lingüísticos**. Isso poderia ocorrer, por exemplo, em uma palestra que falasse a respeito das línguas faladas na cidade: o simples fato dos falantes ouvirem um especialista falar do idioma que falam em casa e que consideram “só um dialeto”, recebendo *status* de língua, pode contribuir significativamente com todo o processo, principalmente, com o prestígio atribuído às mesmas. Outra ação que poderia ser facilmente executada seria a **oferta de cursos diversos em uma das línguas minoritárias**. Há, em São Bento do Sul, diversos profissionais e artesãos que dominam diferentes processos produtivos: poderiam ser propostos cursos (gratuitos para a comunidade), nos quais fossem ensinadas as técnicas de um determinado trabalho em uma língua de imigração, por exemplo: curso de pintura em tecido realizado em língua ucraniana.

Outro exemplo de política lingüística que tem se mostrado eficaz em outros municípios brasileiros é a **co-oficialização de outros idiomas em nível municipal**. A oficialização é compreendida por Hagège (2001, p. 197) como:

Un reconocimiento oficial por parte del Estado significa, de hecho, la inscripción de una lengua en la Constitución del mismo. Tiene la reputación de oficial la lengua que apoya la ley, aquella que el Estado tiene derecho a utilizar en sus relaciones diplomáticas, y en la que todo

ciudadano está habilitado para pedir cualquier prestación, judicial, de servicios, etc.”⁴⁵

Com a co-oficialização, os setores públicos passam a atender aos cidadãos em suas línguas minoritárias (passa a ser um direito dos falantes). São Bento do Sul parece não ter condições, atualmente, para co-oficializar cinco idiomas, dada a complexidade dessa ação e organização que demandaria. Contudo, a questão precisa ser analisada minuciosamente. É necessário fazer uma seleção lingüística para definir que línguas poderiam exercer o papel de línguas oficiais na cidade. É preciso, que as línguas escolhidas, atendam às principais necessidades comunicativas das comunidades de fala. Poderiam se co-oficializar somente duas das cinco línguas falada na cidade. Por exemplo, sugerimos, a co-oficialização, de polonês e Hochdeutsch, que são as duas línguas mais faladas em São Bento do Sul, depois do português. A nossa escolha por Hochdeutsch e não por Bayerisch se deve ao fato de que ainda há crianças falando a primeira, e não houve registros para a segunda. De todo modo, todas as cinco línguas precisam ser fomentadas, por diferentes instrumentos. Com a co-oficialização, seriam criadas novas situações para o uso dessas línguas. Conforme apontado nos resultados dos diagnósticos, prevalece, pelo menos entre as línguas alemãs (e provavelmente às demais também), o uso em ambientes privados e informais. Através da co-oficialização, a prefeitura, por exemplo, precisaria possuir um atendente falante de polonês e outro de Hochdeutsch (segundo nossa sugestão) para atender à população, o que abriria a possibilidade de as línguas voltarem a ser mais utilizadas nos ambientes públicos e mais formais. **Estimular o uso público e mais formal das línguas**, certamente influenciará também, o prestígio dos referidos idiomas minoritários. A co-oficialização também obrigaria o município a aumentar a presença visual dos idiomas determinados, já que as sinalizações de rua precisariam estar de acordo.

⁴⁵ Tradução nossa: Um reconhecimento oficial por parte do Estado significa, de fato, a inscrição de uma língua na Constituição do mesmo. Tem a reputação de oficial a língua que apóia a lei, aquela que o Estado tem direito de utilizar nas suas relações diplomáticas, e na que todo cidadão está habilitado para pedir qualquer prestação, judicial, de serviços, etc.

A estratégia mais citada pelos entrevistados dessa pesquisa, para que sejam preservadas as línguas minoritárias em São Bento do Sul é **ensinar esses idiomas nas escolas**. Prevendo essa ação, um dos pontos do diagnóstico realizado para esta pesquisa, foram, justamente, as escolas municipais. Embora não mencionamos aqui, as escolas estaduais e privadas também poderiam se adequar à proposta que faremos, sendo necessário, antes, em todos os casos, diagnósticos sociolingüísticos para determinar se essas regiões ofereceriam as condições para receberem essas aulas. A principal dessas condições seria: haver a presença de uma determinada língua minoritária na comunidade onde está inserida a escola e, conseqüentemente, haver estudantes e familiares proficientes nessas línguas (propiciando que os próprios familiares possam colaborar ativamente, inclusive na própria escola, na aprendizagem da língua pelas crianças). O ensino, contudo, precisa ser cuidadosamente planejado para que sua implantação contribua da forma esperada no plano político-lingüístico. Há que se considerar, em primeiro lugar, que a língua polonesa, por exemplo, não é um idioma estrangeiro para muitas crianças de uma determinada comunidade escolar: é a língua materna ou ainda, a língua falada em casa ou somente para falar com avós ou em alguma outra situação específica. Sendo assim, a metodologia das aulas deve prever um ensino inteligente e consciente das habilidades lingüísticas dos alunos. Não haveria, por exemplo, a necessidade de a professora se estender longamente ensinando “as cores em polonês”, por exemplo, já que esse assunto pode ser muito conhecido dos alunos. Isso poderia tornar a aula cansativa e desagradável às crianças e faze-las associar essas emoções à língua ensinada.

Atualmente, nas escolas municipais do referido município, é oferecida a língua inglesa a partir da 5ª série. Em algumas escolas, como já foi mencionado anteriormente, há oficinas da língua alemã e em outras, da língua espanhola. Nossa proposta é a de oferecer, nas escolas que se mostraram pontos fortes do uso de certas línguas minoritárias, essas línguas no currículo a partir do 3º ano do Ensino Fundamental. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394), de 20 de dezembro de 1996:

§ 5º. Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição. (grifos nossos)

Portanto, não há nenhum impedimento legal para a inclusão de outros idiomas minoritários no currículo das escolas são-bentenses. Sendo mantida a língua inglesa (*pelo menos uma língua estrangeira moderna*), a comunidade escolar poderá definir mais outra língua para o seu currículo. E há inúmeras formas de se fazer incluir a nova disciplina. O ideal seria que as aulas do idioma minoritário não ocorressem no contra-turno (para que todos efetivamente participassem): mas sim que ocupassem lugar no quadro de horários como as demais disciplinas. A instituição escolar deve definir a melhor forma de fazer isso, mas uma das soluções poderia ser a diminuição, em alguns minutos, dos tempos das aulas.

É importante mencionar novamente que, os idiomas minoritários não concorreriam com a língua inglesa na grade curricular das escolas: seriam ensinados à parte (sem excluir o inglês). Caso haja concorrência na grade curricular para o ensino da língua inglesa e de qualquer outro idioma minoritário, sem dúvida, a primeira venceria por conta da noção utilitária e mercadológica que acompanha, em geral, o ensino de inglês.

Em nossas pesquisas, não foi encontrada nenhuma criança que afirmasse falar Bayerisch, no entanto, é preciso prever que poderá haver alunos com essa língua materna e formas de considerá-la, atribuindo-lhe um papel na aprendizagem nas aulas de línguas. Embora provavelmente não se opte por oferecer uma disciplina de Bayerisch nas escolas municipais, essa língua precisará ter um espaço dentro das aulas de alemão. Os estudantes que as dominam, atuariam como especialistas na língua, colaborando com a aula e exemplificando as diferenças entre as línguas ou variedades estudadas. Funcionaria da mesma forma que se espera que funcione uma aula de língua portuguesa: todas as variedades convivendo em sala de aula, sem que haja alguma considerada melhor ou pior. O professor de línguas precisará estar preparado para atuar, efetivamente, como um intermediador e recuar da posição

que geralmente adota, daquele que detém todo o conhecimento. Os alunos, falantes de línguas minoritárias, atuarão não apenas na posição daquele que aprende todo o conhecimento, mas também daquele que pode ensinar algo aos demais colegas e professores. Obviamente, os professores precisarão ser preparados e treinados para essa nova forma de dar aulas de línguas. Além disso, para as aulas de qualquer uma das línguas de imigração faladas em São Bento do Sul, os pais e familiares terão um papel muito importante e sua participação não deve ocorrer somente à distância. Convidando os pais a participarem das aulas, falando e contando histórias nos idiomas minoritários, por exemplo, se estará, ao mesmo tempo, valorizando significativamente as línguas faladas por esses indivíduos e também promovendo a conscientização lingüística na e através da escola, tanto para pais quanto para alunos.

Os benefícios com a inclusão dos idiomas minoritários nas escolas municipais de São Bento do Sul seriam vários: **além de proporcionar aos estudantes que adquiram uma ou mais línguas, conscientizando-os da importância de dominar mais idiomas, valoriza-se a cultura lingüística local.**

Para haver ensino dessas línguas nas escolas municipais, entretanto, é necessário haver professores para desempenhar a função. É preciso, para tanto, realizar um levantamento da quantidade de professores desses idiomas. Não há licenciatura em nenhuma das línguas mencionadas em São Bento do Sul ou em algum município vizinho. Seria muito importante pensar, **em longo prazo, na criação desses cursos de licenciaturas**, possibilitando, assim, que o trabalho nas escolas venha a crescer e se expandir para mais núcleos, atingindo, idealmente, até aos Centros de Educação Infantil (creches), onde estão as crianças em fase de aquisição da linguagem. Alguns desses centros, em áreas determinadas, poderiam ter um funcionamento bilíngüe. Essa seria uma estratégia fundamental para se pensar que, nas gerações futuras, São Bento do Sul possa continuar convivendo com o plurilingüismo, que atualmente possui, porém, ainda mais forte e com mais situações de uso para todas as línguas de imigração. Caso nada seja feito, é possível que em poucas gerações todas as cinco línguas sejam completamente substituídas pela língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfrentamento de línguas é uma verdadeira guerra e gera, na maioria das vezes, uma luta desigual como ocorre com as línguas brasileiras de imigração existentes em São Bento do Sul – ucraniano, italiano, polonês, Hochdeutsch e Bayerisch – com relação à língua portuguesa. Numa situação de guerra entre línguas na qual haja línguas minoritárias e majoritárias, ou seja, haja desigualdade entre elas, a língua legítima passa a ser aquela das classes sociais e econômicas dominantes. Assim, para revitalizar e sustentar a manutenção das línguas minoritárias do município mencionado é preciso, fundamentalmente, recuperar o prestígio, o *status* dessas línguas, de modo que os falantes possam *querer* utilizá-las novamente. Esse parece ser o principal aspecto na busca para a revitalização e a manutenção dos idiomas minoritários na cidade em questão.

Ao longo do percurso desta pesquisa, procuramos apresentar um panorama da situação das línguas minoritárias de São Bento do Sul, aliado a sugestões de estratégias para que se revertam os fenômenos de substituição e perda lingüísticas que tais idiomas vêm sofrendo nos lares da cidade.

Espera-se que este estudo possa contribuir não apenas para o conhecimento e/ou para despertar o interesse nas questões que envolvem idiomas brasileiros de imigração, como também possa encaminhar medidas práticas na busca pela manutenção e revitalização dos idiomas minoritários. Esperamos que ainda sejam realizados muitos estudos a respeito do contato e das relações entre esses idiomas e as formas para preservá-los, pois ainda há muitos aspectos a observar e descrever. Contudo, é necessário que esses estudos possam ser difundidos além da esfera acadêmica para que atinjam aos membros da comunidade e possam, efetivamente, exercer sua função política.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cleo Vilson. **O conceito de língua materna e suas implicações**. 2003 www.ipol.org.br

_____. **Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil**. In: Elizaincín, Adolfo & Espiga, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: 1996.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. [1967]. In POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo, UNESP, 1998.

BHABHA, H. K. **The location of Culture**. London, Routledge, 1994.

BORSTEL, Clarice Nadir Von. **Aspectos do bilingüismo alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil**. Dissertação (mestrado). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa : DIFEL, 1989.

_____. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: USP, 1996.

BRAM, Joseph. **Linguagem e sociedade**. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.

BRIGHT, William. **As dimensões da sociolingüística**. In: FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F., orgs. 1974. Sociolingüística. Rio der Janeiro, Eldorado Tijuca.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **História social da linguagem**. São Paulo: Fundação Ed. da UNESP, c1987.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **Linguagem, indivíduo e sociedade: historia social da linguagem**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística – uma introdução crítica**. São Paulo: Editora Parábola, 2002.

_____. **As políticas lingüísticas**. São Paulo: Editora Parábola: IPOL, 2007.

CAMPOS, Cynthia Machado. **As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na Era Vargas**. In: BRANCHER, Ana Lice. História de Santa Catarina: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CRYSTAL, David. **Language Death**. Cambridge: Cambridge University Press/ United Kingdom, 2000.

DEKKER, Ingeburg. **Estudo do bilingüismo nas áreas de colonização alemã em Santa Catarina**. Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

Encontro de Variação Lingüística e de Bilingüismo na Região Sul, 4. Porto Alegre, jun. 12-14, 1985. Anais. Porto Alegre, 1986.

Encontro de Variação Lingüística e de Bilingüismo na Região Sul, 3 – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1984.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

FERGUSON, Charles A 1921 -. **Language structure and language use**. California: Stanford University Press, 1971.

_____. **Diglossia**. In: FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F., orgs. 1974. Sociolingüística. Rio der Janeiro, Eldorado Tijuca.

FICKER, Carlos. **São Bento do Sul – Subsídios para a sua história**. Joinville, 1973.

FISHMAN, Joshua A. **Language in sociocultural change**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

_____. **The sociology of language**. Rowley: Newbury, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** . Rio de Janeiro : Graal, 1986.

FROTSCHER, Méri. **A cultura alemã como ameaça à cultura luso-brasileira: Nacionalização e conflitos culturais em Santa Catarina**. In: RAMOS, Maria Bernadete et. al. (org.) O beijo através do Atlântico - O lugar do Brasil no Panlusitanismo. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987 (2ª ed.)

HAGÈGE, Claude. **No a la muerte de las lenguas**. Barcelona: Ed. Paidós, 2001.

HEYE, Jürgen. **Línguas em contato: considerações sobre bilingüismo e bilingüidade**. In: RONCARATI, Cláudia et. al. (org.) Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.

História de Santa Catarina. Primeiro Volume. Curitiba: Grafipar, 1970.

Jornal da Educação, Ano XIV, nº 64. Prefeitura Municipal de São Bento do Sul, Secretaria de Educação. Agosto de 2003.

Kohlhepp, Gerd. **Industriegeographie des nordöstlichen Santa Catarina (Südbrasilien)**: Ein Beitrag zur Geographie eines deutschbrasilianischen Siedlungsgebietes. Heidelberg : geographische Institut der Universität Heidelberg, 1968. (beiträge zur Kultur- und Wirtschaftsgeographie Brasiliens; 1.)

KORMANN, José. **Histórico da estrada Dona Francisca: de Joinville por Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho a Mafra**. Florianópolis: IOESC, 1989.

_____. **São Bento do Sul em um ano de Jornal Evolução**. São Bento do Sul: Tipografia Hastreiter, 1996.

_____. **Prefeitos de São Bento do Sul e a história de sua gestão**. Blumenau: Nova Letra, 2006.

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. Oxford University Press, 2000.

LECONTE, Fabienne. **La famille et les langues**: Une etude sociolinguistique de la deuxième génération de l'immigration africaine dans l'agglomération rouennaise. Paris: L'Harmattan, 1998.

MAHER, Tereza Machado. **Sendo índio em português...** In: SIGNORINI, Maria Inês (org). *Lingua(gem) e Identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

NAUMANN, B. **Alemão e alemães em São Bento do Sul (Santa Catarina) – 1873 – 2003**. Tradução: Andréa M. B. Tamanine e Erica Pfeifer. In: Revista UNIVILLE. Universidade da Região de Joinville. v. 9, ed. especial (2004). – Joinville, SC: UNIVILLE, 2004.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Brasileiro fala português: Monolingüismo e Preconceito Lingüístico**. In: MOURA & SILVA (org.) *O direito à fala - a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

_____. **Política lingüística, política historiográfica: epistemologia e escrita da história da(s) língua(s) a propósito da língua portuguesa no Brasil Meridional (1754-1830)**. Campinas, 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

_____. **Línguas como patrimônio imaterial**. 2005, www.ipol.org.br

PATERNIO, Uéslei. **A política lingüística da rede estadual de ensino em Santa Catarina em relação à educação de surdos**. Florianópolis, 2007. Dissertação (mestrado) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

PEREYRA, Rubén Benedicto. **Arquitetura e desenvolvimento urbano de São Bento do Sul 1873 a 1940**. São Bento do Sul (SC): Prefeitura Municipal / Fundação Cultural de São Bento do Sul, 2006.

PFEIFFER, Alexandre & VASCONCELLOS, Osny. São Bento – **Cousas do nosso tempo**. São Bento do Sul: 1991.

PFEIFFER, Alexandre. **São Bento na memória das gerações**. São Bento do Sul: 1997.

RICHTER, Klaus. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização no interior de Joinville e Blumenau**. Blumenau: FURB, 1992 (2ª edição).

São Bento do Sul – **Perfil Socioeconômico**. Edição 2002.

São Bento do Sul – **Perfil Socioeconômico**. Edição 2008.

SCHIMITT, Otmar G. J. Gestern – Heute - Morgen In: Jornal A Gazeta. São Bento do Sul: 26 de maio de 2008. Ano XIV. Nº 3513.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 1990.

_____. **A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica**. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs.) Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

SIGNORINI, Maria Inês (org). **Lingua(gem) e Identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Cenira. **A língua alemã em Pomerode**. 2003. www.ipol.org.br

SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurilio de Melo. **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. 2. ed Florianópolis: Insular, 2002.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha**. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 113-133.

SUFREDINI, Lurdes Claudete Schwade. **Aspectos do bilingüismo alemão/português em uma comunidade rural do oeste catarinense**. Dissertação (mestrado). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

TAMANINE, A. M. B. **O bilingüismo alemão/português em São Bento do Sul/SC: considerações sobre a atitude dos falantes de religião católica**. Revista UNIVILLE, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1989.

TERNES, Apolinário. **História de Joinville: uma abordagem crítica**. Joinville: Meyer, 1984 (2ª edição).

TRAUER, Maria Elisabeth. **Alemão: uma língua estrangeira na escola catarinense?** Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

WEINREICH, Uriel: **Lenguas en Contacto. Descubrimientos y problemas.** Caracas: Ediciones de la Universidad Central de Venezuela, 1974.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. **Empirical foundations for a theory of language change.** In: Lehmann, W. P. & Malkiel, Yakov (eds.). Directions for historical linguistics. A Symposium. Austin & London : University of Texas Press, 1968. Second Printing 1971.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional; [Brasília]: INL. 2ª edição, 1980.

ZIPPERER, Josef. **São Bento no passado : reminiscências da época da fundação e povoação do município / der vergangenheit São Bentos : erinnerungen aus der zeit der grundung und besiedlung des munizips.** Curitiba: [s.n.], 1951.

www.ethnologue.com

www.ipol.org.br

✓ **Decretos e Leis**

Decreto Estadual nº. 1063, de 8 de novembro de 1917.

Decreto-lei Estadual nº. 35, de 13 de janeiro de 1938.

Decreto-lei Estadual nº. 88, de 31 de março de 1938.

Decreto-lei Federal nº. 383, de 18 de abril de 1938.

Decreto-lei Federal nº. 948, de 13 de dezembro de 1938.

Decreto-lei Estadual nº. 304, de 27 de fevereiro de 1939.

Decreto-lei Federal nº. 3580, de 3 de dezembro de 1941.

Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos. Barcelona, 1996. Disponível em:
www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=14

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.

Lei Complementar Municipal n. 487 de 25 de novembro de 2004. Blumenau, Santa Catarina.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394), de 20 de dezembro de 1996.

ANEXOS

ANEXO 1 - Mapa dos bairros de São Bento do Sul (Gentilmente cedido pelo Departamento de Cartografia da Prefeitura Municipal de São Bento do Sul).